

NORA ROBERTS

QUARTETO DE NOIVAS 3

Bem-casados





Bem-casados



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos. Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

NORA ROBERTS

QUARTETO DE NOIVAS ~ 3

Bem-casados



Título original: Savor the moment

Copyright © 2010 por Nora Roberts

Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer

meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Maria Clara de Biase

preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Flávia Midori e Cristhiane Ruiz

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Miriam Lerner

imagem de capa: Comstock Images / Stockbyte / Getty Images

adaptação para ebook: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Roberts, Nora, 1950-

Bem-casados [recurso eletrônico] / Nora Roberts [tradução de Maria Clara de Biase];

São Paulo: Arqueiro, 2014.

recurso digital

Tradução de: Savor the moment

R549b

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-306-9 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Biase, Maria Clara de. II. Título.

CDD: 813

14-13409

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Para meu irmão Jim,
o doceiro da família

Eu canto os riachos, os botões, pássaros e caramanchões; as flores de abril, maio, junho e julho, eu canto os mastros com fitas, romarias, festividades e orgias, os noivos, as noivas e os seus bolos de casamento.

– ROBERT HERRICK

Na verdade, pergunto-me, o que tu e eu fizemos até nos amarmos?

– DONNE

Prólogo

QUANDO O ÚLTIMO ANO do ensino médio chegava ao fim, Laurel McBane se deu conta de um fato incontestável.

O baile de formatura era um inferno.

Durante semanas todos só falavam de quem poderia convidar quem, quem realmente tinha convidado quem – e quem tinha convidado o quem alheio, provocando tristeza e histeria.

Na opinião dela, na época do baile as garotas sofriam da agonia do suspense e de uma passividade constrangedora. Os corredores, as salas de aula e o pátio eram tomados por emoções que iam da euforia causada pelo convite feito por determinado rapaz a lágrimas amargas pela ausência de convite de outro.

Tudo girava em torno de “um cara”, algo que Laurel considerava estúpido e desmoralizante.

E depois a histeria continuava, intensificando-se pela busca de vestido e sapatos e a discussão febril sobre o uso dos cabelos presos ou soltos. Limusines, festas pós-baile, suítes de hotel – e o sim, não ou talvez do sexo.

Laurel teria ignorado tudo isso se suas amigas, especialmente Parker Brown, não tivessem se unido contra ela.

Agora sua poupança – todo o dinheiro recebido em incontáveis horas trabalhando como garçoneiro – sofrera uma baixa considerável por causa do saque para comprar um vestido que ela provavelmente nunca mais usaria, os sapatos, a bolsa e todo o resto.

Também podia culpar as amigas por isso. Tinha sido arrastada às compras por Parker, Emmaline e Mackensie, e gastara mais do que deveria.

A ideia que Emma sugerira, de pedir dinheiro aos pais para o vestido, não era, na opinião de Laurel, uma opção. Podia ser uma questão de orgulho, mas as finanças tinham se tornado um assunto muito delicado na família McBane desde o fiasco dos investimentos de risco do pai e o pequeno problema da auditoria da Receita Federal.

Não pediria nada a nenhum dos dois. Ganhava o próprio dinheiro havia muitos anos.

Disse a si mesma que aquilo não importava. Não tinha chegado nem perto de economizar o suficiente para as mensalidades do Instituto de Culinária ou suas despesas em Nova York, apesar do tempo que passara no restaurante depois da escola e nos fins de semana. O preço de ficar linda por uma noite não mudava nada disso – e, nossa, ela realmente estava linda.

Ajeitou os brincos enquanto, do outro lado do quarto, Parker e Emma testavam penteados em Mac, que cortara os cabelos em um ato impulsivo que lembrou a Laurel a travessia do rio Rubicão por Júlio César. Elas experimentaram grampos, spray com glitter e presilhas decoradas no que tinha restado dos fios ruivos de Mac enquanto as três falavam sem parar ao som de Aerosmith.

Laurel gostava de ouvi-las assim, quando estava um pouco à parte. Talvez especialmente quando se sentia um pouco à parte. Tinham sido amigas a vida toda e agora – com ou sem rito de passagem – as coisas estavam mudando. No outono, Parker e Emma iriam para a universidade, e Mac ficaria trabalhando e estudando fotografia.

Com o fim do sonho de cursar o Instituto de Culinária por motivos financeiros e o mais recente colapso conjugal dos pais, Laurel se conformara em ir para uma faculdade comunitária em regime de meio período. Fazer cursos de negócios, imaginava. Tinha de ser prática. Realista.

Mas não ia pensar nisso agora. Podia muito bem aproveitar o momento, o ritual que Parker, do seu jeito, planejava.

Parker e Emma iriam ao baile de formatura na escola particular em que estudavam, e ela e Mac iriam ao seu na pública, mas elas tinham aquele tempo juntas, para se vestir e se maquiar. Os pais das duas primeiras esperavam lá embaixo, onde haveria fotografias, exclamações de orgulho como “Ah, vejam só as nossas filhas!”, abraços e olhos marejados.

A mãe de Mac era egocêntrica demais para se importar com o baile da filha, o que, considerando o temperamento de Linda, só podia ser uma coisa boa. E os pais de Laurel? Bem, eles estavam concentrados demais nas próprias vidas, nos próprios problemas, para se importarem de saber onde a filha estava ou o que faria naquela noite.

Ela se acostumara a essa atitude. Até mesmo preferira que fosse assim.

– Só os brilhos de fada – decidiu Mac, inclinando a cabeça de um lado para outro para avaliar. – Meio Sininho. No bom sentido.

– Acho que você tem razão. – Parker, com os cabelos castanhos lisos e brilhantes descendo em cascata pelas costas, assentiu com a cabeça. – Despretensioso com um toque de rebeldia. O que acha, Em?

– Acho que precisamos realçar mais os olhos, torná-los mais dramáticos. – Os olhos de Emma, sonhadores e de um castanho profundo, se estreitaram enquanto ela pensava. – Consigo fazer isso.

– Então faça. – Mac deu de ombros. – Mas não demore muito, está bem? Ainda tenho que me preparar para a fotografia da turma.

– Estamos dentro do horário. – Parker olhou para seu relógio. – Ainda temos meia hora antes de... – Ela se virou e viu Laurel. – Nossa, você está linda!

– Uau, está mesmo! – Emma bateu palmas. – Eu sabia que o vestido tinha que ser esse. O rosa brilhante realça seus olhos azuis.

– Acho que sim.

– Só está faltando uma coisa. – Parker correu até a cômoda e abriu a gaveta que continha sua caixa de joias. – Esta presilha de cabelo.

Laurel, a garota magra com um vestido cor-de-rosa brilhante, os cabelos clareados pelo sol arrumados em cachos longos e soltos – por insistência de Emma –, deu de ombros.

– Tudo bem.

Parker encostou a presilha nos cabelos de Laurel em ângulos diferentes.

– Anime-se! – ordenou. – Você vai se divertir. Por Deus, pare com isso, Laurel!

– Eu sei. Desculpe. Seria muito mais divertido se nós quatro fôssemos ao mesmo baile, principalmente porque estamos lindas de morrer.

– Sim, seria. – Parker decidiu puxar alguns dos cachos para os lados e prendê-los atrás.
– Mas vamos nos encontrar depois e nos divertir muito. Quando tudo acabar, vamos voltar para cá e conversar sobre a noite. Aqui, dê uma olhada.

Ela virou Laurel para o espelho e as garotas avaliaram a própria aparência e a das amigas.

– Eu realmente estou linda – comentou Laurel, fazendo Parker sorrir.

Depois de uma batidinha rápida, a porta se abriu. A Sra. Grady, governanta de longa data dos Browns, pôs as mãos nos quadris para fazer uma inspeção.

– Vocês estão bem – disse ela. – O que era de esperar depois de todo esse alvoroço. Terminem com isso e desçam para as fotos. Você. – Ela apontou o dedo para Laurel. – Precisamos ter uma conversinha, minha jovem.

– O que eu fiz? – perguntou Laurel olhando de uma amiga para outra enquanto a Sra. Grady se afastava a passos largos. – Eu não fiz nada.

Mas, como a palavra da governanta era lei, Laurel correu atrás dela.

Na sala de estar da família, a Sra. G. se virou, de braços cruzados. Vem sermão aí, pensou Laurel, com o coração aos pulos, tentando se lembrar de algo que pudesse ter feito para merecer uma repreensão da mulher que, durante toda a adolescência, fora mais

mãe para ela do que sua própria mãe.

– Então – começou a Sra. Grady. – Acho que agora todas vocês se consideram adultas.

– Eu...

– Bem, pois não são. Mas estão chegando lá. Vocês quatro andam por aqui sob meus cuidados desde que usavam fraldas. Isso vai mudar um pouco, já que cada uma vai seguir a própria trajetória. Pelo menos por um tempo. Um passarinho me contou que seu caminho é Nova York e aquela faculdade chique de culinária.

O coração de Laurel deu mais um pulo e então ela sentiu uma pontada de tristeza.

– Não, eu... err... vou continuar trabalhando no restaurante e tentar fazer alguns cursos na...

– Não, não vai. – Mais uma vez, a Sra. G. lhe apontou um dedo. – Agora, é melhor uma garota da sua idade em Nova York ser esperta e cuidadosa. E, pelo que eu soube, se você quiser se dar bem naquela faculdade, tem de se esforçar muito. É muito mais do que fazer biscoitos e coberturas bonitas.

– É uma das melhores, mas...

– Então você vai ser uma das melhores. – A Sra. G. enfiou a mão no bolso e entregou um cheque a Laurel. – Isto vai dar para as despesas do primeiro semestre: mensalidades, um lugar decente para morar e comida suficiente para manter seu corpo funcionando. Faça bom uso disto, menina, ou vai se ver comigo. Se fizer o que acho que é capaz de fazer, falaremos sobre o próximo semestre no momento oportuno.

Laurel olhou para o cheque em sua mão, perplexa.

– A senhora não pode... Eu não posso...

– Eu posso e você pode. Está decidido.

– Mas...

– Não acabei de dizer que está decidido? Se você me decepcionar, juro que a coisa vai ficar feia. Parker e Emma estão indo para a faculdade e Mackensie está decidida a se dedicar em tempo integral à fotografia. Seu caminho é outro, portanto o siga. É o que quer, não é?

– Mais do que tudo. – Lágrimas começaram a brotar nos olhos e ela sentiu um nó na garganta. – Sra. G., não sei o que dizer. Vou lhe pagar. Vou...

– É claro que vai. Vai me pagar se tornando alguém na vida. Agora isso depende de você.

Laurel atirou os braços ao redor da governanta.

– A senhora não vai se arrepender. Vou fazê-la sentir orgulho de mim.

– Sei disso. Bem, agora vá acabar de se arrumar.

Laurel continuou agarrada a ela por mais um instante.

– Nunca me esquecerei disso – sussurrou. – Nunca. Obrigada. Obrigada, obrigada!

Ela correu para a porta, ansiosa para dar a notícia às amigas, então se virou, jovial e radiante.

– Mal posso esperar para começar.

Capítulo Um

SOZINHA, OUVINDO NORAH JONES sussurrar pelo iPod, Laurel transformou um painel de fondant em uma amostra de renda elegante e comestível. Não ouvia de fato a música: usava-a mais para preencher o ambiente do que como entretenimento, enquanto posicionava com cuidado o painel sobre a segunda de quatro camadas.

Receu para ver o resultado e deu a volta no bolo em busca de defeitos. Os clientes da Votos esperavam perfeição, e era isso que pretendia lhes dar. Satisfeita, fez um sinal afirmativo com a cabeça e pegou uma garrafa de água para bebericar enquanto alongava as costas.

– Duas prontas, duas por vir.

Olhou para o quadro em que afixara várias amostras de renda antiga e o esboço do design final do bolo que a noiva de sexta-feira à noite aprovara.

Tinha que finalizar mais três designs, dois para sábado e um para domingo – mas isso não era novidade. Na Votos, empresa de organização de casamentos e eventos que administrava com as amigas, junho era um mês movimentado.

Em poucos anos, elas haviam transformado uma ideia em uma companhia bem-sucedida. Às vezes um pouquinho bem-sucedida demais, pensou Laurel, motivo pelo qual estava fazendo renda de fondant quase à uma da manhã.

Isso era ótimo, concluiu. Adorava seu trabalho.

Todas elas tinham suas paixões. A de Emma eram as flores, a de Mac a fotografia, a de Parker os detalhes. E a dela, os bolos. E os doces, repetiu. E os chocolates. Mas, acima de tudo, os bolos.

Voltou ao trabalho e começou a estender o painel seguinte. Por hábito, prendera os cabelos louros brilhantes, a fim de que não a atrapalhassem. O avental que usava sobre a calça e a camiseta de algodão estava coberto de amido de milho e os sapatos para cozinha mantinham seus pés confortáveis depois de horas em pé. As mãos, após anos amassando, enrolando e erguendo, eram hábeis e rápidas. Ao começar o próximo padrão, seu rosto angular e bem definido se tornou sério.

Quando se tratava de sua arte, a perfeição não era apenas um objetivo. Para a confeitaria da Votos, era uma necessidade. Um bolo de casamento era mais do que assar e decorar, mais do que glacê e recheio. Assim como as fotos que Mac tirava eram mais do que imagens e os arranjos e buquês que Emma criava eram mais do que ores. Os detalhes, o planejamento e os desejos que Parker conciliava eram, no final, maiores do que a soma

de suas partes.

Juntos, os elementos se tornavam um acontecimento único, a celebração da jornada que duas pessoas tinham decidido trilhar juntas.

Era romântico, sem dúvida, e Laurel acreditava em romance. Pelo menos na teoria. Além disso, acreditava em símbolos e comemorações. E em um bolo realmente fabuloso.

O deleite suavizou suas feições quando ela completou a terceira camada, e seus olhos azuis profundos se enterneceram ao ver Parker à porta.

– Por que não está na cama?

– Detalhes. – Parker traçou um círculo com um dedo acima da própria cabeça. – Não conseguia parar de pensar. Há quanto tempo está aí trabalhando?

– Algum tempo. Tenho que terminar para o fondant se acomodar durante a noite. E amanhã preciso montar e decorar os dois bolos de sábado.

– Quer companhia?

Elas se conheciam bem o suficiente para Parker saber que, se Laurel dissesse não, ela não deveria se ofender. E, muitas vezes, quando ela estava mergulhada no trabalho, a resposta era negativa.

– Claro.

– Adorei o design. – Parker, como Laurel fizera, circundou o bolo. – A delicadeza do branco sobre branco, o efeito das alturas diferentes de cada camada, a complexidade de todas elas. Realmente parecem painéis diferentes de renda. Antigo, vintage, esse é o tema da nossa noiva. Você acertou em cheio.

– Vamos pôr fita azul-clara em volta do pedestal – disse Laurel, começando o último painel. – E Emma vai espalhar pétalas de rosas brancas na base. Vai ficar o máximo.

– É bem fácil trabalhar com essa noiva.

Confortável em seu pijama e com os cabelos castanhos compridos soltos em vez de presos em um rabo de cavalo elegante ou um coque que costumava usar para trabalhar, Parker preparou a chaleira. Um dos privilégios de administrar o negócio de casa, com Laurel morando lá – e Emma e Parker também vivendo na propriedade –, eram aquelas visitas tarde da noite.

– Ela sabe o que quer – comentou Laurel, escolhendo uma ferramenta para aparar as bordas do painel. – Mas é aberta a sugestões, e até agora não agiu como uma maluca nenhuma vez. Se continuar assim durante as próximas 24 horas, definitivamente vai conquistar o cobiçado status de Melhor Noiva da Votos.

- Eles pareciam felizes e relaxados no ensaio ontem à noite, o que é um bom sinal.
- Ahã. – Laurel continuou o padrão com furos e pontos posicionados com precisão. – Então, mais uma vez, por que não está dormindo?

Parker suspirou enquanto colocava água para esquentar no pequeno bule de chá.

– Acho que eu estava aproveitando o momento. Relaxando na varanda com uma taça de vinho. Dava para ver as casas de Mac e Emma. As luzes estavam acesas lá, e era possível sentir o cheiro dos jardins. Estava tão silencioso, tão bonito... As luzes se apagaram, primeiro as de Emma e um pouco depois as de Mac. Pensei em nossos planos para o casamento de Mac, e que Emma acabou de ficar noiva. E relembrei todas as vezes que brincamos de Casamento, nós quatro, quando éramos crianças. Agora isso é real. Fiquei sentada lá na escuridão, em silêncio, e desejei que meus pais estivessem aqui para ver isso. Ver o que fazemos e quem somos agora. Fiquei paralisada. – Ela parou para medir o chá. – Senti um misto de tristeza por eles terem partido e alegria por saber que se orgulhariam de mim. De nós.

– Eu penso muito neles também. Todas nós pensamos. – Laurel continuou a trabalhar. – Eles foram uma parte essencial de nossas vidas, e há muitas lembranças deles aqui. Então, entendo o que você quer dizer.

– Eles iam ficar muito felizes por Mac e Carter e por Emma e Jack, não iam?

– Iam, sim. E o que fizemos aqui, Parker? É incrível. Iam ficar muito orgulhosos com isso também.

– Que sorte você estar acordada trabalhando. – Parker colocou as ervas no bule e tirou-o do fogo. – Você me acalmou.

– Disponha. Sabe quem também tem sorte? A noiva de sexta-feira. – Ela afastou uma mecha de cabelos dos olhos enquanto assentia com a cabeça. – O bolo ficou sensacional. E quando eu fizer a parte de cima, os anjos vão chorar de alegria.

– Nossa, Laurel, você precisa se orgulhar mais do seu trabalho.

Laurel sorriu.

– Dane-se o chá. Estou quase terminando aqui. Vamos tomar uma taça de vinho.

De manhã, após seis horas de sono profundo, Laurel fez uma sessão rápida na sala de ginástica antes de se arrumar para o trabalho. Ficaria presa na cozinha durante a maior parte do tempo, mas antes de o dia começar havia a reunião de cúpula que precedia cada evento.

Ela desceu rapidamente a escada de sua ala no terceiro andar para o nível principal da

espaçosa casa e foi para a cozinha da família, onde a Sra. Grady arrumava uma bandeja de frutas.

– Bom dia, Sra. G.

A governanta levantou as sobrancelhas.

– Você parece animada.

– E estou. Me sinto ótima. – Ela fechou as duas mãos e flexionou os músculos. – Quero café. Muito.

– Parker já subiu com o café. Você pode levar estas frutas, os pães e os bolos. Coma alguma fruta. Não é bom começar o dia com pão doce.

– Sim, senhora. Alguém mais já chegou?

– Ainda não, mas vi Jack sair com a picape agora há pouco, e Carter deve estar chegando com aqueles olhos de cachorrinho triste na esperança de um café da manhã decente.

– Vou parar de atrapalhar.

Laurel pegou as bandejas e as equilibrou com a experiência da garçonete que já tinha sido.

Levou-as para cima, para a biblioteca que agora servia de sala de reunião da Votos. Parker estava sentada à grande mesa, com o serviço de café no aparador. Como sempre, seu celular Blackberry estava ao alcance da mão. O rabo de cavalo elegante deixava seu rosto à mostra e a blusa branca transmitia profissionalismo enquanto ela bebericava o café e estudava os dados no laptop com os olhos azul-escuros que Laurel sabia que não deixavam escapar nada.

– Provisões – anunciou Laurel. Ela pousou as bandejas e pôs uma mecha de cabelo à altura do queixo atrás da orelha antes de obedecer à Sra. Grady e se servir de uma pequena tigela de frutas silvestres. – Senti sua falta na sala de ginástica hoje. Acordou a que horas?

– Às seis, o que foi bom, porque a noiva de sábado ligou um pouco depois das sete. O pai dela tropeçou no gato e talvez tenha quebrado o nariz.

– Nossa!

– Ela está preocupada com o pai, mas também com a aparência dele no casamento e nas fotos. Vou ligar para a maquiadora e ver o que ela pode fazer.

– Sinto muito pela falta de sorte do pai da noiva, mas, se esse for o maior problema neste fim de semana, será uma sorte.

Parker ergueu um dedo.

– Não brinque com isso.

Mac entrou calmamente, alta e esguia, de jeans e camiseta preta.

– Olá, garotas.

Laurel franziu os olhos ao notar o sorriso fácil e os olhos verdes sonolentos da amiga.

– Você está com cara de quem acabou de transar.

– Acabei de transar espetacularmente, obrigada por reparar. – Ela se serviu de café e pegou um muffin. – E você?

– Você é má...

Com uma risada, Mac desabou na cadeira e esticou as pernas.

– Prefiro meu exercício matinal à sua esteira e seus aparelhos de musculação.

– Má e mesquinha – disse Laurel, e comeu uma framboesa.

– Eu adoro o verão quando o amor da minha vida não tem de se levantar e sair cedo para instruir mentes jovens. – Ela abriu o laptop. – Agora que estou satisfeita de todos os modos possíveis, vamos ao trabalho.

– O pai da noiva de sábado à tarde talvez tenha quebrado o nariz – contou Parker.

– Droga. – Mac franziu a testa. – Se eles quiserem, posso disfarçar bastante com o Photoshop, mas isso é uma tapeação. As coisas são como são e isso torna a lembrança divertida. Na minha opinião.

– Vamos ver o que a noiva vai achar quando ele voltar do médico.

Parker ergueu os olhos quando Emma entrou apressada.

– Não estou atrasada. Ainda faltam vinte segundos. – Com os cachos pretos balançando, ela se dirigiu ao aparelho de café. – Eu acabei dormindo de novo. Depois.

– Ah, eu também odeio você – murmurou Laurel. – Precisamos de uma nova regra. Ninguém se gabar em reuniões de trabalho de ter feito sexo quando metade de nós não tem com quem fazer.

– Apoiado – exclamou Parker no mesmo instante.

– Droga.

Sorrindo, Emma pôs uma porção de frutas em uma tigela.

– O pai da noiva de sábado à tarde talvez tenha quebrado o nariz.

– Droga – repetiu Emma, sinceramente preocupada.

– Vamos lidar com isso quando tivermos mais detalhes, mas, seja como for, eu e Mac ficaremos responsáveis pelo assunto. Eu a mantereí informada – disse Parker, dirigindo-se a Mac. – Agora, sobre o evento de hoje à noite... Todas as damas de honra, parentes e convidados de fora da cidade chegaram. A noiva, a mãe dela e as damas de honra virão aqui às três para fazer o cabelo e a maquiagem. A mãe do noivo tem hora marcada em outro salão e deve chegar às quatro, junto com o pai dele. O pai da noiva virá com a filha. Nós os manteremos felizes e ocupados até a hora das fotos. Mac?

– O vestido da noiva é uma beleza. Romântico vintage. Vou dar destaque a ele.

Enquanto Mac delineava seus planos e horários, Laurel se levantou para pegar uma segunda xícara de café. Tinha feito algumas anotações e continuou a tarefa quando Emma assumiu o comando da reunião. Como a maior parte do trabalho de Laurel estava terminado, ela interferiria quando e onde fosse necessário.

Essa era uma rotina que elas tinham aperfeiçoado desde que a Votos deixará de ser um conceito e se transformara em realidade.

– Laurel – disse Parker.

– O bolo está pronto, e ficou lindo. É pesado, por isso precisarei de ajuda para levá-lo até o lugar da recepção, mas o projeto não exige nenhuma montagem no local. Precisarei que você ponha a fita e as pétalas de rosa, Emma, quando ele já estiver lá, mas só na hora de servir. Eles optaram por não ter bolo do noivo, e escolheram vários doces e chocolates em forma de coração. Também já estão prontos, e os serviremos em porcelana branca com papel rendado combinando com o estilo do bolo. A toalha da mesa do bolo é azul-clara, rendada. A faca e a espátula foram fornecidas pelos noivos. Eram da avó da noiva e vamos ter de ficar de olho nelas.

Laurel deu um gole no café e continuou:

– Hoje vou trabalhar nos bolos de sábado durante a maior parte do dia, mas devo estar livre às quatro, se alguém precisar de mim. No fim do evento, os auxiliares vão pôr as sobras de bolo em caixas e amarrá-las com fitas azuis em que gravamos os nomes dos noivos e a data. Farão o mesmo com o que restar dos chocolates ou doces. Mac, eu gostaria de tirar uma foto do bolo para meus arquivos. Nunca tinha feito esse design.

– Certo.

– E, Emma, preciso das ores para o bolo de sábado à noite. Pode trazê-las quando vier

se vestir para o evento de hoje?

– Sem problemas.

– Agora, falando sobre o lado pessoal... – Mac ergueu a mão pedindo atenção. – Ninguém mencionou que o novo casamento da minha mãe é amanhã, na Itália.

Felizmente estamos a muitos quilômetros de distância, em nosso lar aqui em

Greenwich, Connecticut. Ela me ligou hoje às cinco e pouco da manhã, já que Linda não entende o conceito de fuso horário e... bem, vamos admitir... não dá a mínima para isso.

– Por que você não deixou tocar? – perguntou Laurel enquanto Emma estendia a mão para afagar a perna de Mac em uma demonstração de solidariedade.

– Porque ela simplesmente continuaria telefonando e estou tentando lidar com ela. Desta vez nos meus termos, pra variar um pouco. – Mac passou os dedos pelos cabelos ruivos vibrantes. – Houve, conforme o esperado, lágrimas e recriminações porque ela decidiu que me quer lá. Ao contrário de uma semana atrás, quando não queria. Como não tenho a menor intenção de pegar um avião para vê-la se casar pela quarta vez, sobretudo porque tenho um evento hoje à noite, dois amanhã e outro no domingo, ela parou de falar comigo.

– Se ao menos isso fosse durar...

– Laurel – murmurou Parker.

– Estou falando sério. Você tem que dizer a ela o que pensa – lembrou Laurel a Parker. – Eu não fiz isso e agora só posso lamentar.

– O que eu agradeço – disse Mac. – Do fundo do coração. Mas, como pode ver, não me acovardei, não estou me sentindo culpada nem irritada. Acho que há uma vantagem em encontrar um homem sensato, amoroso e confiável de verdade. Uma vantagem além do maravilhoso sexo matinal. Todas vocês estiveram do meu lado quando precisei lidar com Linda, tentaram me ajudar a suportar as exigências e a insanidade dela. Acho que Carter só conseguiu equilibrar as coisas, e agora sou capaz de lidar com isso. Queria que vocês soubessem.

– Eu mesma faria sexo com ele todos os dias de manhã apenas por isso.

– Tire o olho, McBane. Mas agradeço pela consideração. Então... – Ela se levantou. – Quero trabalhar um pouco antes de precisar me concentrar no evento de hoje. Depois vou dar uma passada aqui para tirar algumas fotos do bolo.

– Espere, eu vou com você. – Emma se levantou. – Volto logo com a equipe e trago as flores, Laurel.

Depois que elas foram embora, Laurel continuou sentada por mais algum tempo.

– Ela estava mesmo falando sério.

– Sim, estava.

– E ela tem razão. – Laurel aproveitou o último momento para se recostar e relaxar com seu café. – Foi Carter quem girou a chave na fechadura. Eu me pergunto como é ter um homem capaz de fazer isso, de ajudar dessa maneira sem pressionar. Capaz de amar assim. Acho que a invejo mais por isso do que pelo sexo. – Ela deu de ombros e se levantou. – É melhor eu ir trabalhar.

Laurel não teve tempo de pensar em homens nos dias que se seguiram. Não teve tempo nem energia para pensar em amor e romance. Podia estar mergulhada até o pescoço em casamentos, mas aquilo era trabalho, e um trabalho que exigia foco e precisão.

Seu bolo Renda Antiga, que ela demorara quase três dias para criar, teve seu momento sob os holofotes – antes de ser cortado e devorado. Na tarde de sábado, ela apresentou seu fantástico Pétalas Claras, com centenas de pétalas cor-de-rosa de pasta americana em relevo, e, na noite de sábado, o Jardim de Rosas, com camadas de rosas vermelhas entremeadas com bolo de baunilha e cobertura de glacê cremoso.

Para o evento menor e mais informal da tarde de domingo, a noiva havia escolhido o Frutas de Verão. Laurel o tinha assado, feito o recheio, a montagem, a cobertura e o desenho em forma de cesta. Agora, enquanto a noiva e o noivo diziam os votos no terraço lá fora, ela completava o projeto arrumando frutas frescas e folhas de hortelã sobre as camadas.

Atrás de Laurel, os ajudantes concluíam a decoração da mesa para o brunch. Ela usava um avental sobre uma roupa quase da mesma cor das framboesas que selecionara.

Deu um passo para trás e estudou as linhas e o equilíbrio do bolo. Depois escolheu um cacho de uvas cor de champanhe para pôr sobre uma camada.

– Parece delicioso.

Laurel franziu as sobrancelhas enquanto agrupava algumas cerejas. Interrupções durante o trabalho eram comuns, mas isso não significava que gostasse delas. Além do mais, não esperava que o irmão de Parker aparecesse durante um evento.

Então lembrou a si mesma que ele ia e vinha quando bem entendia.

Mas quando viu a mão dele se aproximando de um dos recipientes, afastou-a rapidamente com um tapa.

– Tire as mãos daí.

– Como se algumas amoras fossem fazer falta.

– Não sei onde suas mãos estiveram. – Ela arrumou três folhas de hortelã, ainda sem se dar ao trabalho de olhar para ele. – O que você quer? Estamos trabalhando.

– Eu também estou. Mais ou menos. Na qualidade de advogado. Tinha que deixar uma papelada aqui.

Ele cuidava de todos os assuntos legais delas, tanto como pessoas físicas quanto como pessoas jurídicas. Laurel sabia muito bem que ele lhes dedicava muitas horas, frequentemente do próprio tempo livre. Mas se não o repreendesse, quebraria uma longa tradição.

– E programou sua vinda para poder pegar alguma coisa do bufê.

– Acho que mereço alguns privilégios.

Ela se deu por vencida e se virou. A escolha dele de vestir jeans e camiseta não o tornava menos que um advogado de alto nível. Não na opinião dela. Delaney Brown, da família Brown de Connecticut, pensou Laurel. Alto, atraente e esguio, tinha os fartos cabelos castanhos apenas um pouquinho mais longos do que o estilo dos advogados poderia ditar.

Ele fazia aquilo de propósito? Laurel imaginava que sim, porque era um homem que sempre tinha um plano na manga. Os olhos eram azul-escuros e profundos como os de Parker, mas, embora Laurel o conhecesse desde sempre, quase nunca conseguia ler o que havia por trás deles.

Na opinião dela, ele era bonito demais para o próprio bem e atraente demais para o bem de qualquer pessoa. Também era inabalavelmente leal, discretamente generoso – e irritantemente superprotetor.

Agora estava ali, sorrindo para ela, um sorriso rápido e fácil, com um desarmante lampejo de humor que Laurel imaginava ser uma arma letal no tribunal. Ou na cama.

– Salmão cozido frio, empanado de frango à florentina, legumes de verão grelhados, panquecas de batata, vários tipos de quiche, caviar com acompanhamento completo, pães e doces variados e um arranjo de frutas e queijos. Temos, ainda, bolo de sementes de papoula recheado com geleia de laranja, cobertura de glacê com licor Grand Marnier encimado por frutas frescas.

– Eu quero.

– Espero que consiga passar uma boa conversa no pessoal do bufê – retrucou Laurel.

Ela alongou os ombros e fez movimentos circulares com a cabeça e o pescoço enquanto escolhia as próximas frutas silvestres.

– Está dolorida?

– O entrelaçamento da cesta me deixou com o pescoço e os ombros em frangalhos.

Ele ergueu as mãos e depois as enfiou nos bolsos.

– Jack e Carter estão por aqui?

– Em algum lugar. Não os vi hoje.

– Acho que vou procurá-los.

– Ahã.

Mas ele atravessou a sala e foi até as janelas olhar para o terraço enfeitado com ores, as cadeiras forradas de branco e a bela noiva de frente para o noivo sorridente.

– Eles vão trocar as alianças – comentou Del.

– Foi o que Parker acabou de me dizer. – Laurel deu um tapinha em seus fones de ouvido.

– Estou a postos. Emma, o bolo está pronto para você.

Ela posicionou um cacho de amoras na camada superior.

– Faltam cinco minutos – anunciou, começando a encher sua cesta com as frutas restantes.

– Vamos servir o champanhe e os drinques. Acenda as velas, por favor.

Ela começou a erguer a cesta, mas Del foi mais rápido.

– Eu levo isso.

Laurel deu de ombros e foi ligar o interruptor da música ambiente que tocaria até a orquestra assumir posição.

Eles começaram a descer a escada dos fundos, passando pelos funcionários uniformizados que subiam com os acepipes para o breve coquetel. Isso entreteria os convidados enquanto Mac fazia as fotos formais dos noivos, dos padrinhos e da família.

Laurel entrou na cozinha, onde o serviço de bufê estava a todo vapor. Acostumada ao caos, ela passou por eles, pegou uma tigela pequena, encheu-a de frutas e a entregou a Del.

– Obrigado.

– Só fique fora do caminho. Sim, eles estão prontos – disse ela a Parker pelo microfone acoplado aos fones de ouvido. – Sim, trinta. No lugar. – Ela olhou de relance para o pessoal do bufê. – Dentro do horário. Ah, Del está aqui. Ahã.

Inclinado sobre o balcão, comendo as frutas, ele observou Laurel enquanto ela tirava o avental.

– Está bem, saindo agora.

Del se afastou do balcão para segui-la enquanto Laurel se dirigia ao vestíbulo, que em breve se transformaria em seu espaço extra de refrigeração e armazenagem. Ela soltou os cabelos, jogou-os para o lado e balançou a cabeça para arrumá-los enquanto ia lá para fora.

– Aonde estamos indo?

– Eu vou ajudar a conduzir os convidados para dentro. Você vai para algum lugar longe daqui.

– Eu gosto daqui.

Foi a vez dela de sorrir.

– Parker me disse para me livrar de você até a hora da limpeza. Vá procurar seus amiguinhos, Del, e se vocês se comportarem direitinho, poderão comer depois.

– Está bem, mas se eu tiver de ajudar na limpeza, vou querer um pedaço daquele bolo.

Eles se afastaram: Del seguiu na direção da casa da piscina que fora reformada e agora servia de estúdio e lar de Mac e Carter, e Laurel foi para o terraço, onde a noiva e o noivo trocavam seu primeiro beijo de casados.

Laurel olhou para trás uma vez – apenas uma. Conhecia-o desde sempre – tinha sido o destino, supôs. Mas a culpa era toda dela, e o problema era seu também, por ter se apaixonado por ele quase desde o primeiro momento.

Permitiu-se dar um suspiro antes de fixar um sorriso radiante e profissional no rosto e ajudar a conduzir os convidados à recepção.

Capítulo Dois

MUITO TEMPO DEPOIS DE o último convidado ir embora e o pessoal do bufê recolher suas coisas, Laurel se jogou no sofá da sala de estar da família com uma merecida taça de vinho.

Não sabia ao certo onde os homens poderiam estar – talvez de volta às suas tocas com um engradado de cerveja –, mas era bom, muito bom, relaxar apenas com as mulheres, em relativo sossego.

– Foi um ótimo fim de semana. – Mac ergueu a taça em um brinde. – Quatro ensaios, quatro eventos. Nenhum problema em nenhum deles. Nem por um instante. Isso é um recorde.

– O bolo estava maravilhoso – acrescentou Emma.

– Você comeu apenas uma garfada – observou Laurel.

– Uma garfada deliciosa. Além disso, hoje foi lindo, o filho pequeno do noivo como o padrinho. Ele era muito fofo. Fiquei com os olhos cheios d’água.

– É uma bela família. – Parker estava sentada com os olhos fechados e o celular no colo. – A gente vê pessoas que já têm filhos se casando de novo e pensa “Puxa, isso vai dar problema”. Mas aqueles ali? A gente vê que ela e o menino são loucos um pelo outro. Foi lindo.

– Tirei umas fotos espetaculares. E o bolo estava incrível – acrescentou Mac. – Talvez eu escolha o de sementes de papoula para o meu.

Para aliviar as câibras, Laurel encolheu e esticou os dedos dos pés.

– Na semana passada você queria o de creme italiano.

– Talvez eu devesse escolher amostras de bolo. Pequenas versões de vários tipos, modelos diferentes. Seria uma orgia gastronômica, o que ainda renderia fotografias maravilhosas.

Laurel ergueu um dedo.

– Vá se ferrar, Mackensie. Vá se ferrar.

– Por que você não escolhe o de creme italiano? Não é seu favorito?

Mac apertou os lábios e assentiu com a cabeça para Emma.

– Tem razão. E tem tudo a ver comigo. E você, já sabe qual vai escolher?

– Não consigo nem pensar nisso. Ainda estou me acostumando com o noivado. – Emma olhou o diamante em seu dedo com um sorriso presunçoso. – Além disso, quando eu me envolver com os planos e detalhes, acho que vou surtar. Então deveríamos adiar esse momento o máximo possível.

– Sim, também acho – concordou Laurel com um suspiro.

– De qualquer modo, antes você precisa do vestido. – Parker manteve os olhos fechados.
– O vestido sempre vem primeiro.

– Parem com isso – murmurou Laurel.

– Quase não pensei nisso, só umas mil vezes – acrescentou Emma. – Olhei só meio milhão de fotografias. Vou usar um de princesa. Quilômetros e quilômetros de saia. Provavelmente com um corpete tomara que caia, já que meus seios são maravilhosos.

– Isso é verdade, são mesmo – concordou Mac.

– Com certeza nada de simplicidade. Luxo é meu lema. Quero tiara e cauda. – Seus olhos escuros brilharam com o pensamento. – E, como vamos encaixá-lo no próximo mês de maio, vou criar um buquê incrível e, sim, luxuoso, para mim. Em tom pastel, eu acho. Talvez. Provavelmente. Tons românticos de tirar o fôlego.

– Isso é porque ela não consegue nem pensar nisso – ironizou Laurel.

– Todas vocês em cores claras – continuou Emma, sem se perturbar. Ela deu um suspiro longo e sonhador. – E quando Jack me vir, ficará sem fôlego. Vocês sabem, aquele momento único em que olhamos um para o outro e é como se o mundo parasse. Apenas por um minuto, um minuto incrível.

Sentada no chão, ela encostou a cabeça na perna de Parker.

– Não tínhamos mesmo ideia de como era isso quando crianças, em todas aquelas vezes que brincamos de Casamento. Não entendíamos o que esse momento único e incrível significava. Temos sorte de vê-lo com tanta frequência.

– É o melhor trabalho do mundo – murmurou Mac.

– É o melhor trabalho do mundo porque nós somos as melhores. – Laurel levantou o tronco o suficiente para brindar. – Organizamos tudo para as pessoas terem esse tal momento único. Você terá o seu, Em, orquestrado até o último detalhe por Parker, cercado de arranjos de ores feitos por você mesma e fotografado por Mac. E celebrado com um bolo que criarei apenas para você. Um luxuoso. Eu garanto.

– Ohn. – Os olhos escuros de Emma ficaram marejados de lágrimas. – Por mais que eu

ame Jack, e o amo muito, não poderia estar tão feliz quanto estou agora com vocês.

Mac entregou um lenço de papel à amiga.

– Ainda sou a primeira, e também quero um bolo só para mim – disse ela a Laurel. – Se ela vai ter um, eu também vou.

– Posso pôr camerazinhas e minitripés ao redor das camadas.

– E que tal pequenas pilhas de livros no de Carter? – Mac riu. – Bobo, mas apropriado.

– Combina com o tema das suas fotos de noivado. – Emma secou os olhos. – Adorei a composição: você e Carter no sofá com as pernas entrelaçadas, ele com um livro no colo e você parecendo que tinha acabado de abaixar sua câmera depois de tirar a foto dele. Vocês dois sorrindo um para o outro. O que me leva a perguntar sobre nossa foto de noivado. Quando, onde, como?

– Fácil. Você e Jack na cama, nus.

Emma estendeu o pé para dar um leve chute em Mac.

– Pare com isso.

– Acho bem apropriado – opinou Laurel.

– A gente não fica só fazendo sexo!

– É claro que não. Também ficam pensando em fazer – comentou Parker, abrindo um olho.

– Nós temos um relacionamento completo – insistiu Emma. – O que inclui muito sexo. Mas falando sério...

– Tenho algumas coisas em mente. Devíamos dar uma olhada em nossas agendas e programar alguma coisa – disse Mac.

– Agora?

– Claro. Parks deve ter nossas agendas no celular dela – retrucou Mac, e estendeu a mão para o aparelho.

Parker abriu os dois olhos e a encarou com ar de ameaça.

– Toque nisso e você morre.

– Meu Deus! Vamos consultar minha agenda no estúdio. De qualquer modo, seria bom nos reunirmos com os rapazes, e temos que saber da disponibilidade do Jack.

– Ótimo.

– Onde eles estão? – perguntou Laurel.

– Lá embaixo, com a Sra. G. – respondeu Emma. – Comendo pizza e jogando pôquer; pelo menos esse era o plano.

– Ninguém convidou a gente para comer pizza e jogar pôquer. – Laurel deu de ombros enquanto os olhares se voltavam para ela. – Tudo bem, não quero comer pizza nem jogar pôquer porque estou gostando de ficar aqui com vocês. Mas ainda assim...

– Seja como for... – Mac se levantou. – Nessas circunstâncias, conseguirmos nos reunir pode demorar algum tempo. Vamos só pensar nas ideias e depois consultar as agendas.

– Acho ótimo. Bom trabalho, garotas – disse Emma, levantando-se.

Quando elas saíram, Laurel se alongou.

– Preciso de uma massagem. Devíamos contratar algum massagista pela empresa, para ficar disponível em tempo integral. Um cara chamado Sven. Ou Raoul.

– Vou pôr isso na lista. Por enquanto, você pode ligar para Serenity e marcar um horário.

– Mas se tivéssemos um cara chamado Sven... Acho Sven um nome melhor que Raoul... Então eu poderia receber uma massagem agora e ir relaxada para a cama depois. Quantos dias faltam para as férias?

– Muitos, infelizmente.

– Você diz isso agora, mas, quando estivermos livres e soltas nos Hamptons, ainda estará com esse celular na mão o tempo inteiro.

– Posso largá-lo quando quiser.

Laurel retribuiu o sorriso de Parker.

– Você vai comprar uma bolsa à prova d'água para poder nadar com ele.

– Deviam fazer um modelo à prova d'água. A tecnologia já deve ser capaz disso.

– Bem, vou deixá-la a sós com seu verdadeiro amor, mergulhar em uma banheira de água quente e sonhar com Sven – disse Laurel, rolando para fora do sofá. – É bom ver Emma e Mac tão felizes, não é?

– É.

– Falo com você de manhã.

O banho quente fez milagres, mas a deixou bem desperta, e não relaxada e sonolenta. Em vez de passar uma hora tentando dormir, Laurel ligou a TV na sala só para ter companhia e depois se sentou na frente do computador para checar a agenda da semana. Procurou receitas – era tão viciada nisso quanto Parker no celular – e encontrou algumas que valia a pena marcar para alterar e personalizar depois.

Ainda sem sono, sentou-se em sua cadeira favorita com o bloco de desenho. A cadeira tinha sido da mãe de Parker e sempre fazia Laurel se sentir confortável e segura. Ela cruzou as pernas sobre a almofada macia, com o bloco no colo, e pensou em Mac. Em Mac e Carter. Em Mac e no fabuloso vestido de noiva que escolhera – ou que Parker encontrara para ela.

Linhas simples e elegantes, pensou, que combinavam com o corpo longilíneo e esguio de Mac. Não muito exagerado, apenas com um pequeno toque de sedução. Fez o esboço de um bolo que refletia essa ideia – clássico e simples. E imediatamente o descartou.

Linhas simples para o vestido, sim, mas Mac também tinha a ver com cor e brilho, singularidade e ousadia. E esse, percebeu, era um dos motivos porque Carter era louco por ela.

Tão arrojada! Um casamento colorido no outono. Camadas quadradas em vez das tradicionais redondas, coberto com o glacê preferido de Mac. Tingido. Sim, sim. De dourado-escuro. E com ores de outono – ela as faria maiores, com pétalas largas e detalhadas – castanho-avermelhadas, laranja queimado e verde-azeitona.

Cor, textura e forma para agradar ao olhar da fotógrafa, e romântico o suficiente para qualquer noiva. Coroado por um buquê e com um rastro de fitas dourado-escuras. Toques de branco em tiras finas, para realçar toda a cor.

Outono de Mac, pensou, sorrindo enquanto acrescentava detalhes. O nome era perfeito para o bolo – referia-se à estação e ao modo como a amiga caíra de amores, qual as folhas de uma árvore.

Laurel afastou o rascunho para vê-lo de longe e sorriu, satisfeita.

– Eu sou um arraso. E agora estou com fome.

Levantou-se e apoiou o bloco de desenho aberto sob uma luminária. Na primeira oportunidade, decidiu, o mostraria a Mac para saber a opinião da noiva. Mas, se conhecia a amiga, ouviria um grande e feliz “Uau!”.

Merecia um lanche – talvez uma fatia de pizza fria, se tivesse sobrado alguma. O que lamentaria de manhã, disse a si mesma ao sair, mas não podia evitar.

Ela estava acordada e com fome. Um dos privilégios de administrar a própria empresa e a vida era poder fazer o que queria de vez em quando.

Avançou na escuridão, em meio ao silêncio, guiada por seu conhecimento da casa e pela luz da lua que entrava pelas janelas. Atravessou sua ala e começou a descer a escada, tentando se convencer a trocar a pizza fria por uma saudável porção de frutas frescas e um chá de ervas.

Tinha que acordar cedo para malhar antes da fornada de segunda-feira. À tarde, três casais estavam marcados para provas, então precisava se preparar e estar com tudo limpo.

Depois, ainda teria uma reunião à noite, com toda a equipe e uma cliente, para acertar os detalhes de um casamento no inverno. Em seguida, estaria livre para fazer o que precisava ser feito – ou o que bem entendesse.

Graças a Deus dera um tempo nos encontros, por isso não precisava se preocupar em se arrumar para sair – e com o que vestir –, ter assunto e decidir se queria ou não fazer sexo.

A vida era mais fácil assim, concluiu, ao virar na base da escada. Mais fácil, mais simples e menos tensa com encontros e sexo fora de jogo.

Topou de frente com uma forma sólida – uma forma masculina – e cambaleou para trás. Praguejando, estendeu os braços para se proteger. As costas da sua mão bateram com força em um corpo, e dessa vez quem praguejou não foi ela. Enquanto caía, agarrou um tecido e ouviu-o se rasgar enquanto a forma sólida masculina desabava em cima dela.

Ofegante e com a cabeça dolorida no ponto em que batera na escada, ela ficou esparramada no chão como um trapo. Mesmo zonza e sem enxergar direito, Laurel reconheceu a forma e o cheiro de Del.

– Meu Deus, Laurel? Caramba, você se machucou?

Ela puxou o ar para respirar, espremida sob o peso dele – e com certa área desse peso pressionada muito intimamente entre suas pernas. Por que diabo ela estivera pensando em sexo? Ou na falta dele?

– Quer sair de cima de mim? – conseguiu dizer.

– Estou tentando. Você está bem? Não a vi. – Del se afastou um pouco e os olhos dos dois se encontraram sob a luz azulada do luar. – Ai!

Como a movimentação dele aumentou a pressão, algo no corpo de Laurel começou a pulsar.

– Saia. De cima. De mim. Agora.

– Está bem, está bem. Perdi o equilíbrio. Além disso, você agarrou minha camisa e me

levou junto. Eu só tentei segurá-la. Espere um instante, deixe-me acender a luz.

Laurel ficou exatamente onde estava, esperando a respiração voltar ao normal, esperando que partes de seu corpo parassem de pulsar. Quando Del acendeu a luz, a claridade a fez fechar os olhos.

– Ah – disse ele, e pigarreou.

Laurel estava esparramada na escada, com as pernas abertas, usando uma regata branca fina e uma calcinha boxer vermelha. As unhas dos pés estavam pintadas de rosa-choque. Del decidiu que se concentrar nos dedos dos pés de

Laurel era melhor do que nas pernas, ou no modo como a camiseta lhe assentava ou... em qualquer outra coisa.

– Deixe-me ajudá-la a se levantar.

E a pôr um roupão comprido e grosso.

Meio sentada massageando a nuca, ela lhe fez um sinal com a mão indicando que não precisava de ajuda.

– Droga, Del, o que você estava fazendo se esgueirando pela casa?

– Eu não estava me esgueirando. Estava andando. Por que você estava se esgueirando?

– Eu não estava... Pelo amor de Deus! Eu moro aqui.

– Eu também morava – murmurou ele. – Você rasgou a minha camisa.

– Você fraturou o meu crânio.

A irritação se transformou em preocupação no mesmo instante.

– Eu a machuquei mesmo? Deixe-me ver.

Del se abaixou e apalpou a nuca de Laurel antes que ela pudesse se mexer.

– Você caiu com muita força, mas não está sangrando.

– Ai! – Pelo menos o toque tirou sua atenção da camisa rasgada e da musculatura dentro dela. – Pare de apertar.

– Acho melhor irmos pegar um pouco de gelo para você.

– Está tudo bem. Eu estou bem. – Desconcertada, sem dúvida, pensou, e desejando que ele não estivesse tão desganhado, desarrumado e ridiculamente sexy. – O que diabo

você está fazendo aqui no meio da madrugada?

– Ainda não é nem meia-noite.

Del a fitou direto nos olhos, procurando sinais de choque ou trauma, supôs ela. A qualquer instante iria medir a droga da sua pulsação.

– Isso não responde à pergunta – retrucou Laurel.

– Eu estava com a Sra. G. Bebendo cerveja. Cerveja suficiente para decidir que...

– Ele apontou para cima. – Ia dormir em um dos quartos de hóspedes em vez de dirigir bêbado.

Laurel não podia discutir com ele por ser sensato – particularmente porque sempre era.

– Então... – Ela o imitou e apontou para cima.

– Levante-se para eu ter certeza de que está bem.

– Não sou eu que estou bêbada.

– Não, é você que está com o crânio fraturado. Ande logo.

Ele encerrou o assunto pondo as mãos sob os braços de Laurel e colocando-a de pé um degrau acima, o que fez com que os rostos dos dois ficassem quase no mesmo nível.

– Não estou vendo nenhum xis em seus olhos nem passarinhos voando em círculos em volta da sua cabeça.

– Engraçadinho.

Ele deu aquele sorriso.

– Eu ouvi alguns passarinhos piando quando você bateu em mim com as costas da mão.

Laurel não pôde evitar sorrir mesmo enquanto fazia uma careta.

– Se eu soubesse que era você, teria batido com mais força.

– Essa é a minha garota.

E não era exatamente assim que ele a via?, pensou Laurel com uma mistura de irritação e desapontamento. Apenas uma de suas garotas.

– Vá dormir para curar sua bebedeira e pare de ficar se esgueirando por aí.

– Para onde você vai? – perguntou ele enquanto Laurel se afastava.

– Para onde eu quiser.

Era o que Laurel costumava fazer, pensou ele, e uma das coisas que mais gostava nela. A menos que considerasse o modo como a bunda dela ficava naquela calcinha boxer vermelha.

O que ele não estava fazendo. Só queria se certificar de que os pés dela estavam firmes. E suas pernas lindas também.

De forma decidida, Del se virou e subiu a escada para o terceiro andar. Seguiu na direção da ala de Parker e abriu a porta para o quarto que ocupara durante a infância e a adolescência.

Não estava igual. Não esperava ou queria que estivesse. Quando as coisas não mudavam, tornavam-se estagnadas e obsoletas. As paredes, agora de um verde suave e fosco, exibiam quadros bonitos com molduras simples em vez dos pôsteres de esportes de sua juventude. A cama de dossel, um lindo móvel antigo, fora de sua avó. Herança, pensou ele, não era o mesmo que estagnação.

Tirou o dinheiro e as chaves do bolso, jogou-os sobre a travessa em cima da cômoda e depois se olhou no espelho.

Estava com a camisa rasgada nos ombros, os cabelos desgrehados e, salvo engano, uma leve marca que os nós dos dedos de Laurel tinham lhe deixado no rosto.

Ela sempre havia sido durona, pensou ele tirando os sapatos. Durona, forte, e não tinha medo de quase nada. A maioria das mulheres teria gritado, não teria? Mas não Laurel – ela lutava. Se a empurrassem, ela empurrava de volta. Com mais força.

Tinha que admirá-la por isso.

O corpo dela o surpreendera. Podia admitir isso, pensou enquanto tirava a camiseta rasgada. Não que não soubesse como era o corpo dela. Abraçara-a inúmeras vezes ao longo dos anos. Mas abraçar uma amiga era totalmente diferente de se deitar em cima de uma mulher no escuro.

Totalmente diferente.

E algo em que era melhor não pensar muito.

Ele terminou de se despir e puxou a colcha – obra de sua bisavó – da cama. Programou o despertador antigo de corda na mesa de cabeceira e apagou a luz.

Quando fechou os olhos, a imagem de Laurel deitada na escada surgiu em sua cabeça e não foi mais embora. Ele rolou de um lado para outro, pensando nos compromissos do

dia seguinte. E viu Laurel se afastando em sua calcinha boxer vermelha.

– Que se dane.

Um homem tinha o direito de se concentrar no que quisesse quando estava sozinho no escuro.

Como de costume nas manhãs de segunda-feira, Laurel e Parker chegaram à academia de ginástica da casa quase na mesma hora. Parker começou sua série de ioga enquanto Laurel se dedicou à corrida na esteira. Como ambas levavam a rotina de exercícios a sério, não se falaram muito.

Quando Laurel se aproximou do quinto quilômetro, Parker deu início à série de pilates. Nesse momento, Mac apareceu se arrastando e lançando seu costumeiro olhar de desprezo para os aparelhos de musculação.

Divertida, Laurel começou a desacelerar. A conversão de Mac a uma rotina regular de exercícios provinha de sua determinação em ficar com braços e ombros fabulosos no vestido de noiva tomara que caia.

– Você está ótima, Mac! – gritou Laurel enquanto pegava uma toalha. Mac apenas curvou os lábios.

Laurel estendeu um colchonete no chão para se alongar enquanto Parker dava a

Mac algumas dicas de boa forma. Quando ela começou a fazer exercícios livres com halteres, Parker estava empurrando Mac para o aparelho elíptico.

– Eu não quero.

– Uma mulher não chega a lugar nenhum só com treinamento de resistência. Quinze minutos de exercícios cardiovasculares e quinze de alongamento. Laurel, que mancha roxa é essa?

– Que mancha roxa?

– No seu ombro.

Parker se aproximou e pôs o dedo no hematoma exposto pela camiseta nadador.

– Ah, eu caí debaixo do seu irmão.

– Oi?

– Ele estava andando no escuro quando desci para tomar um chá, que acabou virando pizza fria e refrigerante. Ele trombou comigo e me derrubou.

– Por que ele estava andando no escuro?

– Foi exatamente isso que eu perguntei. Estava tomando cerveja com a Sra. G.

Dormiu em um dos quartos de hóspedes.

– Eu não sabia que ele estava aqui.

– Ainda está – disse Mac. – O carro dele está estacionado lá na frente.

– Vou ver se já acordou. Quinze minutos, Mac.

– Droga. Quando vou começar a sentir a endorfina? – perguntou Mac a Laurel. – Como vou saber quando isso acontecer?

– Como você sabe quando está tendo um orgasmo?

– Ah, é? – Mac se animou. – É assim?

– Infelizmente não, mas o princípio de saber quando chega lá é o mesmo. Vai tomar café da manhã aqui?

– Acho que sim. Eu mereço. Além do mais, se eu chamar Carter para vir aqui, ele poderá convencer a Sra. G. a fazer rabanadas.

– Então faça isso. Quero lhe mostrar uma coisa.

– O quê?

– É só uma ideia.

Passava um pouco das sete quando Laurel, já arrumada para o trabalho e com o bloco de desenho na mão, entrou na cozinha.

Presumira que Del tinha ido embora, mas lá estava ele, encostado no balcão com uma caneca de café fumegante. Na bancada à sua frente estava Carter Maguire, em posição quase idêntica.

Ainda assim, os dois eram muito diferentes. Mesmo de jeans e camiseta rasgada, Del transmitia uma elegância masculina, enquanto Carter exalava uma doçura desarmante. Nada meloso, pensou ela – odiaria isso –, mas uma bondade inata.

E apesar da falta de jeito de Del à noite, ele era ágil e atlético, enquanto Carter tendia a ser atrapalhado.

Mesmo assim, ambos eram muito fofos.

Era óbvio que a firme Sra. Grady não era imune a isso. Estava ao fogão – as rabanadas tinham vencido – com os olhos brilhantes e as bochechas um pouco coradas. Feliz em ter os rapazes por perto, pensou Laurel.

Parker veio do terraço enfiando o celular no bolso e viu a amiga.

– A noiva de sábado à noite. Nervosismo básico. Tudo certo. Emma e Jack estão a caminho, Sra. G.

– Bem, se vou cozinhar para um exército, é melhor alguns dos soldados se sentarem. Fique com as mãos bem longe daquele bacon, rapaz – avisou ela a Del.

– Até estar sentado à mesa como uma pessoa civilizada.

– Só estou tentando ajudar a adiantar as coisas. E aí, Laurel, como está a cabeça?

– Ainda sobre meus ombros.

Ela pousou o bloco de desenho e pegou a jarra de suco.

– Bom dia. – Carter sorriu para Laurel. – O que houve com sua cabeça?

– Del a bateu na escada.

– Depois que ela me bateu e rasgou minha camisa.

– Porque você estava bêbado e me derrubou.

– Eu não estava bêbado. E foi você que caiu.

– Essa é a versão dele.

– Sentem-se e se comportem – ordenou a Sra. G. Ela se virou quando Jack e Emma entraram. – Você está com as mãos limpas? – perguntou a ele.

– Sim, senhora.

– Então pegue isto e vá se sentar.

Ele aceitou a travessa de rabanadas e as cheirou profundamente.

– E eles vão comer o quê?

Ela sorriu e lhe deu um tapinha.

– E aí? – disse ele a Del.

Os dois eram amigos desde a faculdade, e ficaram unidos como irmãos desde que Jack se mudara para Greenwich a fim de abrir o próprio escritório de arquitetura. Ele se acomodou em um canto, lindo como um astro de cinema com seus cabelos louro-escuros ondulados, olhos escuros e sorriso fácil.

Como ele estava de terno, Laurel imaginou que devia ter uma reunião com um cliente no escritório em vez de em alguma obra.

– E essa camisa rasgada? – disse ele a Del enquanto pegava uma fatia de bacon.

– Obra de Laurel.

Jack levantou as sobrancelhas para ela.

– Malvada.

– Ridículo.

Eles sorriram um para o outro enquanto Mac entrava.

– Meu Deus! É melhor que isto valha a pena. Venha cá. – Agarrou Carter, puxou-o para perto e lhe deu um beijo ruidoso. – Eu fiz por merecer.

– Você está toda... rosada – murmurou ele, e inclinou a cabeça para beijá-la de novo.

– Parem com essa besteira e se sentem antes que a comida esfrie.

A Sra. G. deu um tapinha no braço de Carter enquanto levava o bule de café para a mesa.

Laurel sabia que a governanta adorava aquilo. Tinha uma prole inteira com que se preocupar e a quem dar ordens. Ficava feliz com a presença deles, com o barulho que faziam, e quando se fartava os colocava para fora de sua cozinha. Ou se retirava para seus aposentos em busca de um pouco de paz e silêncio.

Mas, por enquanto, com o cheiro de café, bacon e canela, as travessas se esvaziando enquanto os pratos se enchiam, as coisas estavam exatamente como a Sra. G. queria.

Laurel entendia a necessidade de alimentar o desejo – até mesmo a paixão – de pôr comida na frente de uma pessoa e incitá-la a comer. Era vida e conforto, autoridade e satisfação. E quando você preparava esse alimento com as próprias mãos, usando a própria habilidade, era, de um modo muito real, amor.

Ela achava que havia aprendido um pouco sobre isso bem ali, quando a Sra. G. lhe ensinara a abrir e sovar massa ou a reconhecer se um pão já estava assado. Mais do que os princípios básicos da pastelaria, aprendera que acrescentar um pouco de amor e orgulho à mistura fazia a massa crescer melhor.

– A cabeça está bem? – perguntou Del.

– Está, não graças a você. Por quê?

– Porque você está calada.

– E dá para falar? – retrucou ela enquanto as conversas se cruzavam à mesa.

– Posso fazer uma consulta profissional?

Ela o olhou com cautela enquanto mordida uma rabanada.

– Que consulta?

– Preciso de um bolo.

– Todos precisam de bolo, Del.

– Esse deveria ser seu slogan. Dara vai voltar da licença-maternidade e pensei em fazer uma festinha de boas-vindas para ela no escritório, para comemorar a chegada do bebê e tudo o mais.

Dara era a assistente jurídica de Del, e fazer esse tipo de coisa era a cara dele.

– Quando?

– Hã... quinta-feira.

– Nesta quinta? – Isso também era a cara dele, pensou Laurel. – Que tipo de bolo?

– Um bom.

– Só faço desse tipo. Me dê alguma dica. Quantas pessoas?

– Umas vinte.

– Simples ou recheado?

Ele lhe lançou um olhar suplicante.

– Me ajude, Laurel. Você conhece a Dara. Faça o que achar melhor.

– Ela é alérgica a alguma coisa?

– Não. Acho que não. – Del encheu a caneca de café de Laurel um instante antes que ela pensasse em fazer isso. – Não precisa ser espetacular. Só um bolo bonito para uma festinha no escritório. Eu poderia comprar um no mercado, mas... seria isso que eu

ganharia – disse ele, apontando para o olhar carrancudo de Laurel. – Posso buscá-lo na quarta-feira depois do trabalho, se você conseguir tempo para fazê-lo.

– Vou conseguir, porque gosto da Dara.

– Obrigado. – Ele estendeu o braço para acariciar a mão de Laurel. – Agora tenho que correr. Venho pegar aquela papelada na quarta-feira – acrescentou, dirigindo-se a Parker. – Me dê uma ligada para falar sobre as outras coisas quando resolver. – Ele se levantou e foi até a Sra. G. – Obrigado.

Então lhe deu primeiro um beijo rápido e espontâneo na bochecha. Depois veio o abraço, aquele que sempre fazia o coração de Laurel derreter. Forte, com os olhos fechados, apenas um leve balanço. Os abraços de Del eram significativos, pensou ela, e tornavam-no irresistível.

– Pelo menos finja que se comporta – ordenou a Sra. Grady.

– Isso eu sei fazer. Vejo vocês depois.

Ele acenou para o resto do grupo e depois saiu pelos fundos.

– Também é melhor eu ir andando, Sra. G. – disse Jack. – A senhora é a deusa da cozinha. A imperatriz dos epicuristas.

Ela deu uma gargalhada.

– Vá trabalhar.

– Estou indo.

– É melhor eu também me mexer. Vou com você – falou Emma.

– Na verdade, gostaria da sua opinião sobre uma coisa – disse Laurel a Emma antes que ela pudesse se levantar.

– Então tenho que tomar mais café – retrucou ela. Então se virou para ajeitar o nó da gravata de Jack e depois a puxou até que os lábios deles se encontrassem.

– Tchau.

– Vejo você à noite. Passo aqui para deixar aqueles planos revisados, Parker.

– Quando quiser.

– Devo sair? – perguntou Carter quando Jack foi embora.

– Pode ficar, e até dar sua opinião. – Laurel foi buscar rapidamente seu bloco de

desenho. – Ontem à noite de repente tive uma ideia para o bolo de casamento.

– Meu bolo? Nosso bolo? – corrigiu Mac em seguida, sorrindo para Carter. –

Quero ver! Quero ver!

– Apresentação – disse Laurel, muito séria – é um lema da confeitaria da Votos. Por isso, embora a inspiração para este desenho provenha principalmente da noiva...

– Eu!

– ...também leva em conta o que a desenhista vê como as qualidades que atraem o noivo para a dita noiva, e vice-versa. Então, acho que temos uma combinação de tradicional e não tradicional tanto na forma quanto no sabor. Além disso, a desenhista conhece a noiva há mais de vinte anos e desenvolveu um afeto sincero e profundo pelo noivo. Tudo isso entra no conceito, mas a desenhista garante que quaisquer críticas ao referido conceito serão aceitas com elegância.

– Que papo furado. – Parker revirou os olhos. – Você vai ficar uma fera se a noiva não gostar.

– Mas apenas porque, se ela não gostar, é uma idiota. O que significa que sou amiga de uma idiota há mais de duas décadas.

– Deixe-me ver o maldito desenho.

– Posso ajustar o tamanho assim que você definir sua lista de convidados. O conceito atual serve duzentas pessoas.

Laurel abriu o bloco e ergueu o esboço.

Não precisou ver Mac prender a respiração para saber. A resposta estava na admiração e no prazer que perpassaram o rosto da amiga.

– As cores são bem fiéis ao que seria o resultado final, e você pode ver que eu gostaria de fazer vários tipos de bolo e recheios. O seu de creme italiano, o de chocolate com framboesas que é o favorito de Carter, o bolo branco, talvez com baba de moça. Isso é só um exemplo de como podemos realizar sua fantasia de ter várias amostras de bolo no casamento.

– Se Mac não gostar, eu fico com ele – anunciou Emma.

– Ele não tem a ver com você. É de Mac, se ela quiser. As cores podem ser mudadas para as que você e Emma escolherem para os buquês e arranjos – acrescentou Laurel –, mas eu manteria a paleta de cores. Você não combina com cobertura branca, Mac. Você é colorida.

– Por favor, goste dele – murmurou Mac para Carter.

– Como eu poderia não gostar? É maravilhoso. – Ele olhou de relance para Laurel e abriu um sorriso doce. – Além disso, ouvi falar em chocolate com framboesas. Se isso estiver aberto a votação, tem o meu voto.

– O meu também – completou Emma.

– Acho melhor você esconder esse esboço – disse Parker a Laurel. – Se nossas clientes o virem, começarão a se estapear por esse bolo. Você acertou de primeira, Laurel.

Mac se levantou e se aproximou para pegar o bloco e estudar o desenho.

– A forma, as texturas, as cores... Ah, as fotografias que vamos tirar! O que você levou em conta – acrescentou, desviando o olhar para Laurel.

– É difícil pensar em você sem pensar em fotografias.

– Adorei. Você sabia que eu ia amar. Você me conhece. – Ela pôs os braços ao redor de Laurel, apertou-a com força e depois fez uma dancinha. – Obrigada, obrigada, obrigada.

– Deixe-me dar uma olhada nisso – falou a Sra. Grady.

Ela tirou o bloco da mão de Mac, examinou o esboço com olhos e lábios apertados, então assentiu com a cabeça e fitou Laurel.

– Ótimo trabalho. Agora, todos vocês, fora da minha cozinha.

Capítulo Três

NA QUARTA-FEIRA, LAUREL FEZ malabarismos com forno, provas, reuniões e sessões de desenho. A geladeira e o freezer estavam cheios de recheios, coberturas e camadas, tudo devidamente etiquetado, que ela usaria para criar os bolos e as sobremesas para os eventos do fim de semana. E ainda tinha mais a fazer.

Com a TV da cozinha sintonizada em Núpcias de escândalo pelos sussurros e diálogos, Laurel acrescentou gemas de ovos, uma a uma, à mistura fofa de manteiga e açúcar na tigela. Seu quadro exibia fotos dos designs da semana e um cronograma das amostras a serem provadas.

Depois de incorporar todas as gemas à receita, com muito cuidado, acrescentou a mistura de farinha e fermento que já havia peneirado três vezes, alternando-a com o leite que medira.

Estava batendo claras e sal em uma tigela separada quando Mac entrou.

– Estou ocupada.

– Desculpe. Preciso de biscoitos. Tem alguns aí que possa me dar, por favor?

– A Sra. G. não tem nenhum?

– Não são para comer. Quero dizer, não para eu comer. Preciso deles para uma sessão de fotos daqui a algumas horas. Tive uma ideia na qual se encaixariam superbem. Emma me deixou levar algumas flores.

Laurel arqueou as sobrancelhas ao sorriso suplicante de Mac enquanto acrescentava um quarto das claras em neve à massa.

– Que tipo de biscoitos?

– Só vou saber quando vir o que você tem. Você sempre tem biscoitos.

Resignada, Laurel apontou com a cabeça.

– Na geladeira. Anote o que levar no quadro de estoque.

– Há outro quadro? Um quadro de biscoitos? Laurel começou a acrescentar as claras restantes.

– Agora temos dois homens em nosso mundo. Eles são famosos por estarem sempre pedindo biscoitos.

Mac inclinou a cabeça e fez beicinho.

– Você dá biscoitos ao Carter?

– Eu daria ao Carter meu amor e minha devoção se você não tivesse chegado primeiro, amiga. Então, em vez disso, dou biscoitos. Ele vem aqui quase todos os dias desde o fim do ano letivo para trabalhar em seu livro.

– E para comer biscoitos sem levar nenhum para casa, pelo visto. Ah, o grosso de chocolate – anunciou Mac com a cabeça e os ombros dentro da geladeira. – Grande como a minha mão, tradicional, e ficará ótimo nas fotos. Vou levar seis. Bem, sete, porque vou comer um agora.

Ela pegou uma caixa pequena para transportá-los enquanto Laurel despejava massa em fôrmas untadas.

– Quer um? – Quando Laurel fez que não com a cabeça, Mac deu de ombros. – Não sei como você consegue resistir. As fotos que vou tirar hoje são das suas provas.

– Certo. Anotei na lista.

– Adoro esse filme. – Mac deu uma mordida em um biscoito e depois desviou os olhos da TV para o mostruário. – Que design é esse? Não está no meu álbum.

Laurel bateu as fôrmas contra o balcão para eliminar bolhas de ar.

– É um modelo novo. – Ela levou as fôrmas ao forno e programou o timer. – Para a assistente jurídica de Del. Ela está voltando da licença-maternidade e ele quer dar uma festinha na empresa.

– Que gentil da parte dele.

– Fui eu que fiz o bolo.

– O que também é gentil da sua parte, Srta. Irritadinha.

Laurel começou a resmungar e depois se obrigou a parar.

– Droga. Sou mesmo a Srta. Irritadinha. Deve ser por causa da carência de sexo. Ela tem seu lado bom e seu lado ruim, e essa é a inevitável parte ruim.

– Talvez você precise de um amigo colorido. – Com ar sábio, Mac apontou para Laurel com o restante do biscoito. – Alguém com quem colocar o sexo em dia de vez em quando.

– Ótima ideia. – Laurel fingiu um sorriso radiante e ansioso. – Posso ficar com o Carter? Por favor?

– Não. Nem mesmo por biscoitos.

– Egoísta, é isso que você é.

Ela começou a limpar a área de trabalho. Notou que o próximo item na lista eram as flores cristalizadas para o bolo de sexta-feira.

– Deveríamos ir fazer umas comprinhas – sugeriu Mac. – Comprar uns sapatos novos, de repente.

Laurel considerou a ideia.

– Sim. Sapatos são ótimos substitutos para sexo. Vamos marcar. Logo. Ah, aí está a mulher capaz de organizar quase tudo – disse ela quando Parker entrou a passos largos. – Mas ela está com aquela cara séria de quem vai falar de negócios.

– Que bom que você também está aqui, Mac. Vou fazer um chá.

Laurel e Mac trocaram olhares.

– Ô-ou – murmurou Mac.

– Não é nada grave. Não muito – retrucou Parker.

– Não tenho tempo para nada que seja muito. Preciso fazer zilhões de rosas e violetas cristalizadas.

– Você pode ir cuidando disso enquanto eu faço o chá.

Não adianta protestar, pensou Laurel, e foi buscar os racks de arame, as assadeiras, as tigelas e os ingredientes.

– Sabem a Mia Stowe, a noiva de janeiro? – começou Parker.

– Um grande e farto casamento grego – comentou Mac. – A mãe da noiva é grega e os avós ainda vivem na Grécia. Querem um evento enorme, extravagante e tradicional.

– Sim, isso mesmo. Bem, parece que os avós decidiram, no impulso, fazer uma visita. A avó quer verificar alguns detalhes do casamento, porque pelo jeito nunca perdoou totalmente o genro por ter trazido sua filha para os Estados Unidos e não confia em nós ou em qualquer pessoa para realizar o tipo de casamento que ela quer.

– Que a avó quer – disse Laurel, pegando as ores comestíveis que Emma tirara da geladeira.

– Isso. A mãe da noiva está em pânico. A noiva está desnorteada. A avó exige uma festa de noivado. E, sim, eles estão noivos há seis meses, mas isso não quer dizer nada para a

senhorinha.

– Então que façam a festa.

Laurel deu de ombros e começou a cortar cabos.

– Ela quer que seja aqui, para ver nosso trabalho, aprovar o local, nossos serviços e assim por diante. E quer que seja na semana que vem.

– Semana que vem? – disseram Mac e Laurel em uníssono.

– Estamos com a agenda lotada. Totalmente – salientou Laurel.

– Não na terça-feira à noite. – Parker ergueu as duas mãos em um gesto de paz.

– Sim, eu sei que é uma loucura, acreditem em mim. Acabei de passar quase uma hora ao telefone com a mãe da noiva, histérica, e com a noiva, que está no meio do fogo cruzado. Nós temos condições de fazer isso. Verifiquei com o bufê e consegui reservar uma banda. Liguei para Emma e ela vai se encarregar das ores. Eles querem alguns retratos de família formais e outros informais. Mas os formais vão ser nosso trunfo – disse ela a Mac. – E algumas sobremesas gregas tradicionais, junto com um bolo de casamento diferente do escolhido.

– Diferente do escolhido?

Parker apenas espalmou as mãos diante da irritação de Laurel.

– A noiva é totalmente contra a reprodução do modelo real. E esse evento vai ter muito menos gente. Só 75 pessoas, mas eu planejaria para cem. Ela falou que deixará o modelo e o sabor por sua conta.

– Que gentileza da parte dela.

– Ela realmente está em um impasse, Laurel. Lamento muito por ela. Vou cuidar do resto, mas preciso de vocês duas. – Ela pôs uma xícara de chá sobre o balcão enquanto Laurel mergulhava uma flor em claras de ovos batidas e água. – Eu disse que ligaria para ela depois de consultar minhas sócias.

Laurel sacudiu o excesso de claras de ovos e secou o botão de rosa com papel-toalha antes de polvilhá-lo com açúcar extrafino.

– Você reservou a banda.

– Posso cancelar. Uma por todas e todas por uma. Laurel pôs a primeira flor sobre o rack de arame.

– Acho que farei baclavás. – Ela olhou de relance para Mac. – Você topa?

– Vamos fazer dar certo. Entendo tudo de mães malucas. Quão diferente uma avó maluca pode ser? Vou pôr isso na minha agenda e falar com Emma sobre as flores. Quando escolher o bolo, me avise.

– Obrigada, Mac.

– É isso que nós fazemos – disse ela a Parker. – Tenho uma sessão de fotos – acrescentou, e saiu de novo.

Parker pegou sua xícara de chá.

– Vou conseguir alguém para ajudar você, se precisar. Sei que detesta isso, mas é só se precisar.

Laurel mergulhou a flor seguinte na mistura de claras.

– Vou dar um jeito. Tenho camadas e recheios extras no freezer justamente para essas ocasiões. Acho que vou fazer algo para calar a boca da avó grega. Talvez o Valsa da Primavera.

– Ah, eu adoro esse. Mas, pelo que me lembro, é muito trabalhoso.

– Vai valer a pena. Tenho o fondant e posso fazer as ores com antecedência. Mia tem duas irmãs mais novas, não tem?

– Duas irmãs e um irmão. – O sorriso de Parker se alargou. – E, sim, estamos pensando na mesma coisa: plantar as sementes para futuros negócios. Se você fizer uma lista, posso me encarregar das compras.

– Combinado. Ligue para a mãe da noiva e a faça chorar de gratidão.

– Deixe comigo. Ei, que tal uma festinha do pijama com direito a filminho?

– Melhor proposta de hoje. Vejo você depois.

Laurel continuou a cobrir as ores, pensando que os únicos encontros que tinha atualmente eram com sua melhor amiga.

Com as camadas de bolo assadas e embrulhadas no freezer para descansar e as ores cristalizadas secando no rack, Laurel se preparou para a prova. Na sala de estar ao lado da cozinha, pôs os álbuns de modelos junto com as ores que Emma lhe arranjava. Arrumou em leque os guardanapos de coquetel com o logotipo da

Votos e distribuiu facas, colheres, xícaras de chá, taças de vinho e champanhe.

De volta à cozinha, cortou vários bolos em fatias retangulares finas e as arrumou em uma travessa. Em pequenos pratos de vidro, pôs quantidades generosas de diferentes

coberturas e recheios.

Depois disso, deu um pulinho no banheiro para retocar a maquiagem e ajeitar os cabelos. Em seguida abotoou o casaco curto e trocou os calçados de cozinha por sapatos de salto alto.

Quando os clientes tocaram a campainha, estava pronta pra recebê-los.

– Steph, Chuck, que bom ver vocês de novo! Como foi a sessão de fotos? – perguntou enquanto fazia um gesto para que entrassem.

– Divertida – disse Stephanie, uma morena animada, dando o braço ao noivo. – Não foi?

– Foi. Quando parei de ficar nervoso.

– Ele odeia posar para fotos.

– Sempre me sinto meio atrapalhado – cumprimentou Chuck, um tímido rapaz de cabelos louros cor de areia, abaixando a cabeça ao sorrir. – Geralmente sou.

– Mac me pediu para dar um biscoito a ele, porque eu contei a ela que havíamos comido biscoitos em nosso primeiro encontro. Quando tínhamos 8 anos.

– Só que eu não sabia que aquilo era um encontro.

– Eu sabia. Agora, dezoito anos depois, tenho você.

– Bem, espero que tenha sobrado espaço para o bolo. Que tal um pouco de champanhe? Ou vinho?

– Aceito um pouco de champanhe. Nossa, eu adorei este lugar – exclamou Steph, entusiasmada. – Amo tudo nele. Ah, esta é a sua cozinha? Onde você faz os bolos?

Laurel fazia questão de levar os clientes ao local de trabalho, para que eles sentissem a atmosfera e vissem a chama brilhar.

– É. Antes era usada como cozinha de apoio, ou para os serviços de bufê. Agora é toda minha.

– É linda. Eu gosto de cozinhar, e sou bem boa nisso. Mas fazer bolos... – Steph agitou a mão de um lado para outro.

– É preciso prática, e paciência.

– O que é isso? Ah, são tão bonitas!

– Flores cristalizadas. Acabei de fazê-las. Elas têm que descansar por algumas horas à

temperatura ambiente.

Por favor, não toque nelas, pensou Laurel.

– São comestíveis?

– Sim. Acho melhor não usar flores ou enfeites não comestíveis em um bolo.

– Talvez devêssemos fazer algo assim, Chuck. Com essas flores.

– Tenho vários modelos que as utilizam. E posso personalizá-los para vocês. Por que não entram e se sentam? Vou buscar o champanhe e aí poderemos começar.

Era fácil quando os clientes tendiam a ficar satisfeitos como aqueles, concluiu Laurel. Eles pareciam inclinados a adorar tudo, inclusive um ao outro. O mais difícil, percebeu depois dos primeiros dez minutos, seria escolher a opção que, entre todas, os deixaria mais felizes.

– É tudo delicioso. – Steph espalhou um pouco de musse de chocolate branco sobre favas de baunilha. – Como as pessoas conseguem escolher?

– A melhor parte é que não há escolhas erradas. Você gosta do sabor de café? – perguntou Laurel a Chuck.

– Não dá para não gostar de todos.

– É uma boa opção para um bolo de noivo, e fica uma delícia com ganache de chocolate. Bem másculo – disse ela com uma piscadela. – E esse modelo parece um coração entalhado em uma árvore, com as datas e os nomes de vocês escritos.

– Ah, adorei esse! Você gostou? – perguntou Steph a Chuck.

– É bem legal. – Ele inclinou a foto para ver melhor. – Não sabia que eu podia ter um bolo.

– Você decide. Não há escolhas erradas.

– Vamos fazer isso, Chuck. Ele pode ficar com o masculino e eu com um bolo de noiva totalmente feminino.

– Combinado. Esse é o de ganache, certo? – Ele o provou e sorriu. – Ah, sim. Aprovado.

– Oba! Isto também é divertido. As pessoas dizem que planejar um casamento é uma dor de cabeça enorme, que não vamos parar de brigar e de nos irritar um com o outro. Mas estamos curtindo muito.

– As dores de cabeças, as brigas e as irritações são a nossa parte do acordo.

Steph sorriu e depois ergueu as mãos.

– Muito bem, o que você me propõe? Acertou em cheio com o Chuck.

– Vamos lá. Casamento Dia dos Namorados. Bem romântico. Agora, você gostou da ideia das ores cristalizadas, mas esse desenho usa pasta de açúcar. Ainda assim, acho romântico, divertido e muito, muito feminino.

Laurel encontrou a fotografia no álbum e a mostrou. Steph levou as mãos à boca.

– Minha nossa! Uau!

Isso que é reação, pensou Laurel.

– Cinco andares separados por cavilhas, para dar esse aspecto aberto e arejado ao bolo. E as cavilhas são cobertas com pétalas de pasta de açúcar. Há mais pétalas e botões espalhados sobre os andares para dar uma ideia de opulência. Essas são hortênsias – prosseguiu Laurel –, mas posso usar qualquer tipo de flor. Pétalas de rosa, ores de cerejeira, o que quiserem. Quaisquer cores ou tons. Geralmente uso glacê real nesse modelo, e o saco de confeitar em cada andar para formar a coroa. Mas repito que posso personalizar. Usar fondant para uma aparência mais lisa, fazer fitas ou pérolas, brancas ou na cor das flores.

– Essas são as minhas cores preferidas, azul e lavanda. Você sabia disso. Sabia e me mostrou o bolo perfeito. – Steph deu um suspiro reverente. – É lindo!

– Sim – concordou Chuck. – Mas sabem do que mais? É realmente um encanto. Como Steph.

– Ah, Chuck.

– Tenho que concordar. Se vocês gostarem desse estilo, podem escolher mais de um sabor e recheio.

– Eu não gosto, apenas. Adoro esse bolo. É ele. Ainda podemos pôr alguma coisa em cima? Os bonecos dos noivos?

– Claro.

– Perfeito. Porque quero nós dois em cima. Posso tomar outra taça de champanhe?

– Com certeza.

Laurel se levantou para servi-la.

– Você não pode tomar uma também? Não é permitido?

Laurel olhou para trás e sorriu.

– Eu sou sócia neste negócio, e adoraria uma tacinha.

O champanhe e os clientes a deixaram de ótimo humor. E como o dia estava encerrado, Laurel decidiu se servir de uma segunda taça acompanhada de uma travessa de frutas e queijos. Relaxada, sentou-se ao balcão e ficou bebericando, beliscando e fazendo a lista de compras para Parker.

Doces gregos levavam toneladas de manteiga e muitas, muitas nozes. Ela teria que fazer massa filo, coisa que detestava, mas trabalho era trabalho. Mel, amêndoas, pistaches, nozes, farinha para pães.

Já que estava fazendo a lista, não faria mal algum incluir os itens básicos e os produtos que logo teria que pedir ao seu atacadista.

– Esse é o tipo de trabalho que eu gostaria de ter.

Laurel ergueu os olhos e viu Del à porta. Um típico advogado, pensou ela, com um terno risca de giz cinza feito sob medida, uma gravata elegante com um nó perfeito e uma pasta de couro sóbria.

– Pense que esta parte do dia só chega depois que você fica em pé por dez horas.

– Talvez valha a pena. O café está fresco?

– Não, mas ainda está bom.

Ele se serviu.

– Parker disse que você deveria pensar em “sexy, lacrimoso ou bobo”. Seja lá o que isso signifique.

O filme para hoje à noite, concluiu Laurel.

– Certo. Quer ver seu bolo?

– Sem pressa. – Ele se aproximou e usou a faca de Laurel para espalhar um pouco de Camembert em um biscoito de alecrim. – Bom. O que tem para o jantar?

– Isso que você está comendo.

Del franziu as sobrancelhas em uma expressão desaprovadora.

– Você precisa se alimentar melhor, especialmente depois de uma jornada de dez horas de trabalho.

– Sim, papai.

Ignorando o sarcasmo, Del comeu uma fatia de maçã.

– Eu poderia ter lhe trazido algo, já que parte da jornada foi dedicada a mim.

– Não foi nada de mais, e se eu quisesse algo poderia ter feito, ou pedido à Sra. G. Apenas uma das suas garotas, pensou ela com a frustração surgindo.

– De algum modo, nós, mulheres adultas, conseguimos sobreviver sem você se intrometendo em nossas escolhas nutricionais.

– O champanhe deveria ter melhorado o seu humor. – Ele inclinou a cabeça para olhar a lista de compras dela. – Por que não usa o computador?

– Porque já estou fazendo à mão, porque não tem impressora aqui embaixo e porque eu não quero. O que você tem a ver com isso?

Divertido, ele se encostou no balcão e cruzou os braços.

– Você precisa de um cochilo.

– Você precisa de um cachorro.

– Eu preciso de um cachorro?

– Sim, para ter uma vida com a qual se preocupar, na qual se intrometer e à qual dar ordens.

– Gosto de cachorros, mas já tenho você. – Ele parou e riu. – Isso não soou bem. Além do mais, “se intrometer” é o que as avós fazem, portanto não é o termo adequado. Meu trabalho é me preocupar com você, não só como advogado e sócio passivo da empresa, mas também porque vocês são as minhas garotas. E a quanto lhe dar ordens, isso só funciona na metade das vezes, embora já seja uma porcentagem muito boa.

– Você é um canalha presunçoso, Delaney.

– Posso ser – concordou ele, e experimentou o queijo Gouda. – E você é uma mulher mal-humorada, Laurel, mas não a culpo por isso.

– Sabe qual é o seu problema?

– Não.

– Justamente. – Ela lhe apontou um dedo enquanto descia do banco. – Vou pegar o bolo.

– Por que está com raiva de mim? – perguntou ele, seguindo-a até a câmara frigorífica.

– Não estou com raiva, estou irritada.

Ela pegou o bolo que já pusera em uma caixa. Poderia ter se virado e a empurrado para as mãos dele, mas mesmo irritada tomava cuidado com seu trabalho.

– Certo. Por que está irritada, então?

– Porque você está no meu caminho.

Ele ergueu as mãos em um sinal de paz e deu um passo para o lado para Laurel poder passar e pôr o bolo sobre o balcão. Ela ergueu a tampa e apontou para a caixa.

Com cautela, porque ele próprio já estava ficando irritado, Del se aproximou e olhou para dentro. E não pôde deixar de sorrir.

O bolo redondo de duas camadas – dois andares, corrigiu-se mentalmente – era branco e brilhante, decorado com símbolos coloridos da vida atual de Dara. Pastas, carrinhos de bebê, livros de direito, chocalhos, cadeiras de balanço e laptops. No centro, uma espirituosa caricatura da mãe segurando uma pasta em uma das mãos e uma mamadeira na outra.

– Ficou ótimo. Perfeito. Ela vai adorar.

– A parte de baixo é bolo branco, com recheio de creme. A de cima é de chocolate com merengue suíço. Tome cuidado para não desmontá-lo.

– Certo. Muito obrigado.

Quando ele foi pegar a carteira, Laurel ficou furiosa.

– Não vou aceitar seu dinheiro. Qual é a droga do seu problema?

– Eu só queria... Qual é a droga do seu problema?

– Qual é o meu problema? Vou lhe dizer. – Laurel pôs a mão no peito dele e o empurrou para trás. – Você é irritante, arrogante, metido a santo e condescendente.

– Nossa! Tudo isso só porque eu quis pagar por um bolo que lhe pedi para fazer? Pelo amor de Deus, esse é o seu trabalho! Você faz bolos e as pessoas lhe pagam por isso.

– Em um minuto você se intromete, e, sim, o termo certo é se intromete, porque não estou tendo o tipo de jantar que aprova e no instante seguinte puxa sua carteira como se tivesse contratado a minha ajuda.

– Não é nada disso. Que droga, Laurel.

– Como alguém consegue dar conta de tantos papéis? – Ela ergueu os braços. – Grande

irmão, consultor jurídico, sócio, paizão. Por que não escolhe apenas uma dessas funções?

– Porque exerço mais de uma. – Del não gritou como ela, mas seu tom estava igualmente exaltado. – E não sou o paizão de ninguém.

– Então pare de controlar a vida de todos.

– Não ouvi ninguém mais reclamar, e ajudar você a controlar a sua vida é parte do meu trabalho.

– Do ponto de vista jurídico e empresarial, sim, mas não do pessoal. Deixe-me lhe dizer uma coisa, e tente enfiar isso na sua cabeça dura de uma vez por todas: não sou seu animal de estimação, não sou responsabilidade sua, não sou sua irmã, não sou sua garota. Sou uma adulta, livre para fazer o que quiser, quando quiser, sem pedir sua permissão ou aprovação.

– E eu não sou seu saco de pancadas – retrucou Del. – Não sei o que deu em você, mas pode me dizer ou ir descontar em outra pessoa.

– Quer saber o que deu em mim?

– Sim, quero.

– Vou lhe mostrar.

Talvez fosse o champanhe. Talvez fosse apenas loucura. Ou o olhar perplexo e irritado no rosto dele. Mas Laurel seguiu o impulso latente nela há anos.

Agarrou-o pelo nó perfeito da elegante gravata e o puxou para baixo enquanto lhe segurava os cabelos e o trazia para a frente. Em seguida, colocou a boca à dele em um beijo ardente e frustrado que fez seu coração saltar no peito enquanto sua mente sussurrava: eu sabia!

Ela o fez perder o equilíbrio – era essa sua intenção –, o que obrigou Del a levar as mãos aos quadris dela e cravar os dedos neles por um momento glorioso e inebriante.

Laurel se entregou ao momento, para explorar, saborear e absorver. Sabores e texturas, calor e desejo, tudo a seu dispor. Obteve exatamente o que queria e depois o empurrou para longe.

– Pronto. – Ela jogou os cabelos para trás enquanto Del a olhava. – O céu não desabou, o mundo não acabou, nenhum de nós foi atingido por um raio ou queimou no inferno. Não sou sua maldita irmã, Delaney. Acho que agora deixei isso claro.

Ela saiu a passos largos da cozinha, sem olhar para trás.

Excitado, atônito e ainda bastante irritado, Del ficou exatamente onde estava.

– O que foi isso? O que diabo foi isso?

Começou a ir atrás dela e então parou. Aquilo não ia acabar bem, ou acabaria...

Era melhor não pensar nisso até conseguir organizar os pensamentos. Ponto final. Franziu a testa ao olhar para a meia taça de champanhe. Perguntou-se quanto ela bebera antes de ele chegar. Então, como sua garganta estava incomumente seca, pegou a taça e engoliu o resto.

Deveria ir embora, ir para casa e esquecer aquilo tudo. Atribuir o incidente a... alguma coisa. Descobriria o que quando seu cérebro voltasse a funcionar direito. Tinha ido buscar o bolo, só isso, lembrou a si mesmo enquanto fechava e prendia a tampa da caixa com todo o cuidado. Laurel havia provocado uma briga e depois o beijado para provar alguma coisa. Isso era tudo.

Agora ele iria para casa e a deixaria ruminando o que quer que fosse. Pegou a caixa. Simplesmente iria para casa e tomaria uma longa ducha fria.

Capítulo Quatro

ELA TENTAVA NÃO FOCAR muito nisso. Um cronograma insano de casamentos no verão a ajudou a não pensar no que fizera, pelo menos em quatro a cada cinco minutos. Só que grande parte do seu trabalho era solitária e lhe dava tempo demais para pensar e se perguntar como podia ter feito algo tão estúpido.

Ele tinha merecido, é claro. E merecia havia muito tempo. Mas, no fundo, quem ela castigara com aquele beijo além de si mesma?

Porque agora aquilo não era só teoria ou especulação. Agora conhecia a sensação, o que sentiria se cedesse – apenas por um instante – a Del. Nunca mais conseguiria se convencer de que beijá-lo de verdade não chegava aos pés de beijá-lo em sua imaginação.

Tinha pagado para ver, e vira. Não havia como voltar atrás.

Se ao menos ele não tivesse me deixado tão irritada, pensou enquanto corria para ajudar a preparar as coisas no breve intervalo entre os dois eventos de sábado. Del, o enervante Del com seus “Por que você não faz isso assim?”, “Por que não está comendo direito?”. E depois pegando sua carteira grande e grossa como se...

E tinha que admitir que aquilo não fora justo. Ela o havia pressionado, provocado e instigado. Tinha procurado briga.

Montou a peça de centro no topo do gracioso bolo dourado e branco que chamava de Sonhos Dourados. Considerava-o uma de suas criações mais extravagantes, com a saia em camadas sedosas e rosetas em espiral.

Não era muito de seu gosto, refletiu, arrumando algumas das rosetas extras ao redor da base, espalhadas sobre a toalha de mesa dourada brilhante. Provavelmente ela não era sonhadora ou extravagante.

Era pragmática, pensou. Realista. Não era romântica como Emma, livre como Mac ou otimista como Parker.

Afinal, lidava com fórmulas, certo? Podia testar quantidades e ingredientes, mas no final precisava aceitar que certos componentes simplesmente não se misturavam. Insistir em juntar itens incompatíveis acabava produzindo algo intragável. Quando isso acontecia, a única coisa a fazer era admitir o erro e seguir em frente.

– Maravilhoso. – Com um olhar rápido de aprovação para o bolo, Emma pousou sua cesta. – Estou com as velas e as ores da mesa. – Ela consultou seu relógio de pulso e deixou escapar um breve “ufa”. – Estamos dentro do horário. Está tudo arrumado aqui

dentro e lá fora, e Mac está quase acabando a sessão de fotos anterior à cerimônia.

Laurel se virou para fitar o Salão de Baile, surpresa por tantas coisas terem ficado prontas enquanto ela pensava em suas preocupações. Mais ores, mais velas ainda por acender, várias mesas espalhadas e cobertas com o dourado brilhante e o azul de verão escolhidos pela noiva.

– E quanto ao salão principal?

– O pessoal do bufê está concluindo o trabalho, mas minha equipe já terminou.

Emma arrumou as velas longas, as menores decorativas e as ores com suas mãos hábeis de florista.

– Jack está entretendo os padrinhos do noivo. É bom tê-lo ajudando.

– Sim. Você acha isso estranho às vezes?

– O quê?

– Você e o Jack. Às vezes acha esquisito o fato de se conhecerem há anos como amigos e depois terem dado uma reviravolta tão drástica no relacionamento de vocês?

Emma deu um passo para trás e depois para a frente de novo a fim de mudar em um milímetro a posição de uma rosa.

– Às vezes acho surpreendente, mas, mais do que isso, assustador quando penso no que não teria acontecido se tivéssemos seguido em frente em vez de dar essa reviravolta. – Ela ajeitou um dos grampos que mantinham no lugar seus fartos cabelos cacheados. – Você não acha isso estranho, acha?

– Não. Eu meio que me pergunto se é estranho isso não ser estranho. – Laurel parou e balançou a cabeça. – Deixa para lá. Estou com a cabeça em outro lugar. – Com certo alívio, ouviu o sinal de Parker em seu fone de ouvido. – Aviso de dois minutos. Se estiver tudo bem aqui, vou descer para ajudar no alinhamento.

– Pode ir. Eu vou logo depois de você.

Laurel tirou o avental e soltou os cabelos enquanto descia rapidamente e chegava ao ponto de controle trinta segundos adiantada. Aquilo não era muito do seu gosto, pensou de novo, mas precisava admitir que a noiva sabia o que fazia. Seis damas de honra estavam alinhadas sob as ordens de Parker, resplandecentes em seus vestidos dourados de saia rodada e com os formidáveis buquês de dalias azuis e rosas brancas criados por Emma. A própria noiva, uma visão magnífica em seu vestido de seda lustrosa, pérolas brilhantes e lantejoulas reluzentes na cauda, estava radiante ao lado do pai, muito elegante de fraque e gravata branca.

– A mãe do noivo está a postos – murmurou Parker para Laurel. – A mãe da noiva está sendo escoltada agora. Damas! Lembrem-se de sorrir. Caroline, você está espetacular.

– Eu me sinto espetacular. Estou pronta, papai – disse ela.

– Não me deixe nervoso.

Ele pegou a mão da filha e a apertou contra os lábios.

Parker fez o sinal de mudança de música para que a orquestra de cordas que a noiva escolhera começasse a tocar a da entrada.

– Número um, vá. Cabeça erguida! Sorria! Você está linda. E... número dois. Cabeças erguidas, meninas.

Laurel alisou saias, ajustou enfeites de cabeça e finalmente foi para o lado de Parker a fim de ver a noiva seguir seu caminho margeado de flores.

– Espetacular é a palavra – comentou Laurel. – Achei que poderia ser demais, quase espalhafatoso. Mas ficou um centímetro aquém disso, muito elegante.

– Sim, mas confesso que ficarei feliz em não ver ouro ou dourado por um mês. Temos vinte minutos antes de conduzir os convidados ao salão principal.

– Vou tirar dez minutinhos para dar uma caminhada. Preciso de uma pausa. Imediatamente, Parker se virou.

– Você está bem?

– Sim, só preciso de uma pausa.

Um tempo para clarear as ideias, pensou Laurel dando uma volta. Um tempo longe das pessoas. Àquela altura a equipe de auxiliares estava na cozinha comendo antes de voltar ao trabalho, por isso seguiu o caminho longo, passando pelos terraços laterais e jardins onde poderia apreciar o silêncio e a opulência das flores de verão.

Emma tinha distribuído urnas e vasos aqui e ali com lobélias muito azuis e marias-sem-vergonha cor-de-rosa para aumentar ainda mais a quantidade de ores. A linda casa vitoriana estava decorada para o casamento com as dalias azuis e as rosas brancas preferidas da noiva ao redor do pórtico de entrada e grinaldas de tule e renda aumentando o romantismo.

Na opinião de Laurel, mesmo sem aquilo a casa era romântica. O azul suave e discreto com adornos cor de creme e dourado-claro. As linhas do telhado, os bonitos detalhes dourados traziam esse romantismo e um toque de fantasia e nobreza. Desde que se lembrava, fora uma segunda casa para ela. Agora, é claro, era seu lar. E aquela construção adorável ficava bem perto da casa da piscina e da casa de hóspedes onde

suas amigas moravam e trabalhavam.

Não podia imaginar aquilo diferente, mesmo com a adição recente de Carter e Jack, mesmo com o anexo ao estúdio de Mac quase pronto para torná-lo um lar para dois.

Não, não podia se imaginar sem a propriedade, a casa, o negócio que construía com as amigas e, bem, a comunidade que haviam criado ali.

Tinha que pensar nisso, no motivo pelo qual tinha aquilo tudo.

Certamente em virtude do próprio trabalho duro, e do trabalho duro das amigas. Da visão de Parker. O cheque que a Sra. G. lhe entregara naquele dia, tantos anos atrás – e a confiança tão valorizada quanto o dinheiro –, tinha aberto a porta.

Mas não era só isso.

A casa, a propriedade, tudo o que havia nela tinham ficado para Parker e Del quando os pais deles faleceram. Del também dera um salto de fé, tão vital quanto o da Sra. G. ao preencher aquele cheque.

Aquela era a casa dele, refletiu Laurel, parada estudando as linhas, a graça e a beleza da construção. Mas ele a cederia a Parker. Havia detalhes legais, modelos de negócios, projeções, porcentagens, contratos – mas o ponto principal era o mesmo.

A irmã dele – não, todas as quatro, que ele gostava de chamar de O Quarteto – tinha desejado algo, pedido, e ele lhe dera. Del acreditara nelas e as ajudara a transformar um sonho em realidade. Não fizera isso tendo em mente porcentagens ou projeções, mas porque as amava.

– Droga.

Irritada consigo mesma, Laurel passou a mão pelos cabelos. Detestou descobrir que fora injusta, mal-humorada e burra.

Ele não merecia ter ouvido as coisas que lhe dissera – e as dissera porque ficar irritada com ele era mais fácil do que se sentir atraída por ele. E beijá-lo? Burra era pouco.

Agora tinha que se redimir, se proteger e recuperar sua reputação. Isso não ia ser fácil.

Mas tinha sido ela quem passara dos limites e quem tinha sentimentos a ser resolvidos. Portanto, era ela quem tinha que consertar a situação.

Ouviu Parker ordenar que se acendesse a vela da união e se desse início ao solo vocal. Tempo esgotado, disse a si mesma. Descobriria como resolver aquilo depois.

Como Laurel não confiava em mais ninguém para cortar o complicado modelo de bolo, posicionou-se ao lado da mesa em que ele estava. Esperou a noiva e o noivo cortarem a

primeira fatia – como os instruíra – e darem pedaços na boca um do outro enquanto Mac imortalizava o momento. Então, quando a música e a dança continuaram, ela assumiu o comando.

Com uma faca de chef, cortou as decorações laterais.

– Droga, isso não parece certo.

Ela olhou de relance para Jack enquanto começava a fatiar e transferir o bolo para pratos de servir.

– Isso foi feito para ser comido.

– Olho para algo assim e penso que se fosse obra minha, eu teria que estar bem longe quando fosse demolido. E mesmo assim talvez ainda caísse no choro.

– Dói nas primeiras vezes, mas não é como construir uma casa. Você não a levanta sabendo que vai acabar sendo derrubada por uma bola de demolição. Quer um pedaço?

– É claro que sim.

– Espere até enchermos as primeiras bandejas. – O que, concluiu ela, lhe daria tempo para sondá-lo. – Então, Del não vem jogar com você esta noite?

– Acho que ele tem um compromisso.

Com uma mulher, supôs Laurel. Mas isso não era da sua conta e não era o que queria saber.

– Imagino que hoje em dia vocês andem muito ocupados para se verem sempre.

– Na verdade, jantamos juntos na quinta-feira.

Depois do beijo, pensou ela.

– Então, quais são as novidades, as fofocas?

Laurel esboçou um sorriso, tentando decifrar a expressão de Jack.

– Os Yankees estão numa boa fase – disse ele, e lhe sorriu de volta.

Nenhum embaraço, concluiu, nenhum sorriso sem graça. Ela não sabia se devia se sentir ofendida ou aliviada por Del não ter comentado o incidente com o melhor amigo.

– Aqui – falou, entregando-lhe uma generosa fatia de bolo.

– Obrigado. – Ele comeu um pedaço. – Você é um gênio.

– Isso é verdade.

Satisfeita por ter cortado fatias suficientes por ora, ela passou pelos convidados para examinar a mesa de sobremesas e o bolo do noivo.

A música era animada e a pista de dança estava cheia. Com as portas do terraço abertas para a noite agradável, os convidados também dançavam lá.

Parker se aproximou dela.

– Para sua informação, o bolo está fazendo um sucesso enorme.

– Bom saber. – Laurel deu uma olhada na mesa de sobremesas mais próxima e calculou que os doces deveriam durar até a última dança. – Ei, aquela é a mãe da noiva? – Ela apontou com a cabeça para a pista. – Ela dança bem.

– Ela era dançarina profissional. Dançou na Broadway.

– Dá para notar.

– Foi assim que ela e o marido se conheceram. Ele era um patrocinador, foi assistir a um ensaio e, segundo ele, se apaixonou por ela à primeira vista. Ela dançou até o segundo filho deles nascer e, alguns anos depois, começou a dar aulas particulares.

– Que lindo. Mas, falando sério, como você se lembra de tudo isso?

Parker continuou a examinar a sala com olhos de águia, à procura de algum problema.

– Do mesmo modo que você se lembra de todos os ingredientes daquele bolo. O noivo e a noiva pediram uma hora a mais.

– Ai, ai.

– Eu sei, mas todos estão se divertindo muito. A banda concordou. Vamos distribuir as lembranças na hora programada, portanto não haverá nenhum problema quanto a isso. Então vamos deixá-los dançar, ora.

– Vai ser uma noite longa. – Ela reavaliou as sobremesas. – Vou pegar mais alguns doces.

– Precisa de ajuda?

– Acho que sim.

– Vou bipar Emma. Ela e Carter devem estar livres. Vou lhes pedir para descerem.

Quase à uma da manhã, enquanto a turma da limpeza se concentrava no Salão de Baile, Laurel completou a vistoria da Suíte da Noiva. Recolheu grampos esquecidos, um pé de

sapato perdido, uma bolsa de maquiagem de couro cor-de-rosa e um sutiã de renda. O sutiã podia ser indício de uma rapidinha durante a recepção, ou da necessidade de uma convidada de libertar os seios.

Os itens iriam para a caixa de achados e perdidos de Parker – sem perguntas. Ao levá-los para fora, encontrou a amiga.

– Parece que estamos todas livres. Pode deixar que eu levo isso. Reunião relâmpago da equipe.

Todos os músculos do corpo de Laurel se contraíram em protesto.

– Hoje?

– Rapidinho. Tenho uma garrafa de champanhe quase cheia para diminuir o sofrimento.

– Está bem, está bem.

– Na nossa sala. Daqui a alguns minutos.

Não adiantava reclamar, pensou Laurel, dirigindo-se à sala para se acomodar no sofá.

Alongou-se. Gemeu.

– Sabia que você chegaria primeiro. – Como não conseguiu pegar o lugar no sofá, Mac deitou no chão. – O padrinho deu em cima de mim e Carter achou isso engraçado.

– Sinal de que é um homem confiante.

– Acho que sim. Mas o fato é que antes de Carter quase ninguém dava em cima de mim nos eventos. Isso não parece certo. Não estou disponível.

– Por isso é paquerada. – Com um suspiro, Laurel tirou os sapatos. – Acho que os homens têm um radar embutido. Indisponível é mais sexy.

– Porque são cafajestes.

– É claro que sim.

– Eu ouvi isso – disse Emma ao entrar. – E acho que é cínico e mentiroso. Você foi paquerada porque está linda, e agora que está com Carter está mais feliz e extrovertida, portanto mais atraente. – Ela desabou em uma cadeira e puxou as pernas para cima. – Quero ir para a cama.

– Você e todas nós. Temos que nos reunir amanhã para o ensaio de domingo. Por que isto não pode esperar, o que quer que seja?

– Porque... – Parker entrou e apontou para Laurel. – Tenho algo que fará todas vocês irem dormir um pouco mais felizes. – Ela tirou um envelope do bolso. – O pai da noiva nos deu um bônus. Embora eu, é claro, tenha recusado delicadamente, ele fez questão. Nós demos à sua garotinha o casamento dos sonhos dela, demos a ele e à esposa uma noite extraordinária, e ele quis demonstrar sua gratidão.

– Que bom. – Mac bocejou. – Ótimo mesmo.

– São 5 mil dólares. – Parker sorriu quando Laurel se aprumou no sofá. – Em dinheiro – acrescentou, pegando as notas e as balançando para elas.

– Isso é muita, muita gratidão. Tão verdinhas... – comentou Laurel.

– Posso tocar nas notas antes de você guardá-las? – perguntou Mac. – Antes de investi-las na empresa?

– Achei que poderíamos ficar com o dinheiro. Talvez eu esteja apenas muito cansada, mas é a minha opinião. Mil dólares para cada uma e mil para Carter e Jack dividirem. Parker acenou com as notas. – Vocês decidem.

– Voto a favor. – Emma ergueu a mão. – Fundos para o meu casamento!

– Segundo voto a favor. Ou terceiro. Passe para cá – ordenou Mac.

– Por mim está ótimo. – Laurel agitou os dedos. – Mil dólares viriam a calhar.

– Então está decidido. – Parker entregou a Laurel o champanhe aberto. – Sirva enquanto eu conto o dinheiro. –

Ela se ajoelhou no chão.

– Isto é muito, muito bom. Champanhe e dinheiro em espécie no final de um longo dia. – Mac pegou uma taça e a passou para Emma. – Vocês se lembram do nosso primeiro evento oficial? Quando terminou, abrimos uma garrafa, comemos sobras do bolo e dançamos. Nós quatro e Del.

– Eu beijei o Del.

– Todas nós beijamos o Del – salientou Emma enquanto brindava com Mac.

– Não, quero dizer que o beijei outro dia. – Laurel se ouviu dizendo isso com um pouco de choque seguido de um alívio considerável. – Sou muito burra.

– Por quê? Isso é só... – Mac pestanejou e então entendeu. – Ah, você beijou o Del. Bem... Nossa!

– Eu estava irritada e insatisfeita, e ele veio buscar o bolo. Ele foi tão Del – contou ela

com um rancor que achava já ter passado.

– Já fiquei irritada com o Del e nem por isso o beijei – comentou Emma.

– Não foi nada de mais. Não para ele. Nem se deu ao trabalho de contar ao Jack. O que quer dizer que não significou nada. Não comente com o Jack – ordenou a Emma. – Porque ele devia ter falado alguma coisa e não falou, portanto não teve importância nenhuma.

– Você só nos contou agora.

Laurel franziu as sobrancelhas para Mac.

– Porque eu... tinha que pensar sobre isso.

– Mas significou alguma coisa para você – murmurou Parker.

– Não sei. Foi um impulso, um momento de insanidade. Eu estava irritada. Não é que estivesse de fato interessada nele. Ah, droga – sussurrou, apoiando a cabeça nas mãos.

– Ele retribuiu o beijo? Beija bem? – quis saber Mac enquanto Emma a chutava. – Só estou perguntando.

– Não. Mas ele não estava esperando. Foi mais por causa da raiva.

– O que ele disse? Não me chute de novo – avisou Mac a Emma.

– Nada. Não lhe dei chance de falar. Vou consertar isso – prometeu a Parker. – A culpa foi minha, embora ele estivesse sendo irritante e condescendente. Não fique chateada.

– Não estou chateada, não com isso. Estou me perguntando como pude ser tão cega. Eu a conheço tão bem... Como pude não perceber, ver ou saber que você sentia alguma coisa pelo Del?

– Eu não sinto. Está bem, eu sinto, mas não fico pensando nele dia e noite. É algo que vem e passa. Como uma alergia. Só que em vez de me fazer espirrar, faz com que eu me sinta uma idiota. – A aflição se refletiu em sua voz. – Sei que você é discreta, mas mesmo assim preciso pedir: por favor, não conte para ele que eu disse isso. Eu não ia falar nada, mas simplesmente saiu. Parece que tenho dificuldade em controlar meus impulsos.

– Não vou contar nada a ele.

– Ótimo, ótimo. Não foi nada, de verdade. Só lábios encostando um no outro.

– Não foi um beijo de língua? – Mac saiu do alcance de Emma e depois se encolheu sob o olhar reprovador dela. – O que foi? Fiquei curiosa. Todas nós ficamos, ou não

estariamos aqui à uma da manhã falando sobre isso com 5 mil dólares em dinheiro sobre a mesa.

– Tem razão – concluiu Laurel. – Não deveríamos estar falando sobre isso. Só toquei no assunto para ser totalmente sincera com vocês. Agora podemos esquecer isso, pegar nosso bônus e ir para a cama. Na verdade, agora que lhes contei, não sei por que fiquei tão perturbada com isso. Não foi nada.

Ela fez um gesto amplo – amplo demais, percebeu – e abaixou as mãos de novo.

– É óbvio que não foi nada, e Del com certeza não vai perder o sono por isso. Ele nem contou ao Jack... Ou a você. Certo? – perguntou a Parker.

– Não falo com ele desde o início da semana, mas não, não me contou nada.

– Ouçam. – Ela conseguiu dar uma risada fraca. – Estou agindo como se fôssemos adolescentes, e não agi assim nem quando éramos. Agora chega. Vou pegar meu dinheiro e ir para a cama.

Ela recolheu uma das pilhas que Parker contara.

– Então não vamos pensar mais nisso, está bem? Vamos apenas... agir normalmente. Está tudo... normal. Então, boa noite.

Quando ela se retirou, apressada, suas três amigas se entreolharam.

– Não teve nada de normal nisso – comentou Mac.

– Não foi anormal. Só diferente. – Emma pousou a taça e pegou seu dinheiro. – E ela está sem graça. Deveríamos deixar isso para lá, assim ela não fica constrangida. Podemos fazer isso?

– A questão é se ela pode – disse Parker. – Acho que vamos descobrir.

Parker deixou o assunto para lá – por ora. Esperou o evento de domingo passar, respeitando o espaço da amiga. Mas na segunda-feira arranjou uma hora em sua agenda em que sabia que Laurel estaria na cozinha preparando a festa decidida no último minuto.

Quando entrou e encontrou Laurel estendendo massa filo, soube que o momento era perfeito.

– Vim dar uma mãozinha.

– Está tudo sob controle.

– A maior parte dessa obra-prima grega ficou sob sua responsabilidade. Posso dar uma ajuda ao menos na limpeza. – Ela foi juntar as tigelas sujas. – Poderíamos arranjar um

auxiliar de cozinha para você.

– Eu não quero um auxiliar de cozinha. Eles acabam atrapalhando. Aliás, é por isso que não tenho um.

– Estou considerando a ideia. – Parker começou a encher o lava-louças. – Pensando em talvez achar alguém para treinar, para ficar responsável por parte do trabalho braçal.

– Bendito seja o dia em que isso acontecer.

– Temos que decidir se preferimos continuar como estamos ou crescer. Crescer significa contratar auxiliares. Poderíamos oferecer mais eventos em dias de semana se aumentássemos a equipe.

Laurel fez uma pausa.

– É isso que você quer?

– Não sei. É só algo em que penso de vez em quando. Às vezes acho que sim, às vezes definitivamente não. E às vezes acho que talvez. Seria uma grande mudança. Precisaríamos ter funcionários fixos em vez de apenas pessoal de apoio. Na verdade, estamos nos saindo muito bem. Mas uma mudança pode abrir outros caminhos.

– Eu não sei se estamos... Espere um minuto. – Laurel estreitou os olhos às costas de Parker. – Você está usando isso como uma metáfora, uma indireta, ou ambas, para aquela coisa do Del.

Nós nos conhecemos bem demais, pensou Parker.

– Talvez. Pensei muito nisso e acabei ficando obcecada com o que aconteceria se você e Del se entendessem. Ou não.

– E?

– Não cheguei a conclusão nenhuma. – Parker se virou. – Amo vocês dois, e isso não vai mudar. E, por mais que eu esteja no centro do universo, isso não tem nada a ver comigo. Mas seria uma mudança.

– Eu não mudei. Veja, estou aqui no mesmo lugar. Firme, sem mudanças.

– A mudança já foi feita, Laurel.

– E aí eu mudei de novo – insistiu Laurel. – Voltei ao que era. Por Deus, Parks, foi só um beijo.

– Se tivesse sido só um beijo, você teria me contado imediatamente, e não feito piada sobre o assunto. – Ela fez uma pequena pausa, dando a Laurel uma chance de argumentar,

mesmo sabendo que ela não seria capaz. – Isso a deixou preocupada, o que significa que foi algo mais. Ou você está se perguntando se foi algo mais. Você se importa com ele.

– É claro que eu me importo com ele. – Confusa, Laurel ergueu e agitou o rolo de abrir massa. – Todas nós nos importamos. E, sim, isso é parte do problema. Ou da situação. Não é tanto um problema. – Ela continuou a estender a massa até ficar fina como papel. – Todas nós gostamos de Del, e ele gosta de todas nós. Às vezes a ponto de eu querer lhe dar um soco no olho, principalmente quando nos trata como uma coisa só. Como se fôssemos um corpo com quatro cabeças.

– Às vezes...

– Sim, eu sei, às vezes somos. Mas é frustrante ser parte do todo e ele me ver como uma pessoa de quem precisa cuidar. Não quero que cuidem de mim.

– Ele não consegue evitar.

– Também sei disso. – Ela ergueu os olhos e encontrou os de Parker. – Para aumentar a frustração, ele está nervoso, eu estou nervosa, e o problema, a situação... Prefiro situação a problema.

– Como quiser.

– A situação é totalmente culpa minha. E deve ser estranho para você me ouvir falar assim.

– Um pouco. Estou trabalhando para melhorar isso.

– Não é que eu esteja morrendo de amores, perdidamente apaixonada ou algo grave assim. É só uma...

– Situação.

– Exatamente. E, como eu fiz o que fiz, já estou resolvendo isso.

– Ele beija tão mal assim?

Laurel lhe lançou um olhar inexpressivo enquanto pegava a tigela de recheio.

– Eu tomei a iniciativa e agora que superei o constrangimento estou me sentindo melhor. Na verdade, aquilo foi só parte da briga, que aconteceu por culpa minha. Na maior parte, pelo menos. Ele não devia ter tentado me pagar pelo bolo. Foi a gota d'água quando eu já estava irritada. Você não tentaria me pagar por um maldito bolo.

– Não. – Ainda assim, Parker ergueu um dedo. – Então me deixe ver se entendi. Você não quer que ele a veja, por assim dizer, como mais um biscoito no pacote, mas também não quer que ele se ofereça para pagar pelo seu trabalho, porque isso é insultante.

- Você tinha que estar lá para entender.
- Dá para esquecer por um minuto que ele é meu irmão?
- Não sei se consigo.
- Vamos tentar. – Para manter a conversa casual, Parker se encostou no balcão.
- Você está atraída por ele. Vocês dois são bonitos, interessantes e desimpedidos.

Por que não estaria?

- Porque é o Del.
- O que há de errado com o Del?

– Nada. Olhe, isto é estranho. – Ela pegou sua garrafa d’água e depois a pousou de novo sem beber. – Não é lógico, Parker, e não é algo que você possa resolver por mim. Nós vamos ficar bem, quero dizer, Del e eu. Já superei e duvido que ele tenha pensado por um minuto sequer sobre o assunto. Agora saia daqui para eu poder me concentrar neste baclavá.

- Está bem. Mas conte-me se acontecer algo mais.
- Não conto sempre?

Contava, até agora, pensou Parker, mas não disse nada.

Capítulo Cinco

CRESCER EM UMA FAMÍLIA cheia de mulheres dera a Del certos princípios básicos a seguir. Um deles, que se aplicava ao momento, refletiu, era que se um homem não entendia o que estava acontecendo, e a falta de compreensão significava encrenca, certa distância era recomendável.

Sentia que a mesma regra se aplicava a... relacionamentos pessoais entre homens e mulheres, o que estranhamente, dadas as circunstâncias, também era o caso.

Mantivera-se longe de Laurel e, embora isso não tivesse lhe proporcionado uma maior compreensão da situação, só podia esperar que a tivesse acalmado.

Não achava ruim brigar, porque, de um lado, as discussões mantinham o dinamismo das coisas e, de outro, muitas vezes desanuviavam o ambiente. Mas gostava de conhecer as regras da luta. Nesse caso, não tinha a menor ideia de quais eram.

Estava acostumado ao mau gênio de Laurel, a seu temperamento impulsivo. E os ataques verbais a ele não eram nenhuma novidade.

Mas beijá-lo do nada? Isso era totalmente inédito. Não conseguia parar de pensar nisso, e pensar não o ajudara a chegar a conclusão nenhuma.

O que o deixava muito irritado.

Conclusões, soluções, alternativas, acordos – tudo isso fazia parte do seu trabalho. E ele simplesmente não conseguia juntar as peças desse quebra-cabeça de sua vida pessoal.

No entanto, não podia manter distância para sempre. Não só gostava de aparecer quando podia, como o fluxo constante do negócio com Parker e a sociedade na empresa exigiam atenção.

Uma semana era tempo suficiente para as coisas se acalmarem, decidiu. Eles teriam que lidar um com o outro. De alguma forma. E fariam isso, é claro. Não era tão difícil. Não era nada difícil, disse a si mesmo enquanto virava o carro para a longa entrada de automóveis da propriedade. Eles só haviam tido uma briga – com elementos incomuns. Laurel tentara provar um argumento. De certo modo, ele entendera. Tendia a pensar nela – em todas elas – como responsabilidade sua, e isso a irritava.

Ela que ficasse aborrecida à vontade por ele ser responsável por todas. Era o irmão de Parker e o advogado delas. E, em virtude de circunstâncias que nenhum deles podia controlar ou mudar, era o chefe da família.

Mas tentaria ser mais sutil em relação a essa responsabilidade.

Embora não se intrometesse nos assuntos dela a cada cinco minutos.

Ainda assim, disse a si mesmo, poderia tentar se conter um pouco. Sem dúvida ela deixará seu ponto de vista claro. Não era irmã dele. Mas isso não significava que não era parte da família e, droga, ele tinha todo o direito de...

Pare, ordenou a si mesmo. Não chegariam a lugar nenhum se fosse falar com ela já procurando encrenca. Era melhor estudar o terreno e deixá-la conduzir a conversa.

Então poderia trazê-la de volta ao lugar no qual os dois se encaixavam. Sutilmente, lembrou a si mesmo.

De onde diabo tinham vindo todos aqueles carros? Era terça-feira à noite, e não conseguia se lembrar de nada programado na Votos. Deu a volta para estacionar ao lado do estúdio de Mac, saiu e olhou para a casa com uma careta. Sem dúvida estava acontecendo algum evento. Podia ver o trabalho de Emma nos arranjos de ores elaborados ao redor do pórtico e ouvir – até mesmo a distância – o alarido e as vozes da festa.

Por um momento, limitou-se a ficar onde estava, observando. Luzes brilhavam nas janelas, transformando a casa em uma celebração de boas-vindas. Hospitalidade com um toque de elegância. Sempre tinha sido assim. Seus pais adoravam receber pessoas – em pequenas reuniões íntimas e em festas grandes e elegantes. Supunha que Parker adquirira suas habilidades de forma natural. No entanto, quando chegava inesperadamente em casa – e ainda era a casa dele –, sentia aquela rápida pontada, aquela tristeza profunda pelo que perdera. Pelo que todos eles haviam perdido.

Pegou o caminho que contornava a casa e optou por entrar pela porta lateral, com fácil acesso à cozinha da família.

Esperara encontrar a Sra. Grady lá, fazendo alguma coisa no fogão, mas só havia uma luz acesa no cômodo vazio. Foi até a janela e ficou observando alguns dos convidados reunidos no terraço e passeando pelos jardins.

Julgou que eles estavam relaxados, sentindo-se em casa, impressionados. Infundir essas qualidades em um evento era outra das habilidades de Parker, ou da combinação do Quarteto.

Avistou Emma e reconheceu alguns funcionários do bufê carregando toalhas, ores e arranjos. Um ajuste de última hora, presumiu. Rápido e eficiente, notou, enquanto Emma conversava com alguns dos convidados. Era toda sorrisos e calor humano. Ninguém diria que sua mente já estava concentrada na próxima tarefa. Emma e Jack, refletiu. Isso é que era um ajuste de última hora para ele. Seu melhor amigo e uma das suas garotas. Enquanto pensava nisso, Jack saiu carregando uma bandeja com velas pequenas. Ajudando, reparou Del, como todos eles faziam de vez em quando. Mas aquilo era diferente, disse a si mesmo, ao lhe ocorrer que era a primeira vez desde que os dois

tinham se tornado um casal que os observava sem que se dessem conta da sua presença.

Os olhares que trocavam, sim, eram diferentes. O modo como Jack roçava a mão no braço dela, de forma casual e íntima, como um homem fazia quando precisava tocar em algo que amava.

O que havia entre eles era uma coisa boa, concluiu. E acabaria se acostumando com isso.

Enquanto isso, estava ali e havia uma festa. Bem que poderia ir para o Salão de Baile e ajudar também.

Ela havia trabalhado arduamente, pensou Laurel, e poucas coisas eram mais gratificantes do que ver sua obra sendo devorada. Agora que o bolo fora cortado e os pratos de sobremesa estavam arrumados, deixou o serviço para o pessoal do bufê e tirou um minuto para tomar fôlego. A música tocava e os que não estavam aglomerados ao redor das mesas de sobremesas aproveitavam. Dezenas de outras pessoas estavam sentadas às mesas, a maioria ainda bebendo ouzo.

Oba!

Maravilha, maravilha, pensou. Tudo sob controle. E o momento perfeito para escapular por cinco minutos e tirar os sapatos. Olhou ao redor em busca de possíveis problemas enquanto se dirigia à porta.

– Srta. McBane?

Faltava tão pouco..., pensou ela, mas se virou e deu seu sorriso profissional.

– Pois não? Em que posso ajudá-lo?

– Nick Pelacinos – apresentou-se ele, estendendo-lhe a mão. – Primo da noiva. E definitivamente lindo, observou Laurel, ao cumprimentá-lo. Um deus grego bronzeado com olhos cor de âmbar derretido e um furinho no queixo.

– Prazer em conhecê-lo. Espero que esteja se divertindo.

– Seria um idiota se não estivesse. Vocês fizeram uma festa maravilhosa. Sei que deve estar ocupada, mas minha avó gostaria de dar uma palavrinha com você. Ela está reunida com seus súditos ali.

Ele apontou para a mesa principal, cheia de pessoas, bebidas, comida e ores – e inquestionavelmente comandada pela matriarca de cabelos grisalhos e olhar penetrante. A famosa avó, pensou Laurel.

– Claro.

Ela o acompanhou, perguntando-se se deveria pedir reforços a Parker.

– Em geral ela e meu avô só vêm aos Estados Unidos a cada um ou dois anos – disse-lhe Nick. – Normalmente exigem que os visitemos, de modo que esta viagem é um acontecimento importante para a família.

– Entendo.

– Pelo que sei, você e suas sócias conseguiram organizar tudo isto em menos de uma semana. Incrível! Sério. Eu ajudo a administrar os restaurantes da família em Nova York, então tenho uma boa ideia do esforço que isto exigiu.

Ela reviu mentalmente o relatório que Parker fizera da família.

– Papa's. Comi no de West Side.

– Precisa voltar lá, e me avise quando for. O jantar é por minha conta. Yaya, vovó, aqui está a Srta. McBane.

A mulher inclinou a cabeça de maneira régia, com o mais leve dos movimentos.

– Estou vendo.

– Srta. McBane, minha avó, Maria Pelacinos.

– Stephanos. – Maria deu um tapinha no braço do homem ao seu lado. – Deixe a moça se sentar.

– Por favor, não se incomode – disse Laurel.

– Levante-se, levante-se.

Ela fez um sinal para o homem sair e apontou para a cadeira.

– Aqui, perto de mim.

Nunca discuta com um cliente, lembrou Laurel a si mesma, e se acomodou na cadeira vazia.

– Ouzo – pediu a mulher, e quase de imediato um copo foi posto em sua mão. Ela o colocou na frente de Laurel.

– Vamos brindar ao seu baclavá.

Erguendo o próprio copo, ela arqueou uma sobrancelha imperial para Laurel. Sem ter muita escolha, Laurel levantou o copo, se preparou e bebeu. Depois, conhecendo o costume, bateu com o recipiente na mesa.

– Opa.

Ganhou uma rodada de aplausos e um gesto de aprovação de Maria.

– Você tem talento. É preciso mais do que mãos e ingredientes para fazer comida de qualidade. São necessários um coração aberto e uma boa cabeça. Sua família é grega?

– Não, senhora.

– Ah. – Ela ignorou a resposta. – Todos têm família grega. Vou lhe dar minha receita de lathopita, nossa torta grega de semolina, e você a fará para o casamento da minha neta.

– Eu adoraria. Obrigada.

– Acho que você é uma boa moça. Então dance com meu neto. Nick, convide a moça para dançar.

– Na verdade, eu tenho que...

– É uma festa. Vá dançar! Ele é um bom rapaz, e bonito. Tem um bom emprego e é solteiro.

– Bem, nesse caso... – disse Laurel, fazendo Maria rir.

– Vá, vá dançar. A vida é mais curta do que você pensa.

– Ela não vai aceitar um não como resposta. Nick estendeu-lhe a mão.

Uma dança, pensou Laurel. Era só o que seus pés doloridos aguentariam. E realmente queria aquela receita.

Deixou Nick conduzi-la à pista enquanto a banda começava a tocar uma música lenta.

– Pode não parecer – começou ele enquanto a pegava nos braços –, mas minha avó lhe fez um grande elogio. Ela provou um pouco de tudo e está convencida de que você é grega, porque não poderia ter feito sobremesas gregas tradicionais com tanta habilidade se não fosse. – Ele a girou elegantemente. – E você e suas sócias salvaram a família de uma enorme discussão. Obter a aprovação dela para este local não foi fácil.

– E se yaya não está feliz...

– Exatamente. Você costuma ir muito a Nova York?

– De vez em quando... – Os saltos de Laurel a deixavam quase da mesma altura dele, e isso proporcionava um bom equilíbrio para a dança, concluiu. – A Votos nos mantém perto de casa. Também deve ser assim com você. Trabalhei em restaurantes enquanto estudava, e antes de o nosso negócio decolar. É uma área que exige muito.

– É um ciclo de crises, drama e caos. Ainda assim, yaya está certa. A vida é mais curta

do que pensamos. Se eu ligar para você um dia desses, talvez possamos nos afastar um pouco do trabalho.

Pausa nos encontros, lembrou Laurel a si mesma. Mas... podia ser uma boa ideia acabar com isso para exterminar sua obsessão por Del.

– Talvez possamos.

A música terminou, e com alarde e aplausos a banda passou para a tradicional dança circular grega. Laurel começou a se afastar, mas Nick continuou a lhe segurar a mão.

– Você não pode perder essa.

– Eu preciso mesmo ir. Além disso, só a assisti em eventos, nunca a dancei.

– Não se preocupe, eu vou conduzi-la.

Antes que Laurel pudesse arranjar mais uma desculpa, outra pessoa pegou sua mão livre e ela estava no círculo.

Que se dane, decidiu. É uma festa.

Del apareceu durante a dança lenta e olhou ao redor automaticamente, procurando Parker. Ou foi o que disse a si mesmo. Viu Laurel quase de imediato.

Dançando. Com quem ela estava dançando? Não deveria estar dançando com um homem que ele não conhecia... Deveria estar trabalhando.

Será que levará um acompanhante? Parecia que eles se conheciam, considerando o modo como se moviam juntos – e como ela sorria para ele.

– Del, eu não esperava que você aparecesse hoje.

Parker se aproximou dele a passos largos e lhe deu um beijo na bochecha.

– Só passei aqui para... Quem é aquele?

– Quem?

– Com Laurel. Dançando.

Confusa, Parker olhou e viu a amiga na multidão.

– Não sei ao certo.

– Ele veio com ela?

– Não. É um dos convidados. Estamos dando uma espécie de recepção pós-noivado e pré-casamento. Longa história.

– Desde quando vocês dançam nos eventos?

– Depende das circunstâncias. – Ela o olhou e comentou em voz baixa, sob o som da música e das vozes: – Hum, eles ficam bem juntos.

Del apenas deu de ombros e pôs as mãos nos bolsos.

– Não é muito inteligente encorajarem os convidados a paquerar vocês.

– Encorajar é uma palavra discutível. Em todo caso, Laurel sabe cuidar de si mesma. Ah, eu adoro quando eles fazem a dança tradicional – acrescentou quando a música mudou. – É tão alegre! Olhe para Laurel! Ela pegou o jeito.

– Ela sempre foi boa com os pés – resmungou Del.

Laurel ria e não aparentava nenhuma dificuldade com os passos ou o ritmo. Parecia diferente, pensou Del. Não sabia exatamente como. Não, não era isso; ele a estava vendo de um modo diferente. Estava olhando para ela através daquele beijo. Aquilo tinha mudado as coisas – e a mudança o deixava desconfortável.

– Preciso dar outra circulada.

– O quê?

– Preciso dar outra circulada – repetiu Parker, inclinando a cabeça para estudá-lo com atenção.

Del franziu as sobrancelhas.

– O que foi? Por que está me olhando assim?

– Nada. Se quiser, pode se misturar aos convidados. Ninguém nessa multidão vai se importar. Ou, se quiser algo para comer antes da sobremesa, pode descer até a cozinha.

Ele começou a dizer que não queria nada, mas percebeu que isso não era totalmente verdade. Não sabia o que queria.

– Talvez. Só estou dando uma passada. Não sabia que vocês estavam trabalhando hoje. Ou a maioria de vocês – corrigiu-se quando Laurel passou girando.

– Foi algo de última hora. Ainda temos mais um tempo pela frente. Se quiser, pode ir para a sala e me esperar lá.

– Acho que vou andando.

– Bem, se mudar de ideia, vejo você depois.

Del decidiu que queria uma cerveja, e se a quisesse sem a obrigação de ajudar, teria que pegar na cozinha da família em vez de nos bares do evento.

Devia apenas ir para casa e beber lá, disse a si mesmo ao começar a descer a escada. Mas não queria ir para casa, não com a imagem de Laurel dançando como se tivesse nascido na Grécia. O jeito, então, era pegar uma cerveja, encontrar Jack e ficar ali por uma hora. Carter também devia estar por perto. Beberia uns goles, encontraria os amigos e se divertiria um pouco com eles.

O melhor modo de tirar uma mulher da cabeça de um homem era sentar e beber uma cerveja com os amigos.

Voltou à cozinha da família e encontrou uma Samuel Adams na geladeira. Exatamente o que ele precisava. Depois de abri-la, olhou pela janela de novo para ver se conseguia avistar um dos amigos. Mas no terraço, agora iluminado por velas e luzes coloridas, só havia estranhos.

Deu um gole na bebida e ficou pensando. Por que diabo estava inquieto? Havia um monte de coisas que podia estar fazendo além de ficar ali em uma cozinha vazia, bebendo e olhando para estranhos pela janela.

Devia ir para casa e pôr o trabalho em dia. Ou se lixar para o trabalho e assistir a um jogo. Estava tarde demais para ligar para alguém com um convite para jantar ou beber – e, droga, não estava a fim de ficar sozinho.

Com os sapatos nas mãos, caminhando em silêncio, Laurel entrou na cozinha. Ficar sozinha era exatamente o que queria. Em vez disso, viu Del em pé à janela parecendo o homem mais solitário do mundo.

Aquilo não combinava com o que sabia dele. Nunca pensara em Del como um solitário. Ele conhecia todo mundo e vivia cercado por tantas pessoas que muitas vezes ela se perguntava por que ele não escapava para algum lugar em busca de um pouco de paz.

Mas agora Del parecia totalmente só, isolado e triste.

Parte dela quis se aproximar, abraçá-lo e consolá-lo pelo que quer que estivesse lhe dando aquele ar melancólico. Em vez disso, seu instinto de sobrevivência falou mais alto e ela começou a sair da cozinha.

Del se virou e a viu.

– Desculpe, não sabia que você estava aqui. Precisa falar com Parker?

– Não. Eu encontrei com ela lá em cima. – Del ergueu as sobrancelhas ao vê-la descalça.

– Acho que toda aquela dança maltratou seus pés.

– Hã? Ah... Não dancei tanto assim, mas em um fim de dia como este o cansaço se acumula. – Laurel decidiu superar logo aquilo e se desculpar: – Já que você está aqui, quero dizer que passei dos limites na outra noite. Não devia tê-lo atacado daquele jeito.

Má escolha de palavras, pensou.

– Entendo que você tenha certo senso de... dever – continuou ela, embora quase não tivesse conseguido pronunciar a última palavra. – Gostaria que não tivesse, e não posso evitar ficar irritada com isso assim como você não pode evitar agir dessa forma. Portanto, é inútil brigar por causa disso.

– Ahã.

– Se isso é o melhor que você pode fazer, vou considerar tudo coisa do passado. Del ergueu um dedo enquanto tomava outro gole de cerveja. E a observou.

– Não exatamente. Estou me perguntando por que sua irritação assumiu aquela forma em particular.

– Olhe, você estava agindo do modo como sempre age, e isso me irritou, então eu disse coisas que não deveria ter dito. Como as pessoas fazem quando estão irritadas.

– Não estou me referindo ao que você disse, mas ao que fez.

– É tudo parte de um todo. Eu estava louca de raiva. Desculpe. É pegar ou largar.

Agora ele estava sorrindo e ela sentiu o sangue começar a entrar em ebulição.

– Você já ficou louca de raiva de mim antes, mas nunca me beijou assim.

– É como os meus pés.

– Não entendi.

– É um efeito cumulativo. É irritante quando você age como um sabichão, e, como faz isso há anos, a irritação aumentou, e aí... aquilo foi para provar o que eu penso.

– E o que você pensa? Acho que não entendi.

– Não sei por que você está dando tanta importância a isso. – Ela sentiu a irritação aumentar, assim como o calor da vergonha em suas bochechas. – Somos adultos. Foi só um beijo e uma alternativa não violenta a lhe dar um soco na boca. Que é o que eu deveria ter feito, em vez disso.

– Muito bem, vamos ver se eu entendi direito. Você estava irritada comigo. Disse que a

irritação aumentou ao longo dos anos. E que suas ações foram uma alternativa a me dar um soco no rosto. É isso?

– Sim, Excelência, chegou bem perto. Quer que eu pegue uma Bíblia e jure sobre ela? Pelo amor de Deus, Del!

Ela foi até a geladeira e a abriu para pegar uma garrafa d'água. Era provável que existisse alguém que a irritasse mais que Delaney Brown, mas naquele momento ele encabeçava a lista. Ela abriu a tampa da garrafa com um giro raivoso do pulso enquanto se virava e se chocou contra ele.

– Pare com isso.

Ela teria chamado aquilo de pânico, mas seu temperamento seguiu um rumo diferente.

– Você abriu a porta. A real e a metafórica. – Del apontou para a geladeira aberta. – Aposto que agora também está irritada.

– Sim, agora estou irritada.

– Bom. Já que estamos na mesma sintonia e eu sei como isso funciona...

Ele a agarrou pelos braços e a puxou para cima até que Laurel ficasse na ponta dos pés.

– Nem pense em...

Foi tudo o que ela conseguiu dizer antes de seu cérebro parar de funcionar.

O calor, o encontro de bocas, contrastava com o ar frio em suas costas. Ela se sentiu presa entre o gelo e o fogo, incapaz de se mover em qualquer uma das direções enquanto ele a mantinha equilibrada naquela fina e frágil fronteira.

Então Del deslizou as mãos para baixo, em direção à cintura dela, e o beijo lentamente se transformou em pura luxúria. O corpo de Laurel amoleceu e sua mente ficou enevoada quando ele a puxou apenas um pouco mais para perto.

O som que Del ouviu-a emitir, uma espécie de ronronar, não indicava raiva, mas rendição. A surpresa que Laurel guardava, como um presente embrulhado há anos, se abriu. Del desejou afastar aquelas camadas cuidadosa e minuciosamente e descobrir mais.

Laurel mudou de posição e acabou derramando a água gelada da garrafa nos dois. Del se afastou e olhou para as camisas molhadas de ambos.

– Opa.

Laurel piscou, perplexa. Mesmo quando Del sorriu, ela se afastou atabalhoadamente.

Gesticulou com a garrafa, o movimento desastrado o suficiente para derramar mais água.

– Bem, então... agora estamos empatados. Preciso voltar. Preciso. – Ela passou a mão na camisa molhada. – Droga.

Virou-se e fugiu.

– Ei. Você esqueceu os sapatos...

Mas ela já tinha saído.

Del fechou a geladeira e pegou a cerveja que pusera sobre o balcão.

Estranho, pensou ao se encostar de novo no balcão da cozinha silenciosa. Sentia-se melhor. Na verdade, sentia-se muito bem.

Examinou os sapatos que Laurel deixara no chão. Achou-os sexy, sobretudo quando comparados aos trajes de trabalho que ela usava. Perguntou a si mesmo se aquilo fora uma combinação deliberada ou um impulso.

E não era um pouco estranho estar pensando nos sapatos dela? Mas já que estava... Divertido, ele abriu a gaveta para pegar um caderno de anotações.

Estamos empatados?, pensou enquanto escrevia um bilhete. Não estava interessado em um empate.

De manhã, Laurel optou por nadar em vez de se exercitar na sala de ginástica.

Disse a si mesma que só queria uma mudança, mas teve que admitir que a alteração de planos permitia evitar Parker até pensar no que falar. Ou decidir se diria alguma coisa.

Provavelmente era melhor deixar aquilo para lá, decidiu, ao dar uma virada olímpica na piscina para iniciar outra volta. Na verdade, não havia nada para contar. A veia competitiva de Del era muito forte. Ela o havia beijado, por isso ele a beijara de volta. Em dobro. Del era assim. Decidira colocá-la em seu lugar – isso era típico dele.

E aquele sorriso? Deu um impulso mais forte para outra volta. Aquele sorriso estúpido, presunçoso e superior? Isso também era típico dele. Idiota. Era ridículo acreditar que sentia algo por ele. Só havia perdido a cabeça por um minuto. Ou quase uma década. Mas quem estava contando? Tinha se curado. Estava bem. Tudo normal.

Quando chegou ao fim da raia de novo, fechou os olhos e se deixou afundar.

Depois das voltas exaustivas, a sensação de leveza era perfeita. Deixar-se levar, como se fosse em sua vida pessoal. E aquilo era bom, realmente bom. Não precisava de forma, função e estrutura em todas as áreas.

Era bom ser livre para fazer o que queria quando o dia terminava ou, no caso, antes de começar. Não ter que dar satisfações a ninguém além de si mesma. Não precisava de tudo determinado e definido. Nem mesmo queria que fosse assim. Del

– a situação com Del – fora apenas um acidente. Agora tudo estava bem, pensou. Tudo melhor.

Mergulhou a cabeça, jogou os cabelos para trás ao alcançar a escada e deu um grito quando Parker se aproximou com uma toalha.

– Meu Deus, você me assustou. Não sabia que estava aí.

– Então fomos duas a nos assustar. Por um minuto me perguntei se deveria pular e tirar você da água.

Laurel pegou a toalha.

– Eu só estava me deixando levar. Fazendo uma mudança no ritmo acelerado dos últimos dias. Acho que nós nunca nos deixamos levar o suficiente, só isso.

– Certo, vou pôr isso na lista.

Laurel riu e enrolou a toalha na cintura.

– Não duvido nada. Por que já está vestida? Que horas são?

– Quase oito. Imagino que você está se deixando levar há algum tempo.

– Acho que sim. Foi uma noite agitada.

– Foi mesmo. Você viu Del?

– Por quê? Sim, mas por quê?

– Porque ele estava aqui e por algum tempo você se ausentou do seu posto sem licença.

– Não me ausentei do meu posto, capitã. Só fiz um intervalo.

– E trocou de camisa.

Algo parecido com culpa começou a tomar conta de Laurel.

– Ela estava suja. Por quê?

– Curiosidade. – Parker estendeu-lhe um envelope. – Isto estava no balcão da cozinha. A Sra. G. me pediu para lhe entregar.

– Bem, por que ela apenas não... Ah.

Laurel parou ao reconhecer a letra de Del.

– Não quer saber o que diz? Eu quero. – Parker ficou parada bloqueando o caminho e sorrindo alegremente. – Se eu quisesse ser educada, voltaria lá para dentro e lhe daria privacidade para ler isso. Mas não sou assim tão madura.

– Não é nada. Tudo bem.

Sentindo-se uma tola, Laurel abriu o envelope.

Você pode pensar que isto acabou, mas está enganada. Sequestrei seus sapatos. Entre em contato comigo em até 48 horas ou será o fim dos Prada.

Laurel emitiu um som entre uma risada e um xingamento enquanto Parker lia por cima do seu ombro.

– Ele levou seus sapatos?

– Aparentemente sim. O que devo fazer? – Laurel balançou o bilhete. – Decidi que ia me deixar levar pela corrente e agora ele está cheio de joguinhos. Acabei de comprar aqueles sapatos.

– Como foram parar com ele?

– Não é o que você está pensando. Eu os tirei, ele estava lá e os esqueci depois de... nada. Foi uma espécie de pagamento na mesma moeda.

Parker assentiu com a cabeça.

– Na sua moeda ou na dele?

– Não foi nada disso, mente suja. Eu me desculpei por atacá-lo, mas ele não se satisfaz com isso e começou a me interrogar. Uma coisa levou a outra na geladeira. É difícil explicar.

– Obviamente.

– Ele só está bancando o espertinho. Pode ficar com os malditos sapatos.

– É mesmo? – Parker sorriu, os olhos plácidos. – Porque isso me faria pensar, e talvez ele também, que você está com medo de lidar com a questão. Com ele. Com qualquer parte disso.

– Pois não estou, e não me venha com essa. – Laurel tirou a toalha do corpo para esfregá-la furiosamente nos cabelos. – Eu só não quero ficar remexendo nisso.

– Porque é difícil se deixar levar quando as coisas estão remexidas.

– Isso mesmo. De qualquer modo, tenho sapatos melhores. Não vou lhe dar o gostinho de entrar no jogo bobo dele.

Parker sorriu de novo.

– Os homens são tão bobos...

Laurel revirou os olhos.

– Ele é seu irmão – murmurou, e andou a passos largos na direção da casa.

– Sim, é. – Parker se perguntou quanto tempo demoraria para sua melhor amiga ceder. Mais de 24 horas, disse a si mesma. Menos de 48.

O celular em seu bolso tocou. Ela olhou para o visor enquanto atravessava o gramado.

– Bom dia, Sybil. Em que posso ajudá-la?

Capítulo Seis

SEMPRE HAVIA UM MODO de obter informações. Na opinião de Parker, informações não eram apenas poder, mas o caminho para a eficiência – e, em seu mundo, a eficiência governava tudo. Para fazer algo bem-feito e com eficiência, primeiro tinha que se inteirar dos detalhes e dos fatos.

E, sempre que possível, fazer várias coisas ao mesmo tempo.

No caso do sequestro dos sapatos, a primeira tarefa do dia era levar Del para dar uma volta de carro. Isso não seria difícil, particularmente porque optara por usar o mecânico dele para a manutenção do próprio automóvel. Malcolm Kavanaugh podia ser um homem simplório e arrogante, mas era ótimo no que fazia, e isso era o mais importante. E ajudava o fato de ser amigo de Del.

Com um fim de semana repleto de eventos, começando com o ensaio naquela noite, ela podia muito bem dizer a Del que precisava de uma carona porque nenhuma das sócias estava com tempo para levá-la.

É claro que podia telefonar para meia dúzia de outras pessoas ou chamar um táxi, pensou enquanto retocava o batom. Mas o favor faria Del se sentir o grande irmão – um papel de que ele gostava – e lhe daria a oportunidade de sondá-lo, já que Laurel se fechara.

Examinou o conteúdo de sua bolsa e depois a agenda em seu celular.

Falar com Del. Buscar o carro. Almoçar com clientes, pegar as roupas na lavanderia, ir ao supermercado, voltar lá pelas quatro e meia e se preparar para o ensaio.

Deu uma voltinha diante do espelho. Os clientes eram importantes, e como haviam marcado o almoço no clube de campo que frequentavam, era importante se vestir corretamente.

O vestido de verão amarelo-claro unia com perfeição o casual e o profissional, pensou ela. Joias discretas, mas a mãe da cliente, com seus olhos de águia, veria que eram verdadeiras, o que contaria a seu favor. Deixara os cabelos soltos para variar um pouco e transmitir um ar jovial e amigável. Nada estava exagerado, nada chamava atenção demais. Uma organizadora de casamentos nunca ofuscava o brilho da noiva. Satisfeita, acrescentou um suéter branco fino para enfrentar o ar-condicionado se os clientes decidissem almoçar dentro do clube.

Dez minutos antes da hora marcada com seu irmão, ela desceu a escada. A casa que adorava parecia muito grande e silenciosa àquela hora da manhã, sem nenhum cliente agendado, nenhum evento que exigisse seu tempo e sua atenção. As orelhas de Emma

perfumavam o ar em grandes arranjos ou lindos mostruários pequenos, e algumas das fotos de Mac se misturavam com as obras de arte nas paredes.

Ela havia mudado pouca coisa ali: apenas levava os itens mais pessoais para seus aposentos particulares ou para os de Laurel. Ainda assim, a casa continuava muito parecida com um lar feliz que testemunhara centenas de comemorações. E discussões, pensou ela, ajeitando uma tigela. Risos, lágrimas, dramas e tolices.

Não se lembrava de já ter se sentido solitária naquela casa, ou desejado estar em outro lugar.

Olhou para o relógio de pulso, fez um cálculo mental e decidiu ir falar com Laurel.

Encostada no balcão, a amiga amassava fondant. Perto dela, seis camadas de bolo já assadas esperavam em suas grades. Como Laurel escolhera um programa de entrevistas matutino em vez de música, Parker percebeu que ela queria se distrair.

– Vou dar uma saída – anunciou Parker. – Precisa de alguma coisa?

Laurel a olhou de relance.

– Essa cor ficou linda em você.

– Obrigada. Faz com que eu me sinta radiante.

– E está radiante. Você poderia me trazer uns 2 quilos de morangos? Bem frescos. Não compre todos totalmente vermelhos e maduros. Traga misturados. Assim não precisarei sair à tarde.

– Sem problemas. – Parker pegou o celular para incluir o pedido na lista. – Tenho mesmo que passar no mercado depois da reunião com Jessica Seaman e a mãe dela, no almoço.

– Certo.

Laurel parou de amassar e cruzou as mãos.

– A mãe da noiva quer discutir o cardápio e as músicas. Isso é para amanhã à noite? – perguntou enquanto Laurel polvilhava a superfície do balcão com amido de milho.

– É. Seis andares, fondant, saia plissada e orquídeas de pasta de goma combinando com a flor predominante. – Ela estendeu a primeira folha de fondant. – Ué, eu pensei que seu carro estivesse na oficina.

– Está, e já ficou pronto. Del vai me deixar lá.

– Ah.

Franzindo as sobrancelhas – à menção de Del ou por causa das bolhas de ar que avistou –, Laurel furou as pequenas bolhas com um alfinete.

– Algum recado para ele ou seus sapatos?

– Engraçadinha. – Trabalhando rápido, Laurel ergueu o fondant com as duas mãos e o pôs sobre a primeira camada. – Você poderia lhe dizer para parar de ser tão ridículo e devolver os meus sapatos.

– Está bem.

– Não, não diga nada. – Ela deu de ombros e depois alisou o topo e os lados do fondant, eliminando mais bolhas de ar. – Não preciso dos sapatos. Já os esqueci.

– Claro.

Laurel pegou um cortador de pizza e o balançou na direção da amiga.

– Conheço seus joguinhos, Parker. Você está tentando me irritar para eu ligar para ele e falar sobre isso. Não vai funcionar.

– Está bem. – Parker sorriu tranquilamente enquanto Laurel passava o cortador ao redor da base do bolo para tirar o excesso de fondant. – Ele vai chegar daqui a um minuto. Vou trazer seus morangos.

– Tamanhos e formas variados – disse Laurel.

– Certo.

Parker voltou para a frente da casa, feliz em saber que conseguira fazer o que planejava. Laurel trabalharia durante o resto do dia pensando em Del e nos sapatos.

Saiu, pôs os óculos escuros e desceu pelo caminho de pedestres justamente quando Del chegava.

– Bem na hora – comentou ele.

– Você também.

– Somos Browns. Obcecados com pontualidade.

– Eu considero isso uma virtude e uma habilidade. Obrigada por me levar, Del.

– Sem problemas. Vou visitar um cliente e depois encontrar com Jack para o almoço. Está tudo certo.

– Multitarefa. A chave para tudo. Sapatos novos? – perguntou ela.

– Não. – Ele a olhou de relance enquanto fazia a curva para sair da entrada de veículos.
– Por quê?

– É que fiquei sabendo que você adquiriu uns sapatos novos sensacionais recentemente.

– Ah. – Os cantos da boca de Del se torceram em um sorriso divertido. – Não são do meu tamanho. Além disso, andar por aí de salto alto dá câibras nos meus dedos.

Ela o cutucou no braço.

– Levando os sapatos de Laurel. Quando vai parar de se comportar como se tivesse 12 anos?

– Nunca. – Ele pôs a mão no coração como se fizesse um juramento. – Ela está irritada ou achando graça?

– As duas coisas, e ao mesmo tempo nenhuma das duas. Eu diria que ela está confusa.

– Missão cumprida, então.

– Isso é tão a sua cara! Por que quer confundi-la?

– Foi ela que começou.

Parker abaixou os óculos para olhá-lo por cima do aro.

– Acho que você acabou de regredir para os 8 anos. Começou o quê? Ele lhe retribuiu o olhar.

– Posso ter 8 anos, mas conheço você e seu bando. Você sabe o que ela começou e agora está tentando me convencer a contar meu lado da história.

– Não tenho que convencê-lo e você não precisa me contar. Desculpe – acrescentou ela quando seu telefone tocou. – Oi, Shawna! Acabei de falar com Laurel e ela estava na cozinha terminando o seu bolo. Vai ficar lindo. Certo. Ahã. Não, não, não se preocupe. Vou ligar para meu agente de viagens e... Hum, isso foi engenhoso. Você tem o novo número do voo dele? Sim.

Durante a conversa, ela pegou um bloco e uma caneta e repetiu a informação enquanto anotava.

– Vou dar uma conferida, só para ter certeza de que está no horário, e providenciar que um carro o busque e traga para o ensaio. Não, isso não será um problema. Deixe comigo. Vejo você hoje à noite. Relaxe, está tudo sob controle. Vá fazer suas unhas e não se preocupe com nada. Sim, eu também. Tchau. – Parker virou-se para Del e explicou, enquanto deixava o bloco de lado: – O voo do padrinho do noivo foi cancelado. Ele está sendo realocado em outro. Vai chegar um pouco atrasado hoje à noite.

- Por um minuto eu fiquei preocupado.
- Laurel está certa. Você é um sabichão.
- Foi isso que ela disse?

Dando de ombros com indiferença, Parker guardou o celular.

– Ok, ok, seus métodos de tortura são eficientes e cruéis. Laurel mudou as regras do jogo, e agora estou pensando se devo me adaptar a elas. Não tenho certeza de que é uma boa ideia, mas... Bem, é uma ideia. O que você acha?

– Acho que vocês dois estão tentando ficar no comando e por isso vão brigar como cães raivosos ou se apaixonarem loucamente. Talvez as duas coisas, porque ambos estão partindo de sentimentos fortes e duradouros um pelo outro. E esses sentimentos vão mudar se vocês... se adaptarem.

– Não quero brigar nem me apaixonar loucamente. Só estou explorando uma possível nova dinâmica. Isso é estranho para você?

Interessante ambos lhe fazerem a mesma pergunta, pensou ela.

– Ainda não sei. Quando Laurel entrar em contato com você para falar sobre os sapatos, o que ela fará, embora pense que não, não tripudie.

– Só em meu íntimo. – Ele entrou no estacionamento da oficina. – Ela vai falar comigo?

– Ela adora daqueles sapatos. Além disso, decidirá que não falar com você é deixá-lo vencer. – Parker se inclinou e lhe beijou a bochecha. – Obrigada pela carona.

– Posso esperar você. Mal deve estar por aqui em algum lugar, então posso fazer hora com ele até você terminar.

– Não é preciso. – Se Del falasse com Malcolm, Malcolm saberia que ela estava lá e certamente teria algo a dizer. Preferia evitar isso, e a ele também. – Eu liguei antes, então eles sabem que eu estou a caminho.

– É claro que ligou. Bem, se encontrar com Mal, diga que eu falo com ele no pôquer hoje à noite.

– Ahã. Apareça para jantar na semana que vem. – Ela saiu do carro. – Faremos uma grande refeição em família. Vou ver a agenda de todos e aí aviso que noite é melhor, se você estiver livre.

– Combinado. Ei, Parker, você está bonita.

Ela sorriu.

– Só tire os olhos dos meus sapatos.

Fechou a porta à risada dele e entrou no escritório da oficina.

A mulher cansada com cabelos cor de abóbora e óculos de aro verde sentada atrás do balcão usando o telefone fez um leve sinal com a cabeça indicando que Parker entrasse. Algumas perguntas discretas tinham desvendado que se tratava da mãe de Malcolm.

Não que isso fosse particularmente importante, mas Parker gostava de saber com quem estava lidando.

– Certo, amanhã à tarde. A partir das duas. Olhe, meu amigo, a peça acabou de chegar e o rapaz só tem duas mãos. – Ela revirou os olhos muito verdes, da mesma cor dos do filho, para Parker enquanto bebia um gole de refrigerante direto da garrafa. – Quer que seja rápido ou direito? Ele avisou que demoraria um dia para a peça chegar. Eu ouvi. Talvez devesse comprar uma americana. Se ficar pronto antes, eu ligo. É o melhor que posso fazer. Sim, tenha um ótimo dia. Idiota – acrescentou ao desligar. – Todos acham que o mundo gira ao redor deles – comentou ela com Parker. – Todos são o centro do maldito universo.

Então ela suspirou e depois sorriu – um sorriso singularmente doce.

– Você está lindíssima e jovial hoje.

– Obrigada. Vou encontrar com uma cliente.

– Estou com sua conta aqui. Fechei e imprimi depois que você ligou. Estou pegando o jeito desse maldito computador.

Parker se lembrou do primeiro encontro delas e da frustração da Sra. Kavanaugh. “Você realmente consegue ganhar tempo depois que aprende o programa.”

– Bem, agora só demoro um terço do tempo que levava para digitar as coisas. Aqui está.

– Ótimo.

Parker se aproximou para olhar.

– Eu conheci a sua mãe, sabia?

– Ah, é?

– Agora que estou reparando melhor, você tem o jeito dela. Sua mãe era uma verdadeira dama. Do tipo que não precisa ser esnobe para mostrar isso.

– Ela teria gostado dessa descrição. – Satisfeita com a conta, Parker pegou seu cartão de crédito. – Acho que a senhora também conhece Maureen Grady. É a governanta da casa, e

de todos nós, desde que me entendo por gente.

– Sim, eu a conheço um pouco. Acho que quando você permanece em Greenwich por algum tempo, acaba conhecendo quase todo mundo. Meu filho joga pôquer com seu irmão.

– Joga – confirmou Parker, e assinou a tira de papel do cartão de crédito. – Na verdade, Del me deu uma carona até aqui. Ele pediu para dizer ao Malcolm que fala com ele no pôquer hoje à noite.

Pronto, pensou. Dever cumprido.

– Você mesma pode dizer – observou a Sra. Kavanaugh enquanto Malcolm entrava pela porta lateral da oficina, limpando as mãos em uma bandana vermelha.

– Mãe, preciso de você para... – Ele se interrompeu e abriu um sorriso lento. – Olá. Prazer em vê-la.

– A Srta. Brown veio buscar o carro dela. – A mãe de Malcolm pegou as chaves e, para a consternação de Parker, as atirou para o filho, que as agarrou com uma das mãos. – Leve-a até lá fora.

– Não é preciso. Eu só...

– Faz parte do serviço.

Malcolm andou até a porta da frente do escritório e a segurou para que Parker passasse.

– Obrigada, Sra. Kavanaugh. Foi bom vê-la de novo.

– Volte quando quiser.

– Na verdade – começou Parker, quando eles saíram –, estou com um pouco de pressa, então...

– Tem um encontro?

– Uma reunião.

– É uma pena desperdiçar um vestido desses em uma reunião de negócios, mas eu a levo lá.

Malcolm cheirava ao seu trabalho, o que não era nem de longe tão desagradável quanto ela imaginara. Sua calça jeans tinha um buraco em um dos joelhos e manchas de graxa na coxa. Parker se perguntou se ele usava uma camiseta preta para que as manchas não aparecessem.

Os cabelos de Malcolm eram quase tão pretos quanto a camiseta e caíam livremente ao redor do rosto de linhas bem definidas. Parker notou que ele não havia se barbeado, mas o resultado o fazia parecer mais perigoso do que desmazelado.

– Você tem uma bela máquina. – Quando chegaram ao veículo, Malcolm balançou as chaves, encarando-a. – E cuida bem dela. Nós revisamos tudo por conta própria porque é a primeira vez que pegamos no carro, mas de qualquer modo eu não poderia lhe cobrar nada. Você mantém o seu bebê limpo e polido.

– As ferramentas funcionam melhor quando são bem cuidadas.

– As pessoas deveriam viver de acordo com essas palavras. A maioria não faz isso. Então, tem algum compromisso depois da reunião?

– Como? Ah... alguns serviços de rua... e depois trabalho.

– Você algum dia não tem reuniões, serviços de rua e trabalho?

– Raramente. – Parker sabia quando um homem a paquerava, mas não conseguia se lembrar da última vez que isso a deixara aturdida. – Agora eu preciso mesmo das chaves. O carro não vai funcionar sem elas.

Ele as pôs na mão aberta de Parker.

– Se você tiver um desses raros momentos, me dê uma ligada. Posso levá-la para passear na minha máquina.

Enquanto Parker tentava pensar em uma resposta, ele ergueu o polegar e indicou uma grande, robusta e brilhante motocicleta.

– Acho melhor não. Realmente acho melhor não.

Malcolm apenas sorriu.

– Se mudar de ideia, sabe onde me encontrar. – Ele esperou um segundo enquanto Parker entrava no carro. – É a primeira vez que a vejo com os cabelos soltos. Combinam com o vestido.

– Hum. – Por Deus, Parker, pensou ela, o gato comeu sua língua? – Obrigada pelo serviço.

– Não há de quê.

Ela fechou a porta, girou a chave e, com uma genuína sensação de alívio, foi embora. O homem, decidiu ela, simplesmente a desestabilizava.

Aquilo era uma bobagem, disse Laurel a si mesma, e deveria ser enfrentado. Ignorar Del

e seu jogo infantil a princípio soara como uma boa ideia, mas quanto mais pensava, mais lhe parecia uma fuga. E daria uma vantagem a ele, o que ela nunca permitiria.

Guardou seu plano para si mesma. Como sua presença não era necessária no ensaio, seu contato com as amigas estaria limitado. Ficou na cozinha, fazendo o recheio e a cobertura para o bolo Morangos de Verão de sábado à tarde. Examinou seu quadro e seu cronograma e tentou não se sentir culpada por sair de fininho da própria casa.

Tirou o avental, depois praguejou. Não iria à casa de Del enfrentar aquela situação toda suada e desarrumada. Dava para tomar um banho antes.

Subiu a escada dos fundos, foi até sua ala e tomou uma ducha. Se maquiar também não tinha nada de mais. Era apenas o básico. E também tinha o direito de usar brincos e uma blusa bonita, não tinha? Não era um crime querer ter a melhor aparência possível em qualquer circunstância.

Recusando-se a continuar discutindo consigo mesma, desceu usando a escada dos fundos novamente, com a intenção de sair sem ser vista. Estaria em casa antes que sua ausência fosse notada.

– Aonde você vai? Pega em flagrante.

– Ah. – Ela se virou e viu a Sra. Grady na horta. – Só tenho que fazer uma coisa. Uma coisinha.

– Bem, então é melhor que faça. Essa blusa é nova, não é?

– Não. Sim. Mais ou menos. – Ela detestou sentir o calor da culpa subindo por sua nuca.

– Não faz sentido comprar uma blusa e não usá-la.

– Não mesmo – concordou a Sra. Grady com expressão plácida. – Então vá e se divirta.

– Eu não vou... Deixe para lá. Não vou demorar.

Ela circundou a casa e foi na direção do seu carro. Uma hora, no máximo, e então estaria...

– Oi. Está saindo?

Por Deus, aquilo parecia uma comunidade de espiões. Ela esboçou um sorriso para Carter.

– Estou. Tenho uma coisa para resolver. Volto logo.

– Está bem. Vou implorar à Sra. G. por um cozido. Vamos descongelá-lo mais tarde, caso esteja interessada.

– Obrigada, mas já comi uma salada. Façam bom proveito.

– Faremos. Você está bonita.

– E daí? – Ela balançou a cabeça. – Desculpe, desculpe. Eu estava distraída. Tenho que ir.

Ela pulou para dentro do carro antes que encontrasse mais alguém.

Enquanto se afastava em alta velocidade, ocorreu-lhe que deveria ter ido à casa de Del durante o dia, enquanto ele estivesse fora. Sabia onde escondia a chave extra e conhecia o código do alarme, embora fosse provável que ele o mudasse de tempos em tempos, por segurança. Ainda assim, podia ter arriscado, entrado e encontrado seus sapatos. Deixado um bilhete para ele, pensou. Isso teria sido inteligente.

Agora era tarde demais. Mas talvez Del não estivesse em casa, pensou. Ele tinha uma vida social intensa – amigos, clientes, encontros. Sete e meia de uma bela noite de verão? Sim, provavelmente tinha um ótimo encontro – bebidas, jantar, depravação. Ela poderia entrar, encontrar os sapatos e lhe deixar um bilhete engraçado.

Caro sequestrador de sapatos, conseguimos fugir e chamamos o FBI. Uma equipe tática está a caminho. Os Pradas.

Del ria, concluiu. Ele não gostava de perder – quem gostava? –, mas ria. E seria o fim da história.

Desde que ela não fizesse o alarme disparar e acabasse ligando para ele e solicitando sua presença como advogado. Pensamento positivo, aconselhou a si mesma, e se preparou para seguir o novo plano enquanto dirigia.

E o viu desabar como um suflê malfeito ao avistar o carro de Del na entrada de veículos.

Ah, tudo bem, de volta ao Plano A.

Del tinha uma casa maravilhosa, que ela admirava desde que fora construída. Provavelmente era grande demais para um homem só, mas entendia a necessidade de espaço. Sabia que Jack a desenhara levando em consideração pedidos muito específicos de Del. Não era tradicional demais nem moderna demais. Bastante iluminada, com espaço de sobra. E a profusão de seixos de rio e a inclinação dos telhados triplos proporcionavam o tipo de elegância casual que combinava com o proprietário.

E ela estava enrolando, admitiu.

Saiu do carro, foi direto para a porta da frente e tocou a campainha.

Alternou o peso de um pé para o outro e bateu com a mão no joelho. Percebeu que estava nervosa. Por Deus! Estava nervosa em ver um homem que conhecia desde sempre, com

quem havia brigado e brincado a vida toda. Eles tinham até se casado algumas vezes – quando Parker o azucrinará, subornará ou chantageará para fazer o papel do noivo em suas brincadeiras infantis de Casamento. E agora ela estava com os nervos à flor da pele.

Isso a tornava uma covarde, pensou. Odiava ser uma covarde. Tocou a campainha de novo, com mais força.

– Desculpe, você veio tão rápido, e eu estava just... – Del, com a camisa aberta no peito, onde algumas gotas d’água brilhavam, e os cabelos escuros molhados, parou e ergueu a cabeça. – Você não é o entregador do China Palace.

– Não, e eu vim para... O China Palace não entrega nesta região.

– Entrega, se você defendeu o filho do dono em um caso de porte de drogas e o fez entrar em um programa de recuperação em vez de numa cela. – Ele sorriu e enfiou um polegar no bolso da calça jeans, cujo zíper estava fechado, mas com o botão ainda aberto. – Oi, Laurel. Entre.

– Não vim fazer uma visita. Estou aqui por causa dos meus sapatos. Apenas vá buscá-los e irei embora antes que seu arroz com camarão frito chegue.

– Eu pedi porco agri-doce.

– Boa escolha. Meus sapatos.

– Entre. Vamos discutir os termos.

– Del, isto é um absurdo.

– Eu gosto de coisas absurdas de vez em quando. – Para resolver a questão, ele pegou a mão de Laurel e a puxou para dentro. – Então, quer uma cerveja? Comprei umas Tsingtao para beber com a comida chinesa.

– Não, eu não quero uma cerveja chinesa. Quero meus sapatos.

– Desculpe, mas eles estão em um local secreto até que os termos do resgate sejam estabelecidos e cumpridos. Você sabia que eles gritam como loucos quando seus saltos finos são torcidos? – Ele fechou as mãos em punhos e as torceu para demonstrar. – É horripilante.

– Eu sei que você acha que está sendo engraçado, e tudo bem, não está totalmente errado. Mas eu tive um dia muito longo. Só quero meus sapatos.

– Você merece uma Tsingtao depois de um dia muito longo. E olhe, o jantar chegou. Por que não vai para o terraço dos fundos? Está agradável lá fora. Ah, no caminho pegue umas cervejas na geladeira. Oi, Danny, como vai?

Ela podia argumentar, pensou Laurel. Podia até mesmo fazer uma cena. Mas nada disso lhe devolveria seus sapatos. Ela só os veria de novo quando Del quisesse. O jeito era manter a calma, decidiu rangendo os dentes de leve enquanto começava a se dirigir à cozinha. Ao se afastar, ouviu Del e o entregador falando sobre beisebol. Aparentemente, alguém em algum lugar fizera um arremesso sem chance de rebatida na noite anterior.

Ela entrou na cozinha espaçosa de Del, agora banhada pela luz suave do anoitecer. Sabia que ele não usava o espaço apenas para guardar cerveja e receber comida chinesa. Tinha algumas especialidades – pequenas refeições sofisticadas destinadas a seduzir mulheres – e sabia fazer boas omeletes na manhã seguinte.

Ao menos era o que haviam lhe contado.

Abriu a geladeira e pegou duas cervejas – já que estava lá, beberia uma também. Laurel sabia onde ficavam as coisas ali quase tão bem quanto em sua própria cozinha, então abriu o freezer para pegar duas canecas geladas e notou uma conveniente seleção de ensopados e sopas da Sra. G. em recipientes etiquetados.

A mulher alimentava o mundo.

Estava servindo a segunda cerveja quando Del entrou com as sacolas.

– Pronto, estou tomando uma cerveja. Considero os termos cumpridos. Quando eu terminar, você me dá meus sapatos.

O olhar de Del transmitiu uma leve pena.

– Acho que você não entendeu bem a situação. Eu tenho algo que você quer, portanto eu estabeleço os termos.

Ele empilhou alguns pratos e guardanapos e depois tirou de uma gaveta dois pares de hashis.

– Eu disse que não queria jantar.

– Guiozas. – Ele balançou uma das sacolas. – Você sabe que são seu ponto fraco. Del estava certo em relação a isso, e a ansiedade combinada com o cheiro da comida abriu o apetite de Laurel.

– Está bem. Uma cerveja e um guioza.

Ela levou as bebidas para a mesa no terraço, com vista para o gramado e os jardins.

A água da piscina cintilava. A uma das margens havia um charmoso gazebo que abrigava uma grande churrasqueira. Del era conhecido por ser bastante territorialista em relação a ela, manejando-a nas festas de verão que oferecia, nas quais os convidados jogavam bocha animadamente e mergulhavam na piscina.

Del era um bom anfitrião, refletiu ela. Devia ser uma característica hereditária. Ele apareceu com uma bandeja cheia de caixas de papelão e pratos. Pelo menos havia abotoado a camisa, notou Laurel. Ela queria não gostar tanto do físico dele. Conseguiria controlar sua reação emocional se não o achasse tão atraente.

Ou vice-versa.

– Achei que fosse comer isso assistindo a algum canal esportivo e cuidando de alguma documentação. Assim é melhor. – Ele pôs um prato e talheres na frente dela e abriu as caixas. – Teve ensaio hoje, certo? – Sentou-se e começou a tirar amostras de cada caixa. – Como foi?

– Acho que tudo bem. Elas não precisavam de mim, então fiquei adiantando algumas coisas para o fim de semana.

– Eu vou à cerimônia no domingo – comentou Del. – Fiz faculdade com Mitchell e redigi o contrato de união homoafetiva deles. – Ele começou a comer enquanto Laurel bebericava sua cerveja. – Então, como é o bolo?

– Massa de chocolate com recheio de musse de chocolate branco e cobertura de chocolate.

– Ameaça tripla.

– Eles gostam de chocolate. Tudo isso combinado com camadas alternadas de botões de gerânios vermelhos em bandejas de espuma oral. Emma está fazendo corações de gerânios entrelaçados para pôr em cima. Esta é a hora em que eu pergunto sobre o seu dia?

– Não precisa ser desagradável.

Laurel suspirou, porque ele tinha razão.

– Você roubou os meus sapatos – salientou ela, e cedeu ao cheiro da comida.

– Roubar é uma palavra forte.

– Eles são meus e você os levou sem permissão.

Ela mordeu um guioza. Deus, realmente aquele era seu ponto fraco.

– Quanto eles valem para você?

– São apenas sapatos, Del.

– Ora, por favor. – Ele emitiu um som desdenhoso enquanto agitava uma das mãos. – Eu

tenho uma irmã. Sei o valor que vocês dão aos sapatos.

– Está bem, está bem, o que você quer? Dinheiro, bolos, serviços domésticos?

– Todas opções viáveis. Mas, para começar, isto está bom. Você deveria experimentar a carne agri-doce.

– Como assim “isto está bom”? Isto? – Ela quase engasgou com a cerveja. – Como se isto fosse algum tipo de encontro?

– Duas pessoas, comida, bebida, uma bela noite. Elementos de um encontro.

– É só uma visita. Para um resgate. É... – Ela se interrompeu porque o nervosismo voltou.

– Tudo bem, vamos deixar as coisas claras. Eu sinto que comecei uma coisa. Uma coisa ou...

– Outra? – sugeriu ele.

– Está bem, uma coisa ou outra. Porque eu estava irritada e agi impulsivamente, e então você retribuiu o impulso. E, conhecendo você como conheço, agora vejo que o comentário sobre estarmos empatados foi um desafio. Você não conseguiu deixar para lá, e aí levou meus malditos sapatos. E agora tem a comida chinesa, a cerveja e todo o espetáculo do anoitecer, quando nós dois sabemos muito bem que você nunca pensou em mim dessa maneira.

Ele considerou a afirmação dela por um momento.

– Isso não é totalmente verdade. A verdade é que eu tentei não pensar em você dessa maneira.

Ela se recostou na cadeira, perplexa.

– Como você lidaria com isso?

– Hum.

Ele ergueu uma das mãos e a virou para um lado e depois para o outro. Laurel olhou para ele.

– Vá se ferrar, Del.

Capítulo Sete

ELE NÃO PODIA DIZER que aquela era a reação que havia esperado, mas com Laurel isso acontecia com bastante frequência.

– Por que exatamente você mandou que eu me ferrasse?

– Porque é a coisa certa a dizer. Você é bom em dizer a coisa certa, a não ser quando diz a errada. De qualquer forma, em geral é a certa, só que eu não queria ouvi-la.

– Você deveria ser advogada.

– Vou comer outro guioza – murmurou Laurel.

Ela sempre o divertia, pensou Del. Exceto quando o irritava. O que provavelmente era a mesma coisa.

– Você se lembra de quando nós ficamos juntos na casa dos pais de Emma no feriado do Cinco de Maio?

– É claro que lembro. – Ela olhou para a cerveja com uma careta. – Eu tinha bebido muita tequila, o que era natural naquelas circunstâncias, já que era um feriado de origem mexicana. Enfim, você bancou o irmão mais velho e ficou sentado comigo nos degraus da varanda da frente.

– Ficar preocupado com uma amiga um pouco alterada pela tequila não é bancar o irmão mais velho. Mas seja como for... – Ele colocou alguns pedaços de carne agri-doce no prato de Laurel usando os próprios hashis. – Mais cedo eu e Jack estávamos por lá e eu estava dando uma olhada na multidão, como você faz.

– Como você faz.

– Certo. De repente vi um vestido azul com um belo par de pernas e... – Ele fez um gesto vago que deu a Laurel uma clara ideia do que vinha depois do e. – Pensei: “Bonitas, realmente muito bonitas”, e comentei isso com o Jack. Ele disse que as pernas e o resto pertenciam a você. Foi um choque e tanto, admito. – Ele avaliou a reação de Laurel e achou que ela tinha ficado surpresa. – Para ser bem sincero, admito que aquela não foi a primeira vez. Então, se essa foi ou não a coisa certa a dizer, foi a verdadeira.

– Eu não sou apenas um par de pernas.

– Não, mas ainda assim elas são muito bonitas. Você é uma mulher bonita. Isso também é verdade. Algumas pessoas têm uma queda por guiozas, outras por mulheres bonitas.

Laurel olhou para além dele, na direção da escuridão que aumentava.

– Isso deveria me deixar irritada.

– Você também é uma das minhas amigas mais antigas e mais importantes. – O tom dele deixou de ser de provocação. – Isso é importante. Muito.

– É.

Ela afastou seu prato antes de ficar nauseada.

– Acho que também é correto dizer que algo inesperado, ou pelo menos surpreendente, aconteceu quando você agiu por impulso na outra noite.

Com a escuridão aumentando, as luzes do jardim e do pátio emitiam um brilho suave, e o gemido misterioso de uma ave aquática ecoou a distância. Del achou aquilo estranhamente romântico, e de algum modo adequado.

– Você está sendo muito delicado em relação a isso.

– Bem, este é nosso primeiro encontro – disse ele, fazendo-a rir.

– Eu só vim por causa dos sapatos.

– Não, não veio.

Laurel suspirou.

– Talvez não, mas eu planejava entrar de fininho quando você tivesse saído para um encontro de verdade, pegar meus sapatos e lhe deixar um bilhete espirituoso.

– Então teria perdido tudo isto. E eu também.

– Lá vem você de novo – murmurou ela. – Acho que parte do motivo para eu estar aqui é resultado direto da minha carência de sexo.

Divertido, ele pegou sua cerveja.

– E como está sendo?

– Tranquilo. Provavelmente estou um pouco mais... Qual é o termo? Inquieta. Mais inquieta que de costume.

– Em consideração à nossa amizade, eu poderia levá-la lá para cima e acabar com essa inquietação. Mas isso não funciona para mim.

Laurel começou a dizer que podia muito resolver sozinha a própria inquietação, mas

decidiu que era informação demais, até mesmo entre amigos. Então, em vez disso, deu de ombros.

– Esta situação não é como a de Jack e Emma – disse ele.

– Jack e Emma não estão inquietos. Eles estão...

– Calma, apressadinha – interrompeu Del com delicadeza. – Não foi isso que eu quis dizer. Eles eram amigos. São amigos, mas se tornaram amigos o quê? Dez, doze anos atrás? Isso é muito tempo, mas nós dois temos praticamente uma vida inteira de amizade. Não somos só amigos, mas uma família. Não de um modo ilegal e incestuoso que torne esta conversa assustadora, mas uma família. Uma tribo – decidiu ele. – Pode-se dizer que somos da mesma tribo.

– Tribo. – Ela testou aquilo. – Você tem pensado sobre isso. E não posso discordar de nada.

– O que é uma boa mudança. Estamos falando sobre mudanças, e não apenas para nós, mas também para a tribo.

– Aposto que você é o chefe. – Com os cotovelos na mesa, Laurel apoiou o queixo na mão. – Sempre acaba sendo o chefe.

– Você pode ser o chefe se me vencer na queda de braço.

Ela era forte – orgulhava-se disso. Mas também conhecia suas limitações.

– E sendo o chefe da tribo, já decidiu como isto deve ser.

– Pode-se dizer que eu tenho uma ideia. O esboço de uma ideia.

– Você é tão parecido com Parker! Talvez isso seja parte da questão. Se ela fosse homem, ou se nós fôssemos gays, estaríamos casadas. O que significaria que eu nunca mais precisaria ter encontros. Então, minha irritação é a principal causa da entressafra sexual. E, muito provavelmente, desta conversa.

– Quer ouvir a ideia?

– Quero, mas dispenso o interrogatório a seguir.

– Daremos um mês.

– Um mês para quê?

– O ajuste. Começarmos a enxergar um ao outro dessa maneira. Podemos sair, ficar em casa juntos, bater papo, interagir um com o outro, fazer coisas divertidas.

Ter encontros, como as pessoas fazem quando estão entrando em uma dinâmica diferente. E considerando nossa conexão com a tribo, e o que presumo que seja um desejo mútuo de limitar danos potenciais à nossa ligação atual...

– Quem está bancando o advogado agora?

– Considerando isso – prosseguiu ele –, a entressafra sexual continuaria, embora ela não me dê nenhum prazer. Literalmente.

– Você também entraria na entressafra sexual?

– É justo.

– Hum. – Laurel trocou a cerveja por água. – Faremos todas as coisas normais que adultos independentes fazem de comum acordo, mas não faremos sexo um com o outro nem com outras pessoas?

– Essa é a ideia.

– Durante trinta dias.

– Não me lembre disso.

– Por que trinta?

– É um tempo razoável para decidirmos se queremos dar o próximo passo. É um grande passo, Laurel. Você é importante demais para mim para que eu o apresse.

– Namorar é mais difícil que fazer sexo.

Ele riu.

– Que tipo de caras você tem namorado? Vou facilitar as coisas: que tal irmos ao cinema depois do evento de domingo? É só um cinema.

Ela inclinou a cabeça.

– Quem escolhe o filme?

– Vamos negociar. Não pode ser sentimental demais.

– Nem de terror.

– Combinado.

– Talvez você deva redigir um contrato. Ele reagiu à ironia dando de ombros.

– Se você tiver uma ideia melhor, sou todo ouvidos.

– Não tenho nenhuma. Nunca pensei que chegaríamos ao ponto de eu precisar de uma ideia. Que tal apenas dormirmos juntos e ficarmos quites?

– Tudo bem. – Quando Laurel ficou boquiaberta, ele sorriu. – Não só a conheço como sei o que é um blefe quando ouço um.

– Você não sabe de tudo.

– Não, não sei. Acho que isso é parte da questão e que seria melhor darmos um tempo e descobrirmos. Eu topo se você topa.

Laurel estudou o rosto atraente e familiar, os olhos calmos, a postura tranquila.

– Provavelmente vamos querer nos matar durante metade do tempo.

– Isso não será nenhuma novidade. Você topa ou não, Laurel?

– Topo.

Ela estendeu a mão para selar o acordo.

– Acho que isto merece mais que um aperto de mãos. – Del pegou a mão dela e a fez se levantar da cadeira ao mesmo tempo em que também se punha de pé. – Além disso, deveríamos ver como é quando nenhum de nós está irritado.

Um pequeno arrepio, tanto de antecipação quanto de nervosismo, subiu pela espinha de Laurel.

– Talvez eu esteja.

– Não. Não há nenhuma ruguinha aqui. – Del passou a ponta de um dedo entre as sobrancelhas dela. – Isso é revelador.

– Espere – pediu Laurel quando ele desceu as mãos pelos seus braços. – Agora estou constrangida. Não é um bom sinal se estou pensando demais e...

Ele calou-a puxando-a para perto e roçando os lábios nos dela lenta e suavemente.

– Ou... – murmurou Laurel, subindo as mãos pelos ombros de Del até seus braços ficarem ao redor do pescoço dele.

Mais surpresas, pensou Del ao experimentar tranquilidade e exploração em vez de apenas fogo e impulso. Doçura e calma envoltos em camadas de familiaridade e novidade. Ele conhecia o cheiro e a forma de Laurel, mas o gosto dela, maduro e sedutor, unia o que era ao que poderia ser.

Del não se apressou, prolongando o momento, puxando-a para mais perto ainda, saboreando a nova mistura de sensações.

Laurel se entregou a ele, aproveitando cada segundo do acontecimento que imaginara dezenas de vezes. Um fim de dia, luzes suaves, o leve sussurro de uma brisa de verão. Fantasias tolas de uma menina apaixonada, desejos transformados ao longo do tempo na necessidade de uma mulher.

Agora as fantasias tinham se transformado em realidade e os desejos estavam sendo satisfeitos. Durante o beijo, sentiu a necessidade de Del aumentar junto com a dela. Não importava o que acontecesse, aquele momento, aquele fim de dia, seria sempre dela.

Quando os lábios deles se separaram, Del permaneceu próximo a Laurel.

– Há quanto tempo você acha que isso estava aí? – perguntou.

– Difícil dizer.

Não podia contar a ele.

– É.

Del encostou os lábios novamente nos dela, testando, provocando, depois se aprofundando até ambos ficarem ofegantes.

– É melhor eu ir buscar os seus sapatos.

– Certo.

Mas ela o puxou de volta, reavivando o calor, gemendo quando Del desceu as mãos pela lateral de seu corpo e lhe agarrou os quadris.

Ele quase fraquejou, mas se conteve.

– Sapatos – conseguiu dizer. – Libertar os reféns. Você realmente precisa ir. Para casa.

Excitada e abalada, ela se encostou na grade do terraço.

– Eu avisei que namorar é mais difícil que fazer sexo.

– Nós não somos de recusar desafios. Você tem uma bela boca. Sempre gostei dela. Gosto ainda mais agora.

Laurel curvou os lábios em um sorriso.

– Venha cá e repita isso.

– Melhor não. Voltarei daqui a um minuto com os sapatos.

Ela o observou sair e pensou que seria um mês realmente longo.

Entrar de fininho em casa deveria ser mais simples do que sair. Carter e Mac estariam enfiados no canto deles, assim como Emma e Jack. A Sra. G. estaria em seu aconchegante apartamento assistindo TV com os pés para cima e um bule de chá do lado, ou teria saído com algumas amigas. Parker provavelmente ainda estava trabalhando, mas em sua própria suíte, com roupas confortáveis.

Laurel estacionou, tranquilizada pelas luzes no estúdio e na casa de hóspedes. Só queria ficar no próprio espaço, sozinha, e pensar em tudo o que havia acontecido, tudo o que mudara ou começara a mudar naquela noite.

Seus lábios ainda formigavam pelo contato com os dele; sua pele ainda estava arrepiada. Sua única opção era dançar conforme a música. Se tivesse um diário, encheria a página do dia de corações e flores.

Depois a rasgaria em mil pedacinhos, porque aquilo era constrangedor. Mas ainda assim, o faria.

Sorrindo ante a ideia, entrou em casa e, com cuidado e em silêncio, trancou a porta. Não subiu a escada nas pontas dos pés, mas quase.

– Chegando agora?

Ela não gritou, mas chegou perto disso. Virou-se, ficou boquiaberta ao ver Parker e depois desabou sentada nos degraus.

– Meu Deus! Nossa! Você está mais assustadora do que um Rottweiler. O que está fazendo?

– O que eu estou fazendo? – Parker agitou a embalagem em sua mão. – Desci para tomar um iogurte e estou subindo para o meu quarto. O que você está fazendo se esgueirando pela escada?

– Eu não estava me esgueirando. Estava andando. Em silêncio. Você tem iogurte no minibar lá em cima.

– Eu estava sem mirtilos, e queria comer mirtilos. Algum problema?

– Não, não. Meu Deus... – Laurel respirou com dificuldade e levou a mão ao coração. – Você quase me matou de susto.

Dessa vez Parker apontou com sua colher.

– Você está com cara de culpada.

– Não estou.

– Está, sim. Conheço uma cara de culpada quando vejo.

– Eu não estou com cara de culpada nenhuma. Por que deveria? Não tenho hora para chegar, tenho, mãe?

– Viu? Culpada.

– Está bem, está bem, abaixe essa colher. – Laurel ergueu os braços em rendição.

– Só fui à casa do Del pegar meus sapatos.

– Laurel, eu sei disso. Você está com eles na mão.

– Certo. Certo. Bem, são ótimos sapatos, e eu os queria de volta. – Ela os acariciou afetuosamente. – Ele pediu comida chinesa. Guiozas.

– Ah.

Parker fez um sinal afirmativo com a cabeça e foi se sentar ao lado de Laurel.

– Eu não ia ficar, mas fiquei, e aí nos sentamos no terraço e falamos sobre eu tê-lo beijado, e depois sobre ele me ter beijado. Isso eu não tinha lhe contado. Parece mais estranho falar sobre esse assunto com você do que com ele.

– Supere isso.

– Estou tentando, não estou? De qualquer modo, acabamos falando sobre o que deveríamos fazer em relação a isso. Ele teve uma ideia.

– É claro.

Parker sorriu enquanto enfiava a colher no iogurte.

– Não é nenhuma surpresa pra você porque os dois são farinha do mesmo saco. Eu disse a ele que se nós duas fôssemos gays, estaríamos casadas.

Parker assentiu novamente com a cabeça enquanto comia.

– Deu para notar.

– Nós conversamos e concordamos em fazer o que os casais fazem, exceto sexo. Parker ergueu as sobrancelhas e lambeu sua colher.

– Vocês vão namorar, mas não fazer sexo?

– Por trinta dias. A teoria é que então saberemos se realmente queremos continuar ou se é só... Enfim. Sei que isso é razoável e adulto, mas nós sabemos que queremos fazer sexo agora.

– Primeiro vocês vão dar um tempo para se certificar de que ainda gostarão um do outro se e quando fizerem.

– É, o combinado foi esse. Mas tem mais. Tribos, minhas pernas etc., mas no final das contas vamos ver como tudo funciona. Você realmente concorda com isso?

Parker bateu de leve com os nós dos dedos na cabeça de Laurel.

– É claro que sim, e se não concordasse você deveria me mandar para o inferno e não me intrometer. Quer um pouco de iogurte?

– Não, obrigada. Comi guiozas. – Ela apoiou a cabeça no ombro de Parker. – Fico feliz por não ter conseguido entrar sem ser vista.

– Fique ainda mais por eu ter decidido ser magnânima e não me sentir ofendida por você ter tentado fazer isso.

– Você é minha melhor amiga.

– É verdade. Eu sou. Del é um bom homem. Sei que às vezes é mandão porque... somos farinha do mesmo saco. E sei que ele tem defeitos, mas é uma ótima pessoa.

– Ela pôs brevemente a mão sobre a cabeça de Laurel. – Ele a merece. Agora nós duas temos que fazer um pacto: quando você precisar se queixar dele ou ele precisar se queixar de você comigo, nós duas lidaremos com isso da mesma forma que lidamos com qualquer outra reclamação sobre homens. Você não ficará constrangida nem eu ficarei ofendida por ele ser meu irmão.

– Combinado.

Elas juraram enganchando os dedos mindinhos.

– Agora vou subir e terminar umas coisas. – Parker se levantou. – Você sabe que se não contar a Emma e Mac elas ficarão magoadas.

– Vou contar.

Laurel se levantou para ir com Parker para o terceiro andar.

Sinceridade total, decidiu Del, e marcou de se encontrar com Jack para exercícios matinais. Como a palavra era total, pediu que Jack chamasse Carter para ir junto. Del começou com exercícios cardiovasculares enquanto Carter se aproximava de uma esteira com óbvia apreensão.

- Eu evito fazer esse tipo de coisa em público. Pessoas podem se ferir.
- Comece devagar e vá acelerando depois de alguns minutos.
- Para você é fácil falar.
- Senti falta deste lugar. – Em solidariedade, Jack foi para o aparelho ao lado do de Del.
- Ter uma sala de ginástica em casa é conveniente, mas a gente sente falta da agitação do grupo. E das muitas mulheres atléticas com roupas diminutas. Eu estou noivo, mas não morto – disse ele ao ver o olhar de Del.
- Não entendo andar em uma esteira quando há calçadas lá fora. – Agarrando a barra com uma das mãos por precaução, Carter gesticulou vagamente. – E elas não se movem sob seus pés.
- Acelere, Carter. As lesmas estão ultrapassando você. Como está minha Macadâmia?
- Está bem. – Franzindo as sobrancelhas, Carter aumentou um pouco a velocidade. – Reunião da equipe hoje de manhã e uma sessão de fotos no estúdio. Talvez seja melhor eu ficar fora do caminho por algumas horas.
- Não vai demorar muito para você ter sua sala de professor – falou Jack. –

Depois passaremos para o novo espaço de Emma e o de Laurel.

- Falando em Laurel, estamos namorando. – Ele ouviu o “uff” à esquerda e olhou. – Você está bem, Carter?
 - Só perdi o equilíbrio. Hum, por namorando, quer dizer um com o outro?
 - Essa seria a minha definição.
 - Essa seria minha deixa para pular na sua garganta e exigir saber o que você pretende se aproveitando de uma das minhas garotas.
- Del desviou o olhar para Jack enquanto aumentava a velocidade.
- Ao contrário de você, eu não agi na surdina nem escondi isso.
 - Eu não agi na surdina nem escondi nada, só demorei um pouquinho para descobrir como contar. E como vou me casar com um dos membros do Quarteto, tenho certos privilégios e deveres. Se você está dormindo com Laurel...
 - Não estou dormindo com ela. Nós estamos namorando.

- Certo, e vocês vão só ficar de mãos dadas, admirar a lua e ouvir músicas românticas.

– Por algum tempo. Nenhum comentário? – perguntou ele a Carter.

– Estou ocupado demais tentando me manter em pé. – Carter agarrou a barra com uma das mãos de novo. – Acho que a primeira coisa que me ocorre dizer é que isso é uma mudança drástica de situação.

– Foi o que eu pensei no início, mas agora não tenho tanta certeza. Parece que isso está em ebulição há algum tempo.

– Eu nunca imaginaria – disse Jack, aumentando a velocidade para acompanhar o ritmo de Del. – Como ocorreu essa mudança radical?

– Nós tivemos uma briga que terminou com Laurel me dizendo e demonstrando que eu não era irmão dela. E não sou mesmo. Então estamos namorando e eu só queria que vocês soubessem.

– Certo. Cinco quilômetros?

– Isso aí. Acelere, Carter – ordenou Del.

– Ah, meu Deus – retrucou Carter.

Domingo de manhã, Laurel deixou seu trabalho na cozinha e se dirigiu rapidamente ao andar de cima para a reunião pré-evento. Quando descobriu que as três sócias já estavam lá, ergueu uma das mãos.

– Não estou atrasada. – E, como já tomara duas xícaras de café naquela manhã, pegou uma garrafa d'água. – Só para vocês saberem, está chovendo.

– A previsão é de que a chuva pare no meio da manhã – afirmou Parker. – Mas estamos preparadas para levar tudo para dentro se isso não acontecer.

– Os arranjos são bem simples – interpôs Emma. – Se parar de chover até o meio-dia, tudo estará pronto lá fora à uma da tarde, caso contrário poderemos mudar para o salão principal, providenciar rapidamente um grande arranjo na lareira e acrescentar velas. Estamos preparadas para ambos os casos. As duas suítes ficarão prontas às dez horas.

– Os noivos devem chegar às onze.

– Vou alternar o local das fotos formais. – Mac fez um sinal afirmativo com a cabeça para Parker. – Os dois noivos têm irmãs para ajudá-los, o que é bom. Posso tirar ótimas fotos dessa interação. Fotografar homens significa menos tempo gasto com cabelo e maquiagem, e cada qual tem apenas um convidado de honra, portanto devo acabar essa etapa entre meio-dia e 12h15.

– Os convidados chegarão às 12h30 para um coquetel rápido – leu Parker em sua agenda.

– Depois nos alinharemos à uma hora para a cerimônia ao ar livre, os convidados de

honra percorrerão o corredor juntos e então os noivos se aproximarão de cada lado. Tempo de cerimônia: vinte minutos. Mac tira fotos para postagem, o pessoal do bufê serve os aperitivos.

– Isso também vai ser bem rápido. Deve levar uns quinze minutos.

– Imagino que às 13h45 os noivos serão anunciados e começarão o bufê do brunch e os brindes. O DJ anunciará a primeira dança às 14h30. O bolo será cortado às 15h30.

– Todos os doces estão prontos para a mesa de sobremesas. Terminarei o bolo por volta das dez e o levaremos para o Salão de Baile. Vamos fornecer a faca e a espátula. O casal feliz pediu que a camada superior fosse removida e embalada para eles levarem para casa.

– Certo. A dança continuará das 15h45 às 16h15. Então entregaremos as lembranças e anunciaremos a última dança. Ficaremos livres às 16h30. Alguma preocupação? Possíveis desastres?

– Não da minha parte. Eles são muito fofos e devem fotografar bem.

– Escolheram usar gerânios grandes e alegres na lapela, para combinar com o bolo – acrescentou Emma. – Uma gracinha.

– Eles mesmos escreveram o script para a cerimônia. – Parker deu um tapinha em sua pasta. – Encantador. Vamos ter muitas lágrimas. Laurel, e da sua parte?

– Só preciso que Emma me entregue a camada de cima do bolo.

– Está pronta, no refrigerador. Vou buscar para você.

– Então estamos todas bem.

– Por que a pressa? – Mac apontou um dedo quando Laurel começou a se levantar. – Agora que falamos de negócios, vamos para a vida pessoal. Alguma novidade sobre o Del?

– Nenhuma. Estive com vocês há apenas oito horas.

– Ele não telefonou? – perguntou Emma. – Não deixou uma mensagem nem nada?

– Me enviou uma lista de sugestões de filmes para hoje à noite.

– Ah. – Emma tentou não parecer decepcionada. – Que gentileza.

– Isso se chama praticidade – corrigiu Laurel. – E é Del. Sou eu. Não espero bilhetinhos graciosos e pequenas mensagens sensuais.

– Mas elas são engraçadas – murmurou Emma. – Jack e eu já trocamos muitos recadinhos sensuais. Ainda trocamos.

– Com que roupa você vai? – perguntou Mac.

– Não sei. É um cinema. Algo próprio para a ocasião.

– Mas Del vai estar vestido para o casamento – salientou Emma –, então você não pode usar nada simples demais. Que tal aquela blusa azul decotada amarrada nas costas? Fica ótima em você. Com as calças capri brancas que eu gostaria de poder usar, mas que fazem minhas pernas parecerem curtas. E os sapatos de salto gatinho.

– Está bem, obrigada por me vestir.

– Fico feliz em ajudar – disse Emma com um sorriso radiante de quem tinha reconhecido o sarcasmo.

– Nós fizemos um bolão – informou Parker. – Ninguém acha que vocês conseguirão esperar um mês inteiro para cair na cama. Carter acha que essa força de vontade vai durar no máximo 24 horas.

– Vocês estão fazendo apostas sobre quando eu vou fazer sexo com Del?

– Exatamente. E você não pode participar – disse ela quando Laurel começou a falar de novo. – Conflito de interesses. Eu aposto em dezesseis dias, não por causa da força de vontade, mas da teimosia, caso isso a influencie a me ajudar a aumentar os fundos para o meu casamento.

– Isso não é justo – comentou Emma.

– Qual é o valor da aposta?

– Cem dólares cada um.

– Quinhentos dólares no total? Sério?

– Seiscentos, contando a Sra. G.

– Nossa...

– Nós começamos com 10 dólares cada. – Emma deu de ombros, pegou um morango e começou a mordiscá-lo. – Mas aí Mac e Jack continuaram aumentando a aposta. Tive que obrigá-los a parar quando chegamos a 100. Parker está responsável pelo dinheiro.

Laurel ergueu uma sobrancelha desafiadora.

– E se nós fizéssemos sexo e não contássemos a ninguém?

– Ora, por favor. – Mac revirou os olhos. – Em primeiro lugar, você nunca conseguiria guardar esse segredo. Em segundo, mesmo que conseguisse, nós saberíamos.

– Odeio quando você está certa. E ninguém apostou nos trinta dias?

– Ninguém.

– Muito bem, eis a minha proposta, e acho que tenho o direito de fazer uma, já que se trata da minha potencial vida sexual: vocês me deixam participar, eu aposto 100 dólares e, se chegarmos aos trinta dias, o dinheiro é meu.

Todas começaram a objetar, mas Parker as calou com um sinal de mão.

– Vocês sabem que é uma aposta justa.

– Todos conhecem o espírito competitivo dela – queixou-se Mac. – Vai se conter apenas para ganhar a aposta.

– Nesse caso, terá merecido. Passe os 100 dólares para cá.

– Certo. – Alegrementemente, Laurel esfregou as mãos. No fim das contas, a entressafra sexual valeria a pena. – Tenho um bolo para cobrir. – Ela fez um rápido giro à porta. – Vejo vocês depois, tolinhas.

– Veremos quem é tolo – disse Parker depois que Laurel saiu dançando. – Muito bem, senhoritas, vamos trabalhar.

Capítulo Oito

ERA ESTRANHO SAIR COM Del como namorada e não como amiga. Tranquilo em muitos níveis, descobriu Laurel, o que provavelmente era bom. Nenhum deles tinha que ouvir a história da vida do outro, porque ambos já a conheciam.

Não o bolo todo, pensou Laurel, mas a maioria das camadas. O que tornava ainda mais divertido provar partes do recheio.

Sabia que Del havia colaborado para a revista jurídica Law Review em Yale, que tinha jogado beisebol antes de se formar e que o direito e os esportes eram duas de suas paixões. Mas não fazia ideia de que ele ficara em dúvida sobre qual das duas carreiras seguir.

– Eu nunca imaginei que você levava o beisebol profissional a sério. As coisas que se descobre em um terceiro encontro, refletiu Laurel.

– Muito a sério. Tanto que guardei isso só para mim.

Eles caminharam pelo parque tomando sorvete de casquinha enquanto o luar do verão se debruçava sobre o lago – um programa que Laurel considerava o final perfeito para um jantar a dois.

– Qual foi o ponto decisivo? – quis saber ela.

– Eu não era bom o suficiente.

– Como sabe? Eu o vi em ação quando jogou na Academia e algumas vezes em Yale, e depois em jogos de softball. – Com as sobranceiras levemente franzidas, Laurel estudou o perfil de Del enquanto eles caminhavam. – Posso não levar o beisebol a sério como algumas pessoas, mas conheço as regras. Você sabia o que estava fazendo.

– Claro. E eu era muito bom. Mas muito bom não é bom o suficiente. Talvez eu pudesse ter sido se me dedicasse integralmente a isso. Conversei com alguns olheiros da equipe técnica dos Yankees.

– Mentira! Sério? Eu não sabia. Você foi procurado pelos olheiros dos Yankees? Por que eu não sabia disso?

– Eu nunca contei a ninguém. Tive que decidir. Ou seria um advogado realmente bom ou um jogador de bola decente.

Ela se lembrou de tê-lo visto jogar desde... sempre, percebeu. Sem muito esforço, traçou um quadro mental de Del atuando na Liga Mirim quando criança.

Nossa, ele era uma graça...

– Você amava o beisebol.

– Ainda amo. Só que percebi que não amava o suficiente para me dedicar inteiramente a ele, e desistir de tudo por isso. Então, eu não era bom o suficiente.

Sim, ela entendia isso muito bem. Perguntou a si mesma se também conseguiria ter feito a escolha racional e sensata de desistir de algo que amava e queria.

– Já se arrependeu disso?

– Todos os verões. Por uns cinco minutos. – Ele passou o braço pelos ombros de Laurel.

– Mas sabe de uma coisa? Quando eu for velho e estiver sentado na cadeira de balanço na varanda, contarei aos meus bisnetos que um dia fui procurado pelos olheiros dos Yankees.

Laurel teve dificuldade em visualizar a imagem, mas a ideia a fez sorrir.

– Eles não vão acreditar em você.

– É claro que vão. Vão me adorar. E adorar meu bolso cheio de doces. E você? Algum arrependimento?

– Provavelmente tenho muito mais que você.

– Por quê?

– Porque você e Parker parecem sempre saber que direção seguir. Então, vejamos. – Ela deu uma mordida na casquinha enquanto pensava. – Vamos lá. Às vezes eu me pergunto como seria se eu tivesse ido para a França e ficado lá. Aberto minha própria e exclusiva pâtisserie enquanto tinha muitos casos amorosos.

– É claro.

– Eu criaria bolos para reis e estrelas, e comandaria minha equipe com pulso de ferro. Allez, allez! Imbeciles! Merde!

Del riu dos muitos gestos inegavelmente franceses de Laurel e se esquivou do sorvete de casquinha.

– Eu seria um terror, e também um gênio, conhecida no mundo inteiro, voando em jatinhos para lugares sensacionais a fim de fazer bolos de aniversário para princesinhas.

– Você detestaria isso. A não ser pelos palavrões em francês.

Mais do que satisfeita, ela atirou o resto do seu sorvete no lixo.

– É provável que sim, mas é algo em que penso às vezes. Ainda assim, estaria basicamente fazendo o que faço agora. Eu não tive que escolher.

– É claro que teve. Entre trabalhar sozinha ou em sociedade, em casa ou em uma aventura europeia. Essas também são escolhas importantes. Sabe, se você tivesse ido para a França, teria definhado longe de nós.

Deus, aquilo era totalmente verdade. Mas, fiel à narrativa, ela negou com a cabeça.

– Eu estaria ocupada demais com meus muitos casos amorosos e meu ego in ado. Pensaria com carinho em vocês vez por outra; quando estivesse indo a Nova York, passaria por aqui para encantar a todos com minha petulância europeia.

– Você tem uma petulância europeia.

– Tenho?

– Às vezes resmunga ou xinga em francês quando está trabalhando. Ela parou e franziu as sobrancelhas.

– Eu faço isso?

– De vez em quando, e com uma pronúncia perfeita. É divertido.

– Por que nunca ninguém me disse isso?

Del pegou a mão de Laurel e entrelaçou os dedos aos dela enquanto eles se afastavam do lago.

– Talvez porque achassem que você sabia, já que era você que resmungava e xingava.

– Talvez.

– E se você tivesse ido, pensaria nisto, no que está fazendo aqui, agora.

– É verdade. Ainda assim, em outras ocasiões imagino que tenho uma bela padaria em uma vila na Toscana, onde só chove à noite e criancinhas encantadoras vêm implorar por doces. Isso é muito bom.

– E aqui estamos nós, ainda em Greenwich.

– De modo geral, é um bom lugar para estar.

– E este momento? – Ele ergueu o rosto de Laurel para beijá-la. – É próximo da perfeição.

– Isto parece quase fácil demais – comentou ela enquanto eles voltavam para o carro.

– Por que deveria ser difícil?

– Não sei. Eu só desconfio naturalmente do que é fácil demais. – Quando chegaram ao carro, ela se virou e se encostou na porta a fim de olhar para Del. – Quando as coisas correm muito bem, sei que há algo prestes a desabar na minha cabeça. Bem ali na esquina, um piano sendo içado para fora de uma janela.

– Então você o evita.

– Se você não estiver atento quando, plaft, o cabo se partir, será esmagado pelo piano.

– Na maioria das vezes, o cabo não se parte.

– Na maioria das vezes – concordou Laurel, batendo com um dedo no peito dele.

– Mas só é preciso uma vez. Então é melhor ficar atento, olhando para cima, só por precaução.

Del ergueu uma das mãos e pôs uma mecha de cabelos de Laurel atrás da orelha dela.

– Aí você pode tropeçar na calçada e quebrar o pescoço.

– Isso é verdade. Desastres podem acontecer em qualquer lugar.

– Você se sentiria melhor se eu começasse uma briga? – Ele pôs as mãos no carro dos dois lados de Laurel e se inclinou para roçar os lábios nos dela. – Se a atacasse um pouco, para que isso não fosse tão fácil?

– Depende do ataque. – Ela o puxou para um beijo mais profundo. – Mais 24 dias

– murmurou. – Talvez isso não seja tão fácil quanto pensei, afinal.

– Já faz quase uma semana. – Del abriu a porta para ela. – E há 800 dólares em jogo.

Isso era verdade, pensou ela, enquanto Del contornava o carro para se sentar ao volante. Ele insistira em pôr 100 dólares no bolão.

– Algumas pessoas diriam que nossa tribo é um pouco íntima demais ao começar a fazer apostas sobre quando faremos sexo – comentou Laurel.

– Essas algumas não são da nossa tribo. E falando em tribos, por que não reunimos a nossa para o Quatro?

– Que quatro? Ah, Quatro de Julho. Meu Deus, está quase chegando.

– Poderíamos jogar bola, fazer cachorros-quentes e ver os fogos de artifício no parque. Vocês não têm nenhum evento nesse dia.

– Não fazemos nenhum evento no Quatro de Julho, não importa quanto implorem ou tentem nos subornar. Tradição da Votos. Temos direito a uma folga – suspirou ela. – Um dia inteiro longe da cozinha. Sou totalmente a favor.

– Ótimo, porque já comentei com a Parker sobre reunir todo mundo.

– E se eu dissesse não?

Ele sorriu.

– Então sentiríamos a sua falta.

Laurel estreitou os olhos para ele, mas os lábios se curvaram para cima.

– Suponho que eu já tenha uma função.

– Talvez tenha havido uma menção a um bolo patriótico. E pensamos em ir ao Grantry's ouvir um pouco de música depois.

– Não vou ser a motorista. Se fizer o bolo, vou querer beber.

– É justo. Designaremos o Carter – decidiu Del, fazendo-a rir. – Cabemos todos na van de Emma.

– Por mim está ótimo.

Estava tudo bom para ela, pensou enquanto Del virava na entrada de veículos. Ficaria bem atenta a pianos sendo içados em janelas.

Laurel se decidiu pelo tema fogos de artifício, o que significava usar muito algodão-doce. Talvez fosse tolice despender tanta energia para um piquenique no parque com amigos, mas também era bem divertido, pensou ela enquanto transferia os fios aquecidos da máquina para a grade de madeira.

Usaria os fios para formar vulcões no bolo já tingido de vermelho, branco e azul. Acrescentaria algumas bandeiras de pasta de goma e seria um sucesso.

Divertindo-se com a tarefa, começou a formar os fogos de artifício com os fios de açúcar, que tornou flexíveis apenas com um toque de cera de abelha.

Recuou para examinar a primeira formação e quase gritou quando viu um homem à porta.

– Desculpe, desculpe. Eu não quis interromper seu trabalho. Tive medo de atrapalhar. Nick Pelacinos, da festa de noivado de última hora, lembra?

– Claro. – Ele segurava um buquê de ores de verão que a fez pensar: Ô-ou. – Como vai?

– Bem. Sua sócia disse que eu podia entrar, que você não estava trabalhando, mas...

– Ah, este bolo não é de trabalho.

– Deveria ser. – Ele se aproximou. – Divertido.

– É, sim. Algodão-doce é de brinquedo.

– E suas mãos estão cheias dele, então que tal eu colocar isto bem ali?

Ele atravessou a cozinha para tirar as flores do caminho.

– São lindas. – Ela havia flertado com ele? Sim. Mais ou menos. – Obrigada.

– Eu trouxe a receita de lathopita da minha avó.

– Ah, ótimo.

– Ela me deu ordens expressas para entregá-la pessoalmente. – Ele tirou do bolso um cartão com a receita e o colocou ao lado do buquê. – E para lhe trazer flores.

– Isso é muito delicado da parte dela.

– Ela gostou de você.

– Também gostei dela. Aceita um café?

– Não, obrigado. A terceira ordem dela foi que eu convidasse você para jantar, o que eu já pretendia fazer, de qualquer maneira, mas ela gosta de levar o crédito.

– Ah. Isso é muita gentileza de vocês dois, mas comecei a sair com alguém recentemente. Bem, a parte de sair é recente. Mais ou menos.

– Minha avó e eu estamos desapontados.

Ela deu um meio sorriso.

– Ainda posso ficar com a receita?

– Desde que eu possa dizer a ela que você só negou meu convite porque está perdidamente apaixonada por outra pessoa.

– Combinado.

– E... – Ele pegou uma caneta, virou o cartão com a receita e escreveu algo. – Meu número. Me dê uma ligada se as coisas mudarem.

– Pode deixar. – Ela tirou um fio de açúcar da grade e o estendeu para ele. – Prove.

– Ótimo. Um prêmio de consolação vai bem.

Eles sorriram um para o outro enquanto Del entrava.

– Oi. Desculpe, eu não sabia que você estava com um cliente. Constrangedor, pensou Laurel.

– Hã... Delaney Brown, este é Nick...

– Pelacinos – completou Del. – Demorei um minuto para lembrar.

– Del, claro. – Nick estendeu a mão. – Já faz algum tempo. Como vai?

Ou nada constrangedor, decidiu Laurel ao ver os dois bastante à vontade um com o outro.

– Falei com Terri e Mike há algumas semanas – disse Del. – Está interessado em comprar um bolo de casamento?

– Eu? Não. Tenho uma prima que vai se casar daqui a alguns meses.

– A avó de Nick veio da Grécia para fazer uma visita – interpôs Laurel, caso eles tivessem esquecido que ela estava lá. – Fizemos um pré-evento para ela ter uma ideia de como trabalhamos.

– Sim, eu estava aqui no dia – retrucou Del.

– Você devia ter participado da festa. Foi boa.

– Apareci só para dar uma olhada. Você estava com Laurel na pista de dança. –

Del fitou-a de relance, de forma deliberada. – Foi uma grande noite.

Laurel voltou a manipular o algodão-doce.

– Que me rendeu uma receita da matriarca – disse ela com um sorriso doce como o algodão. – Para mim, foi uma noite ótima.

– É melhor eu ir andando. Vou dizer à minha avó que fiz a entrega.

– Diga-lhe que gostei muito e tentarei deixá-la orgulhosa no casamento.

– Pode deixar. Foi bom vê-la de novo, Laurel. Até mais, Del.

– Vou acompanhá-lo até lá fora.

Enquanto eles saíam da cozinha, Del perguntou:

– Qual é o seu handicap agora?

Laurel franziu as sobrancelhas até perceber que Del estava falando de golfe. Balançou a cabeça e acrescentou mais açúcar à receita. Não é que ela quisesse que o momento fosse constrangedor ou tenso. Sentir ciúme era o mesmo que ser fraco, egoísta, irritante.

Mas um pouquinho – como cera de abelha em algodão-doce – não fazia mal nenhum.

Afinal de contas, Nick a convidara para sair. Até deixara seu número de telefone num lugar onde ela pudesse vê-lo sempre que pegasse a receita de lathopita. O que, pensando bem, fora muito inteligente da parte dele.

É claro que Del não sabia disso, mas podia inferir, não podia? E, assim, ficar um pouco irritado ou algo do tipo em vez de perguntar como iam as coisas e começar a falar sobre golfe.

Homens, pensou – ou melhor, homens como Del –, não entendiam as nuances de um relacionamento.

Ele voltou alguns instantes depois.

– Ficou ótimo – disse, apontando com a cabeça para o bolo enquanto abria um armário. – Quer uma taça de vinho? Vou tomar uma.

Quando Laurel deu de ombros, ele abriu uma garrafa e serviu os dois.

– Eu não sabia que você apareceria hoje.

Ela ignorou o vinho por ora e continuou acrescentando o brilho dos fogos de artifício ao bolo.

– Vou dormir aqui, já que todos sairemos daqui amanhã. A Sra. G. vai com algumas amigas, mas nos encontrará lá. Está levando comida suficiente para alimentar todo o vilarejo.

– Sim, eu sei.

Ele deu um gole no vinho e a observou.

– Flores, hein?

Ela deu de ombros e continuou a trabalhar.

Casualmente, obedecendo a um velho hábito, Del abriu uma lata para pegar um biscoito.

– Ele não é o seu tipo.

Ela parou o que estava fazendo e arqueou as sobrancelhas.

– Não? Homens atraentes e atenciosos que trabalham no ramo alimentício e adoram suas avós não são meu tipo? Ainda bem que você me avisou.

Del deu uma mordida no biscoito.

– Ele joga golfe.

– Meu Deus! Imperdoável!

– Duas vezes por semana. Todas as semanas.

– Pare. Você está me assustando.

Ele apontou para ela com o biscoito e depois deu outra mordida.

– E ele gosta de filmes artísticos. Com legendas e simbolismos, sabe? Ela parou para tomar um gole de vinho.

– Vocês namoraram? O rompimento foi ruim?

– Engraçadinha. Acontece que conheço alguém que o namorou.

– Existe alguma pessoa que você não conheça?

– Sou advogado da prima dele, Teresa, e do marido dela. De qualquer maneira, Nick é mais o tipo de Parker, exceto pelo fato de o horário dele ser tão louco quanto O dela, o que faria com que eles nunca conseguissem se encontrar.

– Parker não gosta tanto assim de filmes artísticos.

– Não, mas os entende.

– E eu não entendo porque não estudei em Yale?

– Não, porque eles a irritam.

Isso era verdade, mas ainda assim...

– Existem outras coisas que chamam atenção num homem além de preferências cinematográficas e golfe. Ele é um bom dançarino – disparou Laurel, e odiou o tom defensivo em sua voz. – Eu gosto de dançar.

– Está bem.

Del se aproximou e a abraçou.

– Pare com isso. Ainda não terminei o bolo.

– Está com uma cara boa. Você parece ainda melhor e também tem um cheiro delicioso. – Ele fungou o pescoço de Laurel. – Açúcar e baunilha. Eu não reconheci Nick quando você estava dançando com ele. – Virou-a com delicadeza, primeiro para a direita e depois para a esquerda. – Estava muito cheio. E eu só tinha olhos para você. Realmente só tinha olhos para você.

– Isso é muito bom de ouvir – murmurou Laurel.

– E é a pura verdade. – Del abaixou a cabeça para roçar os lábios nos dela. – Olá, Laurel.

– Olá, Del.

– Se der aquelas flores para a Parker, comprarei outras para você.

Aquilo era a medida perfeita de cera de abelha no açúcar.

– Está bem.

Feriados – os de verdade, sem trabalho, eram tão raros que o relógio biológico de Laurel a despertou às seis horas em ponto. Ela começou a se levantar da cama e depois lembrou que não precisava. Então se aconchegou de novo com o mesmo tipo de euforia desconcertada de uma criança ao ver um dia inesperado de neve.

Suspirou, fechou os olhos de novo e pensou em Del em outra cama, convenientemente próxima.

Podia se levantar e se esgueirar para o quarto dele, para a cama dele. Apostas encerradas.

Afinal de contas, era o Dia da Independência. Por que não ser independente? Ele não iria reclamar ou gritar por ajuda. Ela poderia vestir algo mais sexy do que regata e calcinhas boxer. A camisola azul ficaria bem. Ou talvez a de seda oral em tons pastel ou...

Pensando nisso, adormeceu de novo.

Oportunidade perdida, pensou ao descer para a cozinha da família quase três horas depois. Provavelmente tinha sido melhor assim, porque os outros sem dúvida se sentiriam triunfantes por ela e Del terem perdido a aposta. Esse era o melhor modo de lhes mostrar que ambos eram adultos com força de vontade e bom senso. Dali a algumas semanas seriam um casal, portanto aquilo não tinha tanta importância assim.

Os cheiros do café da manhã e as vozes enchiam a cozinha. E lá estava ele, lindo e

parecendo relaxado, tomando café e brincando com a Sra. G. Laurel só pôde desejar ter ido em frente com aquele pensamento do início da manhã.

– Pronto, ela acordou – anunciou Mac. – Bem na hora. Estamos tomando um lauto café da manhã de feriado, o que, graças aos poderes persuasivos de Del, inclui waffles belgas.

– Hummm...

– Minha ideia é a seguinte: não fazemos nada o dia inteiro além de comer e engordar, e depois ir ao parque, continuar comendo e engordando. Inclusive você

– acrescentou Mac, apontando para Parker.

– Nem todos têm a mesma tendência a engordar. Vou dar uma arrumada no meu escritório. Isso me relaxa.

– Seu escritório já está arrumado como a Vila da Obsessão – salientou Emma.

– Enquanto implica com a garota, termine de pôr a mesa – ordenou a Sra. Grady.

– Não tenho o dia inteiro.

– Vamos comer no terraço porque... é feriado. – Mac pegou uma pilha de pratos e balançou a cabeça quando Carter começou a tirá-los dela. – Não, querido. Pegue algo inquebrável.

– Boa ideia.

– Vamos beber Mimosas, como adultos. – Emma entregou a cesta de pão a Carter. – Isto é um prelúdio para nossas férias no mês que vem, quando todos os dias serão feriados.

– Eu fico responsável pelo bar – falou Jack, pegando o champanhe e um jarro de suco de laranja.

– Alguém deveria ter me acordado. Eu a teria ajudado, Sra. G.

– Está tudo sob controle. – A governanta agitou sua espátula. – Leve o resto lá para fora. Estará tudo pronto daqui a dois minutos.

– Belo início de dia. – Laurel olhou de relance para Del enquanto eles levavam as travessas para fora. – Foi ideia sua?

– Por que ficar dentro de casa em um dia como este?

Laurel se lembrou da frequência com que eles tinham divertidas refeições de verão no terraço quando ela os visitava na infância. Flores, comidas gostosas e companhia agradável em lindas e preguiçosas manhãs.

Eles já tinham agrupado algumas mesas para acomodar todos, e as haviam coberto com toalhas bonitas. Sim, havia ores, comidas gostosas e o brilho do cristal à luz do sol da manhã.

Laurel se esquecera de como era não ter nada mais urgente no dia do que se divertir.

Pegou a taça que Jack lhe ofereceu.

– Obrigada. – Deu um gole. – Você poderia ter seguido essa carreira. Jack lhe deu um puxão de brincadeira nos cabelos.

– É sempre bom ter uma segunda opção.

Quando a Sra. G. apareceu com a última travessa, Del a pegou dela.

– A senhora, na posição de rainha dos waffles, tem que se sentar à cabeceira da mesa.

É claro que ela o adorava, pensou Laurel ao vê-lo só se dar por satisfeito quando a Sra. Grady já estava sentada com uma Mimosa na mão.

Aproximou-se e beijou a bochecha dele.

– Bom trabalho.

Seria assim dali em diante, percebeu. Não a parte dos waffles belgas e Mimosas no terraço. Mas aquele grupo, aquela família. As mesmas vozes, os mesmos rostos em feriados e refeições improvisadas.

Vozes cruzavam a mesa junto com a comida. Uma fatia de waffle para Emma, frutas para Parker enquanto ela conversava com Carter sobre um livro que ambos tinham lido recentemente. Montes de chantili para Mac, Del discutindo com Jack sobre a escalação para um jogo de beisebol.

– No que está pensando, menina? – perguntou a Sra. Grady a Laurel.

– Em nada de especial. É uma boa mudança.

A Sra. Grady se inclinou e abaixou a voz.

– Vai mostrar para eles o desenho que acabou de fazer?

– Será que eu devo?

– Termine de comer primeiro.

De repente, Mac bateu com a colher em sua taça.

– Eu gostaria de anunciar que depois do café da manhã vamos visitar a nova Biblioteca Carter Maguire. Carter e eu levamos milhões de livros lá para cima ontem à noite, por isso espero muitos elogios, com alguns reservados para o arquiteto.

Ela ergueu sua taça na direção de Jack.

– Foram mais do que milhões de livros – corrigiu-a Carter. – Mas ficou ótima. Ótima mesmo, Jack.

– Não há nada que me agrada mais do que clientes satisfeitos. – Ele olhou para Emma. – Bem, quase nada.

– E fim das marteladas, serraduras e pintura! Não que a gente esteja reclamando – disse Mac. – Mas, nossa, que legal!

– As marteladas e todo o resto vão começar na porta ao lado na semana que vem

– preveniu-a Jack.

– Protetores de ouvido – sugeriu Mac a Emma. – Altamente recomendados.

– Posso aguentar. Por um novo refrigerador e espaço de trabalho, eu supero o barulho.

– Vamos ter que trabalhar por algum tempo enfileiradas no seu espaço, Laurel.

– Ela não vai parar de resmungar. – Mac agitou seu garfo. – Eu sou uma santa, mas ela não vai parar de resmungar.

– Provavelmente – disse Laurel dando de ombros enquanto terminava seu waffle.

– Vamos isolar a área de trabalho da sua cozinha – garantiu-lhe Jack. – Ficar o máximo possível fora do seu espaço.

– Ainda assim ela não vai parar de resmungar. É da natureza dela.

Laurel lançou um olhar frio para Mac, depois se levantou e entrou.

– O que foi? O que foi? Eu estava brincando. Na maior parte.

– Ela não está com raiva. Se estivesse, teria arrancado sua cabeça. – Parker olhou na direção da casa. – Ela vai voltar.

– É verdade. Você não está com raiva, está? – perguntou Mac apontando o garfo para Del. – Se Laurel estiver com raiva você também ficará em solidariedade a ela, porque estão namorando.

– Se isso é uma regra, é uma regra feminina.

– Não é uma regra feminina. É uma regra dos casais – retrucou Mac, então olhou para Emma para confirmação.

– Sim, é – disse Emma. – Se você tem amor à vida.

– Eu não estou com raiva, portanto, se ela estiver, vai ter que superá-la.

– Você não sabe mesmo como isso funciona – concluiu Mac. – Parker, você deveria anotar algumas dessas normas para ele. As regras são os fios que compõem o tecido. O tecido de Del está cheio de buracos.

– Essas regras são femininas, dos casais ou do Quarteto?

– Na verdade, é tudo a mesma coisa – falou Parker. – Vou lhe escrever um memorando. – Ela olhou de relance quando Laurel voltou com seu bloco de desenho. – Mas no momento o assunto é irrelevante.

– Qual é o assunto? – quis saber Laurel.

– Raiva e a regra da ofensa.

– Ah. Eu não estou com raiva ou ofendida, só a estou ignorando. – Ela deu a volta na mesa até chegar a Carter. – Isto é para você, não para ela. Só para você.

– Está bem. – Ele deu uma olhada para Mac. – Isto é permitido?

– Depende.

– Ela não tem o direito de dizer nada a esse respeito. Se gostar, é seu. O bolo do noivo.

Laurel posicionou o bloco de modo que Mac não pudesse vê-lo e o abriu para Carter.

Observou o rosto dele e viu exatamente o que esperava: o rápido brilho de puro prazer.

– É maravilhoso. Não poderia ser mais perfeito e eu nunca tinha pensado nisso.

– O que é?

No momento em que Mac perguntou e mudou de posição, Laurel fechou o bloco com toda a rapidez.

Isso provocou algumas risadas ao redor da mesa enquanto Mac praguejava. Então ela mudou de tática e adotou uma expressão triste e suplicante.

– Por favor? Por favorzinho? Laurel entreabriu o bloco.

– Só vou mostrar pelo Carter. Não por você.

– Está bem.

Laurel terminou de abrir o bloco e ouviu Mac prender a respiração antes de conseguir pronunciar um trêmulo “Oh”.

Jack esticou o pescoço para dar uma olhada.

– É um livro. Bonito. Tudo a ver.

– Não é apenas um livro. É Como gostais. De certo modo, é nosso livro, não é, Carter?

– Eu estava lecionando sobre ele quando nós começamos a sair juntos. Está até aberto na fala de Rosalind. Veja. – Ele passou o dedo pela página. – “Assim que se olharam, amaram-se.”

– Ai, que lindo! – Emma se inclinou para olhar melhor. – Adorei a fita marcadora com os nomes deles.

– Estou pensando em tirar o de Mac. Vou manter apenas o de Carter – comentou Laurel. – Sim, só o dele. Carter Maguire, ph.D.

– Você não vai me tirar do bolo. Você me ama.

Laurel fez um som de desdém.

– Ama, sim – insistiu Mac, levantando-se. – Desenhou o bolo perfeito para a minha carametade. Você me ama. – Ela agarrou Laurel em um abraço e fez uma dancinha com ela.

– Talvez eu ame o Carter.

– É claro que ama. Quem não amaria? Obrigada, obrigada – sussurrou ao ouvido de Laurel. – Você se superou.

– Você quase merece – murmurou Laurel em resposta, depois riu e abraçou Mac com força.

– Me deixem dar uma olhada nisso enquanto vocês cuidam da louça. Quando terminarem, a comida está pronta para ser embalada e levada para o parque. Precisarão carregar as cestas para fora.

– Todos deverão estar na cozinha da família às três e meia para embalar – anunciou Parker. – Depois, designarei missões específicas para cada um. O carregamento da van será às quatro horas, o que inclui comida, cadeiras dobráveis, mantas, equipamento esportivo e pessoas. Destinei assentos para o transporte – acrescentou ela, limitando-se a inclinar a cabeça ao ouvir os suspiros.

– Isso evitará discussões. Eu dirijo. – Desta vez ela ergueu uma das mãos. – Sou a única

sem namorado aqui, e como tal devo suscitar compaixão, ser favorecida e obedecida.

– Que tal se você arrumasse um encontro? – sugeriu Emma. – Posso lhe arranjar um em cinco segundos.

– É muita gentileza sua, mas não. Nem pensar. – Parker se levantou e começou a empilhar os pratos. – Vamos acabar logo com isso, porque ainda tenho que fazer uma agradável e relaxante eliminação de arquivos.

– Isso é lamentável – comentou Mac, balançando a cabeça enquanto pegava uma travessa.

– Quem você poderia arranjar em cinco segundos? – perguntou Jack.

Emma lhe lançou um olhar divertido por cima do ombro enquanto carregava os pratos para dentro.

– Já vou entrar – disse Del a Laurel. – Só preciso fazer uma coisa primeiro.

– Se você demorar mais do que cinco minutos, vou dar com uma panela na sua cabeça.

Quando Del tirou o celular do bolso, a Sra. Grady ergueu os olhos do bloco de desenho de Laurel.

– O que você está tramando?

– Só estou cuidando da minha irmã.

Ele se afastou e começou a teclar.

Aquilo não era exatamente como arrebanhar gado, mas era quase, deduziu Laurel. Ali estavam pessoas bem-sucedidas, que dirigiam os próprios negócios, lecionavam para os jovens do país e representavam cidadãos no tribunal de justiça – e nenhuma delas conseguia chegar a um lugar ao mesmo tempo que as outras. Uma dúzia de itens essenciais foi lembrada no último minuto e depois apanhada dentro da casa. Houve debates sobre o sistema de carregamento da van e os assentos destinados por Parker.

Laurel tirou um refrigerante de um dos coolers e, depois de abri-lo, foi se sentar em um dos muros baixos do jardim enquanto o caos reinava.

– Por que você não está lá dando um jeito naquilo? – perguntou ela a Parker quando a amiga se sentou ao seu lado.

– Eles estão se divertindo. – Ela estendeu a mão para pegar a bebida. – E incluí vinte minutos extras no tempo de carregamento.

– É claro. Você ficou mesmo eliminando arquivos a tarde toda?

- Algumas pessoas fazem palavras cruzadas.
- Quantos telefonemas recebeu?
- Cinco.
- Um feriado e tanto.
- Eu gosto disso. As coisas também parecem estar dando certo para você.

Laurel seguiu o olhar de Parker e observou Del mudando o lugar de uma cesta e um par de cadeiras dobráveis.

- Nós não tivemos nenhuma briga. Isso chega a ser irritante.
- Ah, vocês vão voltar a brigar. – Parker acariciou o joelho de Laurel e depois se levantou. – Tudo bem, pessoal, hora de sair. Todos em seus lugares.

Del fechou a porta de trás da van e se aproximou para dar a mão a Laurel.

- Você vai se sentar do meu lado. Minha irmã providenciou isso.
- Vai estar muito cheio. Talvez eu tenha que me sentar no seu colo.

Del sorriu enquanto ela entrava na van.

- Esperemos que sim.

Capítulo Nove

GRAÇAS À PROGRAMAÇÃO DE Parker, eles chegaram cedo o suficiente para encontrar um bom local para montar – nas palavras de Laurel – acampamento. Abriram as cadeiras, espalharam as mantas e tiraram as cestas e os coolers da van.

Del jogou uma bola no colo de Laurel.

– Campo direito.

– Eu sempre fico empacada no campo direito – queixou-se ela. – Quero jogar na primeira base.

Apesar do status de namorados, ele a olhou com pena.

– Encare isso, Laurel: você joga como uma garotinha. A maioria dos arremessos será no campo interno, por isso preciso de Parker na primeira base.

– Parker é garota.

– Mas não joga como uma. Jack fica com Emma e Mac, e Carter será o juiz para que ninguém saia machucado. Além disso, ele será justo. Completaremos o resto com pessoas aleatórias, e como alguns vão ser visados por todos, até que... E lá vem meu recebedor.

Laurel acompanhou o olhar de Del.

– Você chamou Malcolm Kavanaugh?

A luz da competitividade brilhou nos olhos de Del.

– Ele tem habilidades importantes, e isso equilibra as coisas.

– No jogo?

– Não. Você sabe, com Parker.

– Parker? – Choque, divertimento e depois sua própria dose de pena passaram pelo rosto de Laurel. – Você arranhou um encontro para Parker? Meu Deus, Del, ela vai matar você.

– Por quê? – Distraidamente, ele ficou jogando a bola para a mão com a luva. – Eu não estou pedindo que ela se case com ele. Só vamos passar um tempo juntos.

– Vai ser o seu funeral.

– Por quê? – perguntou ele de novo. – Ela tem algum tipo de problema com... Oi, Mal.

– Oi. – Ele pegou a bola que Del lhe atirou e a jogou de volta. – Como estão as coisas? – falou, dirigindo-se a Laurel.

– Vamos descobrir.

– Joguinho de bola, comida grátis... – Malcolm, que usava uma calça jeans surrada, camiseta branca e óculos escuros, bateu uma bola com o bastão que levava. – Muito bom. Minha mãe está com a Sra. Grady e algumas amigas. – Ele apoiou o bastão no ombro. – Então, qual é a escalação?

– Você na terceira base, como rebatedor de limpeza.

– Ótimo.

– Laurel no campo direito, na largada. Ela é péssima em pegar a bola, mas uma boa batedora.

– Não sou péssima em pegar a bola. – Ela bateu em Del com a luva. – Continue assim e não teremos nenhum problema em vencer aquela aposta.

Quando ela se afastou a passos largos, Mal ensaiou um swing.

– Que aposta?

Laurel foi direto para onde Mac estava.

– Quero trocar com você. Quero jogar no time do Jack.

– A vadia do jogo. Por mim tudo bem, mas é melhor você falar com o Jack. Ela foi até onde Jack estava sentado, anotando sua escalação.

– Troquei de lugar com Mac. Estou no seu time.

– Trocando a ruiva pela loira. Muito bem, deixe-me ver... Você vai ficar no campo direito, na largada.

Filho da mãe. Ele e Del haviam se comunicado por telepatia? Laurel estreitou os olhos.

– Por que o campo direito?

Jack fitou-a de relance e ela o viu reconsiderar sua resposta.

– Você tem um braço forte. Laurel apontou para ele.

– Boa resposta.

– Por que você... Ei, aquele é o Mal? Del chamou o Mal? – Jack mostrou os dentes. – Então é assim que ele quer jogar?

– Vamos acabar com ele.

Jack se levantou e bateu a palma da mão na de Laurel.

– Esse jogo já está ganho. Somos o time da casa. Vamos escolher o campo. Laurel se saiu bem no campo direito. E não porque ninguém tivesse batido uma bola em sua direção, mas porque estava preparada.

Depois de eles pegarem três bolas lançadas fora, ela trocou a luva por um bastão e encarou Del no montículo.

Ele piscou para ela e Laurel respondeu arreganhando os dentes. Então fez um forte swing para o ar e errou a bola. Ele tentou enganá-la com um arremesso baixo e para fora, mas ela se manteve firme. Chegou à terceira com fôlego suficiente para uma sólida rebatida de base. Quando alcançou a primeira base, atirou seu capacete para o lado.

– Del chamou Mal para equilibrar as coisas para você.

– O quê? – Ao lado da base, Parker, que esperava agachada, se aprumou. – Está brincando? Tipo um encontro por piedade?

– Isso, e Mal é um ótimo jogador. Achei que você iria querer saber.

– Tem toda a razão. – Parker lançou um olhar fulminante na direção do montículo em que Del se preparava para o arremesso. – Ele me paga.

Na quarta entrada, o time de Del estava ganhando por cinco a três. Laurel foi obrigada a admitir que ele tinha razão sobre Malcolm e suas habilidades. Agora Mal se encontrava na segunda depois de uma rebatida dupla e o arremesso bem-sucedido atrás dele levou Del à base do batedor. Aplausos e clamores irromperam do público que se reunira. Laurel viu Del se posicionar e Jack ignorar a primeira sugestão do recebedor, um menino de 12 anos.

Del arremessou uma bola rápida. Ou pelo menos pareceu rápida para Laurel. Pareceu ainda mais rápida quando ele bateu na bola com o bastão e ela voou no ar. Em sua direção.

– Droga. Ah, droga.

Ouviu alguém gritando – talvez ela mesma – enquanto corria para seguir o caminho da bola, mas seu coração batia tão forte que ela não soube dizer quem era.

Ergueu sua luva e rezou.

Quando a bola bateu na luva, ninguém ficou mais surpreso do que Laurel. Ela atirou para cima a bola e a luva e ouviu os gritos e os aplausos da multidão. Também viu que Mal já saía da sua base e corria para a terceira. Então Laurel fez um arremesso forte e certo para as mãos erguidas de Emma. A bola, no entanto, bateu na luva de Emma um pouco de lado e tarde demais.

Do júbilo ao desgosto em menos de cinco segundos, pensou Laurel. Beisebol era um saco.

– Boa pegada, Laurel.

– Não precisa ficar com pena, Jack – murmurou ela enquanto eles saíam da entrada e Mal permanecia na terceira.

– Quem está com pena? Del caprichou naquela bola. Se você não a tivesse pegado, estaríamos mais atrás ainda. Nós os detivemos.

Ele lhe deu um soquinho fraternal no ombro.

– Foi uma boa pegada – retrucou ela, assentindo com a cabeça, satisfeita.

Talvez, afinal de contas, o beisebol não fosse um saco.

Voltou a ser quando eles perderam por sete a quatro, mas ela ficou feliz em saber que não era péssima em pegar a bola.

– Você jogou bem. – Del lhe atirou uma lata de refrigerante. – Duas rebatidas simples e uma corrida impulsionada. Além disso, me roubou dois possíveis home runs.

– Você não devia ter dito que eu era péssima em pegar a bola.

– Geralmente é.

Ele deu um tapinha na aba do boné de Laurel em um gesto fraternal como o soco no braço que Jack lhe dera. Laurel atirou o boné para o lado e agarrou a camisa de

Del.

– Acho que você está se esquecendo de uma coisa.

Ela o puxou para baixo e lhe deu um beijo profundo. Depois, achou graça quando o gesto provocou aplausos daqueles que estavam sentados nas mantas ou nas cadeiras.

– Não, eu me lembrei disso. – Del pôs os braços despreocupadamente ao redor da cintura dela. – Mas obrigado pela iniciativa.

– Ora, ora, isso não é uma surpresa? – Hillary Babcock, uma das amigas da Sra. Grady, deu um sorriso radiante para Del e Laurel. – Eu não tinha a menor ideia do que estava acontecendo! Maureen, você não me conta nada!

– O que eu não conto, você descobre.

– Mas isso é importante. Sempre pensei em vocês dois como irmãos, praticamente, e aí estão, cheios de romantismo.

– Laurel pegou uma bola de longa distância. – Del mudou de posição para passar o braço pelos ombros dela. Massageou de leve o bíceps da namorada como se para acabar com uma leve irritação. – Ela merece uma recompensa.

Hillary riu.

– Da próxima vez, me chame! Mas, falando sério, há quanto tempo estão juntos? Olhem para vocês. – Ela deu o sorriso radiante de novo e seus olhos começaram a lacrimejar de leve. – Parece que foi ontem que essas quatro garotas e Del corriam por este parque com o resto das crianças, e agora são adultos. E estão todos com seus pares, também! Ah, Maureen, você deveria convencer essas garotas a fazerem um casamento triplo. Não seria maravilhoso?

– Hilly, o rapaz apenas beijou a moça. Isso não significa que eles vão começar a fazer a lista de convidados. Por que você não come um pouco de salada de batata? Está no cooler, bem ali.

– Sim, é claro. Kay, este deve ser seu filho, Malcolm. Também já é um adulto! E está com Parker. Isso não é ótimo?

Mal observou o rosto de Parker enquanto respondia:

– Ela é uma excelente jogadora de beisebol, mas eu não cheguei nem a beijar a moça. Ainda.

– Na verdade, Mal não está com...

Um olhar fulminante de Parker para o irmão interrompeu a explicação dele. Deliberadamente, ela deu um passo para a frente. Consciente de que eles estavam bem na linha de visão de Del, Parker pressionou o corpo contra o de Mal, jogou os braços ao redor do pescoço dele e lhe deu um longo, lento e ostensivo beijo.

Depois recuou e esfregou os lábios um no outro.

– Isso deve resolver a questão. Mal segurou os quadris dela.

– Acho que deveríamos jogar outra partida.

Ela deu um leve sorriso a Mal, lançou um olhar frio para Del e foi ajudar a tirar o conteúdo de uma cesta.

– O que foi aquilo? – perguntou Del, agachando-se ao lado dela. – O que diabo foi aquilo?

– O quê? Ah, aquilo? Eu só estava tentando manter as coisas equilibradas. Não era essa a ideia, querido irmão?

– Pelo amor de Deus, Parker, eu só... Mal é meu amigo, então por que não chamá-lo? Além disso, você disse que era a única sem namorado.

– E foi muita gentileza da sua parte me arranjar um encontro sem ao menos me perguntar se eu estava interessada. – Ela o cutucou com o dedo quando ele começou a falar. – É melhor você não se intrometer na minha vida ou vou dormir com ele só para tornar sua vida um inferno.

Del empalideceu.

– Você não seria capaz.

– Não me desafie. – Ela o cutucou de novo. – Não me desafie.

– Hora de dar uma caminhada. – Laurel puxou o braço de Del. – Hora de dar uma caminhada mesmo. Há coisas que nem você consegue evitar – murmurou enquanto o arrastava para longe.

– Qual é o problema dela?

– Parker está irritada com você, é claro. Eu avisei que ela ficaria.

Del desviou de um frisbee que passou voando e depois parou.

– Ela não teria ficado se você não tivesse lhe contado. Por que fez isso?

– Porque Parker é minha amiga e eu estava irritada com você antes dela. Eu teria contado mesmo que não estivesse com raiva, mas esse foi um fator secundário. Você não pode tirar da manga um encontro para ela sem que ela saiba, porque assim me obriga a fazer isso.

– Outra regra. Talvez seja melhor ela me mandar um maldito memorando. Laurel deu uma sacudidela na mão dele.

– Você devia saber que não era para fazer isso.

– Como assim? Foi ela quem o agarrou e beijou daquele jeito, na frente de todo mundo.

– Sim, ela devia tê-lo arrastado para os arbustos e feito isso longe dos olhos dos outros, mas você conhece Parker. Ela é atrevida.

– Você acha isso engraçado? – Ele parou e a olhou de alto a baixo. – Ela deu em cima dele em público, está furiosa comigo e agora ainda tenho que conversar com o Mal. Isso não tem graça nenhuma.

– Não. Você não tem que conversar com o Mal. Deixe isso para lá, Sr. Conserta Tudo. Eles são adultos.

– Vocês têm as suas regras, eu tenho as minhas.

– Às vezes eu tenho vontade de... – Ela virou o rosto para o outro lado e depois olhou de novo para Del. – Com quantos homens você “conversou” quando se tratava de mim?

Ele enfiou as mãos nos bolsos.

– Passado é passado.

– Talvez você devesse ter uma conversinha consigo mesmo.

– Acredite, eu já fiz isso e pareceu não adiantar nada. Agora tomei gosto por você.

– Tomou gosto por mim?

– Sim. Você entende de sabores e sabe que alguns deles são irresistíveis. Como o seu.

Ela deu um leve suspiro e depois emoldurou o rosto dele com as mãos.

– Está quase perdoado. Vamos pelo caminho mais longo. Isso vai abrir nosso apetite.

Quinze minutos depois, Laurel concluiu que eles conheciam muita gente. A simples caminhada ao redor do parque se transformou em encontros e cumprimentos, com a parte um tanto desagradável de ter que lidar com a curiosidade daqueles que os viam como um casal pela primeira vez. As especulações chegavam zumbindo a seus ouvidos como mosquitos.

– Pelo menos a Sra. Babcock foi direta e perguntou.

Del a olhou de relance enquanto eles seguiam o caminho de volta.

– Perguntou o quê?

– “O que está acontecendo entre eles? Estão namorando? Dormindo juntos? O que Delaney Brown está fazendo com Laurel McBane? Quando começou?” Tenho a sensação de que eu deveria ter escrito uma declaração de imprensa.

– As pessoas gostam de saber sobre a vida dos outros, especialmente se há qualquer indício ou possibilidade de sexo ou escândalo.

– Posso sentir os olhares às minhas costas. – Como se para afugentá-los, ela girou os ombros para trás. – Isso não o incomoda nem um pouco?

– Por que incomodaria? Aliás, vamos lhes dar um motivo para olhar.

Ele a virou e lhe deu um beijo ardente.

– Pronto. Perguntas respondidas. Vamos comer um pouco daquela salada de batata.

Era mais fácil para Del, concluiu Laurel, porque ele sabia lidar melhor do que ela com as pessoas. Além disso, fazia parte da família Brown, de Connecticut, e isso tinha alguma importância em Greenwich. Para Laurel o sobrenome dele não fazia a menor diferença – ao menos na maior parte do tempo –, e ela suspeitava que o próprio Del só se lembrava dele quando lhe era útil. Mas, de qualquer forma, os outros faziam essa associação.

Del tinha o sobrenome, a posição, a riqueza. O primeiro programa deles em público como um casal serviu para lembrá-la de que ele era mais do que seu amigo de infância e amante potencial.

Sexo e escândalo, pensou. Bem, houvera ambos em sua família, não houvera? Supôs que algumas pessoas se lembrariam disso e especulariam, durante coquetéis e partidas de tênis no clube de campo, sobre as chances de ela haver se interessado por Del em virtude de seu sobrenome, sua posição e sua riqueza.

Isso não a incomodava muito e ela não deixaria que incomodasse, pensou Laurel. A menos que repercutisse nele ou em Parker.

– Você está séria. – Mac lhe deu uma cotovelada. – Pensamentos profundos não são permitidos em feriados nacionais.

– Não são tão profundos. – Mas já que ela havia falado nisso... – Já se perguntou o que nós duas estamos fazendo aqui?

Mac lambeu glacê dos dedos.

– De um modo zen?

– Não, aí seria um pensamento profundo demais. Você e eu, em particular. As crianças da escola pública com famílias desfeitas e infância difícil.

– A minha foi mais difícil.

– Sim, esse prêmio é seu.

– É. – Por um momento, Mac estudou seu copo de plástico com limonada. – Falando em dificuldades, Linda voltou ontem.

– Você não disse nada.

Mac deu de ombros.

– Isso não me afeta mais. Além disso, ela está morando em Nova York com o novo marido e ainda está zangada comigo. É uma boa distância.

– Que continue assim.

– Isso não importa muito, porque realmente tirei a sorte grande.

Ela olhou para Carter, que falava com alguns alunos que o haviam encontrado na multidão.

– Ele é ótimo mesmo – concordou Laurel. – Nós tivemos professores assim tão gatinhos?

– O Sr. Zimmerman, de história.

– Ah, sim, o Zim. Muito gatinho, mas gay.

Com os olhos verdes arregalados, Mac abaixou o copo.

– Ele era gay?

– Com certeza. Você devia estar num de seus períodos na Academia quando isso veio à tona.

– Perdi muitas coisas boas indo de um lado para outro toda hora. Bem, gay ou hétero, ele esteve presente em vários dos meus sonhos adolescentes. Ao Zim.

– Ao Zim – repetiu Laurel, batendo com sua lata no copo de Mac.

– Enfim – continuou Mac –, eu e você.

– Veja a Emma. A família dela é superunida. Eles são numerosos, mas firmes como rochas. Privilegiados, sem dúvida. E Parker. Os Browns são donos de Greenwich. Já você, mãe maluca, pai ausente. Nunca sabendo se as coisas iam dar certo ou não. E eu, com meu pai e seu probleminha com a Receita Federal, sem falar da amante. Estávamos quase falidos e ninguém dizia nada. Mal conseguimos manter a casa e minha mãe ficou mais irritada por ter que despedir os empregados do que pela existência da amante. Tempos estranhos.

Mac cutucou o braço de Laurel com o cotovelo, em solidariedade.

– Nós os superamos.

– Sim. E ainda estamos aqui. Pensando em retrospecto, acho que eu não imaginei que estaria. Eu estava envergonhada, confusa e zangada, e pensei que iria embora assim que fizesse 18 anos.

– Você foi, de certo modo. Foi estudar em Nova York, conquistou o próprio espaço. Nossa, aquilo foi estranho, pelo menos para mim. Ter uma amiga solteira e não totalmente falida morando em Nova York. Nós passamos por algumas fases interessantes. Quando não estávamos nos matando de trabalhar.

Laurel puxou os joelhos para cima e apoiou o queixo neles para manter os olhos em Mac.

– Você e eu sempre trabalhamos duro. Não quero dizer que Emma e Parker ficavam de papo para o alto, mas...

– Elas tinham segurança financeira – completou Mac, assentindo com a cabeça.

– Nós, não. Mas tínhamos a elas, por isso conseguimos.

– Sim, tem razão. Conseguimos.

– Então acho que não penso muito nessas coisas. Chegamos aqui, e é isso que importa. E, olhe, você também tirou a sorte grande. Del é um prêmio e tanto.

Laurel ergueu a cabeça e estudou Del.

– Ainda não o reivindiquei.

– Sei que eu coloquei dinheiro nisso, mas preciso saber, Laurel: o que diabo você está esperando?

– Sabe, estou me fazendo a mesma pergunta.

Mais tarde, quando o primeiro jorro de luz inundou o céu, Del se sentou atrás de Laurel e puxou-a para perto, envolvendo-a com os braços. Era tudo cor, som e espetáculo.

Não importava como chegara ali, pensou Laurel. Era exatamente onde queria estar.

Pôr tudo de volta no carro foi quase tão trabalhoso quanto tirar, mas depois Parker os levou a uma boate local. À porta, entregou as chaves do carro a Carter.

– Del vai pagar a primeira rodada – anunciou.

– Vou?

– Vai, e o dinheiro da nossa motorista eleita não será aceito aqui. – Ela olhou de relance

para trás e viu Malcolm entrar atrás deles. – É melhor garantirmos umas mesas.

Eles juntaram algumas e se sentaram. Depois que fizeram os pedidos de bebida, as mulheres foram em massa para o banheiro feminino.

– O que vocês acham que elas fazem lá, em grupo? – perguntou Mal.

– Falam da gente – sugeriu Jack. – E traçam estratégias.

– Já que temos um minuto, achei que deveria lhe dizer que Parker só fez aquilo mais cedo porque estava irritada comigo – falou Del.

Mal sorriu placidamente para o amigo.

– Tudo bem. Talvez você devesse irritá-la de novo.

– Ah. Sabe, eu não contei a ela que tinha convidado você e ela acabou tendo a impressão errada.

Com toda a calma, Mal passou o braço pelas costas da cadeira dele.

– É? E que impressão foi essa?

– Que eu tinha armado um encontro entre vocês.

– Sua irmã tem dificuldade em arranjar encontros?

– Não. É claro que não.

– Então eu não me preocuparia com isso.

A banda começou a tocar enquanto os drinques chegavam – e as mulheres apareceram logo em seguida.

– Quero dançar! Vamos, Jack – chamou Emma, agarrando a mão dele e o puxando.

– Mas a cerveja acabou de chegar.

– Primeiro vamos dançar. Depois, a cerveja.

– Boa ideia. – Del se levantou e chamou Laurel. – Já faz tempo que não dançamos.

– Muito bem, vamos ver do que você é capaz.

– Nossa vez, Carter – convocou Mac.

– Eu danço muito mal – lembrou-lhe ele.

– Você precisará dançar no casamento, então está na hora de treinar.

– Hum, tudo bem.

Mal esperou um instante, se levantou e estendeu a mão para Parker.

– Realmente você não precisa... – disse ela.

– Você sabe dançar, não sabe? – perguntou ele.

– É claro que sei, mas...

– Não tem medo de dançar comigo, tem?

– Isso é ridículo. – Claramente irritada, ela se levantou. – Isto não é um encontro e peço desculpas por antes, mas eu estava...

– Irritada com Del. Eu entendi. Então vamos tomar alguma coisa. Isso não fará mal algum.

A música era rápida e animada, mas ele lhe deu um pequeno giro inesperado e depois a puxou para perto. Então começou a se mover.

Mal tinha ritmo, e ainda assim Parker demorou um minuto para acompanhar seus passos. Precisava admitir que ele a pegara desprevenida de novo.

– Alguém fez aulas de dança – comentou ela.

– Não, alguém apenas descobriu que dançar é um bom modo de conseguir mulheres. – Ele a girou de novo e então seus corpos se juntaram. – E trabalhos. Cenas de brigas são pura coreografia, e eu atuei muitas vezes como dublê em cenas de briga.

– Trabalhos e mulheres.

– Sim. A vida é melhor com essas duas coisas.

Perto deles, Laurel estalou os dedos diante do rosto de Del.

– Pare de olhar para eles.

– Eu só estava... conferindo.

– Olhe para mim.

Laurel pôs os dedos em forquilha na frente dos próprios olhos e depois os apontou para os dele.

Del a segurou pelos quadris e puxou-a para mais perto.

– Você estava longe demais.

– Entendi. – Ela cruzou as mãos na nuca de Del e pressionou os quadris contra os dele. – Que tal assim?

– Muito melhor. – Ele aproximou a boca da dela. – Embora isto esteja acabando comigo.

– Você consegue aguentar.

Ela mordiscou o lábio superior dele.

– Definitivamente está me matando. Venha, vamos nos sentar.

Laurel pensou na última vez em que ela e as amigas tinham ido a uma boate. Só as quatro, lembrou-se, em um lugar badalado na cidade. Todas sem namorado, apenas querendo sair para dançar. Muitas coisas podiam mudar em alguns meses, refletiu.

Agora havia oito deles espremidos, gritando para se fazerem ouvir por cima da música. De vez em quando Del passava as mãos pelos cabelos de Laurel ou as descia pelas costas dela. Não sabia – não tinha como saber – o que aquele toque distraído provocava no corpo dela.

Del a fazia querer se enroscar nele, ronronando – ou arrastá-lo para a van, onde poderiam ficar a sós. Era patético quanto ansiava por ele e como ele podia afetá-la com tão pouco.

Se Del tivesse ideia de como Laurel estava apaixonada por ele... seria gentil. E isso a destruiria.

Era melhor, muito melhor, os dois irem com calma, como ele dissera no início. Talvez alguns desses sentimentos se acalmassem. Quem sabe encontrariam um meio-termo para que ela não se sentisse tão sobrecarregada pelo próprio coração.

Ele olhou em sua direção e sorriu, fazendo-a estremecer.

Tantas coisas podiam mudar..., pensou Laurel. E contudo, se levasse em conta suas aflições, muitas podiam permanecer iguais.

Logo depois da meia-noite, eles estavam novamente empilhados na van, com Carter atrás do volante. Laurel ouviu as vozes abafadas ao redor, o ritmo do dia diminuindo. Mas ainda havia lua, estrelas e uma longa noite pela frente.

– Amanhã tenho um jantar com um cliente – disse-lhe Del. – E depois pôquer.

Por que você não pensa no que gostaria de fazer no nosso próximo encontro?

– Claro.

– Você poderia sentir saudades de mim nesse meio-tempo.

– Poderia.

Quando Carter virou para a casa dele, Del ergueu o rosto de Laurel para um beijo.

– Por que não pensa nisso?

Ele se posicionou para sair e cutucou Parker no ombro.

– Você não está mais irritada comigo. Ela o olhou longamente.

– Só não estou porque ele ganhou o jogo e é um bom dançarino. Mas faça isso de novo e vai se ver comigo.

– Você se divertiu. – Ele lhe beijou a bochecha. – Obrigado pela carona. Vejo todos vocês depois. Vocês, homens, antes. No pôquer, hoje à noite.

Ele saiu, acenou e depois andou pela calçada até sua porta. Laurel hesitou durante quase 500 metros.

– Pare! Pare! Pare o carro.

– Ah, querida, você está enjoada? – perguntou Emma, aprumando-se no banco e se virando.

– Não, não, é só que... Isto é ridículo. Tudo isto é ridículo. Dane-se a aposta. Vou para a casa de Del. Vão embora sem mim.

Ela ignorou os aplausos e bateu a porta.

– Espere. – Carter pôs a cabeça para fora. – Eu levo você lá. Só...

– Não, obrigada. Pode ir.

Então ela se virou e começou a correr.

Capítulo Dez

AO JOGAR AS CHAVES na pequena tigela sobre a cômoda e pôr o celular para carregar,

Del pensou em dar umas braçadas na piscina antes de ir para a cama. Uma atividade física para abrandar a frustração sexual e ajudá-lo a dormir. Tirou a camisa e os sapatos e foi à cozinha pegar uma garrafa d'água.

Aquela espera era a coisa certa a fazer. Laurel ocupava um lugar importante demais em sua vida para apressar esse passo entre eles.

Ela não era apenas uma mulher interessante e atraente. Era Laurel. A forte, inteligente, divertida e resiliente Laurel McBane. Tinha muitas das qualidades que ele admirava em uma mulher – e tudo em um pacote sexy.

Durante todos aqueles anos, refletiu, considerara aquele pacote proibido. Agora que ela... ele... eles tinham acabado com essas restrições, Del a desejava mais do que imaginara.

O que era mais um motivo para a espera.

Ser impulsivo era ótimo – ele adorava agir por impulso. Mas não quando se tratava de alguém tão importante quanto ela, e em tantos níveis. Devagar e com sensatez, lembrou a si mesmo. Aquilo estava dando certo, não estava? Em um curto período de tempo, tinham descoberto coisas um sobre o outro que nenhum dos dois ficara sabendo em todos aqueles anos de convivência.

Haviam passado o feriado juntos, como tinham feito em inúmeros outros – mas de uma forma totalmente nova, com uma abordagem bem diferente. Esse era o tipo de coisa a que precisavam se dedicar antes de darem o próximo passo.

Por ele, tudo bem – era bom nisso.

Perguntou-se se o mês algum dia chegaria ao fim.

Nade, ordenou a si mesmo um instante antes de o toque insistente da campainha na porta da frente o fazer voltar correndo pela casa.

O pânico o invadiu à primeira visão de Laurel, de olhos arregalados e com o rosto vermelho.

– Houve um acidente? Onde está Parker? – Ele a agarrou, procurando ferimentos, enquanto sua mente se acelerava. – Ligue para a emergência, e eu vou...

– Não, não houve acidente nenhum. Está tudo bem. Estão todos bem. – Ela lhe fez um sinal para recuar e tomou fôlego. – O caso é o seguinte: você não pode contar hoje, e na verdade é amanhã, portanto não pode contar isso. Ou o primeiro dia, porque é o primeiro.

– O quê? Você está bem? Onde estão todos? O que aconteceu?

– Não aconteceu nada. Eu voltei. – Ela ergueu uma das mãos como se para acalmá-lo e passou a outra pelos cabelos. – Na verdade, é só uma questão matemática, e hoje já é amanhã, porque passou da meia-noite. É isso. Além do mais, não contamos os fins de semana. Quem conta os fins de semana? Ninguém. Cinco dias úteis, é o que todos dizem.

O pânico se transformou em confusão.

– Sobre o quê?

– Tudo. Preste atenção. – Laurel apontou um dedo para ele. – Acompanhe meu raciocínio.

– Bem, eu faria isso se soubesse de que diabo você está falando.

– Apenas me escute, está bem? – Ela começou a tirar as sandálias que calçara depois do jogo de beisebol, mas parou. – É assim que isso funciona: a gente tira o primeiro dia, hoje e os fins de semana. Então restam dez dias, o que pela maioria das definições dão duas semanas. – Enquanto as palavras saíam de forma confusa, ela gesticulava, primeiro com uma das mãos e depois com a outra. – Além do mais, não acho que as pessoas realmente se refiram a trinta dias quando dizem um mês. Um mês tem quatro semanas. Vinte e oito dias, sete vezes quatro. Isso é apenas matemática básica. Então, se a gente tirar as duas semanas que não contam em virtude dos fins de semana e tudo o mais, na verdade estamos atrasados.

– Atrasados com... ah. – A compreensão trouxe alívio, divertimento e gratidão de uma só vez. – Ahã. Não sei se entendi direito. Pode repetir?

– Não. Eu fiz os cálculos. Acredite em mim. Então voltei, porque estamos atrasados.

– Não podemos admitir isso, podemos?

– Os números não mentem. Agora temos a parte da múltipla escolha: a) você me leva para casa; b) eu chamo um táxi; ou c) eu fico.

– Deixe-me pensar. Letra c.

Ele a agarrou e a beijou.

– Resposta correta. – Laurel deu um pulo e pôs as pernas ao redor da cintura dele. – Definitivamente, a resposta correta. – Ela buscou a boca dele de novo em um beijo

apaixonado e urgente. – Mas agora estou ficando louca. É melhor você estar ficando louco também.

– Eu não parava de pensar em você, de desejar você. – Ele começou a subir a escada. – Só conseguia pensar nisso. Graças a Deus pela regra dos cinco dias úteis.

– É o padrão da indústria – conseguiu dizer Laurel enquanto seu coração começava a bater mais forte. – Nós fizemos uma tempestade num copo d'água a respeito disso. Do sexo. Não consigo pensar direito quando estou obcecada, e não consigo pensar em mais nada quando quero estar com você. Fico imaginando como vai ser, mas não quero pensar demais. Só quero que aconteça. Agora não paro de falar. Está vendo? Louca.

– Então vamos ficar loucos juntos.

Quando se abaixou para deitar na cama com Laurel, ela lhe envolveu a cintura com as pernas e começou a passar as mãos nas costas dele. Sentiu as primeiras pontadas de desespero quando suas bocas se encontraram de novo. Uma onda de calor a invadiu, tão rápida e intensa que quase a fez perder o fôlego. Tinha sido uma espera longa demais, assim como a curiosidade e a vontade.

Ela agarrou os quadris de Del e arqueou o corpo para cima quando os dentes dele lhe arranharam levemente o pescoço e despertaram dezenas de terminações nervosas. Tentou abrir a calça jeans dele, mas Del agarrou as mãos dela e as afastou.

– Rápido demais.

– Já parece uma eternidade.

– Então o que é um pouco mais? – Ele recuou e, à luz do luar, começou a lhe desabotoar a blusa. – Passei muito tempo sem olhar para você, de certa maneira.

Quero apreciá-la. Apreciar o toque. E o sabor.

Del abriu a blusa e passou os dedos pela pele de Laurel.

Tocá-la foi como finalmente decifrar um quebra-cabeça, ver pela primeira vez sua beleza e sua complexidade. Os ângulos do rosto de Laurel, as curvas do corpo dela, agora à disposição dele para explorar.

Quando Laurel foi em sua direção, ele a puxou para cima a fim de tirar a blusa dela e saborear a pele macia de seus ombros. Abriu o fecho do sutiã e ouviu o pequeno suspiro que ela deu antes que ele descesse as tiras por seus braços. Laurel inclinou a cabeça para trás em um convite ao beijo.

Lento, ardente, profundo, com as línguas deslizando uma pela outra enquanto ele a abaixava de novo para fixar seus olhos azuis intensos e passava os dedos de leve nos

seios dela. Laurel estremeceu e a reação o fez sentir um forte calor no baixo-ventre.

– Permita-me – murmurou, e fechou a boca sobre o seio dela.

O prazer fez sua pele queimar e percorreu todo o corpo dela quando Laurel se entregou às mãos e à boca de Del. Ele quis explorar – e explorou – todos os desejos e vulnerabilidades dela a cada centímetro ardente e torturante, como se conhecesse todos os seus segredos.

– Eu queria isto. Queria você – murmurou ela.

– Agora nós temos. Temos um ao outro.

Del puxou a calça de Laurel para baixo, deslizando a boca sobre a barriga e as coxas dela. Uma eternidade de tempo se passou, e então parou.

Agora, pensou Laurel. Agora.

Parecia que tudo nela se abria para ele, e todo o seu corpo estava quente e receptivo. Devagar, ordenou Del a si mesmo, embora sua necessidade tivesse quase chegado ao limite, e usou as mãos para levá-la ao orgasmo.

Observou o prazer transformar os olhos azuis dela em cristais e saboreou-lhe o gemido ao tomar-lhe a boca com a sua.

Finalmente, quando os olhos dos dois se encontraram de novo, Del deslizou para dentro dela e se manteve lá por algum tempo enquanto ambos estremeciam.

Ela disse o nome dele em um sussurro ofegante e depois arqueou o corpo para acolhê-lo.

Não havia mais dúvidas, apenas fascinação enquanto eles se moviam juntos. Finalmente, pensou Laurel, finalmente. E se deixou levar.

Ficou deitada sob o corpo de Del, fraca e feliz, com os lábios espremidos contra os ombros dele, sentindo o coração bater.

Tinha-o deixado no comando, e ele terminara tão exausto e satisfeito quanto ela. Laurel passou uma das mãos nas costas dele e desceu pelas nádegas apenas porque podia.

– A ideia foi minha.

Ele conseguiu dar uma fraca risada.

– Uma ótima ideia. – Mudou de posição para puxá-la para o seu lado. – Sim, isto é bom.

– Se usarmos meu raciocínio matemático como argumento, não perderemos a aposta.

– Acho que, nessas circunstâncias, podemos perder que ainda saímos ganhando.

Laurel concluiu que não poderia estar mais feliz.

– Acho que você tem razão. – Ela deu um suspiro satisfeito. – Tenho que acordar muito cedo.

– Está bem – respondeu ele, mas envolveu-a com os braços, indicando-lhe que ela ainda não iria a lugar algum.

Laurel ergueu o rosto para o último beijo.

– A espera valeu a pena?

– Definitivamente.

Ela fechou os olhos e dormiu nos braços dele.

Laurel desejou ter uma lanterna. E uma escova de dentes. Tatear no escuro na manhã seguinte nunca era fácil, pensou. Pelo menos achara seu sutiã e um pé de sapato. Deu um gemido de satisfação quando seus dedos tocaram o elástico de sua calcinha.

Uma camisa, um pé de sapato e uma calcinha. E sua bolsa estava no andar de baixo, onde a deixara. Lá encontraria pastilhas de hortelã e vouchers de empresas de táxi.

Daria tudo por um café. Seria capaz de matar só para sentir o cheiro de café.

Engatinhando, continuou sua busca e exclamou um “arrá” mental quando encontrou o outro pé de sapato.

– O que você está fazendo aí no chão?

– Desculpe. – Ela se sentou sobre os calcanhares. – Estou procurando o resto das minhas roupas. Eu lhe disse que precisava acordar cedo.

– Cedo que horas? Meu Deus, ainda não são nem cinco horas.

– Bem-vindo ao mundo da confeitaria. Ouça, se eu pudesse acender a luz por apenas trinta segundos, conseguiria encontrar tudo o que preciso e você poderia voltar a dormir em paz.

– Você não está de carro.

– Vou chamar um táxi lá embaixo. Peguei tudo e não sei... – A luz se acendeu, fazendo-a semicerrar os olhos antes de cobrir o rosto com uma das mãos. – Você podia ter me avisado. Só um segundo.

– Você está... interessante.

– Aposto que sim. – Ela podia muito bem visualizar a cena. Nua, com os cabelos totalmente desgrehados, agachada no chão segurando a roupa de baixo e os sapatos.

Por que ele não tinha um sono mais pesado?

– Dois segundos. – Ela avistou sua blusa e ponderou sobre o que era mais digno: rastejar até lá e pegá-la ou ficar em pé e ir buscá-la.

Rastejar, concluiu, nunca era digno.

A nudez não tinha importância. Ele a vira nua. Mas não de manhã, quando não estava nem de longe com sua melhor aparência.

E, droga, desejou que ele parasse de lhe sorrir daquele modo.

– Volte a dormir.

Levantou-se e foi buscar a blusa. Os sapatos saíram voando quando ele a agarrou e puxou para a cama.

– Del, tenho que ir.

– Provavelmente isto não vai demorar muito. – Ele rolou para cima dela, sem deixar qualquer dúvida de que os cabelos dela não o tinham desencorajado nem um pouco.

Quando Del ergueu os quadris de Laurel e deslizou para dentro dela, Laurel concluiu que havia coisas ainda melhores do que café pela manhã.

– Acho que tenho alguns minutos.

Ele riu, esfregando o nariz na curva do ombro dela.

Laurel deixou Del crescer dentro dela, devagar, macio, suave, ascendendo com pulsações rápidas e exalando alívio. Tudo nela ficou quente e relaxado, com ele preenchendo seu corpo e seu coração.

A queda, tão suave quanto a ascensão, a fez desejar poder se enroscar com ele e dormir de novo.

– Bom dia – murmurou Del.

– Hummm. Eu ia dizer que lamentava tê-lo acordado, mas acontece que não lamento.

– Eu também não. Acho que seria melhor acharmos suas roupas para eu poder levá-la em casa.

– Vou pegar um táxi.

– Não, não vai.

– Não seja bobo. Não há motivo nenhum para você se levantar, se vestir, dirigir até lá e voltar quando eu posso muito bem chamar um táxi.

– O motivo é que você passou a noite na minha cama.

– Bem-vindo ao século XXI, Sir Galahad. Eu vim sozinha até aqui, então posso...

– Sabe, você está em uma posição muito estranha para começar uma briga. – Del se apoiou nos cotovelos a fim de olhar para ela. – Se esperar mais dez minutos, poderei lhe dar mais um motivo para não pegar um táxi.

– Esse é um tempo de recuperação bastante otimista.

– Quer ver quem está certo?

– Me deixe levantar. E, já que você está todo galante, que tal me arranjar uma escova de dentes?

– Tudo bem. Posso até pôr um pouco de café em dois copos para viagem.

– Se me arrumar um café, pode me levar a qualquer lugar.

Em menos de quinze minutos, e munida de um grande copo de café, Laurel saiu.

– Está chovendo. Um dilúvio, na verdade – corrigiu ela. Como não tinha percebido isso?

– Del, não...

– Pare de discutir.

Del pegou a mão de Laurel e correu com ela para o carro. Ensopada, ela entrou e balançou a cabeça quando ele foi para trás do volante.

– Não estou brigando.

– Certo. Discutindo, então?

– Melhor – admitiu ela. – Eu só queria evitar que você passe a se sentir obrigado a me levar em casa ou qualquer coisa desse tipo. Se sigo um impulso, devo lidar com o que está ligado a ele. Como transporte.

– Eu adorei o impulso, mas, apesar disso, quando estou com uma mulher, eu a levo em casa. Pense nisso como uma Regra Fundamental dos Browns.

Ela realmente pensou enquanto tamborilava os dedos no próprio joelho.

– Então, se você seguisse um impulso, eu seria obrigada a levá-lo em casa.

– Não. E não, eu não considero isso machista, mas elementar. – Ele a fitou de relance, com os olhos sonolentos enquanto dirigia na manhã chuvosa. – Igualdade de direitos, salário, escolha, oportunidades e por aí vai. Sou a favor disso. Mas, quando estou com uma mulher, eu a levo em casa. E, quando estou com uma mulher, não gosto da ideia de ela dirigir sozinha por aí no meio da noite ou às cinco e meia da manhã se houver um modo de evitar isso.

– Porque você tem um pênis.

– Sim, tenho. E faço jus a ele.

– E o pênis protege contra acidentes, problemas mecânicos e pneus furados?

– Sabe o que sempre achei interessante, e às vezes frustrante, em você? Você consegue transformar o simples em complexo.

Era verdade, mas isso não alterava o ponto principal.

– E se eu tivesse meu próprio carro?

– Não tem.

– Mas e se tivesse?

– Acho que descobriremos quando isso acontecer.

Ele virou na entrada de veículos.

– Essa resposta foi muito vaga.

– Foi, não foi? Que tal eu lhe fazer uma concessão? Não vou levá-la até a porta. Ela ergueu a cabeça.

– Mas vai ficar sentado aqui até que eu entre?

– Sim, vou. – Ele se inclinou, pôs as mãos em concha no queixo de Laurel e a beijou. – Vá assar um bolo.

Ela começou a descer do carro, mas então voltou e lhe deu um beijo mais longo e muito mais gratificante.

– Tchau.

Correu para a porta e depois se virou, encharcada, para lhe acenar enquanto entrava.

Depois, sozinha em meio ao silêncio, encostou-se na porta e relaxou. Fizera amor com Del. Dormira na cama dele, acordara a seu lado. Uma vida inteira de sonhos se tornara realidade em uma noite, e agora, só, ela podia relaxar, rir como louca, envolver o próprio corpo com os braços, sentir-se tola e totalmente maravilhosa.

Nada do que havia imaginado chegara perto daqueles momentos, e agora ela podia recordar cada um deles e saboreá-lo.

O que aconteceria depois era uma incógnita, mas naquele momento tinha o que sempre desejava.

Ela quase flutuou escada acima, a caminho do quarto. Tinha um dia cheio pela frente, mas tudo o que queria era deixar os compromissos para lá e se jogar na cama, chutar os sapatos para o alto e chafurdar.

Não podia ignorar sua agenda, mas ao menos podia chafurdar em um longo banho de chuveiro. Tirou as roupas molhadas, pendurou-as e tirou a presilha que usara para conter os cabelos rebeldes. Ainda sorrindo, foi para debaixo do jato quente.

Estava se deleitando com o vapor e o perfume do banho quando percebeu um movimento do lado de fora do boxe e por pouco o grito que deu não rachou o vidro.

– Nossa, Laurel, sou só eu. – Mac abriu um pouco a porta. – Eu bati, depois gritei, mas você estava ocupada demais cantando para me ouvir.

– Muitas pessoas cantam no chuveiro. O que você quer?

– Não muitas cantam I've Got Rhythm.

– Eu não estava cantando isso. – Estava? Agora a canção ficaria na sua cabeça o dia inteiro. – Você está deixando o calor sair. Saia daqui.

– Por que você está demorando tanto? – perguntou Emma ao entrar.

– Cadê a Parker?

– Na sala de ginástica – respondeu Emma a Mac. – Mas contei a ela o que está acontecendo.

– Pelo amor de Deus, suas idiotas, vocês não perceberam que estou tomando banho?

– Que cheiro bom – comentou Mac. – Você já está limpa. Saia. Vamos ter panquecas no café da manhã em homenagem à história do sexo antecipado.

– Não tenho tempo para panquecas.

– A Sra. G. as fará.

– Mas nós acabamos de comer waffles.

– Ah, tem razão. Omeletes, então. Omeletes para ouvir histórias sobre sexo no café da manhã. Dez minutos – decretou Emma. – Os homens estão banidos da cozinha.

– Eu não quero...

Mas Mac fechou a porta do boxe. Laurel afastou os cabelos molhados dos olhos. Podia sair de fininho para a própria cozinha, mas elas simplesmente iriam lá atazaná-la. Resignada, desligou o chuveiro e pegou uma toalha.

Quando entrou na cozinha, vinte minutos depois, encontrou Mac e Emma já acomodadas, a mesa posta e a Sra. Grady ao fogão.

– Ouçam, tenho um dia realmente cheio pela frente, por isso...

– O café da manhã é a refeição mais importante do dia – retrucou Mac, com entusiasmo.

– Falou a rainha das tortinhas prontas. Bem, preciso começar a trabalhar.

– Você não pode esconder isso da gente. – Emma agitou um dedo. – Nós contamos tudo para você, e a Sra. Grady já está fazendo as omeletes para histórias sexuais, certo, Sra. Grady?

– Estou. Bem que você poderia se sentar – disse ela a Laurel. – Caso contrário, elas não a deixarão em paz. E como fiquei sabendo que só voltou para casa há cerca de meia hora, também quero saber de tudo.

Bebendo seu suco, Laurel olhou de um rosto para outro.

– Vocês têm algum tipo de radar?

– Temos – respondeu Parker ao entrar. – E para eu ter sido convocada aqui antes da minha chuveirada, é melhor que você tenha uma história muito boa.

De short de ginástica e com uma camiseta folgada, ela encheu uma xícara de café.

– Imagino que Del não tenha lhe dado as costas e a mandado embora ontem.

– Isso é muito bizarro. – Laurel pegou o café da mão de Parker. – Vocês sabem disso.

– Tradições são tradições, mesmo quando bizarras. Alegrementemente, Parker pegou outra xícara. – Então, o que aconteceu?

Laurel se sentou e deu de ombros.

– Perdi a aposta.

– Oba! – Emma saiu correndo para o lado dela. – Também perdi, mas algumas coisas são mais importantes do que dinheiro.

– Quem ganhou, Parker? – quis saber Mac.

Parker se sentou e olhou com uma careta para seu café.

– Malcolm Kavanaugh.

– Kavanaugh? – Já que estava ali, Laurel pegou uma torrada. – Como ele entrou na aposta?

– Alguém lhe contou e ele me pressionou no jogo de beisebol. Eu disse que não, mas ele é insistente. Além disso, falou que apostaria 200 dólares como multa por atraso e escolheu o dia 5 de julho.

– Quer dizer que ele acertou na mosca? – perguntou Mac. – Sujeito de sorte.

– Sim, sujeito de sorte. Achei que ele não tivesse chance nenhuma, já que estávamos todos indo embora juntos. Não esperava que Laurel saltasse da van e saísse correndo.

– Isso foi romântico. – Emma sorriu. – Toda corada e cheia de pressa. O que aconteceu quando você chegou lá?

– Ele abriu a porta.

– Desembuche – insistiu Mac, apontando um dedo para ela.

– Não precisa ficar com vergonha por Del ser meu irmão. Nós somos amigas há quase tanto tempo quanto ele é meu irmão. Portanto, isso é perda de tempo.

– Coma – ordenou a Sra. Grady, e serviu as omeletes.

Obedientemente, Laurel deu uma mordida.

– Eu usei a matemática a nosso favor.

– Como assim? – perguntou Emma.

– Usei os dias do mês que não contam. É uma fórmula complicada, mas consegui fazê-la funcionar. Quando ele conseguiu entender o raciocínio, concordou que fazia sentido e que podíamos simplesmente perder a aposta de forma deliberada. Então foi isso que fizemos.

– Fins de semana, certo? – Mac engoliu um pedaço de omelete. – Pensei nisso. Fins de semana não contam.

– Exatamente. E o primeiro e o último dia também não. Isso é mais complexo, mas é a ideia central. No entanto, para ser justos, já que não estabelecemos esses termos, combinamos de perder. Então nós...

Bizarro ou não, aquelas quatro mulheres eram suas amigas.

– Foi maravilhoso. Eu estava preocupada com a possibilidade de ficar nervosa, de ser estranho. Mas não fiquei e não foi. Ele não teve pressa e não me deixou ter pressa, então foi lento e suave. Ele foi...

Quando ela se interrompeu, Parker suspirou.

– Se você acha que eu vou ficar sem graça se disser que meu irmão é um amante bom e atencioso, está enganada. Sabe, isso não é só habilidade. Também é um sinal de respeito e afeição pela parceira.

– Ele me fez sentir que nada mais importava além de nós dois, do aqui e agora. E depois pude dormir com ele, me sentindo absolutamente segura e à vontade. Essa sempre foi a parte mais difícil para mim. Confiar o suficiente, eu acho, para passar a noite com a pessoa.

Emma afagou a coxa de Laurel sob a mesa.

– Essa é uma ótima história.

– Tivemos uma pequena questão hoje de manhã.

– Uma questão sexual? – quis saber Mac.

– Isso também, mente suja – respondeu ela. – Precisei encontrar minhas roupas no escuro para poder chamar um táxi e voltar. Dia cheio. Mas ele acordou, o que levou a uma questão sexual apesar de meus cabelos estarem como os de uma pessoa que tinha acabado de acordar.

– Detesto isso – murmurou Emma. – Devia existir um tratamento instantâneo para cabelos de quem acabou de acordar.

– Então ele insistiu em me trazer para casa.

– É claro.

Laurel revirou os olhos para Parker.

– Vocês dois têm esse código de conduta inabalável. Por que ele deveria se levantar, se vestir e me trazer em casa quando eu poderia ter vindo sozinha?

– Em primeiro lugar, porque você estava na casa dele. Em segundo, porque estava na

cama dele. Isso é simplesmente ter boas maneiras e não ameaça sua independência.

– Regra Prática dos Browns?

Parker esboçou um sorriso.

– Acho que poderíamos chamar assim.

– Foi como ele chamou. Bem, espero que estejam satisfeitas, porque agora preciso trabalhar.

– Todas nós precisamos. Preciso processar meio milhão de lírios que chegarão agora de manhã. E a equipe de obras começa hoje.

– Aqui também? – perguntou Laurel.

– Aqui também, segundo Jack. – Emma olhou de relance para seu relógio. – A qualquer minuto.

– Agora você viverá momentos interessantes – disse-lhe Mac. – E barulhentos.

– Vai valer a pena. Vou ficar dizendo a mim mesma que vai valer a pena. Obrigada pelo café da manhã, Sra. G.

– Foi uma boa história, devidamente recompensada.

– Se as coisas ficarem muito confusas no meu espaço, posso vir trabalhar um pouco aqui?

– Pode. Emmaline e Mackensie, vocês pediram a história, agora vão lavar a louça. Vou dar uma caminhada pelo jardim antes de as marteladas começarem.

Parker saiu da cozinha com Laurel.

– Ser feliz é o que importa na vida. Lembre-se de que eu gosto de ver você e Del felizes quando ficar envergonhada em relação à história de vocês de novo.

– Estou tentando. Me avise se eu começar a fazer alguma coisa para estragar isso, está bem?

– Pode ter certeza. – O telefone dela tocou. – E aí temos a campainha de abertura. Vejo você depois, Laurel. Bom dia, Sarah. Como nossa noiva está se sentindo hoje?

Capítulo Onze

OS LÍRIOS DE EMMA perfumavam o ar e se abriam em cores brilhantes de verão: escarlate, amarelo, rosa-choque e branco. A noiva, que considerara um horário marcado por engano na manicure na manhã do feriado de Cinco de Julho um desastre, posava radiante para Mac enquanto Parker ajeitava a roupa e a gravata mal arrumadas de um padrinho do noivo.

Depois de verificar se alguma emergência exigia sua atenção ou ajuda, Laurel foi cuidar do destaque do bolo – um vaso de açúcar que moldara a partir de uma tigela hexagonal e encheria de lírios em miniatura.

Suas ores não deviam nada às de Emma, pensou Laurel – em execução ou tempo gasto. Havia modelado pasta de goma com um rolo de pastel coberto com fita de gorgorão texturizado e depois cortado meticulosamente cada pétala. O resultado, depois que ela uniu os caules e os mergulhou em fino glacê real, era ao mesmo tempo encantador e elegante.

No Salão de Baile, ignorou o burburinho da arrumação e estudou o bolo. Mais pétalas texturizadas adornavam cada camada – uma dança circular de cores fortes

– e ainda havia outras espalhadas sobre a tábua do bolo, em um belo toque orgânico.

Enquanto ela erguia a tampa da caixa que continha o destaque do bolo, alguém esbarrou ruidosamente em uma cadeira. Laurel nem pestanejou.

Foi o que Del notou. Era como se o barulho, os gritos e o movimento não tivessem existido. Ele a observou pôr o vaso de ores sobre a camada superior, dar um passo para trás a fim de conferir o posicionamento e depois tirar uma de suas ferramentas da caixa para traçar uma linha – não, canalizar, corrigiu-se. Laurel canalizou algumas linhas perfeitas ao redor do vaso para lhe servirem de base, com mãos firmes como as de um cirurgião.

Ela circundou a mesa de novo e fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Está lindo.

– Ah. – Ela deu um passo para trás. – Não sabia que você estava aí. Nem que apareceria aqui.

– Foi o único modo em que consegui pensar para ter um encontro de sábado à noite com você.

– Isso foi bacana.

Ele passou o polegar no rosto de Laurel.

– Estou suja de glacê?

– Não. Só estou admirando seu rosto. Quantas flores há aí?

– Umas cinquenta.

Ele olhou ao redor, para os arranjos.

– Parece que você e Emma combinaram pétala por pétala.

– Nós nos esforçamos para isso. Bem, até agora está tudo tranquilo, então talvez eu possa...

– Código vermelho! – gritou Emma pelo fone de ouvido de Laurel.

– Droga. Onde?

– No salão principal. Precisamos de todo mundo.

– Estou a caminho. Código vermelho – disse ela a Del enquanto corria para a escada. – A culpa foi minha. Eu falei que estava tudo tranquilo. Sei que não devo falar isso.

– Qual é o problema?

– Ainda não sei.

Ela chegou ao segundo andar por um lado enquanto Parker vinha correndo de outro.

– Briga entre a madrasta e a mãe da noiva. Mac e Carter estão mantendo a noiva ocupada e sem saber de nada.

Laurel tirou a presilha dos cabelos e a enfiou no bolso do blazer.

– Achei que as duas tivessem estabelecido uma trégua.

– Aparentemente, terminou. Del, ainda bem que está aqui. Talvez precisemos de você.

Quando eles se aproximaram, ouviram o som de gritos vindo do salão principal. Depois, algo sendo quebrado. Então alguém gritou.

– Talvez você tenha que chamar a polícia – comentou Del.

Eles entraram correndo e viram Emma, com os cabelos se soltando das presilhas, tentando desesperadamente separar as duas mulheres. Os cabelos da madrasta estavam encharcados de champanhe que a mãe da noiva atirara.

– Sua vaca! Vou acabar com você!

Em meio à confusão, Emma derrapou em seus sapatos de salto e caiu sentada no chão enquanto as mulheres partiam uma para cima da outra.

Mancando e com um hematoma no olho, Emma se levantou com dificuldade ao mesmo tempo que Parker e Laurel corriam para separar as duas. Laurel agarrou a que estava mais próxima enquanto ambas disparavam xingamentos como metralhadoras.

– Parem com isso! Parem agora! – Laurel se esquivou de um soco e depois, com o antebraço, bloqueou uma cotovelada. O golpe foi tão forte que o impacto se refletiu até seu ombro. – Eu disse para pararem! Pelo amor de Deus, é o casamento da filha de vocês.

– É o casamento da minha filha – gritou a mulher que Parker e Emma tentavam conter. – Minha filha. Minha! Não dessa vadia destruidora de lares.

– Vadia? Vadia? Sua louca desgraçada, vou acabar com sua última plástica! Emma resolveu o problema da mãe da noiva se sentando em cima dela enquanto

Laurel agarrava sua oponente.

Ao mesmo tempo que Del arriscava a própria pele se colocando entre as duas mulheres, Laurel avistou reforços chegando. Jack e – estranhamente – Malcolm Kavanaugh correram para o meio da confusão.

Ajoelhada no chão, Parker falava com calma e firmeza com a mãe da noiva, cuja irritação já dava lugar a uma explosão de lágrimas.

Enquanto isso, Laurel sussurrou no ouvido da madrastra:

– Isso não vai resolver nada, e se você se importa com a Sarah, deixe para lá. Está me ouvindo? Se quer brigar, faça isso em outro momento, em outro lugar.

– Eu não fiz nada e ela atirou champanhe no meu rosto. Veja meus cabelos, minha maquiagem, meu vestido.

– Vamos cuidar disso. – Ela olhou de relance para Parker, que fez um sinal afirmativo com a cabeça. – Del, preciso que você leve duas taças de champanhe para o meu quarto e depois conduza... Desculpe, eu esqueci seu nome.

– Bibi – retrucou a madrastra em um gemido. – Está tudo arruinado. Tudo arruinado.

– Não, nós vamos resolver isso. Del, pode levar o vestido da Bibi lá para baixo e entregar à Sra. G. para que dê um jeito nele? Venha comigo, Bibi. Vamos cuidar de tudo.

Enquanto ela levava a mulher embora, Parker repetia a mesma ladainha para a mãe da

noiva.

– Emma vai levá-la a um lugar onde possa se recompor. Eu estarei lá em alguns minutinhos.

– Não diga nada a Sarah – soluçou a mãe. – Não quero deixá-la chateada.

– É claro que não. Vá com a Emma. – Depois, quando a mulher já estava distante o suficiente, murmurou: – Não quer deixá-la chateada...

– Uma festa sensacional até agora – comentou Mal.

Parker ajeitou o paletó de seu terninho e alisou a saia.

– O que você está fazendo aqui?

– Só vim buscar o meu dinheiro da aposta.

– Não tenho tempo para isso agora. – Ela o dispensou virando-se para um dos auxiliares.

– Peça que recolham todos os cacos de vidro e sequem o champanhe derramado. Se algo mais tiver sido quebrado ou danificado, informe a alguém da equipe de Emma para que eles possam resolver. Jack, você pode ir procurar o PDN? Preciso falar com ele em meu escritório. Imediatamente.

– Claro. Me desculpe por ter demorado tanto. Eu estava lá fora quando ouvi o alerta.

– Eu fiz bico como leão de chácara em Los Angeles – disse-lhe Mal. – Caso você queira que alguém seja expulso da festa.

– Muito engraçado, e não totalmente fora de questão. O PDN, Jack, obrigada. Mac – chamou pelo microfone enquanto se afastava a passos largos.

– Ela realmente não para – comentou Mal enquanto a observava atravessar a sala e sair pela porta.

– Você ainda não viu nada – retrucou Jack. – Vamos encontrar o PDN.

– O que diabo vem a ser um PDN?

Em seu quarto, Laurel examinou o vestido de seda cor de damasco que mandara Bibi tirar. Pôde ouvir o barulho do chuveiro e os soluços através da porta do banheiro.

Algumas manchas, uma costura rasgada... Podia ter sido pior, concluiu. A Sra. G. daria um jeito naquilo. E, segundo o plano de emergência para situações semelhantes, sabia que Parker teria uma equipe de cabeleireiros e maquiadores a caminho.

Sua missão, e não tinha outra escolha além de aceitá-la, era manter Bibi calma, ajudá-la

a se recompor e ouvi-la choramingar, xingar e/ou se queixar. Além disso, precisava fazê-la prometer – se necessário com um pacto de sangue – que se comportaria durante o resto do evento.

Alisando os próprios cabelos em desalinho, atendeu à batida na porta.

– Duas taças, como ordenado. – Del entrou para colocá-las sobre a mesa e olhou na direção do banheiro. – Como estão as coisas?

– Bem, ela passou dos soluços para as lamúrias. Eis o vestido. Não está muito ruim. Parker ficou de avisar à Sra. G., então ela estará esperando.

– Certo. – Ele estendeu a mão para ajeitar o brinco esquerdo de Laurel. – Há algo mais que eu possa fazer?

– Pode ir falar com Mac, apenas para se certificar de que a noiva foi poupada de tudo isso. Parker ia inventar uma desculpa para um pequeno atraso. – Fazendo um cálculo mental, Laurel massageou o ponto de tensão em sua nuca. – Perdemos vinte minutos, então imagino um atraso de dez ou quinze minutos. Estamos nos saindo bem. Ela desligou o chuveiro – observou. – É melhor você ir.

– Estou indo. A propósito, belo bloqueio – disse ele, erguendo o braço para demonstrar.

Rindo, ela o empurrou e fechou a porta. Respirou fundo, foi até o banheiro e bateu.

– Está tudo bem aí?

Quando abriu a porta, Bibi estava com o melhor roupão de Laurel e os cabelos louro-escuros pingando água nos ombros. Seus olhos vermelhos e inchados brilhavam com mais lágrimas.

– Olhe para mim. Estou horrível.

– Isto deve ajudar.

– É veneno?

– Champanhe. Sente-se e se acalme. Estamos arrumando seu vestido e alguém virá ajeitar seus cabelos e maquiá-la daqui a alguns minutos.

– Ah, graças a Deus. – Bibi tomou um grande gole da bebida. – Graças a Deus e a você. Eu me sinto péssima. Enjoada. Estúpida. Doze anos. Estou casada com Sam há doze anos. Isso não tem significado nenhum?

– É claro que tem. – Acalmar, pensou Laurel, lembrando-se da diretriz da Votos: acalmar, amenizar, agradar.

– Eu não destruí o lar de ninguém. Eles já estavam separados quando nos conhecemos. Bem, não tecnicamente, não de maneira oficial, mas quase. Ela me odeia porque sou mais jovem. Ela é a primeira esposa, e eu sou a esposa troféu. É ela quem usa esses rótulos. E doze anos... quero dizer... bem... droga.

– Nunca é fácil lidar com esses relacionamentos, essas ligações...

– Eu tentei. – Os olhos vermelhos de Bibi imploravam por compreensão. – Realmente tentei. E eles se divorciaram antes de ficarmos noivos. Bem, um pouco antes. Eu amo a Sarah. Amo de verdade. E Brad é ótimo. Os dois são ótimos juntos. Quero que sejam felizes.

– Isso é o mais importante.

– Sim. – Bibi suspirou e tomou outro gole. – Eu assinei um acordo pré-nupcial. Não me envolvi com ele por dinheiro, embora ela afirme o contrário. Nós simplesmente nos apaixonamos. Não é algo que se possa evitar, não é? Não é possível escolher por quem, quando ou como nos apaixonamos. Apenas acontece. Ela está irritada e tudo o mais porque seu segundo casamento não deu certo e o nosso deu. Lamento todo esse trabalho. Sarah não precisa saber, precisa?

– Não. Pelo menos não hoje.

– Eles nem estavam mais dormindo na mesma cama. Quando conheci Sam, dormiam em quartos separados, tinham vidas separadas. Isso é como estar separado, não é?

Laurel pensou nos próprios pais.

– Acho que sim.

– Talvez eu tenha sido o motivo pelo qual Sam finalmente pediu o divórcio, mas o fato de eles estarem infelizes não foi culpa minha. Foi melhor dar esse passo do que continuarem infelizes, não acha?

– Sim, acho. – Doze anos, pensou Laurel. Não era pouco tempo. – Bibi, você tem um bom casamento e um bom relacionamento com sua enteada. Pode sair dessa história por cima.

– Ela gritou comigo. Atirou champanhe no meu rosto. Rasgou o meu vestido.

– Eu sei. Eu sei. – Acalmar, acalmar, pensou Laurel de novo. – Você pode tomar a iniciativa de recuar, de deixar tudo para lá e se concentrar em Sarah. Ajudar a tornar este dia o mais importante da vida dela.

– Sim. Sim, você tem razão. Lamento muito o que aconteceu.

– Não se preocupe com isso. – Laurel se levantou para atender à batida na porta.

– E daqui a quinze minutos você estará perfeita.

– Eu... eu nem perguntei seu nome.

– Laurel.

– Laurel. – Bibi esboçou um sorriso trêmulo. – Obrigada por me ouvir.

– Sem problemas. Agora vá se arrumar de novo.

Então ela abriu a porta para o cabeleireiro.

A noiva, felizmente alheia ao drama nos bastidores, estava com seu pai enquanto as madrinhas andavam na direção da pérgula cheia de ores. Algumas noivas brilhavam, pensou Laurel, e aquela sem dúvida se encaixava nesse caso, com as camadas transparentes do véu balançando ao sabor da brisa.

Mac mudava de ângulo de tempos em tempos para captar todo aquele brilho de alegria e antecipação quando Sarah virou a cabeça e sorriu para o pai.

– Bem, aqui vamos nós.

A música mudou para a da noiva. Laurel viu Sam olhar na direção de Parker e fazer um leve sinal afirmativo com a cabeça. Agradecimento ou reconhecimento – talvez ambos. Então ele conduziu a radiante filha na direção do noivo.

– Até agora, tudo bem – murmurou Del ao lado de Laurel.

– Vai dar tudo certo. Talvez tenha sido melhor as duas brigarem antes do início do casamento e extravasado aquilo.

– Não vai haver mais nenhum problema. – O tom de Parker foi frio como o inverno. – Pelo menos não dessa fonte.

– O que você falou para o pai? – perguntou Del.

O sorriso de Parker poderia congelar uma chama.

– Digamos apenas que estou confiante de que a mãe e a madrasta da noiva se comportarão de um modo civilizado e a Votos será compensada pelo custo adicional de cabeleireiro e maquiagem, reparos de vestido e todos os danos. – Ela acariciou o peito de Del. – E não precisaremos de seus serviços para cobrá-lo.

– Preciso ir terminar a montagem. – Laurel olhou para seu relógio. – Considerando-se tudo, não estou muito atrasada.

– Quer ajuda? – perguntou-lhe Del.

– Não. Vá... pegar uma cerveja ou o que quiser.

Laurel voltou à cozinha, onde havia paz e silêncio, onde ela podia se sentar por apenas alguns minutos. Ouvir Bibi a deprimira, e precisava afastar esse sentimento.

Casamentos infelizes, lares desfeitos, o encanto por outra mulher. Conhecia exatamente o resultado da junção desses ingredientes ruins – e quanto tempo o sabor amargo durava.

Sem dúvida Sarah provaria um pouco dessa mistura, talvez em mais de uma ocasião. Contudo, continuava irradiando alegria de braço dado com o pai, o mesmo que fora infiel à mãe e quebrara os votos que ela mesma estava prestes a fazer.

Sim, Laurel entendia de casamentos infelizes, mas não compreendia nem podia aceitar usar essa infelicidade como desculpa ou justificativa para ser infiel.

Por que as pessoas simplesmente não terminavam o casamento? Se queriam estar com outra pessoa, ou algo novo, por que não acabavam a relação em vez de enganar, mentir, aceitar a situação?

O divórcio não poderia ser mais doloroso para um casal, ou para as crianças envolvidas na história, que a mentira, o fingimento, a raiva. Mesmo depois de todos aqueles anos, parte dela desejava que seus pais tivessem se separado em vez de fingir estar casados.

– Bem, vim ver se você estava precisando de ajuda, por causa daquele problema. – A Sra. Grady estava com as mãos plantadas nos quadris. – E aqui está você, sem fazer nada.

– Eu já ia começar.

Com os lábios contraídos, a Sra. Grady ergueu o queixo de Laurel e fitou-a nos olhos.

– Qual é o problema?

– Nenhum. Nenhum mesmo.

A Sra. Grady tinha um modo de usar as sobrancelhas em certas expressões que tinham significados não verbais muito claros. No momento, elas diziam: “Mentira.”

– É só que tudo aquilo que aconteceu me deixou nervosa. Não é nada.

– Não é a primeira vez que você precisa resolver uma briga desse tipo. E não será a última.

– Não. Não foi exatamente a briga. Depois que passa, é até engraçado. Parker não vai pensar assim por alguns dias, mas na verdade a situação teve momentos impagáveis.

– Você está fugindo do assunto.

– Não é nada de mais. Acabei ficando responsável pela madrasta. Acho que ela estava triste e envergonhada, por isso acabou me contando como tinha se envolvido com o pai da noiva quando ele estava meio, mas não totalmente, separado. Que ele e a primeira esposa não estavam mais juntos, mas apenas morando na mesma casa.

– A maioria dos homens que quer experimentar alguma novidade diz esse tipo de coisa.

– Sim, o que é uma desculpa esfarrapada, uma mentira. De qualquer forma, acho que acredito na madrasta. Mas por que isso importa? Por que deveria não ter nada de mais se envolver com alguém prestes a sair de um casamento? Afinal de contas, a pessoa ainda está casada, não está?

– Isso é verdade – concordou a Sra. Grady. – Mas a vida raramente é uma questão de verdade e mentira, sem o mais ou menos no meio.

– Então por que diabo as pessoas não terminam o casamento se vão se envolver com alguém?

Em um gesto mais prático do que confortador, a Sra. Grady alisou os cabelos de Laurel.

– Segundo minha experiência, elas têm seus motivos para as piores coisas.

– Ela está lidando bem com isso. A noiva. Lembro-me das reuniões, das provas e do ensaio. Está claro que ela ama os pais. E a madrasta. Como as pessoas administram isso?

– Nem sempre elas precisam tomar partido, Laurel.

– Sim, é verdade. Eu, por exemplo, nunca tive chance de tomar partido ou não, porque ambos estavam tão errados... – Ela não tinha precisado explicar aos próprios pais que havia mudado. – E, mesmo agora, se penso em que lado ficar, seria eu de um lado e eles do outro. É ridículo, mas parte de mim ainda se irrita por eles dois terem sido tão... negligentes.

– Você está zangada com eles quando o que deveria sentir é pena. Eles é que saíram perdendo.

– Eles gostam da vida que têm agora. – Ela deu de ombros. – Seja como for, a esta altura isso realmente não é da minha conta.

– Laurel Anne. – A Sra. G. pôs as mãos em concha no rosto de Laurel, usando um nome e um gesto que quase nunca empregava. – Eles sempre serão seus pais, portanto isso sempre será da sua conta.

– Sempre ficarei decepcionada com eles?

– Isso cabe a você decidir, não é?

– Acho que sim. – Ela deu um longo suspiro. – Muito bem, chega de remoeir sentimentos. Preciso cuidar do bolo do noivo e do resto das sobremesas.

– Eu estou aqui, então vou lhe dar uma mãozinha com isso.

Juntas, elas carregaram várias caixas para o salão de baile.

– Sempre fiquei deslumbrada com as cores – comentou a Sra. Grady ao olhar ao redor da sala. – Nossa Emma tem um toque mágico. Adoro as cores desta. Não há nada pálido nela, é tudo vivo e vibrante. Bem, olhe aquilo. – Ela foi estudar o bolo de casamento. – Falando em toque mágico, você se superou neste, Laurel.

– Acho que é meu bolo de verão favorito. Vou guardar um pedaço para a senhora.

– Pode guardar. Bolo de casamento dá sorte.

– Ouvi dizer. Sra. G.? A senhora já pensou em se casar de novo ou...

A governanta riu, deliciada.

– Ah, eu tenho alguns encontros de tempos em tempos. Não estou senil. Mas casamento?

– Ela foi ajudar Laurel com as sobremesas. – Eu já tive isso. Tive o meu Charlie. Minha alma gêmea.

– A senhora acredita nisso? – perguntou Laurel. – Que há alguém específico para cada um de nós?

– Sim, para algumas pessoas há alguém do início ao fim. Para essas, é impossível achar um novo amor, alguém que conquiste seu coração. Já outras, quando as coisas não dão certo ou quando elas perdem alguém, conseguem ser felizes em outra relação.

– Pois é. Nem sempre somos únicos. – Ela pensou em Del e se forçou a afastar esse pensamento. – Ainda sente falta dele? Do Charlie?

– Todos os dias. Vai fazer 33 anos em novembro. Sinto saudade dele todos os dias. Mas eu o tive, não tive? Ele foi meu único amor. Nem todos podem dizer isso.

Você pode.

Lentamente, Laurel desviou o olhar.

– Ele foi seu escolhido desde o início. Você demorou tempo demais para ir atrás dele.

Por que negar isso?, pensou Laurel. Por que fingir para alguém que entendia tanto das coisas?

– Isso é assustador.

A Sra. Grady deu uma risada.

– É claro que é. Você quer segurança? Compre um cachorro. O amor foi feito para ser assustador.

– Por quê?

– Porque onde não há medo, não há emoção.

– Se isso é verdade, estou quase morrendo de emoção. – Ela inclinou a cabeça e aguçou os ouvidos. – Esse é o sinal de Parker. Hora do coquetel e jantar.

– Vá ajudá-la. Posso terminar isto.

– Tem certeza?

– Gosto de dar meu toque de vez em quando. Vá.

– Obrigada. Obrigada – repetiu Laurel, pondo a mão sobre a da Sra. Grady. – Vou fazer com que receba aquele pedaço de bolo.

Sozinha, a Sra. Grady balançou a cabeça e suspirou. Suas garotas sabiam tudo sobre casamentos, mas o amor dava um nó na cabeça delas.

Então, mais uma vez, pensou que o objetivo do amor era esse mesmo.

Depois que a festa terminou, Laurel se juntou aos outros no terraço para relaxar um pouco. Del pôs uma taça de champanhe em sua mão.

– Você merece.

– E como! Obrigada. Onde está Parker?

– Tinha algo para fazer. – Mac esticou as pernas e dobrou os dedos dos pés cansados. – Vai descer logo. Lamento ter perdido a batalha das mães. Soube que valeu cada centavo do preço do ingresso.

– Foi breve, mas brutal.

Laurel bocejou e pensou em travesseiros fofos e lençóis frescos.

– Vocês já se meteram em muitas brigas? – perguntou Mal.

– Levei um soco no rosto uma vez – disse Carter, movendo o maxilar.

– Acho que teve sua graça – decidiu Mal. – A comida estava ótima. O bolo também.

Ele ergueu sua cerveja em um brinde a Laurel e depois observou Parker vir com a aparência de quem passara o dia tomando chá em vez de organizando algumas centenas de pessoas.

– Seu dinheiro da aposta – disse ela, entregando-lhe um envelope.

– Obrigado. – Ele colocou o envelope no bolso de trás da calça. – Então vocês vão fazer tudo isso de novo amanhã?

– Sim, para uma festa enorme – gemeu Emma. – Em geral temos eventos menores aos domingos, mas nesta época do ano aparecem uns muitos grandes. E, por falar nisso, vou para a cama.

– É melhor eu levar minha garota para casa. – Jack se levantou e pegou a mão de Emma.
– Vou deixar a picape na oficina na segunda, Mal.

– Certo. É melhor eu ir também.

– Obrigada pela ajuda. – Mac se espreguiçou. – Vamos, professor. Vamos para casa desabar na cama.

– Ainda não consigo me mexer. – Satisfeita por estar perto de Del, Laurel apoiou a cabeça no ombro dele. – Preciso de um minuto. Tchau, Mal – acrescentou, depois fechou os olhos.

– Eu o acompanho até lá fora. Vejo o resto de vocês amanhã – acrescentou Parker, virando-se para conduzir Mal ao redor da casa.

Com a cabeça ainda no ombro de Del, Laurel abriu os olhos.

– Eu sabia que a educação faria isso.

– Hã?

– Parker se sentiria obrigada a acompanhar Malcolm se eu não quisesse sair do seu lado. Eles ficam bem juntos.

– O quê? Ora, por favor!

Ela fez um esforço para clarear seu cérebro confuso, desistiu e fechou os olhos de novo.

– Desculpe. Eu esqueci com quem estava falando. É claro que eles não se sentem atraídos um pelo outro, que não há nada rolando ali sob a superfície.

– Ele não faz o tipo dela.

– Exatamente. Me ajude a levantar, por favor.

– Se ele não é o tipo dela, por que a conversa sobre atração e coisas rolando na superfície?

– Eu devia estar falando de mim. – Ela riu quando Del a puxou para cima. – Eu fico toda atraída por você quando está por perto.

– Muito bem. Um ótimo modo de desviar minha atenção.

– É verdade. – Ela chegou a cambalear de cansaço. – Vai dormir aqui?

– Esse era o plano.

Del olhou de relance para a porta quando Malcolm e Parker se aproximavam da escada e Laurel soube muito bem que ele estava pensando em ir embora apenas para... agir como sempre agia quando se tratava de Parker.

– Veja, eu estou aqui, toda atraída por você.

Laurel subiu um degrau à frente dele a fim de que suas bocas se nivelassem para um beijo.

– Meu bem, você está quase dormindo em pé.

– É verdade, o que me torna uma péssima companhia para um sábado à noite.

– Gosto de olhar para a frente, para domingo de manhã.

– Um encontro de domingo de manhã parece perfeito – disse Laurel enquanto eles subiam a escada. – Especialmente porque o evento é à noite, por isso não tenho que acordar de madrugada. Que tal às oito?

– Combinado.

– Você pode me encontrar debaixo do chuveiro.

– Um encontro matinal debaixo do chuveiro? Melhor ainda.

Ela o puxou para o quarto e depois se lembrou de trancar a porta – algo que raramente fazia. Algo que quase nunca tinha motivo para fazer. Foi até as portas do terraço.

– Gosto de mantê-las abertas nas noites de verão. Você se incomoda?

– Não. Ainda não ouvi Parker entrar. Ela ainda está lá fora?

Laurel revirou os olhos e considerou as opções. Voltou-se para o outro lado, despiu o paletó do terninho e abriu lentamente o zíper da saia.

– Talvez eu não esteja tão cansada, afinal de contas. – Ela pisou para fora da saia, ficando apenas de camisa, calcinha e salto alto. – A menos que você esteja.

– Minha energia está se renovando.

– Deve ser o ar fresco.

E, indo na direção de Del, esforçou-se muito para distraí-lo. Era o mínimo que podia fazer por uma amiga, pensou enquanto as mãos dele trabalhavam.

Capítulo Doze

PARKER ENFIOU A CABEÇA na cozinha de Laurel.

– Tem um minuto?

– Tenho. Achei que você tivesse uma reunião e uma visita agendadas.

– Já fiz as duas coisas.

Laurel esfregou favas de baunilha na mistura de leite e açúcar em sua caçarola e acrescentou as favas.

– Como foi?

– Na reunião nós definimos vários detalhes e acrescentamos outros. A visita levou à reserva do último domingo que tínhamos disponível em maio deste ano. – Ela olhou para o vestibulo e a chapa de madeira compensada que o separava das batidas e dos sons. – Não está tão barulhento quanto achei que poderia ser.

– Não se eu mantiver a TV ou o rádio ligado e fingir que são sons de fundo de um evento. Podia ser pior. Bem, foi pior durante a demonstração, então está quase tranquilo.

– E vai valer a pena, não vai? Todo o espaço extra?

– É o que fico repetindo para mim mesma.

– O que está fazendo?

– Creme de confeitiro.

– Quer beber alguma coisa refrescante?

– Seria bom.

Laurel preparou uma vasilha com pedras de gelo para a última etapa do creme enquanto Parker servia dois copos de limonada.

– Nenhum encontro hoje à noite, certo?

– Nenhum. Os rapazes vão ver o jogo dos Yankees e comer cachorros-quentes. Laurel ergueu os olhos e arqueou as sobrancelhas.

– Noite das garotas?

– Estou pensando nisso. Principalmente porque acho que encontrei o vestido de casamento de Emma.

Laurel fez uma pausa.

– Sério?

– Bem, sei o que ela está procurando e parece que comecei uma tradição com o de Mac. Gostaria de fazer uma surpresa para ela hoje à noite, para que possa experimentá-lo e ver como fica.

– Conte comigo.

– Tem mais uma coisa sobre a qual eu queria falar.

– Pode falar.

Laurel mexeu a mistura quando começou a ferver.

– Fiquei sabendo que Jack convidou Malcolm Kavanaugh para ir conosco à casa de praia em agosto.

– É? – Enquanto pensava no que tinha ouvido, Laurel tirou a caçarola do fogo e a cobriu. Quebrou quatro ovos na borda de uma tigela no balcão, depois mais quatro, separou as claras das gemas e colocou as últimas na tigela. – Acho que eles se tornaram bons amigos. Além disso, há muito espaço lá, não é? Mal posso esperar para ver o lugar. Ficar de pernas para o alto e aproveitar a glória das férias até...

Desculpe – disse ela quando Parker ergueu uma das mãos. – Eu me deixei levar pela ideia de fazer o que quiser durante dias e noites a fio.

– Continuando, acabei de falar pelo telefone com Del, que me jurou por tudo na vida que não teve nada a ver com o convite.

– Bem, você brigou com ele por causa da história do feriado.

– Briguei mesmo. E talvez tenha que fazer o mesmo com Jack.

– Coitado!

Divertindo-se com a ideia, Laurel acrescentou açúcar e amido de milho aos ovos já misturados e continuou a bater.

– Você não fica com o braço cansado?

– Fico.

- O destino de Jack está traçado. Droga. – Ela parou de falar quando seu telefone tocou.
- Espere um instante.

Acostumada com conversas interrompidas, Laurel julgou que a mistura de ovos e açúcar já estava no ponto, então tirou a fava de baunilha do leite e colocou a panela de volta no fogo. Enquanto esperava que fervesse de novo, bebeu um pouco de limonada e ouviu Parker resolver o problema de uma futura noiva.

Vários problemas, concluiu. Quando o leite levantou fervura, despejou metade dele sobre a mistura de gemas e voltou a bater.

- Deixe comigo – disse Parker ao telefone. – Vejo você e sua mãe no dia 21 às duas. Claro. Tchau. – Olhou para Laurel. – Nem queira saber.

- Eu não quero. – Ela despejou a mistura da tigela na caçarola e começou a mexer. – Não posso parar agora, mas estou ouvindo.

- Onde eu estava?

- Na parte em que o destino de Jack está traçado.

- Isso. Se vou ser obrigada ou não a ferir nosso querido Jack vai depender do fato de ter sido uma armação.

- Você acha que nosso querido Jack ao menos pensaria em armar um encontro entre você e Malcolm?

- Não, mas Emma, sim.

- Se ela tivesse feito isso, me diria. Não conseguiria se conter. Provavelmente me faria jurar segredo, o que eu faria. Mas haveria a brecha na lei. Eu teria que lhe contar a verdade se você perguntasse.

- Estou perguntando.

- E a resposta é não. Emma não me disse nada, portanto eu a declaro, assim como Jack, inocente de todas as acusações. Você não tem nenhum problema com Mal, tem?

- Nada específico. Só não gosto de encontros arranjados.

- Nenhuma de nós gosta, motivo pelo qual jamais tentamos fazer isso. Você sabe, Parker.

Parker se levantou, foi até a janela e voltou para se sentar de novo.

- Sempre há exceções, sobretudo quando algumas de nós estão cegas de amor e com planos de casamento.

Laurel reparou que a amiga mexia os dedos nervosamente, o que quase nunca fazia, se é que alguma vez o tinha feito.

– Até onde sei, não é esse o caso. Você terá que me imaginar erguendo a mão em juramento, porque ainda não posso parar de mexer.

– Tudo bem. Jack será poupado. E suponho que haverá ainda mais espaço, já que você e Del vão ficar no mesmo quarto.

Ela franziu as sobrancelhas olhando para sua limonada. Laurel parou de bater e tirou a caçarola do fogo.

– Qual é o próximo problema? – perguntou Laurel.

– Preciso decidir se devo fazer algo para que Malcolm não fique com a impressão errada ou se espero para agir apenas se ele confundir as coisas.

Laurel passou o creme por uma peneira, despejando-o na tigela que colocara por cima das pedras de gelo.

– Quer saber minha opinião?

– Quero.

– Acho que levantar o assunto antes da hora é que daria a impressão errada, ou o deixaria irritado a ponto de dar em cima de você assim mesmo. Acho que ele é do tipo que gosta de um desafio. Eu deixaria isso para lá.

– Sensato.

– Sei ser sensata.

Laurel pegou os cubos de manteiga que já separara e, começando a bater de novo, os acrescentou um por um ao creme.

– Muito bem. Vou apenas ver Malcolm como um amigo dos rapazes e deixar isso para lá.

– É o mais sábio a fazer. – Laurel pousou o batedor de ovos e esfregou seu braço.

– Eu gosto de Mal. Não o conheço muito bem, mas vou com a cara dele.

– Ele parece ser uma pessoa agradável.

– Além de ser um gato.

– Desculpe, mas você não está dormindo com o meu irmão?

– Estou, e espero continuar dormindo. Mas os caras gatos existem para ser vistos. E, se você me disser que não reparou, vou ser obrigada a usar essas pedras de gelo para apagar seu fogo.

– Ele não faz meu tipo. Está rindo de quê?

– Del disse a mesma coisa.

Desafio e irritação se revelaram no rosto de Parker.

– Ah, é mesmo?

– Falou daquele jeito dele, porque na mente superprotetora de Del ninguém faz o tipo da irmãzinha. Mas, quando ele disse isso, achei que estava certo, e é por isso que eu gosto de Malcolm.

Parker tomou um longo gole de limonada.

– Você não gosta do meu tipo?

– Não seja estúpida, Parker. Ele é sexy, interessante e diferente dos caras com quem você costuma se envolver... Isso poderia ser divertido para você. Talvez devesse deixá-lo ficar com a impressão errada.

– Você está cega de amor.

– Acho que sim.

– E por que isso a preocupa?

Laurel parou de massagear os dedos e apontou um deles para Parker.

– Você está mudando de assunto.

– Estou, mas continua sendo uma boa pergunta.

– Acho que sim – admitiu Laurel. – Nunca amei ninguém além dele. Saber que sinto tudo isso por Del e ter certeza de que ele apenas gosta de mim... Gosta muito, mas há uma grande diferença entre gostar e amar. É assustador, como me disseram que o amor deve ser, mas isso não o torna menos assustador.

– Ele nunca a magoaria. E essa é a coisa errada a dizer – percebeu Parker imediatamente.

– Você não quer que ele saiba que você sente tudo isso?

– Não. Porque ele nunca me magoaria, e tentaria muito não fazer isso.

– O que a magoaria mais ainda.

– Sim, com certeza. Estou fazendo o possível para viver o momento. Acho que estou conseguindo, pelo menos durante a maior parte do tempo. Ainda assim, não posso deixar de pensar nas armadilhas.

E nos pianos sendo erguidos sobre a minha cabeça, pensou.

– Um conselho sensato: às vezes, quando estamos procuramos a armadilha, damos de cara na parede.

– O pior é que eu sei que você está certa... Muito bem. – Laurel agitou as mãos. – Estou vivendo o momento. Estou praticamente zen.

– Continue assim. Vou ligar para Mac e preparar as coisas para mais tarde. Às seis está bom?

– Perfeito.

Parker se levantou, então soltou um suspiro.

– Me dê só uma provinha? Por favor? É crueldade não me deixar provar.

Laurel pegou uma colher, mergulhou-a no creme quente e estendeu-a à amiga.

– Ah, meu Deus! – Parker fechou os olhos. – Valeu cada batida. Droga! – murmurou quando seu telefone tocou.

– Você já pensou em simplesmente não atender?

– Já, mas não sou nenhuma covarde. – Ela olhou para o visor enquanto saía da cozinha. – Parker da Votos falando. Como vai, Sra. Winthrop?

A voz de Parker mal sumira no corredor quando Del apareceu vindo de outra direção.

– Bem, isto aqui está muito agitado hoje – comentou Laurel.

– Por que nunca notei como você fica sexy de avental?

Ele se aproximou para beijá-la, mas ela viu seu movimento na direção da tigela de creme e lhe deu um tapa na mão.

– Quer me arranjar problemas com a vigilância sanitária?

Ela pegou uma colher e lhe deu uma prova como fizera com Parker.

– Bom. Muito bom. Mas seu gosto é melhor.

– Muito gentil, mas isso é tudo o que vai ganhar. – Ela pôs a tigela fora de alcance. –

Pensei que você ia assistir ao jogo com seus amiguinhos.

– E vou. Marquei de encontrar Jack e Carter aqui e depois vamos buscar o Mal.

– Você vai ao jogo de limusine de novo.

Isso é tão típico de Del, pensou ela.

– O que há de errado em ir de limusine ao jogo? Assim você pode beber cerveja, não se preocupa com estacionamento e não se frustra com o trânsito. É tudo de bom.

– Eu devia ter usado uma colher de prata – comentou ela, tirando a colher de Del e a colocando na pia.

– Só por isso eu poderia não lhe dar seu presente.

Curiosa e desconfiada, ela se virou.

– Que presente?

Ele abriu sua pasta e tirou uma caixa.

– Este. Mas talvez você seja espertinha demais para merecê-lo.

– Os espertinhos também merecem presentes. Qual é a ocasião?

– Nenhuma em especial. É só algo de que você precisa, espertinha. – Del o entregou a ela. – Abra.

Laurel admirou o papel da Mulher Maravilha e o grande laço vermelho antes de rasgá-los impiedosamente. Então franziu as sobrancelhas. Parecia algum tipo de computador portátil ou gravador enorme.

– O que é?

– Um bloco de notas eletrônico com gravador de voz acoplado. Aqui. Já o configurei.

Del tirou o aparelho da caixa com um brilho nos olhos que indicou a Laurel que era algo que ele mesmo queria.

– Em vez de escrever suas listas – começou a explicar Del –, faça isto. Aperte “gravar”.

– Ele pressionou a tecla e depois disse “ovos”. – Está vendo? – Virou o aparelho para mostrar a palavra escrita no visor. – Depois você aperta a tecla “selecionar” e vai para a lista.

Certo, pensou Laurel, ele atraíra seu interesse.

– Que lista?

– A lista que você terá quando terminar de apertar isto. – Ele pressionou outra tecla. – Isto imprime e, melhor ainda, organiza os itens em categorias. Sabe, como laticínios ou condimentos, seja o que for.

Agora ela estava realmente interessada.

– Sêrio? Como?

– Não sei como. Talvez haja alguém aí dentro fazendo isso. Tem a função Biblioteca, que permite acrescentar itens especializados que ainda não existam no programa. Você usa muitos ingredientes incomuns.

– Deixe-me experimentar. – Ela pegou o aparelho e apertou “gravar”. – Favas de baunilha. – Franziu os lábios ao ver o visor. – Diz pudim de baunilha.

– Provavelmente não tem favas de baunilha na Biblioteca, porque a maioria das pessoas compra baunilha em essência.

– É verdade. Mas posso inserir isso?

– Pode, e aí da próxima vez o item já estará disponível. E é possível inserir as quantidades também, como três dúzias de ovos ou quantas favas de baunilha compraria. Elas realmente vêm em favas?

– Vêm, ué – murmurou Laurel, estudando seu presente. – Você me comprou um gravador de listas de cozinha.

– Sim. É magnético, então você pode colocá-lo na porta de uma das geladeiras ou onde preferir.

– A maioria dos homens compraria flores.

Ela viu o constrangimento que causara nele.

– Você quer flores?

– Não. Quero isto. É um ótimo presente. – Laurel ergueu os olhos para ele. – É um ótimo presente mesmo, Del.

– Que bom. Não fique com ciúme, mas também comprei um para a Sra. G.

– Aquela bruxa.

Ele sorriu e a beijou de novo.

– Preciso correr para entregar isto para ela e depois ir embora, ou chegarei atrasado.

– Del – chamou Laurel antes de ele fechar a porta. Ele lhe comprara um aparelho para a cozinha, um prático e divertido. Todo o corpo dela queria dizer que o amava. Apenas três palavras, apenas uma frase, pensou. Mas não podia. – Divirta-se no jogo.

– É o que pretendo fazer. Falo com você depois.

Laurel deu um pequeno suspiro, se sentou para esperar o creme esfriar e começou a brincar com seu presente.

A noite das garotas era o evento favorito delas. Frequentemente envolvia jantar e DVDs, pipoca, fofocas, e sempre a paz e o conforto de estar com as amigas em uma tradição que remontava à infância. A adição do possível vestido de casamento de Emma era... a cereja do bolo. Antecipando uma noite relaxante, Laurel terminou o trabalho do dia pondo em ordem a cozinha. Quando estava quase acabando,

Emma entrou.

– Achei que poderia encontrá-la aqui.

– Já estou finalizando.

– Tenho um pedido de cupcakes, duas dúzias. Para daqui a duas semanas – acrescentou Emma rapidamente. – Pelo menos a cliente não pediu muito em cima da hora. É minha prima. Chá de bebê de uma colega de trabalho. A única recomendação é que sejam fofos.

– Menino ou menina?

– Surpresa, portanto nada que especifique o sexo. O que você quiser.

– Está bem. Vou pôr no quadro.

– Obrigada. – Emma acrescentou o pedido e a data ao quadro de tarefas de Laurel. – O que é isto? – Ela deu um tapinha no bloco de notas eletrônico.

– Del me deu de presente.

– Ah, que gentil! O que é?

– É muito legal. Olhe só. – Ela foi até o aparelho e apertou “gravar”. – Manteiga sem sal. Veja, é assim. Eu aperto isso e o item vai para a lista.

Emma só ficou olhando.

– Isso é um presente?

– É. Sei que você acha que um presente de um homem precisa brilhar. Mas posso colar algumas lantejoulas com cola quente se isso a fizer se sentir melhor.

– O presente não precisa brilhar. Também pode cheirar bem. Seja como for, foi bastante atencioso da parte dele, e se você gostou, é um bom presente. Qual é a ocasião?

– Nenhuma.

– Ah, apenas um presente fora de data? Isso definitivamente o faz subir de nível.

– Vai cair em seu placar quando eu lhe disser que ele também comprou um para a Sra. G.

– Bem... – Emma pôs as mãos nos quadris e fez uma expressão pensativa. – Sinto muito, mas caiu para a categoria lembrança. Um presente deve ser único. Foi uma lembrança atenciosa. Já isto sim, minha amiga, é um presente. – Ela ergueu o braço para balançar o bracelete que Jack lhe dera. – Os brincos que Carter deu para Mac no Dia dos Namorados também. Acho que Del precisa de um pouco de treino.

– Precisaria, se fosse seu namorado.

– Del é seu namorado!

Com uma risada, Emma agarrou Laurel e começou a dançar com ela em um círculo.

– Parece que estamos de volta à escola. Tem de haver outro termo.

– Por que estão dançando? – perguntou Parker ao entrar.

– Del e Laurel estão namorando e ele lhe deu uma lembrança. Sinto muito, mas não se encaixa na categoria presente. Olhe.

Parker se aproximou.

– Ah, eu já conheço. Quero um.

– É claro que quer – disse Emma com um suspiro. – Você é irmã dele. Mas o consideraria um presente, especialmente se ele também desse um para a Sra. G?

– Hum. De fato isso o coloca numa área nebulosa. Mas foi um gesto atencioso e é algo muito apropriado para Laurel.

– Está vendo? – Emma ergueu um dos dedos, triunfante. – Foi o que eu disse. Aí está Mac. Mac, precisamos de alguém para desempatar uma questão.

– Que questão? O que estamos fazendo aqui? Hoje é a noite das garotas.

– Precisamos esclarecer uma coisa primeiro. Isso é um presente ou uma lembrança? –

indagou Emma, apontando para o aparelho.

– O que diabo vem a ser isso?

– Está vendo? É uma lembrança. Se fosse um presente de verdade, você não precisaria perguntar o que é. Parker, diga a Del para comprar algo bonito para Laurel.

– Não. Parem com isso. – Laurel deu um empurrão em Emma, mas teve que rir.

– Eu gostei disso. Se você gosta de uma coisa, todas as regras deixam de existir e é um presente.

– O que diabo vem a ser isso? – perguntou Mac de novo.

– Um bloco de notas eletrônico para organizar listas de compras e tarefas – explicou Parker. – Também quero um. Por que Del não comprou para mim também? Eu gosto de presentes.

– Lembrança – insistiu Emma.

– Você não precisa de outro organizador – disse Laurel a Parker.

Mac continuou a olhar com a testa franzida para o aparelho.

– Pelo amor de Deus, não mostre isso ao Carter. Ele vai querer um e depois vai querer que eu o use.

– Del comprou um para a Sra. G. também, portanto é provável que Carter o veja

– comentou Emma.

– Droga.

– Chega de controvérsias em relação ao meu brinquedo novo. Vou subir.

– A Sra. G. vai fazer pizza? – perguntou Emma. – Pensei o dia inteiro na pizza dela e em uma grande quantidade de vinho.

– Vamos ter tudo isso, mas primeiro precisamos fazer uma coisa.

– Desde que não seja trabalho. – Emma agarrou o braço de Parker. – Já estou pronta para carboidratos, álcool e amigas.

– Não é exatamente trabalho. Acontece que trouxe algo hoje para sua aprovação. Você precisa ver isso.

– O que você... Ah! Ah! – Emma se aproximou de Parker e começou a girá-la em uma

dança. – Meu vestido de casamento? Você encontrou meu vestido?

– Talvez. E para seguir uma tradição recente, vamos para a Suíte da Noiva.

– Essa é a melhor surpresa. A melhor.

– Se você não gostar... – começou Parker enquanto Emma subia a escada.

– Ainda será a melhor surpresa – interrompeu ela. – Ai, estou nervosa. – Ela parou do lado de fora do cômodo. – Nervosa de verdade. Muito bem, lá vamos nós. – Estendeu a mão para a porta e a puxou de volta. – Não consigo abrir. Alguém me ajude.

Laurel obedeceu.

– Entre – disse, e deu um empurrão na amiga.

Emma ficou boquiaberta e depois levou uma das mãos aos lábios.

Parker nunca errava. O vestido era a cara de Emma. Romântico, extravagante, com um quê de sensualidade no brilho do corpete tomara que caia. Um jardim de rosas de tecido florescia no branco intenso da saia drapeada e ao longo da cauda estilo princesa.

– É um vestido de conto de fadas – conseguiu dizer Emma.

– Tome um gole disto. – A Sra. Grady, que estava esperando com champanhe, entregou uma taça a Emma. – O champanhe não a deixará chorar.

– É o vestido mais lindo do mundo.

– Você precisa experimentá-lo. Tire a roupa, Em – ordenou Laurel. – Parker e eu a ajudaremos. Mac vai fotografá-la.

– A saia. – Com reverência, Emma passou as pontas dos dedos pelo tecido. – Parece uma nuvem. Tem movimento. Ah, vejam a parte de trás. – Pequenos botões de rosas brancos escondiam o zíper. – Impossível existir vestido mais perfeito para uma florista.

– Ele implorou: “Me leve para a Emma!” – falou Parker enquanto ela e Laurel a ajudavam a vesti-lo.

– Não olhe agora! – exclamou Laurel quando Emma começou a virar a cabeça para o espelho. – Só quando acabarmos.

– Precisa de alguns ajustes – disse a Sra. Grady, aproximando-se com alfinetes enquanto Mac circulava com sua câmera.

– Laurel, a cauda precisa de um pouco de... Sim, isso – aprovou Mac. – Ah, Em. Simplesmente maravilhoso.

– Preciso ver!

– Espere – murmurou a Sra. Grady, terminando de alfinetar.

Em seguida, deu um passo para trás e fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Pronto? – perguntou Emma.

Então prendeu a respiração e se virou.

Mac registrou aquele momento de encanto, o brilho das lágrimas de alegria.

– Durante toda a minha vida – murmurou Emma –, desde que éramos garotinhas, sonhei com isto. E aqui estou eu, em meu vestido de noiva. E é exatamente como esperei que fosse.

– Você parece uma princesa – falou Laurel. – Sério, Emma, você está deslumbrante.

Emma estendeu o braço e tocou no espelho com as pontas dos dedos.

– Sou eu. Vou usar este vestido para me casar com o homem que amo. Isso não é maravilhoso?

– Bom trabalho. – Laurel passou o braço pelos ombros de Parker. – Ótimo trabalho. – Ela pegou o lenço de papel que a amiga lhe ofereceu e enxugou os olhos. – Vamos brindar à noiva.

– Me dê a câmera, Mackensie – ordenou a Sra. Grady –, para eu tirar uma foto de vocês quatro. Que belo quarteto – acrescentou ela, e registrou o momento.

Mais tarde, comendo pizza e bebendo champanhe, elas mergulharam nos planos para o casamento.

– Vou chamar minha mãe e talvez minha irmã para ir à loja ver o vestido quando eu fizer a primeira prova. Vou chorar de novo. Todas nós vamos.

– Eles reservaram dois arranjos de cabeça. Um para cabelos presos e outro para cabelos soltos. Sua mãe pode ajudá-la a decidir.

– Parker, você pensa em tudo. – Emma piscou e fungou. – Não, não quero começar de novo. Ah, o buquê que vou criar para esse vestido! E minhas três damas de honra... Acho que quero lavanda... – disse Mac. – Diferentes estilos, mas os mesmos tons. Branco e lavanda para as ores. Suave, suave, suave e romântico. Velas brancas por toda parte.

– Uma mistura de ores reais e de pasta de açúcar para o bolo – ponderou Laurel.

– Isso! Olhem! Parker está fazendo anotações. Parker está fazendo anotações sobre meu

casamento.

– É claro que estou.

– Quero programar a sessão de fotos do noivado para a semana que vem – falou Mac. – Uma sessão noturna, sexy e envolvente. Aqui nos jardins.

– Nos jardins. Perfeito. Tenho as melhores amigas do universo.

– Eu gostaria de acompanhá-la na primeira prova – acrescentou Mac. – Tirar algumas fotos suas e de sua mãe.

– Você poderia fazer isso aqui. – Laurel tomou um gole de champanhe. – Que tal marcarmos a primeira prova aqui e trazer os arranjos de cabeça? O que acha, Parker?

– Acho ótimo. – O rosto de Parker se iluminou à ideia. – É claro que podemos fazer isso.

– Então Mac poderá tirar as fotos que quiser e sua mãe poderá participar de uma primeira reunião oficial: dar uma olhada nas coisas que decidimos, saber suas ideias etc.

– Acho ótimo – falou Parker.

– Às vezes eu mando bem.

– Então vamos fazer isso pela sua mãe: o tratamento de clientes VIP da Votos.

– Ela vai adorar. Eu vou adorar. Lá vou eu de novo.

Laurel entregou outro lenço de papel a Emma.

– Pense nos sapatos.

– Sapatos?

– Sapatos para usar com o vestido.

– Ah. Sapatos.

– Olhe, ninguém chora por causa de sapatos. Eu procuraria algo com apenas um toque de brilho, um pouco de sensualidade e totalmente fabuloso.

– Precisamos ir às compras. Você ainda não tem seus sapatos de casamento, não é, Mac?

– Ainda não.

– Está aberta a temporada de caça a sapatos de casamento! – gritou Emma. – Nossa, isso é divertido.

– Espere até começar a escolher convites, cartões e tudo o mais, e começar a ficar obcecada com as fontes. Nunca pensei que eu ficaria obcecada com as fontes.

– Mac balançou a cabeça. – Mas fiquei. É como um vício. Estou vendo esse olhar, Laurel – disse Mac, apontando um dedo para ela. – Essa superioridade divertida de quem acredita que nunca vai se entregar a isso como nós. Mas vai. Escreva o que eu estou dizendo. Um dia as fontes tirarão seu sono.

– Acho que não. De qualquer modo, não vou me casar.

– Mas não acha que você e Del... em algum ponto... – começou Emma.

– Só estamos namorando há um mês.

– E daí? – disse Mac. – Vocês se conhecem há uma eternidade.

– E você está apaixonada por ele – acrescentou Emma.

– Não estou pensando nisso.

– Em estar apaixonada ou em passar o resto da vida com ele? – perguntou Parker.

– Não é... Não estou fazendo planos tão para a frente.

– Pare com isso – ordenou Parker.

– É muito difícil.

– Parar o quê? – Emma olhou de uma para a outra. – O que é difícil?

– Laurel dizendo o que nos falaria se o cara não fosse meu irmão. Assim você me ofende.

– Droga, Parker, isso é golpe baixo.

– Não é, não, só estou sendo sincera. Quer que eu saia?

– Ora, pare com isso. – Fechando a cara, Laurel bebeu mais champanhe. – Você sempre joga sujo nas discussões. Está bem, está bem. Sim, estou apaixonada por ele. Sempre fui, então talvez, na verdade, eu esteja pensando no futuro. Passei grande parte da vida tentando esquecê-lo e não consegui. Por isso, se algum dia chegarmos ao ponto de falar sobre o resto de nossas vidas, é claro que vou me jogar de cabeça, ou o clichê que preferirem. Mas o fato é que são necessárias duas pessoas para chegar a esse estágio.

– Por que você acha que ele não a ama? – perguntou Emma.

– Eu sei que ele me ama. Ama todas nós. É diferente comigo agora, mas não é... – Por Deus, admitir isso era degradante até mesmo perante suas amigas mais íntimas. – É

difícil amar alguém mais do que a pessoa ama você, e isso é algo com que preciso lidar. Meus sentimentos, minha responsabilidade.

– Eu entendo. – Mac estendeu o braço e apertou a mão de Laurel. – Eu deixei Carter se sentir assim. Não queria estar apaixonada, não queria dar esse passo, então me contive. Sei que isso o magoou.

– Eu não estou magoada. Bem, talvez esteja um pouco, mas pode ser só orgulho. Estou feliz com nossa relação. Sei que essa felicidade pode não durar para sempre, mas isso é mais do que eu esperava ter.

– Estou surpresa por suas expectativas serem tão baixas. Você sempre pensou grande.

– Isso em relação a coisas pelas quais posso trabalhar ou competir. Mas não é assim com o amor, é? Não é como um prêmio ou um jogo. Nós brincávamos de Casamento. Agora trabalhamos com isso. Mas quando se trata do nosso próprio, não é brincadeira ou trabalho. Não preciso do vestido, da aliança ou das fontes – acrescentou com um sorriso para Mac. – Mas acho que preciso saber que sou a escolhida. Não posso fazer nada para ser a escolhida dele. Ou sou ou não sou.

– Isso faz todo o sentido – murmurou Emma.

– Nenhuma outra mulher foi escolhida por ele – disse-lhe Parker. – Eu saberia.

– Nem mesmo Cherise McConnelly?

– Ah, meu Deus! – Parker deu de ombros de forma zombeteira. – O que ele estava pensando? Além disso... – acrescentou ao ver a sobancelha erguida de Laurel.

– Considerando Cherise, eu diria que o gosto dele melhorou consideravelmente comigo.

– Laurel pegou outra fatia. – Então, há esperança para o sujeito.

Capítulo Treze

QUANDO JACK E DEL se sentaram nos bancos do bar e Willows, a bartender se aproximou.

– Parece que acertei a dupla de hoje.

– Como vai, Angie?

– Não tenho do que me queixar, o que é mais do que posso dizer em relação a metade das pessoas que se sentam nesses bancos. O que vão querer beber?

– Uma Pellegrino – disse Del.

– Vou tomar uma Sam Adams.

– É para já. Vieram apenas tomar alguma coisa? – perguntou ela enquanto colocava um copo debaixo da torneira e colocava gelo em uma taça de água.

– Isso – respondeu Jack. – Este aqui tem um encontro.

– Tem? Quem é a sortuda desta noite?

– Vou jantar com Laurel.

– McBane? – Uma leve surpresa se revelou nos olhos de Angie. – Um encontro de verdade?

– É.

– Uma mudança e tanto. – Conhecendo as preferências de Del, ela acrescentou uma fatia de limão à água gasosa e depois colocou as duas taças sobre o balcão. – Ouvi algumas especulações sobre o assunto, mas achei que fossem apenas boatos.

– Ah. Por quê?

– Porque você conhece Laurel há décadas e nunca rolou nada. Já faz algum tempo que não a vejo por aqui, mas soube que o negócio dela está sendo um sucesso estrondoso.

– Sucesso estrondoso define bem.

– Fui a alguns casamentos lá. Alto nível. Mas sua irmã é assim, não é? – acrescentou Angie, limpando o balcão com um pano branco. – Sempre de primeira classe. Ainda sentimos falta de Laurel aqui. A melhor chef confeitadeira que já tivemos. Então, Jack,

como vai Emma e como estão os planos para o casamento?

– Ela está ótima. Conseguiu achar o vestido, o que aparentemente é a chave para o paraíso.

– Ouça o que eu digo: deve haver algo na água daquele lugar. Primeiro Mac, depois Emma. – Angie deu uma piscadinha para Del e bateu com o dedo na lateral da taça dele.
– Tome cuidado com o que bebe.

Ela foi atender outro cliente enquanto Jack ria.

– Não pareça tão surpreso, cara. – Jack apontou com a taça para Del. – Isso é uma progressão muito natural.

– Estamos namorando há um mês e planos de casamento são uma progressão natural?

Jack deu de ombros.

– Mac, Emma e depois Laurel. É como se fosse um casamento triplo.

– Laurel não pensa assim. – Não fora observado que ele a conhecia há décadas?

– Casamentos são um negócio. Ela é uma empresária. Uma empresária séria e ambiciosa.

– Assim como as outras. Pessoas sérias e ambiciosas se casam o tempo todo. – Ele estudou Del por cima da borda de sua taça. – Isso realmente nunca lhe ocorreu?

– “Ocorreu” é uma palavra de sentido bem amplo – respondeu Del de forma evasiva. – Ainda estamos nos ajustando à mudança em nosso relacionamento. Não sou contra o casamento. Na verdade, sou um grande fã dessa instituição. Só não pensei nisso a sério ainda.

– Talvez esteja na hora de uma pequena inversão de papéis entre mim e você, considerando o interrogatório que me fez quando Emma e eu ficamos juntos. Quais são exatamente as suas intenções em relação à minha irmã postiça?

– Eu pretendo jantar com ela.

– E pretende se dar bem depois?

– Seria um bobão se não pretendesse. Estamos aproveitando essa nova fase. É... nova – decidiu. – Para os dois. Ela é importante para mim, sempre foi. Você sabe disso. Só que agora tem uma importância diferente. Mas não estou pensando em contratar minha irmã para planejar o casamento.

– Nunca ou ainda não?

– Meu Deus, Jack.

Como sua garganta ficara subitamente seca, Del tomou um longo gole d'água.

– É uma pergunta justa.

– Você só pensa em casamento – murmurou Del. – Talvez haja mesmo algo na água de lá. Seja como for, não sei. Eu não tinha pensado sobre isso. E agora não consigo tirar o assunto da cabeça. Olhe, eu conheço Laurel. Ela não está pensando em se casar, muito menos porque Mac e Emma vão fazer isso. Estamos falando de uma garota que foi para Nova York e Paris sozinha para estudar. Droga, ela pensou seriamente em se mudar para Paris, estava trabalhando aqui para economizar dinheiro para isso quando...

– Sim, eu sei. – Havia um brilho zombeteiro nos olhos de Jack. – Tudo mudou quando os seus pais morreram.

– Na época Laurel adiou seus planos de ir para Paris. – Ele não se esquecera disso; nunca se esqueceria. – Ela não teria abandonado Parker, e agora que penso sobre isso, vejo que também ficou por minha causa. Então a ideia de Parker dominou todas elas.

– Planos mudam.

– Sim, mudam. Mas o que quero dizer é que Laurel sempre teve o próprio rumo, sempre seguiu seus instintos em vez de ir com a corrente. Se as coisas tivessem sido diferentes, ela estaria morando em um elegante bairro boêmio em Paris gerenciando a própria padaria sofisticada.

– Acho que não. – Jack balançou a cabeça. – Acho que aquelas quatro são muito ligadas, e que foi isso que a manteve aqui. Talvez ela fosse para Nova York, mas não para a Europa. A atração das outras três é muito forte.

– Eu disse quase a mesma coisa para ela não faz muito tempo, meio que de brincadeira.

Jack comeu uma das amêndoas do prato que Angie pusera sobre o balcão.

– Acho que percebi isso antes de Emma e eu começarmos a nos enxergar de outra forma. Mas agora que estou morando lá e vivo no meio delas, vejo que elas têm quase uma conexão psíquica. Às vezes um pouco assustadora, para falar a verdade. – Ele ergueu sua cerveja em um brinde. – Isso é amor, cara, o mais amplo e profundo tipo de amor.

– Sempre foi. – Del pensou por um momento. – Ainda digo que isso não é algo em que Laurel esteja pensando, mas se estivesse, as outras três saberiam. Você poderia sondar Emma.

– De jeito algum. Nem mesmo por você. Se eu tocar nesse assunto, isso levará a uma discussão sobre o que eu acho sobre vocês, se eu poderia sondar você. – Jack comeu

outra amêndoa. – O fim da história vai ser uma loucura.

– Você não deixa de ter razão. Além do mais, isso apenas chamaria atenção para a ideia. Por enquanto estamos em um caminho tranquilo, então por que mexer em time que está ganhando?

Jack sorriu.

– Foi o que pensei em relação a Emma e a mim.

– Você precisa parar com isso.

– Admito que é divertido cutucá-lo em pontos vulneráveis. Mas falando em mim e em Emma, você será o padrinho, não é?

– Claro. Faço questão.

– Ótimo. Porque isso é praticamente a única coisa que preciso resolver. Na maioria das vezes só preciso sorrir e dizer que está ótimo quando Emma me conta o que elas decidiram em relação ao casamento. Parker me falou que a lua de mel ficará a meu cargo e me deu o contato de um agente de viagens que parece ser o melhor e todo um pacote de informações sobre Bora Bora, que segundo ela é um lugar para onde Emma sempre quis ir e, além disso, é exótico e romântico. Então acho que vamos para lá.

Intrigado, Del estudou Jack por cima de sua água gasosa.

– Você quer ir para Bora Bora?

– Sabe que quero? Assim que vi os informativos, pensei: “Ei, é isso aí.” Sua irmã é um pouco assustadora, Del.

– Às vezes ela é.

– Carter recebeu um pacote sobre a Toscana, que tinha aqueles CDs para os dois aprenderem italiano.

Del teve que rir.

– Acho que já está tudo resolvido.

– Pelo jeito, sim. Ih, tenho que correr. Recebi um e-mail antes de sair do escritório. Emma está com vontade de cozinhar.

– Eu fico com a sua cerveja.

– Obrigado.

– Ah, Jack, o terno do casamento ficou bem em você.

– É confortável. Quem poderia imaginar? Vejo você depois.

Não era apenas o casamento que combinava com ele, refletiu Del. Era toda a vida com Emma: lar, família, jantares juntos no fim de um longo dia. Eles acabariam precisando de mais espaço na pequena casa de hóspedes. Conhecendo Jack, ele imaginaria alguma solução.

A propriedade estava se tornando uma espécie de comunidade. Pensando sobre isso, Del concluiu que era algo que teria agradado e divertido seus pais.

– Sua mesa está pronta, Sr. Brown. – O maître tinha ido até o bar. – Gostaria de se sentar ou prefere esperar sua companhia aqui?

Del olhou para seu relógio. Laurel estava atrasada, ou Mac, que a deixaria lá a caminho de uma sessão de fotos, perdera a hora.

– Ela deve chegar a qualquer minuto. Vou para a mesa.

Del decidiu se adiantar e pedir uma garrafa de vinho, e mal tinha feito a escolha quando ouviu seu nome:

– Olá, sumido!

– Deborah. – Ele se levantou para cumprimentá-la e trocou um leve e amigável beijo com a mulher que conhecia havia anos. – Você está ótima. Como estão as coisas?

– Maravilhosas. – Ela atirou para trás sua cabeleira ruiva brilhante. – Acabei de passar dois meses na Espanha, as últimas semanas em Barcelona.

– Negócios ou lazer?

– Ambos, muito de ambos. Vou me encontrar com minha mãe e irmã para pôr as novidades em dia. Cheguei cedo, como sempre. Elas estão atrasadas, como sempre.

– Sente-se, espere comigo.

– Eu adoraria, Delaney. – Ela lhe deu um sorriso brilhante quando ele puxou uma cadeira. – Não o vejo desde... quando? Acho que desde o Baile da Primavera. O que você tem feito?

– Nada tão interessante quanto Barcelona.

Quando o sommelier apareceu com a garrafa para aprovação, Del olhou para o rótulo e assentiu com a cabeça.

– Bem, me atualize. Quem está fazendo o que e quem está com quem? Qual é a última fofoca sensacional?

Del sorriu enquanto provava o vinho que o sommelier pusera na taça.

– Acho que você precisará de sua mãe e irmã para isso. Está perfeito – disse ao homem, e apontou para a taça à frente de Deborah.

– Você é muito discreto. Sempre foi. – Ela provou o vinho. – E tem um ótimo gosto para vinhos. Vamos, me conte alguma coisa. Ouvi dizer que Jack Cooke está noivo. Confirme ou negue.

– Isso eu posso confirmar. Ele e Emmaline Grant marcaram o casamento para a próxima primavera.

– Emma? É mesmo? Bem, a eles. – Ela ergueu sua taça. – Embora muitas mulheres solteiras possam lamentar. Obviamente, eu estive fora de circulação nos últimos tempos. Nem sabia que eles estavam namorando.

– Acho que tudo aconteceu bem rápido.

– Estou feliz por eles. E você, achou estranho? Quero dizer, Emma é como uma irmã e Jack é seu melhor amigo.

– Tive um momento ou dois de estranheza – admitiu Del. – Mas eles formam um ótimo casal. Me conte sobre Barcelona. Nunca fui lá.

– Precisa ir! As praias, a comida, o vinho, o romance... – Ela sorriu. – O romance está no ar.

Quando Laurel entrou, eles estavam rindo, inclinados sobre a mesa na direção um do outro. Aquilo a fez parar imediatamente, como se tivesse esbarrado em uma parede de vidro – e estivesse do lado errado dela.

Del parecia tão relaxado, pensou. Não, eles pareciam tão relaxados... e maravilhosos – os dois. Se Mac tivesse entrado com ela, poderia ter tirado uma foto, captado aquele momento, aquela imagem de duas pessoas bonitas tomando vinho e rindo à luz de velas.

Qualquer um pensaria que eles eram um casal, perfeitamente adequados um ao outro, totalmente em sintonia.

– Laurel. Oi.

– Oi, Maxie. – Laurel forçou um sorriso para a garçonete, que parou. – Noite cheia.

– Nem me fale. – Maxie revirou os olhos. – Eu não sabia que você vinha. Vamos arrumar um lugar para você.

– Na verdade, vim me encontrar com uma pessoa.

– Ah, certo. Não deixe Julio vê-la. – Ela deu uma piscadinha ao falar sobre o chef.

– Em uma noite como esta, ele ficará tentado a arrastá-la de volta para a cozinha. Sentimos sua falta aqui.

– Obrigada.

– Tenho que ir. Falo com você depois.

Laurel assentiu com a cabeça e depois se esgueirou para o toalete a fim de se dar um minuto. Estupidez, disse a si mesma, estupidez perder o equilíbrio porque Del estava tomando uma bebida com uma amiga. Estupidez se sentir um pouco inferior porque alguns anos atrás estivera lá nos fundos, na cozinha, trabalhando em vez de sentada a uma mesa. Criara sobremesas fantásticas para casais como Delaney Brown e Deborah Manning.

– Não há nada de errado nisso – murmurou, e pegou seu batom enquanto se recriminava diante do espelho.

Orgulhava-se do trabalho que fizera ali, e do dinheiro que ganhara para ajudar a abrir a Votos. Orgulhava-se de seu talento, e de esse dom lhe permitir ter um negócio, ganhar a vida, criar algo que fazia as pessoas felizes.

Havia cuidado de si mesma, aberto seu próprio caminho, e, Deus, nada era mais importante para ela do que isso.

Mas doía lembrar – e não podia evitar – que de certo modo sempre estaria do lado errado daquela parede de vidro.

– Isso não importa. – Guardou o batom e tomou fôlego. – Simplesmente não tem importância.

Confiança, lembrou a si mesma, era como batom: tudo o que você tinha que fazer era aplicar.

Saiu do toalete, virou-se na direção do salão e começou a se dirigir para a mesa. Ok, pensou, ajudou consideravelmente o modo como os olhos de Del brilharam ao vê-la. Ele se levantou e lhe estendeu a mão enquanto Deborah mudava de posição e olhava para cima.

Laurel percebeu a momentânea dificuldade em dar nome àquele rosto. Afinal, ela e Deborah não frequentavam os mesmos círculos.

– Laurel, você se lembra de Deborah Manning, não é?

– Claro. Oi, Deborah.

– Laurel. Que bom vê-la de novo. Del acabou de me contar sobre Emma e Jack. Você deve estar planejando um bolo espetacular.

– Tenho algumas ideias.

– Adoraria ouvi-las. Casamentos são muito divertidos. Pode se sentar? Del, precisamos de outra taça.

Mas Deborah percebeu rapidamente a gafe e sua pele impecável de ruiva corou.

– Estou me sentindo uma idiota. – Ela riu enquanto se levantava. – Del estava esperando você. Ele foi gentil em me fazer companhia.

– Tudo bem. – Olhe como eu sou madura, pensou Laurel. – Pode ficar, terminar seu vinho. É só arranjarmos outra cadeira.

– Não, não. Eu estava aguardando minha mãe e minha irmã. Vou ligar para elas, me certificar de que não me deram o bolo. Obrigada pelo vinho, Del.

– Foi bom vê-la, Deborah.

– Igualmente. Bom apetite.

Ela se afastou, mas não antes de Laurel notar seu olhar perplexo e especulativo.

– Me atrasei – disse Laurel alegremente. – A culpa foi toda da Mac.

– Valeu a pena esperar. – Del puxou a cadeira para ela. – Você está linda.

– Eu estava pensando o mesmo de você.

Com a eficiência pela qual o restaurante era conhecido, um garçom retirou a taça de Deborah, substituiu-a por outra e serviu o vinho de Laurel. Ela provou e fez um gesto afirmativo com a cabeça.

– Muito bom.

Pegou o cardápio que o garçom lhe ofereceu, mas não o abriu.

– Oi, Ben.

– Oi, Laurel. Fiquei sabendo que você estava aqui.

– O que recomenda para hoje?

– O vermelho coberto com caranguejo, salteado em redução de vinho branco e servido com arroz de jasmim e aspargos.

– Fechado. E, de entrada, uma pequena salada da casa.

– Boa ideia – disse Del. – O que mais você recomenda?

– O filé suíno com molho de mel e gengibre, acompanhado de batatas e salada niçoise com vegetais grelhados.

– Perfeito. Também quero a salada.

– Ótimas escolhas.

Ele mal havia se afastado quando outro garçom pôs sobre a mesa o pão de azeitona que era a especialidade da casa e o molho.

– Sabe, o serviço aqui é sempre bom – comentou Del. – Mas com você é melhor.

– Nós cuidamos de quem gostamos.

Ela mordiscou o pão.

– Tinha esquecido que você trabalhou aqui, ou não pensei nisso quando sugeri que viéssemos. Teremos que pedir sobremesa, para você poder avaliar seu substituto.

– Acho que agora é o substituto do meu substituto.

– Quando você tem o melhor, é difícil se contentar com menos. Sente falta disso tudo? Quero dizer, de trabalhar com uma equipe, da energia, da sensação de caos controlado?

– Nem sempre era tão controlado. E não sinto falta. Gosto de ter meu próprio espaço, e os horários do restaurante são de matar.

– Como se você tivesse muito tempo disponível agora.

– Bem, é o meu tempo, e isso faz uma diferença enorme. Ah, parece que a mãe e a irmã de Deborah chegaram.

Ela ergueu sua taça na direção de uma mesa próxima e Del viu as três mulheres se sentando.

– Provavelmente elas não estavam atrasadas, ou pelo menos não muito. Ela tende a chegar cedo.

– Sei – retrucou Laurel de modo casual, tranquilo, maduro. – Vocês namoraram.

– Por pouco tempo, há séculos.

– Espero que não tenha saído com ela enquanto estava casada. Foi depois do divórcio?

Del assentiu.

– Eu fui advogado dela no divórcio. Não namoro clientes, e tenho uma política sobre namorar ex-clientes em casos de divórcio. É uma má ideia.

– Penny Whistledown – salientou Laurel. – Eu lembro que você cuidou do divórcio dela e a namorou alguns anos depois.

– É por isso que sei que é uma má ideia.

– Ela parecia muito carente. Quando não conseguia encontrá-lo em casa ou no escritório, não parava de ligar para a Parker perguntando onde você estava. – Ela tomou outro gole do vinho. – Isso, Sr. Advogado, foi um grande erro de julgamento da sua parte.

– Culpado da acusação. Você também teve os seus.

– Negativo. Mantenho distância de homens carentes.

– Erros de julgamento, quero dizer. Drake... não... Deke não sei de quê. Quantas tatuagens ele tinha?

– Oito, eu acho. Talvez nove. Mas ele não conta. Eu tinha 16 anos e queria irritar meus pais.

– Aquilo me irritou.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Sério?

– Sério. Ele apareceu durante quase todo o verão, com camisetas rasgadas e botas de motociclista. Usava um brinco e acho que praticava seu sorriso afetado na frente do espelho.

– Você se lembra dele melhor do que eu.

Laurel fez uma pausa enquanto Ben servia as saladas e enchia novamente as taças.

– Sabemos demais sobre o passado amoroso um do outro. Isso pode ser perigoso.

– Não vou usar o seu contra você, se não usar o meu contra mim.

– Justo e razoável – concluiu ela. – Sabe, as pessoas estão se perguntando o que estamos

fazendo, o que há entre nós.

– Que pessoas?

– Aqui, esta noite. Pessoas que você conhece. – Ela apontou levemente com a cabeça para a mesa em que as três mulheres fingiam não estar falando sobre eles.

– E pessoas que me conhecem.

– Isso a incomoda?

– Não. Não muito. Talvez um pouco. – Ela deu de ombros e se concentrou em sua salada.

– Isso é natural, sobretudo quando um de nós é um Brown.

– É natural porque estou sentado aqui com a mulher mais bonita do salão.

– Boa. Essa foi muito boa. Uma resposta-padrão bem popular.

Del pôs sua mão sobre a dela na mesa.

– Sei para quem estou olhando.

Encantada, Laurel virou a mão para entrelaçar os dedos nos dele.

– Obrigada.

Que pensem o que quiserem, disse a si mesma. Ela tinha o que sempre quisera bem ali.

Eles comeram, provaram os pratos um do outro, beberam vinhos de boa qualidade e falaram sobre o que lhes vinha à cabeça. Sempre haviam conseguido conversar sobre tudo, pensou Laurel. Ela se viu capaz de derrubar aquela parede de vidro ao redor deles, deixar todas as pessoas do outro lado e saborear o momento.

Ben pôs três minissuflês sobre a mesa.

– Com os cumprimentos de Charles, o chef doceiro. Ele soube que você estava aqui e quis lhe preparar algo especial. Ele está um pouco nervoso – acrescentou Ben, abaixando a voz enquanto se inclinava para ela.

– Sério?

– É difícil encontrar alguém à sua altura, Laurel. Se você preferir outra coisa...

– Não, está ótimo. Eles são lindos. – Ela provou primeiro o de chocolate, com uma colherada de chantili. Então fechou os olhos e sorriu. – Maravilhoso. Experimente isto – disse a Del, e depois provou o de baunilha. – Realmente maravilhoso.

– Ele adoraria vir conhecê-la.

– Por que eu não vou lá falar com ele depois que terminarmos de comer esta coisa sensacional?

– Ele vai ganhar o dia. Obrigado, Laurel.

Ela experimentou o último suflê enquanto Ben se afastava.

– Hum, o de limão é perfeito. A mistura certa de ácido e doce.

– Antes você observou que estava aqui com um Brown. Mas sou eu que estou aqui com a Diva das Sobremesas.

– Diva das Sobremesas. – Laurel ia dar uma gargalhada, mas parou e apenas sorriu. – Gostei. Posso mandar fazer uma placa. Deus, tenho que trabalhar loucamente amanhã, mas não quero ferir os sentimentos dele – acrescentou, dando outra colherada em um dos suflês. – Ouça, só vou demorar alguns minutos.

– Vou com você.

– Tem certeza?

– Eu não perderia isso – disse Del, e se levantou para pegar a mão dela.

– A esta altura a cozinha já vai estar mais calma – falou Laurel. – A correria do jantar terminou. Mas não toque em nada. Julio é capaz de ficar louco. Se ele ameaçar filetá-lo como uma truta, não leve para o lado pessoal.

– Eu conheço o Julio. Já falei com ele várias vezes quando veio até a mesa. Laurel olhou para Del enquanto eles se aproximavam da cozinha.

– Então não o conhece.

Ela abriu a porta.

“Calma”, dissera Laurel. Estava claro que eles tinham percepções diferentes do termo. Del teve a impressão de que pessoas se moviam por toda parte ao mesmo tempo, e o nível de ruído – vozes altas, tilintar de pratos, golpes de faca, chiado da grelha – era simplesmente esmagador.

O vapor se erguia no ar denso pelo calor e pela tensão.

Julio encontrava-se em frente a uma das bocas do enorme fogão, com seu avental e chapéu de chef, praguejando sem parar em vários idiomas.

– Não conseguem decidir? – vociferou. – Precisam de mais tempo? – Ele proferiu uma

série de xingamentos em espanhol que carregaram o ar já pesado. – “Não quero cogumelos, quero cenouras extras.” Idiotas! Onde está meu maldito prato? Droga!

– Certas coisas nunca mudam – comentou Laurel alto o suficiente para ele ouvir.

Julio, um homem macérrimo com sobrancelhas pretas protuberantes sobre olhos castanhos injetados, se virou.

– Não fale comigo.

– Não vim falar com você. – Ela se aproximou do jovem que parara de salpicar molho de framboesa ao redor de uma fatia de bolo de chocolate em um prato de sobremesa. – Você deve ser o Charles.

– Não fale com o Charles enquanto ele não terminar. Está pensando que isto é um clube?

Charles revirou os olhos no lindo rosto moreno, cor de café recém-moído.

– Espere só um minuto, por favor.

Ele finalizou o prato espalhando framboesas e acrescentou biscoitos finos ao redor de uma tigela de pavê. Como se por um sinal secreto, uma garçonete os pegou e saiu.

– Estou tão honrado em conhecê-la... Muito prazer.

– Seus suflês são maravilhosos, especialmente o de limão. Obrigada.

O rosto dele se iluminou, pensou Del, como se Laurel tivesse acendido uma luz.

– Gostou deles? Quando eu soube que estava aqui, quis fazer algo especial. O de limão. Gostou do de limão?

– Especialmente do de limão. Forte e ao mesmo tempo refrescante.

– Ainda não está no cardápio. É novo. Estou trabalhando nele.

– Acho que já está perfeito. Imagino que não me daria a receita dele.

– A senhorita... – Ele ficou sem fôlego. – A senhorita quer minha receita? Vou anotá-la. Agora. Vou anotá-la, Srta. McBane.

– Laurel.

– Laurel.

Del jurou que o nome dela saiu dos lábios do homem como uma prece. Ele se apressou em ir anotar a receita e Laurel se virou para Del.

– Volto logo.

Quando ela se afastou com Charles, Del enfiou as mãos nos bolsos e olhou ao redor. Julio bebeu um gole d'água e olhou para ele.

– Medalhões de porco.

– Isso mesmo. Estavam ótimos.

– Sr. Brown. – Julio o reconheceu, depois olhou para Laurel e então novamente para Del. Disse: – Hum.

Ele tampou a garrafa antes de ir a passos largos até onde Laurel estava debruçada com Charles.

– Ainda estou furioso com você.

Ela deu de ombros.

– Você me abandonou.

– Eu o avisei com bastante antecedência e vim em meu tempo livre para ajudar a treinar meu substituto.

– Seu substituto. – Ele praguejou e cortou o ar com uma das mãos. – Um inútil. Ele chorava.

– Algumas pessoas choram quando você as atormenta por muito tempo.

– Não preciso de bebês chorões na minha cozinha.

– Você tem sorte em poder contar com o Charles. Terá mais sorte ainda se ele o aguentar e ficar.

– Ele está indo bem. Não chora. Não responde com ousadia.

– Dê tempo ao tempo. Vou lhe dar aquela receita, Charles. Acho que é uma boa troca.

Ela pôs na bolsa a que Charles lhe entregara.

– Obrigado por vir falar comigo. Significou muito para mim.

– A gente se fala. – Ela apertou a mão de Charles e depois se virou novamente para Julio.

– O vermelho estava fabuloso. – Deu-lhe um beijo na bochecha. – Seu filho da mãe.

Julio deu uma risada tão estrondosa quanto suas imprecações.

– Talvez eu a perdoe.

– Talvez eu o permita. Boa noite.

Quando eles saíram do restaurante, Del passou a mão pelas costas de Laurel.

– Aquilo que você fez foi muito gentil, com ambos.

– Sei ser gentil.

– Você é suflê de limão, Laurel. A mistura certa de ácido e doce.

Quando Del levou a mão dela aos lábios para beijá-la, Laurel piscou para ele.

– Bem, alguém vai se dar bem hoje.

– Eu esperava por isso.

Capítulo Catorze

LAUREL SE MOVEU O MAIS silenciosamente possível no escuro, a caminho do banheiro, para pôr um sutiã esportivo e uma bermuda de ciclista. Teve que se lembrar de separar sua roupa de ginástica na noite anterior, quando Del dormiu lá.

Era isso que Parker teria feito, pensou enquanto se vestia.

Prendeu os cabelos, calçou as meias e depois decidiu sair com os tênis na mão. Ao abrir a porta, sufocou um grito. Del estava sentado ao lado da cama, iluminado pela luz da mesa de cabeceira.

– O que é isso? Você tem ouvidos biônicos? Eu não fiz barulho nenhum.

– Não foi bem assim. Vai malhar? Boa ideia. Vou me vestir e ir com você. Já que ele estava acordado mesmo, Laurel se sentou e calçou os tênis.

– Você pode deixar algumas coisas aqui da próxima vez.

Ele esboçou um sorriso.

– Alguns integrantes da nossa tribo são reservados em relação a essas coisas.

– Eu não.

– Ótimo. Eu também não. Isso torna tudo mais fácil. – Ele olhou para o relógio e estremeceu. – Na maioria das vezes.

– Pode voltar a dormir. Não vou usar isso contra você ou achar que é fraco. Ou mole. Ou preguiçoso.

Del a fitou com os olhos semicerrados.

– Encontro você na sala de ginástica.

– Está bem.

Ela saiu pensando que aquele era um bom modo de começar o dia. Implicar com Del, depois fazer uma hora de exercícios, seguida de um banho quente, café e muito trabalho.

Na verdade, era perfeito.

Na sala de ginástica, encontrou Parker já fazendo sua série cardiovascular com a televisão ligada na CNN.

– Bom dia! – gritou.

– Bom dia. Você parece muito bem-disposta.

– E estou. – Laurel pegou um colchonete e o estendeu no chão para se alongar. – Del virá malhar.

– O que explica sua boa disposição. Como foi o jantar?

– Bom. Muito bom. A não ser...

– O quê?

Laurel olhou de relance para a porta.

– Não sei quanto tempo ele vai levar para chegar. Depois eu conto. – Enquanto se alongava, ela estudou a regata e a legging de Parker. A calça marrom-escura e a camiseta oral eram ao mesmo tempo práticas e femininas. – Acho que eu deveria comprar roupas de ginástica novas. A maioria das minhas já está bem velha.

Ela foi até o segundo aparelho elíptico.

– Há quanto tempo você está aí?

– Acabei de completar meia hora.

– É melhor eu correr para alcançar você.

– Sem chance. Quando eu completar 5 quilômetros, farei minha série de pilates.

– Posso fazer 5 e acompanhar seu pilates com um pouco de ioga. Talvez faça 6 quilômetros. Comi suflê ontem à noite.

– Valeu o quilômetro extra?

– E mais alguns. Eles estão com um ótimo chef doceiro no The Willows.

– Charles Barker.

– Você sabe de tudo?

– Sei – disse Parker com satisfação. – E completei meu quinto quilômetro.

Parker limpou o aparelho e trocou o noticiário por música.

– Bom dia, senhoritas.

De short de moletom velho e camiseta desbotada, Del pegou uma garrafa d'água para si mesmo e outra para Laurel e depois se dirigiu ao aparelho de Parker.

– Obrigada – disse Laurel quando ele pôs a garrafa no suporte.

– Precisa se hidratar. O que ela fez?

– Parker? Cinco quilômetros. Vou fazer 6.

Ele se aproximou e programou o aparelho.

– Vou fazer 8, mas não usarei isso contra você. Nem vou achá-la fraca.

– Oito? – Ela assentiu com a cabeça. – Eu topo.

Competitiva, pensou Parker, alongando-se no colchonete antes de começar sua série de abdominais. Bem, não podia falar nada deles. Ela mesma era assim – e já desejava ter feito alguns quilômetros extras só porque eles fariam.

Eles ficavam tão bem juntos! Será que sabiam disso? Não apenas fisicamente, refletiu. Mas no modo como se moviam, se conectavam.

Queria tanto que dessem certo... Mais, queria que fossem tão importantes um para o outro que chegasse a doer.

Desejava o mesmo para Mac e Emma, mas aquilo era mais. Tratava-se de seu irmão e sua irmã em todos os aspectos, menos no sangue. Aquelas eram as duas pessoas mais importantes de sua vida, e queria muito que fossem felizes. Seria um presente para ela, quase tanto quanto para eles.

Acreditava totalmente que cada pessoa, cada coração, tinha um complemento. Um par. Alguém certo para ela. Sempre acreditara nisso e sabia que essa crença inabalável era o motivo de ser boa no que fazia.

– Um já foi! – anunciou Laurel.

– Você começou antes de mim.

– Isso não é problema meu.

– Muito bem, então. – Parker observou Del se mover energicamente. – Chega de ser bonzinho.

Parker balançou a cabeça e começou outra série de abdominais.

Eles haviam passado do quinto quilômetro, com Del na liderança, quando Mac se arrastou para dentro.

– Lá está ele. – Ela mostrou os dentes para o aparelho de musculação multiuso. – O inimigo – acrescentou ironicamente para Parker, que terminava sua sessão com posições básicas de ioga para se alongar. – Você já terminou, não é? Dá para perceber pelo seu olhar orgulhoso.

Parker juntou as palmas das mãos em uma posição de prece.

– Meu rosto reflete a paz centrada de minha mente e meu corpo.

– Vá se catar, Parks. Ei, não olhem agora, mas tem um homem aqui.

– Eles estão em uma competição de 8 quilômetros.

– Meu Deus, mas por quê? Por que alguém iria querer se esfalfar naquele monstro por 8 quilômetros? Mas, então, o que acha? – Ela deu uma volta para mostrar a regata esportiva e a calça corsário de ioga. – Eu estava desanimada e fiz umas comprinhas para me inspirar.

– Bonitas e funcionais. Parabéns.

Parker terminou plantando bananeira, o que fez Mac inclinar a cabeça.

– Agora que tenho as roupas, acha que consigo fazer isso?

– Se quiser tentar, eu a ajudarei.

– Não, é melhor não. Vou me machucar e fiquei de chamar Carter para nadar quando terminasse minha tortura autoimposta. Você já o viu nadar?

– Hum. – Parker desfez o movimento e depois se aprumou. – Posso tê-lo visto enquanto saía para o terraço. Não que eu estivesse olhando para ele com cobiça, é claro.

– Ele inspira um pouquinho de cobiça. Fica uma graça de roupa de banho. Mas o fato é que quando entra na água ele subitamente se torna o Sr. Gracioso em vez do sujeito estabonado de sempre. – Depois de programar o aparelho, ela começou a fazer flexões de bíceps. – Por que será?

– Talvez porque não haja nada em que esbarrar ou tropeçar na água.

– Hum, pode ser. De qualquer modo, quando eu terminar de maltratar a mim mesma aqui, nós dois vamos dar umas braçadas. Natação é um exercício civilizado. Provavelmente o único. Falando em coisas graciosas – acrescentou baixando a voz e apontando com o queixo para os aparelhos elípticos –, eles são uma fofura.

Parker fez que sim com a cabeça enquanto pendurava a toalha ao redor do pescoço e bebia água.

– Pensei a mesma coisa mais cedo. – Ela consultou o relógio. – Sabe, tenho tempo para umas braçadas antes de começar o dia. Reunião às dez horas, com toda a equipe.

– Marcado.

– Vejo você lá. Ah, Mac? Seus ombros estão maravilhosos.

– Sério? – O rosto dela se iluminou de prazer e esperança. – Não está dizendo isso só porque me ama e está me vendo sofrer?

– Maravilhosos – repetiu Parker, e saiu para ir buscar seus trajes de banho.

– Maravilhosos – murmurou Mac, e começou a exercitar os tríceps.

– Quase 6,5 quilômetros. – Del pegou sua água e deu um longo gole. – Olhe, você ficou para trás.

– Estou me poupando para a arrancada final.

Laurel enxugou o suor do rosto. Não havia como alcançá-lo, mas podia fazê-lo se esforçar para vencer.

Olhou-o de relance. O suor formara um V escuro na camiseta dele que fez o corpo de Laurel se contrair de desejo. Usou isso para se esforçar um pouco mais.

Os cabelos de Del haviam escurecido nas têmporas e a umidade produzira cachos sensuais. Os braços dele brilhavam, os músculos saltavam.

Ele devia estar todo salgado, pensou Laurel. Escorregadio. Essa energia, essa força e resistência estariam por cima dela, por baixo, por todo o seu corpo. Dentro dela.

Sua respiração começou a se acelerar – não só pelo esforço do exercício –, e ela alcançou o sexto quilômetro.

Del a encarou e Laurel viu nos olhos dele o que vibrava dentro dela. Aquela necessidade pulsante e primitiva. Seus batimentos acompanharam o ritmo da música, seu corpo funcionava em harmonia com a máquina.

Ela sorriu devagar e falou, ofegante:

– Vou alcançar você.

– Não lhe sobrou força suficiente.

– Sobrou bastante.

– Você está sem fôlego.

– Você também. Posso terminar com um sprint. E você?

– Fique observando.

Do outro lado da sala, Mac revirou os olhos e, decidindo que havia coisas das quais nem mesmo as amigas mais íntimas deviam participar, esgueirou-se para fora da sala.

Nenhum dos dois pareceu notar.

Del desacelerou um pouco e Laurel entendeu que a competição havia terminado e a dança sexual – quente e primitiva – começara.

Eles terminariam juntos.

– Vamos ver sua arrancada – disse ele.

– É isso que você quer?

– É isso que eu quero.

– Então fique olhando.

Ela acelerou com vigor, até ficar ao mesmo tempo excitada e perplexa por sentir aquele prazer misterioso surgir. Quando Del mais uma vez ajustou seu ritmo ao dela, Laurel ouviu o próprio gemido.

Fechou os olhos e deixou a sensação invadi-la, todo o calor e a torturante necessidade, toda a ansiedade antecipatória.

Eles terminaram juntos.

Com a respiração acelerada e irregular, Laurel abriu os olhos e o encarou. Sentia uma sede que a água não podia saciar. Quando desceu do aparelho, suas pernas estavam bambas.

– Vou desistir da ioga – falou.

– Faz muito bem.

Del enganchou os dedos no sutiã esportivo de Laurel e a puxou para ele.

A boca dele encobriu a dela febrilmente, embotando seu raciocínio e levando-a ao delírio. Necessidade e ânsia – as dele tão profundas e desesperadoras quanto as dela, o que por si só já era excitante. Outra forte onda de calor a invadiu e Laurel se perguntou como algum deles conseguiria interrompê-la.

– Temos que nos apressar. Temos que nos apressar. – Ela se soltou de Del, lutando por

ar. Por um momento intenso, eles ficaram apenas olhando um para o outro. – Venha me pegar!

Então ela disparou para a porta e ouviu a respiração ofegante dele junto com uma risada enquanto corria na direção do quarto.

Ele a pegou e passou com ela pela porta.

Ainda rindo, Laurel se virou e o empurrou contra a porta para fechá-la e depois devorou a boca dele com a sua.

– Deus. Ah, meu Deus – conseguiu dizer, tirando a camiseta de Del e a jogando para o lado. Então passou as mãos pelo peito dele. – Você está todo suado e escorregadio, e... – Ela o lambeu. – Salgado. Isso me deixa louca. Rápido – exigiu, e começou a abaixar o short dele.

– Não tão rápido. – Ele mudou de posição e a empurrou contra a porta. Tirou-lhe o sutiã, jogou-o para trás por sobre o ombro e então encheu as mãos com os seios de Laurel.

Ela arqueou a cabeça para trás com as carícias dele em seus mamilos.

– Eu não posso.

– Pode, sim. A corrida ainda não terminou. Não sei o que você faz comigo, mas quero mais. Quero você.

Ela pegou o rosto de Del com as duas mãos e começou a beijá-lo novamente.

– Você pode ter tudo o que quiser. Tudo o que quiser. Só não pare de me tocar. Não pare.

Del não conseguia parar. Como poderia tirar as mãos e a boca daquele corpo firme, daquela pele macia e quente? Laurel se apertou contra ele, murmurando contra seus lábios, incitando-o a fazer o que quisesse, obter o que precisasse.

Nunca outra mulher o excitara assim, não até o ponto em que tudo o que ele podia fazer era sentir o sangue latejando, pulsando sob sua pele. Desejo era um nome simples demais para o que ela lhe provocava. Paixão era pouco.

Ergueu os braços de Laurel acima da cabeça dela e os prendeu contra a porta enquanto lhe sugava a boca e o pescoço. Então desceu pelo corpo, deleitando-se. O desejo só aumentou.

A bermuda de ciclista de Laurel era colada à pele, modelando os quadris e as coxas. Ele as tirou e continuou a descer até serem as próprias mãos que a modelavam, até não haver nenhuma barreira entre aquele calor úmido e os lábios, a língua dele.

O orgasmo a arrebatou, confundindo os seus sentidos e obscurecendo sua visão. Suas

pernas perderam a firmeza, mas ele a segurou com mais força.

Del fez o que queria. Obteve o que precisava.

Laurel não conseguia encontrar ar em meio à torrente de prazer, não era capaz de encontrar equilíbrio no escuro. Só conseguia sentir o bombardeio de sensações que a faziam estremecer a cada investida.

Mais uma vez, Del ergueu as mãos de Laurel acima da cabeça dela e as prendeu. Depois, olhando-a nos olhos, penetrou-a.

Laurel atingiu o orgasmo de novo, em uma longa e chocante perda de controle. Então Del mergulhou nela até a onda de prazer começar a aumentar de novo, impossivelmente.

Os pulsos de Laurel escorregaram das mãos de Del e então ela agarrou os ombros dele com firmeza até senti-lo começar a perder o controle. Viu-o observá-la enquanto eles começavam a corrida, ganhavam velocidade e seguiam o mesmo ritmo.

E terminavam juntos.

Ficaram esparramados no chão, fracos e satisfeitos demais para se mover. Quando recuperou a capacidade de falar, Laurel suspirou.

– Nós ficaremos ricos.

– Hã?

– Ah, esqueci. Você já é rico. Eu ficarei rica e você ficará milionário.

– Ok.

– Estou falando sério. Acabamos de descobrir uma motivação infalível para exercícios. Sexo selvagem. Seremos ricos como Bill Gates. Escreveremos um livro.

Lançaremos DVDs e infomerciais. Toda a população dos Estados Unidos, e depois a mundial, ficará sarada e sexualmente satisfeita. Graças a nós.

– Os DVDs e infomerciais terão demonstrações de sexo selvagem?

– Apenas nas versões para adultos. E podemos usar muita névoa, iluminação inteligente e ângulos da câmera para manter a elegância.

– Meu bem, uma das características do sexo selvagem é não ser elegante.

– Para objetivos de nossa produção, será. Não é pornografia o que estamos fazendo aqui. Pense nos milhões, Delaney. – Ela virou de bruços para poder ver o rosto dele. – Milhões de pessoas fora de forma lerão nosso livro e verão nossos DVDs ou

infomerciais e pensarão: “Caramba, eu também posso ter isso?” Então fundaremos o Clube Motivacional de Saúde McBane-Brown para oferecer um espaço seguro e harmonioso aos membros. Lançaremos franquias. Eles vão pagar, Del. Ah, sim, vão pagar muito dinheiro por isso.

– Por que seu nome vem primeiro no Clube Motivacional de Saúde?

– A ideia foi minha.

– Isso é verdade, mas você não a teria se eu não tivesse abalado suas estruturas.

– Eu abalei as suas também.

– Com toda a certeza. Venha cá. – Del a puxou até ela ficar sobre o peito dele. – Seu nome pode vir primeiro.

– Ótimo. Combinado. Nosso curso terá vários DVDs para níveis diferentes. Como ioga para iniciantes, esse tipo de coisa. Iniciante, intermediário e avançado. Não queremos que ninguém se machuque.

– Vou começar a cuidar da papelada.

– Faça isso. Deus, 8 quilômetros e sexo selvagem. Era para eu estar exausta, mas me sinto capaz de fazer tudo isso de novo e depois... Ah, droga.

– O quê?

– O tempo! Oito quilômetros e sexo selvagem demoram mais que 8 quilômetros e ioga. Tenho que tomar banho.

– Eu também.

Ela lhe deu um pequeno beliscão no ombro.

– Só uma chuveirada rápida. Estou atrasada.

– Laurel, todo homem tem seus limites. Acho que já atingi o meu. Ela se levantou e puxou os cabelos para trás.

– Fraco – disse, e então correu para o banheiro.

Quando terminou a fornada da manhã, Laurel ficou em dia com o cronograma. Havia optado pelo DVD A ceia dos acusados e arrumado os doces para as dez horas em um belo prato enquanto o diálogo de Nick e Nora irradiava do aparelho na cozinha.

O ar tinha um cheiro agradável de açúcar e café forte e transmitia a alegria das margaridas de Emma.

Ela estava estendendo o braço para desamarrar o avental quando Parker entrou.

– Ah, você terminou. Vim ajudá-la na arrumação.

– Está com cinco minutos de sobra? Nem parece programação da Parker que eu conheço.

– Os clientes remararam para as dez e meia.

Laurel fechou os olhos.

– Eu me matei para seguir o cronograma. Você poderia ter avisado.

– Eles acabaram de ligar... Tudo bem, há vinte minutos. Mas assim ninguém se atrasa.

– Você não avisou a ninguém.

– Adoro essa blusa – disse Parker animadamente. – É quase um pecado cobri-la com um terninho.

– Esse tipo de coisa só funciona com clientes distraídos. – Laurel deu de ombros e pegou o paletó que tirara antes de começar a trabalhar. – Mas realmente a blusa é linda.

– Nós não estamos atrasadas! – exclamaram Mac e Emma ao entrarem correndo juntas.

– Não, mas o cliente está – disse-lhes Laurel. – A espertinha da Parker guardou a informação só para ela.

– Apenas por vinte minutos.

– Nossa. Não sei se fico chateada ou aliviada. Preciso de um estimulante. – Mac abriu a geladeira para pegar uma Pepsi Diet. Então... – Abriu a tampa e tomou um grande gole enquanto estudava Laurel. – Aposto que você está se sentindo livre e relaxada.

– Estou bem. Por quê?

– Ah, aposto que está muito mais do que bem. Aposto que está se sentindo fabulosa depois daquele exercício. Exercício entre aspas, é bom que se diga.

– Por acaso você pôs uma câmera escondida no meu quarto?

– Eu nunca seria tão grosseira. Além do mais, quem precisa de uma câmera oculta? Vocês dois estavam enviando tantas vibrações de sexo selvagem que precisei sair antes que me atingissem e eu pulasse em cima de vocês para um ménage à trois.

– É mesmo? – perguntou Parker, arrastando as palavras.

– Bem, provavelmente não em relação ao ménage. Eu iria preferir você, gostosa.

Ela deu uma piscadela safada para Parker.

– Pensei que eu fizesse mais o seu tipo – disse Emma.

– Eu sou uma vagabunda. Seja como for, os dois estavam na sala de ginástica e a coisa começou a esquentar. Estavam falando de sexo usando linguagem de academia.

– Não estávamos.

– Ah, eu entendi muito bem sobre o que vocês estavam falando – afirmou Mac, apontando um dedo para ela. Fico excitada só de pensar.

– Sim, você é uma vagabunda – decidiu Laurel.

– Uma vagabunda que está noiva, não se esqueça disso. Mas eu deveria lhe agradecer, porque descarreguei minha frustração sexual inesperada em Carter depois que nadamos. E ele deveria lhe agradecer também.

– Disponham.

– O papo está muito interessante, mas... – Parker deu um tapinha em seu relógio. – Precisamos arrumar as coisas no salão.

– Espere. – Emma ergueu uma das mãos, como um guarda de trânsito. – Apenas uma pergunta, porque tenho que tirar as orelhas da van. Você realmente tem disposição para fazer sexo depois de malhar?

– Leia o livro. Assista ao infomercial.

– Que livro? – quis saber Emma enquanto Laurel levava os doces para fora da cozinha. – Que infomercial?

– As flores – disse Parker, e depois carregou o serviço de café.

– Droga. Não falem nada enquanto eu não voltar. Na verdade, você tem que me ajudar a trazer as flores para dentro.

– Mas eu quero...

Emma apenas emitiu um som de interrupção e ergueu um dedo para Mac.

– Está bem, está bem.

No salão, Laurel e Parker arrumaram os quitutes e as bebidas.

– Então, já é mais tarde?

- Mais tarde do que o quê? – perguntou Laurel.
- Mais tarde do que era antes, quando você disse “mais tarde”.
- Sim, é mais tarde. – Laurel ajeitou o leque de guardanapos. – Quantos clientes?
- Noiva, mãe e pai da noiva, noivo, madrasta do noivo. Cinco.
- Certo. O pai do noivo era viúvo. Ele não vem?
- Está viajando. Não precisa me contar. Tudo bem. Não, é claro que não está tudo bem. Digo isso porque sou sua amiga e não quero que se sinta mal.
- Você é uma filha da mãe. – Laurel teve que rir. – Não é que eu não queira lhe contar. É só que eu me sinto meio ridícula em relação a isso. Especialmente agora, depois do sexo selvagem.
- Foi selvagem? – perguntou Emma ao entrar com uma caixa repleta de lírios vermelhos.
- Que tipo de exercício foi? Quanto durou? Seja específica. Parker, anote tudo.
- Oito quilômetros no aparelho elíptico.
- Meu Deus... – Suspirando, Emma começou a levar os vasos para fora e arrumá-los. – Esqueça. Eu ficaria morta depois de 8 quilômetros de qualquer coisa, e então Jack faria sexo selvagem com outra pessoa. Isso só me deixaria pau da vida. Há modos mais fáceis de fazer sexo selvagem.
- Eu me pergunto – começou Parker – se é possível ou talvez concebível que todos nós estejamos um pouco obcecadas com sexo neste momento.
- A culpa é dela. – Mac foi ajudar Emma com as ores. – Você entenderia se estivesse na sala de ginástica com todas aquelas vibrações sexuais ao seu redor.
- Nós não estávamos falando sobre sexo – observou Laurel.
- Quando paramos? – perguntou Emma.
- Antes de você entrar. Estávamos falando sobre outra coisa.
- Melhor assim, porque não vou correr 8 quilômetros em um aparelho. Que outra coisa?
- O jantar da noite passada. A parte anterior ao jantar. Eu me atrasei. A culpa foi sua – disse ela, apontando para Mac.
- O quê? Não deu para evitar. A sessão de fotos no estúdio demorou mais do que o previsto e eu não conseguia encontrar meus sapatos. Além disso, foi só um atrasinho. Dez, quinze minutos no máximo.

- Tempo suficiente para Deborah Manning se sentar com Del à mesa que ele reservou para nós e tomar uma taça do nosso vinho.
- Eu achava que ela estivesse na Espanha.
- Então anda muito mal informada. – Laurel abriu um leve sorriso para Parker. – Obviamente ela não está na Espanha e estava tomando vinho com Del.
- Ele não tem nenhum interesse nela.
- Costumava ter.
- Isso foi há anos, e eles só saíram algumas vezes.
- Eu sei. – Laurel ergueu as mãos antes de Parker continuar. – Eu sei, o que é um dos motivos por que me senti meio ridícula. Eu não fiquei com ciúme dela, nem estou agora. Se estivesse me sentiria ainda mais ridícula, porque é claro que ele não estava interessado nela dessa maneira. E acho que ela também não.
- Então qual é o problema? – perguntou Emma.
- É só que... quando entrei e os vi juntos, tomando vinho, rindo... Eles pareciam um ótimo casal.
- Não, não pareciam – retrucou Parker, balançando a cabeça.
- Você não viu. Eles estavam lindos, harmoniosos e perfeitos.
- Não. Lindos e harmoniosos, tudo bem. Perfeitos, não. Eles ficam bem juntos porque os dois são bonitos. Isso não é o mesmo que perfeitos.
- Que observação profunda – concluiu Mac. – E entendo exatamente o que quer dizer. Às vezes eu fotografo casais e eles saem lindos, parecem ótimos juntos. Mas eu sei que não são perfeitos. Não posso mudar ou corrigir isso. Porque não são e ponto final.
- Isso.
- Certo. Eles pareciam muito bem juntos. Vamos nos ater a isso. E, apenas por um minuto, eu me senti paralisada, deslocada. Isso é ridículo. – Laurel passou a mão com força pelos cabelos. – Foi como olhar através de uma parede de vidro. Eu estava do meu lado e eles, do outro.
- Isso é insultante, para vocês três. – Emma parou de arrumar as orelhas para cutucar Laurel no ombro. – E nenhum de vocês merece isso. Deborah é uma boa pessoa.
- Quem é Deborah?

– Você não a conhece bem – disse Emma a Mac. – Mas ela é uma boa pessoa.

– Eu não falei que não era. Também não a conheço bem. Só estou comentando que não acho que algum dia ela tenha servido mesas ou suado em uma cozinha de restaurante – argumentou Laurel.

– Isso é esnobismo às avessas.

Laurel deu de ombros.

– É claro que é. Eu falei que me sentia ridícula em relação a esse assunto. E já superei. De verdade. Sei que é um problema meu, e não gosto disso. Mas foi o que senti naquele momento. Quando ela percebeu que ele ia jantar comigo, que estávamos juntos, vi aquele lampejo de “que porra é essa?” em seu rosto antes que ela conseguisse disfarçar. Mas ela foi muito gentil. A culpa dos meus sentimentos não é dela, o que torna a situação ainda pior. Enfim, depois disso tivemos um jantar ótimo. Então, parte de mim se sentiu ainda mais ridícula por causa da reação que eu tive. Odeio me sentir ridícula.

– Ótimo. – Parker assentiu com a cabeça. – Porque, quando você odeia algo, para de fazê-lo.

– Estou tentando parar.

– Então... Devem ser os clientes – disse Parker quando a campainha tocou. – Droga, quase esqueci. Emma, livre-se daquelas caixas. Laurel, você está usando seus sapatos de cozinha.

– Merda. Vólto logo.

Laurel saiu correndo do salão, com Emma atrás dela carregando as caixas vazias.

Parker ajeitou o paletó do seu terninho.

– Você quase não falou nada.

– Porque já estive atrás da tal parede de vidro – explicou Mac. – Sei como ela se sentiu. É preciso algum tempo e esforço para vencer isso, mas ela vai conseguir.

– Não quero que haja nenhum tipo de parede entre nós.

– Nunca haverá, Parks. Não entre nós quatro. É diferente entre ela e Del, mas ela vai vencer isso.

– Certo. Fale comigo se achar que ela está se sentindo assim.

– Prometo que sim.

– Certo – repetiu Parker. – Está na hora do show – falou, então correu para atender a porta.

Capítulo Quinze

MAIS TARDE NAQUELA SEMANA, e com considerável prazer, Laurel se encontrou com a irmã de Carter e o noivo dela. Sherry Maguire era tão empolgante e agradável quanto o champanhe que Laurel mantivera gelado.

Desde a primeira reunião sobre o evento – o dia em que Carter havia substituído Nick e retomado contato com Mac –, a palavra-chave para o casamento, que aconteceria no outono, fora diversão.

Laurel planejava aplicar o raciocínio também ao bolo.

– Estou tão animada! – Sherry fez uma dancinha em sua cadeira. – Tudo está indo tão bem! Não sei o que eu faria sem Parker, sem todas vocês. Provavelmente Nick me deixaria louca.

– Mais louca, você quer dizer – retrucou ele, sorrindo.

Ela riu e o cutucou.

– Eu não falo sobre o casamento mais de cem vezes por dia. Ah, minha mãe comprou o vestido dela. É tão bonito! Eu descartei todos os vestidos típicos de mãe da noiva que experimentou até que ela finalmente desistiu. – Sherry deu mais uma vez sua risada contagiante. – É vermelho, um vermelho vivo com alças brilhantes e uma saia esvoaçante que ficará ótima na pista de dança. Porque, querida, ela sabe dançar. Vou sair com a mãe do Nick amanhã para procurar o dela. E não vou aceitar um modelito matrona, do tipo que passa despercebido. Mal posso esperar para fazê-la ceder à minha vontade.

Encantada, Laurel balançou a cabeça.

– E algumas noivas se preocupam com a possibilidade de serem ofuscadas.

Sherry descartou a ideia com um gesto de mão.

– Todos no nosso casamento estarão maravilhosos. Só tenho que me certificar de que serei mais sensacional que eles.

– Não tem nenhuma chance de não ser – afirmou Nick.

Sherry se virou para ele.

– Estão vendo por que sou louca por ele?

– Claramente. Que tal uma taça de champanhe? – ofereceu Laurel.

- Não posso, mas obrigado – disse Nick. – Vou trabalhar hoje à noite.
- Médicos sob o efeito de champanhe não são bem-vistos na sala de emergência.
- Sherry se agitou, entusiasmada. – Mas eu não vou trabalhar nem dirigir hoje, porque Nick vai me deixar em casa a caminho do hospital.

Laurel encheu uma taça de champanhe.

- Café? – perguntou a Nick.
- Perfeito.

Ela o serviu e depois se sentou.

- Preciso dizer que trabalhar com vocês dois e suas famílias tem sido muito divertido para todas nós. Acho que estamos tão ansiosas pela chegada de setembro quanto vocês.
- Então estão muito ansiosas. E depois vocês têm o casamento do próximo Maguire, em dezembro. – Sherry fez outra dancinha rápida em sua cadeira. – Carter vai se casar! Ele e Mac são... bem, são simplesmente perfeitos um para o outro, não são?
- Eu os conheço desde sempre e posso afirmar com toda a sinceridade que ela nunca foi mais feliz. Só isso já me faz amá-lo, mas, em se tratando de Carter, há muitos outros motivos para adorá-lo.
- Ele é mesmo fantástico.

Os olhos de Sherry ficaram marejados e ela piscou rapidamente.

- Uau, um gole de champanhe e já estou toda sentimental.
- Então vamos falar sobre o bolo. – Laurel pôs os cabelos atrás das orelhas antes de se servir de uma xícara de chá. – O que tenho aqui são várias amostras para vocês experimentarem. Bolos, recheios, coberturas. Pelo tamanho de sua lista de convidados, eu recomendaria um modelo de cinco andares, de tamanhos graduados. Podemos misturar bolos, recheios e coberturas ou escolher um tipo só. O que quiserem.
- Eu sou péssima nisso, porque nunca consigo decidir. Quando acabarmos aqui, vocês não estarão mais ansiosas pelo casamento – preveniu-a Sherry.
- Duvido muito. Por que não lhes mostro o desenho que tenho em mente? Se não gostarem, tentaremos mais alguns até encontrarmos o que é mais adequado para vocês.

Laurel não fazia um desenho para cada cliente, mas Sherry era da família agora. Ela abriu seu bloco e mostrou o modelo.

– Ah, meu Deus. – Sherry olhou e pestanejou de novo. – As camadas, os andares, não são redondos. São... como se diz mesmo?

– Hexagonais – disse Nick. – Muito legal.

– São como caixas de chapéu! Caixas de chapéu elegantíssimas, com essas ores no meio, e todas essas cores. Como os vestidos das damas de honra. Não brancos e formais, o que também seria lindo, mas não seria...

– Divertido? – sugeriu Laurel.

– Sim! Exatamente. Esse é divertido, mas lindo também. Você o desenhou com exclusividade para nós dois?

– Só se vocês tiverem gostado.

– Eu amei. Você também amou, não é? – perguntou Sherry a Nick.

– Achei lindo. E, puxa, isto é muito mais fácil do que eu havia esperado.

– A cobertura é de fondant. A princípio achei que poderia ser formal demais, mas quando pensei em tingir cada andar para combinar com as cores escolhidas para as damas de honra, pareceu mais adequado ao seu estilo.

Enquanto Sherry dava um sorriso radiante olhando para o desenho, Laurel se recostou e cruzou as pernas.

Nick tinha razão. Aquilo era muito mais fácil do que o esperado.

– As ores acrescentam cor, por isso é ousado, alegre e nada formal. Vou trabalhar junto com Emma, para que as minhas ores combinem com o que ela pensou, e colocaremos outras sobre a mesa do bolo. Eu pensei em canalizar em dourado, mas posso mudar se você preferir. Gosto da interação do dourado com as outras cores, então achei que poderíamos usar uma toalha dourada para a mesa do bolo, realçando tudo. Mas...

– Pare! – Sherry ergueu uma das mãos. – Não me dê mais opções. Amei esse bolo, amei tudo nele. É a nossa cara. Quero dizer, você acertou em cheio. Depois, se dirigindo a Nick: – Veja nosso bolo, que lindo.

Ela bateu sua taça na xícara de Nick em um brinde.

– Ótimo. Agora olhe para o outro lado, por favor, enquanto eu tenho um comportamento totalmente não profissional. – Com um sorriso, Laurel ergueu suas mãos em punho. – Yes!

Sherry deu outra risada.

– Nossa, você se envolve mesmo com seu trabalho.

– Sim. E tenho que lhe dizer: eu realmente queria esse desenho para você, e para mim. Estou louca para executá-lo. Ai, ai – suspirou, esfregando as mãos uma na outra. – Muito bem. Agora, voltando ao modo profissional.

– Eu gosto muito de você – falou Sherry de repente. – Quero dizer, eu não a conheço tão bem quanto conheço Emma ou Parker, ou mesmo Mac, com quem passei a conviver mais depois que ela e Carter começaram a namorar. Enfim, quanto mais conheço você, mais a aprecio.

– Obrigada. – Laurel sorriu. – Isso é totalmente recíproco. Agora vamos comer um pouco de bolo.

– Essa vai ser minha parte favorita – comentou Nick, e estendeu a mão para pegar uma amostra.

A escolha dos sabores do bolo demorou muito mais e envolveu mais discussões e considerações do que o design da parte exterior. Laurel os orientou na decisão, e eles acabaram escolhendo opções tão maravilhosas quanto o próprio design.

– Como saberemos qual é qual? – perguntou Sherry quando eles se preparavam para ir embora. – Tipo, qual é o de maçã com recheio de caramelo, ou o de chocolate com café e recheio de damasco, ou o...

– Vou cuidar disso, e os garçons oferecerão os acompanhamentos completos ao passar pelo salão ou servir às mesas. Se quiser mudar alguma coisa, é só me avisar.

– Não diga isso – avisou Nick, e Sherry riu de novo.

– Odeio admitir, mas ele tem razão. É melhor pensar que isso está gravado em pedra. Espere até minha mãe e meu pai receberem as amostras. – Ela balançou a caixa que Laurel lhe dera. – Obrigada, Laurel, por tudo. – Deu-lhe um abraço apertado. – Agora vamos correr para dar um oi a Carter e Mac antes de sair.

– Acho que eles não estão em casa. – Laurel olhou para seu relógio. – Ela tinha uma sessão de fotos ao ar livre e ia deixá-lo no Coffee Talk. Ele vai encontrar um amigo. Bob, talvez?

– Ah. Bem, fica para a próxima.

Laurel os acompanhou até lá fora para se despedir e concluiu que aquela fora uma de suas reuniões mais gratificantes. Não só adoraria criar aquele bolo, como Sherry e Nick estavam felizes com ele, e um com o outro, pensou, ao ver o modo como se beijaram ao se aproximar do carro.

Os dois estavam em completa sintonia, pensou Laurel, embora o ritmo de Sherry tendesse a ser mais acelerado e o de Nick, mais calculado e cuidadoso. Eles se complementavam,

e o melhor de tudo era que obviamente aproveitavam a companhia um do outro.

O amor era lindo, considerou, mas estar em sintonia era muito importante a longo prazo.

Perguntou-se se ela e Del tinham isso. Talvez não fosse possível saber com certeza quando se fazia parte da situação. Sim, eles tinham um ao outro, mas conseguiriam encontrar um modo de equilibrar seus temperamentos diferentes?

– Ah, eles já foram... – Parker correu lá para fora a tempo de ver o carro de Nick fazer a curva para a estrada. – Droga. Fiquei presa ao telefone e...

– Presa ao telefone? Estou chocada! Não acredito!

– Ah, cale a boca. A noiva de sexta-feira acabou de descobrir que não está com um sério problema de nervos ou com alguma doença no estômago.

– Está grávida.

– Exatamente. Ficou um pouco apavorada, um pouco comovida e um pouco estupefata. Eles haviam planejado engravidar daqui a um ano, mas a família começará a aumentar muito mais cedo que isso.

– Como o noivo está encarando a situação? – perguntou Laurel, sabendo que a noiva teria contado tudo a Parker.

– Por um momento ele ficou sem fala, tipo “como assim?”, e agora está animado. E, pelo jeito, muito atencioso quando ela tem enjoos matinais.

– Isso diz muito sobre um homem: ele ficar por perto quando você está vomitando.

– Nesse aspecto ele merece uma medalha de ouro. A noiva contou para os pais dela, e o noivo para os dele, mas pararam por aí. Ela queria meu conselho sobre contar ou não às damas de honra, às madrinhas ou aos outros convidados. Seja como for, eu esperava descer antes de Sherry e Nick irem embora. Como foi tudo?

– Não poderia ter sido melhor. Foi um daqueles momentos em que a gente simplesmente não consegue se imaginar fazendo outra coisa. Na verdade, acho que deveríamos entrar e fazer um brinde a nós mesmas com o champanhe que abri para Sherry por sermos tão boas.

– Gostaria de poder fazer isso, então guarde uma taça para mim. Tenho uma reunião em Greenwich. Volto em algumas horas.

– Certo. Eu já acabei por hoje. Talvez dê uma nadada e depois tome uma tacinha.

– Agora você está tentando me deixar com inveja. E conseguiu.

– Outro sucesso para o meu dia.

– Filha da mãe.

Divertida, Laurel observou Parker ir até o carro com um terninho de verão amarelo-claro e sapatos de salto alto cor-de-rosa.

Perguntou-se se Emma acabara de trabalhar. Poderiam nadar juntas e depois ficar à toa bebendo champanhe antes de Jack chegar em casa. Estava bem-humorada demais para ficar sozinha.

Pensou nos próprios sapatos de salto alto – um modelo elegante para a reunião

– e na caminhada até a casa de hóspedes. Poderia entrar e telefonar, mas se Emma ainda não tivesse terminado as tarefas do dia, seria mais fácil convencê-la pessoalmente. O melhor, então, era trocar de sapatos e ir até a casa dela seduzi-la com a ideia da piscina e do champanhe.

Voltou para dentro, pôs seus sapatos confortáveis e saiu pelos fundos da casa.

O final de tarde quente do início do verão realmente pedia uma nadada, decidiu. Ouviu o zumbido de abelhas no jardim, sentiu o cheiro da grama recém-cortada e das flores. Tudo parecia preguiçoso e eterno.

No dia seguinte, àquela altura, elas estariam prontas para o ensaio do evento de sexta-feira à noite, pensou. E depois se seguiriam dias inteiros sem espaço para momentos preguiçosos.

Então desfrutaria disso agora. Das cores, dos cheiros e dos sons do verão, daquela sensação de eternidade. Talvez devesse telefonar para Del, ver se ele queria ir até lá. Eles poderiam se sentar lá fora, acender a churrasqueira, comer ao ar livre e apreciar a noite e a companhia dos amigos.

Mais tarde fariam amor com as portas do terraço abertas. Ainda tinha tempo para fazer um bolo rápido de morango.

Entusiasmada com o plano, contornou a casa. Viu primeiro o estúdio de Mac e o pequeno e belo carro esportivo estacionado na frente. Um instante depois, a loira bonita se preparando para abrir a porta que Mac não se dera ao trabalho de trancar.

– Linda! – Ela gritou o nome repentinamente, e ficou satisfeita quando a mulher se sobressaltou.

A mãe de Mac, que usava um vestido de verão esvoaçante e sandálias de tiras de saltos médios, virou-se.

O breve lampejo de culpa no rosto dela deu a Laurel outra dose de prazer secreto.

– Laurel. Você quase me matou de susto – falou, balançando os cabelos louros agitados pelo vento de modo que emoldurassem seu rosto indiscutivelmente deslumbrante.

Pena que por dentro ela não fosse nem um pouco bonita, pensou Laurel, indo em sua direção.

– Cheguei hoje de Nova York, mais cedo. Vim de carro para encontrar umas amigas e passei aqui para ver Mac. Não a vejo há séculos.

Ela estava com um bronzeado delicado e brilhante, provavelmente obtido em alguma praia italiana no iate de seu novo marido. A maquiagem estava perfeita, o que fez Laurel pensar que ela parara para retocá-la antes de “passar” ali.

– Mac não está em casa.

– Ah, bem, então vou dar um oi para o Carter. – Ela agitou uma das mãos de um modo ensaiado que fez o sol refletir nos enormes diamantes de suas alianças de casamento e noivado. – Ver o que meu futuro genro anda aprontando.

– Ele está com Mac. Não há ninguém para ver, Linda. Você deveria voltar para Nova York.

– Tenho alguns minutos sobrando. Não precisa ser... tão profissional – retrucou Linda, dando uma olhada rápida de alto a baixo no terninho de Laurel. – Sapatos interessantes.

– Parker deixou muito claro que você não é bem-vinda aqui, Linda.

– Foi só uma coisa de momento. – A mulher descartou o comentário dando de ombros, mas o mau humor avivou seus olhos. – Esta é a casa da minha filha.

– Tem razão, e na última vez que você apareceu ela mandou você ir embora. Pelo que sei, Mac não mudou de ideia a esse respeito. Sei que Parker também não.

Linda torceu o nariz.

– Só vou esperar lá dentro.

– Tente abrir aquela porta, Linda, e eu acabo com a sua raça. Isso é uma promessa.

– Quem diabo você pensa que é? Você não é nada. Acha mesmo que pode vir aqui com seu terninho de liquidação e esses sapatos horrorosos e me ameaçar?

– Foi o que acabei de fazer.

– Você só está aqui porque Parker se sente obrigada a lhe dar um teto. Não tem nenhum direito de me dizer como agir.

– Quero ver você me dizer isso depois que eu a fizer se esborrachar no chão. Volte para Nova York e para seu marido da vez. Eu aviso a Mac que esteve aqui. Se ela quiser vê-la, entrará em contato.

– Você sempre foi fria e detestável, mesmo quando era criança.

– Certo.

– Não era de admirar, com aquela mãe maluca. Ela gostava de fingir que era melhor que todo mundo, mesmo enquanto seu pai tentava dar o golpe na Receita Federal e transar com qualquer uma menos ela. – Linda sorriu. – Pelo menos ele tinha algum sentimento.

– Acha que me importo por você e meu pai terem transado em algum quarto de motel vulgar?

Mas ela se importava, pensou Laurel enquanto seu estômago se contraía.

– Uma suíte no Palace – retrucou Linda. – Antes de as contas dele serem bloqueadas, é claro.

– Só porque foi no Palace, não deixa de ter sido vulgar. Você não tem nenhuma importância para mim, Linda. Nunca teve. Nós três a tolerávamos por causa de

Mac. Agora não somos mais obrigadas a fazer isso. Então, precisa de ajuda para ir até seu carro ou prefere fazer o caminho sem mancar?

– Você acha que ter conseguido levar Delaney Brown para a cama a torna um deles? – Dessa vez Linda riu, um trinado radiante. – Ah, sim, eu sei tudo sobre isso. Muitas pessoas sabem, e adoram falar.

– Nossa, você já deve estar entediada com sua nova conquista para perder tempo tomando conta da minha vida sexual.

– Sua vida? – Linda arregalou os olhos com deboche e pena. – Ninguém está interessado na sua vida. As pessoas só querem saber da família Brown, especialmente quando um deles decide se divertir. Na verdade, eu a admiro pela tentativa. Quem não tem um sobrenome importante, ou dinheiro, precisa fazer o que for preciso para obtê-los.

– Precisa? – disse Laurel com frieza.

– Um homem como Del? – continuou Linda. – É claro que ele iria dormir com você. Homens vão para a cama com qualquer mulher que saiba jogar o jogo; você devia ter aprendido isso com seu pai. Mas se acha que ele vai ficar com você, ou se casar com você, que pena. Um Brown não vai se casar com alguém que não seja da classe dele, querida. E você não tem nenhuma classe.

– Bem, sobre a última parte, eu diria que isso nos torna iguais, exceto por... eca.

– Os joelhos dela tremeram. Teve de se esforçar para mantê-los firmes. – Vou lhe pedir mais uma vez para ir embora ou a farei ir com minhas próprias mãos. O que me faz quase torcer para que não obedeça.

– Não há nada aqui que me interesse. – Balançando os cabelos mais uma vez, Linda andou a passos largos para seu carro e depois deslizou para trás do volante.

– As pessoas estão rindo de você. – Ela virou a chave e ligou o motor. – Vão rir ainda mais quando ele terminar com você.

Então acelerou e foi embora.

Laurel perdeu a vontade de nadar e beber champanhe. Não queria mais comer ao ar livre com os amigos. Ficou onde estava, para se certificar de que Linda iria mesmo embora.

Agora ela estava com dor de cabeça e nauseada. Iria dormir para evitar pensar naquilo, disse a si mesma. Nada que a mulher falara significava nada.

Droga.

Percebendo que estava quase chorando, tentou se conter e pegou o caminho de casa. Não tinha dado mais que dez passos quando Emma a chamou. Laurel apertou os olhos com força na esperança de que a ameaça das lágrimas não se concretizasse.

– Meu Deus, como está quente! Adoro esse clima! – Emma estendeu os braços. – O verão é meu amigo. Achei que nunca terminaria para poder dar uma saída. – No minuto em que viu o rosto de Laurel, seu sorriso desapareceu. Ela acelerou o passo e pegou a mão da amiga. – O que houve?

– Nada. É só uma dor de cabeça. Eu ia entrar para tomar um remédio e me deitar até passar.

– Hum. – Com os olhos cheios de preocupação, Emma a estudou longamente. – Conheço essa cara. Não é só uma dor de cabeça. Você está chateada.

– Estou chateada por estar com dor de cabeça.

Emma apenas mudou de posição e pôs o braço ao redor da cintura de Laurel.

– Então vamos para casa juntas e eu ficarei enchendo o seu saco até você me contar o que aconteceu para ficar com dor de cabeça.

– Pelo amor de Deus, Emma, todo mundo tem dor de cabeça. É por isso que existem remédios. Vá se meter com suas ores e me deixe em paz. Que coisa irritante...

– Como se isso fosse adiantar. – Ignorando o dar de ombros mal-humorado de Laurel,

Emma manteve o braço onde estava e acompanhou o ritmo de Laurel. – Você e Del brigaram?

– Não. E meu humor, minhas dores, meus dias, minhas noites, minha vida não giram apenas em torno de Del.

– Hum, então há algo mais. Ou alguém. Você bem que poderia me contar logo. Sabe que não a deixarei em paz enquanto não abrir o bico. Não me faça torturá-la para arrancar a informação de você.

Laurel quase riu, mas em vez disso suspirou. Quando Emma achava que uma amiga estava sofrendo, grudava nela feito cola.

– Acabei de discutir com Linda, a Monstra, só isso. Ela faz qualquer um ficar com dor de cabeça.

– Ela esteve aqui? – Emma parou imediatamente e olhou para o estúdio de Mac.

– Mac e Carter saíram, não é?

– Saíram. Quando vi Linda, não parecia que isso a impediria de entrar.

– Não impediria. Ela teve a cara de pau de vir aqui depois de Parker lhe dizer com todas as letras para sumir da vida dela? O que a Parker...

– Parker está em uma reunião.

– Ah. Então foi só você que a viu. Queria ter aparecido antes para ela conhecer a verdadeira ira de Emmaline.

Que, quando despertada, pensou Laurel, era implacável, mais ainda por ser rara.

– Eu me livrei dela.

– Sim, mas obviamente isso a chateou. Vá se sentar no terraço enquanto eu pego uma aspirina e uma bebida gelada para você. Depois, vai me contar exatamente o que aconteceu.

Ela podia argumentar, mas isso não só seria inútil como tornaria a situação mais importante do que era. Ou deveria ser.

– Quero raios de sol.

– Ótimo, então vá se sentar ao sol. Droga, o pessoal da obra ainda está aqui?

– Não, foi embora há algum tempo.

– Bom, então vai estar tranquilo lá. Eu não entendia muito bem como Mac e Carter conseguiam viver em um lugar em obra até eles começarem a trabalhar na minha casa e no seu vestíbulo. Ex-vestíbulo. Aqui, sente-se.

Laurel obedeceu enquanto Emma entrava correndo na casa. Pelo menos deixá-la se preocupar com aspirina e bebidas lhe daria tempo para se acalmar. Disse a si mesma para considerar a fonte, lembrando-se de que Linda gostava de criar tumulto e era particularmente boa nisso quando contrariada.

Aquilo não ajudou.

Sentou-se e remoeu aqueles pensamentos até Emma aparecer de novo com uma bonita bandeja contendo chá gelado e biscoitos.

– Assaltei seus suprimentos – disse ela. – Biscoitos são indispensáveis. – Ela passou o frasco de aspirina para Laurel. – Tome duas e desembuche.

– Tive uma reunião ótima. Com Sherry e Nick.

– Eles são uma graça de casal.

– E muito felizes. Realmente me deixaram de ótimo humor. Eu estava indo até sua casa para ver se você queria dar uma nadada e tomar o champanhe que eu tinha aberto para a reunião quando vi Linda prestes a entrar na casa de Mac.

– E lá se foi seu ótimo humor. E meu champanhe.

– É. Ela começou do mesmo modo de sempre. Sorrisão, toda inocente. “Deu uma passada” porque veio ver umas amigas.

Laurel pegou um biscoito e o mordiscou enquanto continuava a história.

– Você disse que acabaria com a raça dela? – perguntou Emma com satisfação.

– Ah, como eu gostaria de ter visto isso... O que ela respondeu?

– Basicamente que eu não tinha voz aqui, que só estou aqui por consideração da Parker...

– Que besteira.

– Usou meus pais para me atacar. Disse, entre outras coisas, que sou fria como minha mãe e que foi por isso que meu pai foi para a cama com ela.

– Puxa, querida...

– Eu sempre achei que ele devia ter uma queda pela Linda. Praticamente todos os maridos infiéis do condado têm, mas...

– Isso machuca – completou Emma.

– Eu não sei. Não sei se machuca. Acho que só me chateia e desaponta. O que, pensando bem, é uma estupidez.

– Mas é Linda.

– Pois é. – Não havia nada mais precioso do que uma amiga que a entendia perfeitamente. – Eu ignorei o que ela disse. Não ia deixá-la me tirar do sério. Então tive de contra-atacar e a mandei ir embora de novo, ou eu a obrigaria.

– Boa!

– Então ela usou Del para me atingir.

– Como assim?

– Que todo mundo está falando de nós dois, rindo de mim, que ele nunca levaria a sério alguém como eu. Que não sou da classe dele, da classe dos Browns.

– Vaca maldosa. – Emma fechou a mão. – Queria dar um soco na cara dela. Não vá me dizer que acreditou em uma só palavra do que ela disse, ou terei que dar um soco em você.

– Agora estou apavorada. – Laurel suspirou de novo. – Não é uma questão de acreditar, Emma. Sei o tipo de pessoa que ela é, e que é exatamente isso que pensa. E sei que, mesmo se não pensasse, falaria só para me atingir. Mas o fato é que... O fato é que ele é Delaney Brown, por isso as pessoas estão falando e especulando, e algumas provavelmente rindo.

– E daí se estiverem?

– Eu sei, e é isso que digo para mim mesma. – Ela odiou, odiou que as lágrimas estivessem fazendo seus olhos arderem de novo, dessa vez os enchendo e transbordando.

– Na maior parte do tempo é assim que eu penso: “E daí?” Mas em outros momentos...

– Isso é insultante para Del tanto quanto para você.

– Talvez. Nós nunca conversamos sobre se o nosso relacionamento é sério, ou se vai durar. Só falamos sobre o presente. Eu geral eu sou boa nisso, porque quando estamos juntos é muito bom. Mas às vezes...

– Acha que Del está com você porque você está disponível?

– Não. – Ela enxugou as lágrimas com impaciência. – Não, é claro que não.

– Acha que é só por causa do sexo?

– Não.

– Ou que ele dá alguma importância ao fato de seu sobrenome não ter o mesmo peso que o dele?

Laurel balançou a cabeça em uma negativa.

– Emma, sei quando estou sendo ridícula, mas saber nem sempre faz alguém parar de ser. Gostaria de não ter esse ponto fraco e Deus sabe que adoraria não ter deixado Linda atingi-lo. Mas é assim que as coisas são.

– Todas nós temos pontos fracos. – Ela pôs a mão sobre a de Laurel. – Especialmente quando amamos alguém. É por isso que precisamos das amigas.

– Ela me fez chorar. Veja o nível da minha fraqueza. Eu ia subir para o meu quarto e me debulhar em lágrimas se você não tivesse me impedido. Quando penso em como eu ficava frustrada quando Mac deixava Linda controlá-la emocionalmente...

Ela suspirou.

– A mulher é uma cobra – comentou Emma.

– Com certeza. Bem, pelo menos eu a expulsei da propriedade.

– Da próxima vez eu é que vou expulsar. Você, Parker e Mac tiveram sua chance. Quero ter a minha.

– É justo. Obrigada, Emma.

– Está se sentindo melhor?

– Estou, sim.

– Vamos dar aquela nadada.

– Está bem – retrucou Laurel, assentindo com a cabeça rapidamente. – Vamos afogar minha autopiedade.

Mais tarde, já mais fortalecida, ela se sentou em seu escritório. Precisava dar uma olhada em uns papéis, e, como dispunha de algum tempo, resolveu aproveitá-lo para isso.

Cuidou de seu arquivo, de faturas e contas, ao som de Bon Jovi. Depois foi dar uma olhada nos sites de alguns fornecedores.

Precisava de mais sacos de confeitaria, caixas para transportar bolos e doces e talvez algumas folhas de transfer. Forminhas, pensou, e folhas de papel rendado. Depois de encomendar o que necessitava, começou a estudar ferramentas e itens para exposição de

que não precisava, mas com os quais poderia ser divertido brincar.

O orçamento para decoração de bolos da Vó permitia a compra de alguns brinquedinhos, decidiu. Além disso, seria bom ter ferramentas e moldes novos e, por Deus, ela realmente queria aquele cortador duplo.

Seu lado racional a fez se recostar e pensar no preço. Mas quando terminassem o novo depósito, teria espaço para o cortador maior. Seria bem prático, porque ela poderia cortar o dobro de biscoitos, chocolates e ganaches. E ele vinha com quatro moldes.

Poderia vender o que usava agora e que comprara de segunda mão.

Dane-se. Ela merecia. Mas no momento em que clicava em Adicionar ao Carrinho, deu um pulo, culpada, quando Mac disse seu nome.

– Meu Deus, não se aproxime de mim sem fazer barulho quando eu estiver gastando dinheiro que não preciso gastar.

– Está comprando o quê? Ah. – Mac deu de ombros quando viu o site do fornecedor de produtos para confeitaria. – Ferramentas... Todos precisamos delas. Ouça, Laurel...

– Emma lhe contou. – Ela suspirou. – É melhor que não tenha vindo até aqui para se desculpar pelo comportamento de Linda.

– Tenho o direito de me desculpar. – Mac enfiou as mãos nos bolsos. – Minha primeira reação foi ligar para ela e lhe dizer o que penso dela, mas isso seria lhe dar muita atenção, e isso é o que ela mais gosta depois de dinheiro. Então vou ignorar o ocorrido, assim ela não consegue nada. O que a irritará. Muito.

– Ótimo.

– Sim, mas, como vou ignorar o ocorrido, preciso me desculpar por ele, e você tem que me deixar fazer isso.

– Está bem, desculpas aceitas. – Deliberadamente, Laurel olhou para o relógio e contou até dez. – Agora, assunto encerrado.

– Certo. Sabe o que eu queria? Não ser obrigada a convidá-la para o casamento. Mas sou.

– Vamos conseguir passar por isso.

– Eu sei. Talvez aconteça um milagre e ela se comporte. É, eu sei – acrescentou Mac com uma meia risada quando Laurel revirou os olhos para o teto. – Mas na posição de noiva, posso ter essa fantasia.

– Ela nunca entenderá você. Ou a nós. Azar o dela.

– Realmente. – Mac se abaixou e beijou o alto da cabeça de Laurel. – Vejo você depois.

Qualquer resto de autopiedade desapareceu quando Mac foi embora. Bastava daquilo, pensou Laurel, e comprou um cortador duplo novo.

Capítulo Dezesseis

LAUREL NÃO SOUBE AO certo de onde surgiu o impulso, mas o seguiu e foi até o escritório de advocacia de Del. Embora raramente aparecesse lá por motivos pessoais ou jurídicos, conhecia as instalações.

A majestosa porta da frente da casa antiga se abriu para um também majestoso salão que levava a uma bela recepção, com plantas folhosas em vasos de cobre, mesas antigas, cadeiras enormes e cores neutras aquecidas pelo fluxo de luz.

As salas mantinham a privacidade dos clientes com portas antigas pesadas, lindamente restauradas, e tapetes desbotados pelo tempo salientavam os tons profundos do chão de tábuas corridas largas.

Ela sabia que Del apreciava a mistura de elementos imponentes com itens acolhedores.

Saiu do calor abafado para o ambiente fresco onde Annie, uma mulher que fora sua colega de escola, trabalhava à frente do computador em sua escrivaninha.

Annie mudou de posição e seu sorriso profissional se ampliou em um amigável.

– Olá, Laurel! Como vai? Não a vejo há meses.

– Eles me mantêm acorrentada ao fogão. Ei, você cortou o cabelo. Adorei. Annie balançou levemente a cabeça.

– Achou ousado?

– Totalmente.

– E o melhor é que só demoro dois minutos para arrumá-los de manhã.

– De resto, como está?

– Estou ótima. Vamos marcar alguma coisa? Tomar um drinque, pôr as novidades em dia.

– Seria ótimo. Trouxe uma coisa para o Del.

Ela ergueu a caixa de papel que carregava.

– Se for parecido com o bolo que você fez para a Dara, acabei de engordar 2 quilos só de olhar. Ele está com uma cliente. Posso...

– Não precisa interrompê-lo – disse Laurel. – Vou deixar com você.

– Não sei se pode confiar em mim.

Laurel deu uma risada e pôs a caixa sobre a escrivaninha.

– Tem bastante para os dois. Precisei vir à cidade, então passei aqui só para trazer isso antes de...

– Só um instantinho – disse Annie quando seu telefone tocou. – Brown e Associados, bom dia.

Laurel se afastou enquanto a recepcionista estava em ligação e foi dar uma olhada nas obras de arte nas paredes. Sabia que eram originais, de artistas locais. Os Browns sempre tinham sido grandes patronos das artes, envolvidos nos interesses da comunidade.

Ocorreu-lhe que nunca havia pensado muito em como Del montara seu escritório. Fora, lembrou-se, logo depois da morte de seus pais e antes de elas abrirem a Votos. Provavelmente tinham sido suas primeiras clientes.

Na época ela trabalhava no e Willows para conseguir pagar as contas enquanto a Votos fazia seus primeiros eventos. Estivera ocupada demais, supôs, e cansada demais para pensar em como ele devia estar fazendo malabarismos para lidar com o próprio escritório recém-aberto, os detalhes das propriedades dos pais e os aspectos legais da Votos como empresa e sociedade.

Todos eles estavam se virando do jeito que podiam com planos, obrigações, fases de teste e empregos de meio expediente para encher os cofres. Mas Del nunca havia parecido apressado.

A serenidade dos Browns, supôs. Assim como aquela capacidade aparentemente inata de ser bem-sucedidos em tudo o que se propunham a fazer.

Eles haviam sofrido juntos, lembrou. Foram tempos muito difíceis. Mas a dor e as dificuldades produziram uma espécie de cola que os tinha unido.

Laurel fora morar com Parker e nunca realmente olhara para trás. E Del estivera sempre presente, cuidando dos detalhes que haviam escapado a ela. Sim, ela havia percebido, pensou, mas dera-lhe o devido crédito por isso?

Olhou de relance quando alguém passou pela porta. O jovem casal estava de mãos dadas e parecia feliz. Parecia familiar, percebeu Laurel.

– Cassie? – Ela fizera o bolo Renda de Noiva para o casamento deles, na primavera. – Oi. E...

Qual era mesmo o nome do noivo?

– Laurel? Olá! – Cassie estendeu a mão amigavelmente. – Que bom ver você! Outro dia Zack e eu mostramos as fotos do nosso casamento para alguns amigos e comentamos que estávamos ansiosos pelo casamento de Fran e Michael daqui a alguns meses na sua casa. Mal posso esperar para ver como será.

Se ela fosse Parker, lembraria exatamente quem eram Fran e Michael, além de todos os detalhes do casamento já definidos até o momento.

Como não era, apenas sorriu.

– Espero que eles estejam tão felizes quanto vocês dois.

– Não sei se isso é possível, porque nós estamos em êxtase.

– Acabamos de comprar nossa primeira casa – contou Jack.

– Parabéns!

– É maravilhoso e assustador ao mesmo tempo, e... Ah! Dara. Todos chegaram na hora.

Laurel supôs que Annie fizera um sinal para Dara, e ela se virou para cumprimentá-los.

– Ah, aquele bolo! – Com uma risada, Dara deu um abraço rápido em Laurel. – Estava tão lindo... e tão delicioso!

– Como está o bebê?

– Ótimo. Tenho centenas de fotos dele. Se você não estiver com pressa, posso lhe mostrar.

– Eu adoraria ver as fotos do bebê – exclamou Cassie. – Adoro bebês – acrescentou com um olhar ansioso para Zack.

– Primeiro a casa, depois o bebê.

– Posso ajudar vocês com a primeira etapa. Venham.

Dara piscou para Laurel e depois se retirou com os clientes.

Laurel ouviu o telefone de Annie tocar de novo – lugar agitado – e decidiu ir embora. Assim que pensou isso, ouviu a voz de Del.

– Tente não se preocupar. Você agiu certo, e farei tudo o que puder para resolver isso rapidamente.

– Fico muito grata, Sr. Brown. Não sei o que seria de mim sem sua ajuda. Isso tudo é tão ...

A voz da mulher falhou.

Embora Laurel tivesse recuado, viu de relance Del e sua cliente, e o modo como ele pôs o braço ao redor dos ombros da mulher enquanto ela lutava contra as lágrimas.

– Desculpe. Achei que já tivesse extravasado tudo em seu escritório.

– Não se preocupe. Quero que volte para casa e tente tirar isso da cabeça.

Del passou a mão para cima e para baixo no braço da mulher. Laurel o vira fazer esse gesto de conforto e apoio – nela, inclusive – inúmeras vezes.

– Concentre-se na sua família, Carolyn, e deixe tudo comigo. Entrarei em contato em breve. Prometo.

– Está bem. E obrigada mais uma vez por tudo.

– Apenas se lembre do que eu lhe disse.

Ao acompanhar a mulher até a porta, ele avistou Laurel. Por um breve momento seu rosto revelou surpresa e depois ele voltou a atenção para a cliente. Murmurou algo que fez a cliente piscar novamente para afastar as lágrimas antes de assentir com a cabeça e ir embora.

– Bem, oi – disse ele a Laurel.

– Eu estou atrapalhando. Me desculpe. Só vim trazer uma coisa para você e então um casal chegou procurando Dara, e eu os conhecia, aí...

– Zack e Cassie Reinquist. Vocês fizeram o casamento deles.

– Meu Deus, você e Parker têm planilhas no lugar de cérebros. Isso é assustador. Seja como for, vou embora para você poder...

– Entre. Ainda tenho alguns minutos antes do próximo cliente. O que trouxe para mim?

– Vou buscar.

Ela voltou para pegar a caixa.

– Desculpe – murmurou Annie, afastando o fone da boca. – Avalanche de demandas judiciais.

Laurel fez um gesto de “não se preocupe” e levou a caixa com ela.

– Você me trouxe um bolo?

– Não.

Laurel entrou com Del na sala, onde a luz do sol se infiltrava pelas janelas altas e mais antiguidades e a escrivaninha – que sabia que fora do pai dele, e antes disso do avô – brilhavam e se destacavam.

Ela pousou a caixa e abriu a tampa.

– São cupcakes.

– Cupcakes. – Curioso, ele olhou para dentro da caixa, para a dúzia de bolinhos alegremente decorados. – Estão com uma cara ótima.

– São doces para alegrar. – Laurel estudou o rosto dele. Conhecia aquela expressão assim como Emma dissera conhecer a sua. – Você parece estar precisando de um pouco de alegria.

– Pareço? Bem... – Ele se inclinou para lhe dar um beijo distraído. – Isso me deixa alegre. Que tal um de café para acompanhar os cupcakes?

Ela não pretendia ficar – estava com o horário apertado –, mas ele parecia mesmo precisar de um pouco de distração.

– É claro. Sua cliente parecia muito a ita – começou a dizer enquanto Del se dirigia à máquina de café. – Imagino que você não possa falar sobre isso.

– Posso falar em termos gerais. A mãe dela morreu há pouco tempo, depois de uma doença longa e difícil.

– Que pena.

– Ela era a principal cuidadora, e como a condição da mãe lhe exigia bastante dedicação e as duas queriam que ela morresse em casa, Carolyn tirou uma longa licença do trabalho.

– Isso exige muito amor e entrega.

– Sim, exige. Ela tem um irmão na Califórnia. Ele veio algumas vezes e ajudou um pouco. Tem também uma irmã em Oyster Bay, que aparentemente estava ocupada demais para visitar a mãe ou ajudar mais do que algumas vezes por mês, se tanto.

Ele entregou o café a Laurel e se encostou na escrivaninha. Pegou um dos cupcakes e o estudou.

– Nem todos têm muito amor e entrega.

– Não, nem todos.

– Havia o plano de saúde, é claro, mas não cobria tudo, e minha cliente tirou dinheiro do próprio bolso para arcar com as despesas extras, até que a mãe descobriu e insistiu em transformar sua conta bancária pessoal em conjunta com a filha.

– O que exige amor e confiança.

– Pois é. – Ele esboçou um sorriso. – Exige.

– Embora deva ter sido terrível passar por isso, parece que sua cliente e a mãe tinham uma relação muito especial.

– Sim, tem razão. A licença foi um fardo financeiro, mas minha cliente e a família dela conseguiram dar um jeito. O marido e os filhos contribuía quando podiam. Imagine como deve ser cuidar de pais que estão morrendo, que no final já não saem da cama, usam fralda e precisam de alimentação especial e cuidados constantes.

Não era apenas triste, percebeu Laurel. Também era estressante. Muito estressante.

– É, eu imagino. Deve ser uma tensão terrível, física e emocional.

– Foram dois anos no total, e nos últimos seis meses quase 24 horas por dia. Ela lhe dava banho, trocava e lavava suas roupas, lhe dava comida, cuidava de suas finanças, limpava a casa... Além de tudo isso, ainda lia para ela. Então a mãe mudou seu testamento, deixando a casa, com tudo o que havia dentro, exceto alguns itens específicos, e a maior parte dos seus bens, para minha cliente. Agora que ela morreu, a irmã está contestando o testamento. Está acusando minha cliente de influenciar a mãe a seu favor. Está furiosa e disse que ela roubou dinheiro, joias e itens domésticos, e que jogou a mãe moribunda contra ela.

Quando Laurel não disse nada, Del pousou seu café.

– No início minha cliente queria dar os bens para ela, simplesmente deixá-la ficar com o que quisesse. Não se achava capaz de suportar mais sofrimento e estresse. Mas seu marido e seu irmão, e ele merece crédito por isso, não concordaram.

– Então eles o procuraram.

– A irmã contratou um maldito advogado perfeito para o que ela quer. Vou acabar com eles.

– Aposto que vai conseguir.

– A irmã teve sua chance. Sabia que a mãe estava morrendo, que não lhe restava muito tempo. Mas escolheu não ficar com ela, se despedir, dizer todas as coisas que a maioria das pessoas acha que tem a vida inteira para dizer. Agora quer sua parte, e para isso não se importa em destruir seu relacionamento medíocre com os irmãos e aumentar o

sofrimento da irmã. Por quê? Por dinheiro. Não entendo como... Desculpe.

– Não precisa se desculpar. Estou vendo que nunca pensei muito sobre o que você faz. Achava que eram apenas “coisas de advogado”.

Ele conseguiu sorrir.

– Eu faço coisas de advogado. Isso é coisa de advogado.

– Não, quero dizer, apenas as coisas de advogado que irritam o resto do mundo. Assine isto, assine aquilo, preencha isto, o “isto” sendo tão complicado e escrito em uma linguagem tão ridícula que se torna ainda mais irritante.

– Nós, advogados, gostamos de nosso jargão jurídico.

– Com ou sem o ridículo jargão jurídico, o que você faz tem a ver com pessoas. Sua cliente ainda vai sofrer, mas o estresse dela diminuiu por causa do seu apoio. O que você faz é muito importante, e eu nunca havia pensado sobre isso.

Ela ergueu uma das mãos para tocar o rosto dele.

– Coma um cupcake.

Para agradá-la, imaginou Laurel, ele deu uma mordida. E dessa vez o sorriso chegou aos seus olhos.

– Está gostoso. Alegre. Esse caso realmente mexeu comigo. Acho que não havia percebido quanto até você aparecer e eu poder extravasar.

– Era nisso que estava trabalhando ontem à noite?

– Na maior parte do tempo.

– É por isso que está cansado hoje. Você quase nunca parece cansado. Posso ir à sua casa à noite e lhe preparar algo para comer.

– Você não tem um ensaio hoje e um evento amanhã?

– Posso remanejar as coisas de hoje à noite. Amanhã é amanhã.

– Nesse caso, acho que eu deveria parecer cansado mais vezes. Que tal eu ir à sua casa? Fiquei enterrado aqui ou em casa nos últimos dias. E nem estive com você. Senti saudades.

O coração de Laurel se derreteu e ela foi para os braços dele. O beijo que se seguiu foi tudo, menos distraído. Quando Del pousou o queixo no alto de sua cabeça, o telefone dele emitiu um bipe.

– Meu cliente chegou – murmurou.

– Estou indo. Divida os cupcakes com o pessoal.

– Talvez.

– Se você comer todos, vai se sentir mal e vai estar totalmente sem fome no jantar. Embora talvez deva lembrar que sou melhor como confeitadeira do que como cozinheira.

– Posso levar uma pizza – disse ele, e a ouviu rir enquanto se afastava.

Antes de mandar o cliente entrar, Del ficou um momento sozinho com seu café, seu cupcake e os pensamentos em Laurel. Não pretendia lhe contar tudo sobre a cliente e a situação dela. Não tinha percebido quão irritado estava com aquela situação. E a cliente não lhe pagava para ficar irritado, mas para representar seus interesses.

Ou lhe pagaria, depois que ele acabasse com a irmã dela. Recusara um adiantamento. Podia se dar ao luxo de abrir mão disso e simplesmente não podia aceitá-lo de uma mulher que havia passado por tudo aquilo.

Mas o principal é que não sabia como era bom ter alguém com quem desabafar, alguém que soubesse como aquele caso em particular o afetara.

Ele não precisou se explicar para Laurel. Ela simplesmente entendeu. Um dom inestimável, refletiu.

E houvera algo no modo como ela tocara no seu rosto – um gesto simples de compreensão – que mexera com ele. Não sabia bem o que era, o que queria dizer, ou ainda o que significava olhar para ela e todas as vezes ver algo novo.

Como era possível poder conhecer alguém uma vida inteira e ainda descobrir algo novo?

Teria que pensar sobre isso, disse a si mesmo. Colocou a caixa com os cupcakes ao lado da máquina de café e saiu ao encontro do próximo cliente.

Ela deveria tê-lo deixado levar a pizza, pensou Laurel enquanto corria pela cozinha para preparar as coisas. Ainda tinha bolos e outros doces para terminar, e o barulho da obra tinha atingido o auge.

Não havia como fazer o jantar ali.

– Eu posso fazê-lo para você – comentou a Sra. Grady.

– Isso seria trapacear. E estou ouvindo o que não está dizendo.

– Você está ouvindo o que acha que não estou dizendo quando o que realmente não estou dizendo é que seria trapaça se você fingisse que havia feito o jantar.

Laurel parou por um momento e ansiou por aceitar a sugestão. Podia muito bem dizer a Del que a Sra. G. preparara o jantar porque Laurel estivera ocupada demais. Ele não se importaria, mas...

– Eu disse que faria. Além disso, a senhora vai sair com suas amigas hoje. – Ela suspirou. – Então, salada do campo com um belo vinagrete balsâmico, linguine de frutos do mar e pão. É bem fácil de fazer, não é?

– É. Você está aflita com isso. E com ele.

– É comida. Sei como sou em relação a isso, mas não consigo ser diferente. Tudo tem que estar perfeito, o que inclui a apresentação. – Distraidamente, ela ajeitou o grampo que prendia seus cabelos para cima. – Sabe, Sra. G., se algum dia eu tiver filhos, acho que vou levar vinte minutos só para finalizar a apresentação de uma manteiga de amendoim. Todos eles vão precisar de terapia.

– Acho que você vai se sair muito bem nesse quesito.

– Nunca pensei a sério sobre isso. Sobre ter filhos, quero dizer. – Ela pegou as verduras, os tomates-uva, as cenouras que pretendia cortar em tiras, lavar e resfriar antes de preparar a salada. – Sempre há tantas coisas para fazer no presente que nunca pensei muito no futuro.

– E agora está pensando?

A Sra. G. começou a secar as verduras que Laurel lavara.

– Acho que é o tipo de coisa que fica passando pela minha cabeça. Talvez tenha a ver com o relógio biológico.

– Talvez tenha a ver com estar apaixonada.

– Pode ser. Mas é melhor quando as duas pessoas estão apaixonadas e pensando no futuro. Hoje vi aquele casal que se casou aqui na primavera passada. – Ela olhou pela janela enquanto trabalhava, na direção das cores do verão. – Eles estavam no escritório de Del para resolver alguma questão legal sobre a compra de sua primeira casa. Dara estava cuidando disso e surgiu o assunto do bebê. A noiva... bem, esposa, ficou toda sonhadora à ideia de ter um filho e ele disse: “Primeiro a casa, depois o bebê”, ou algo desse tipo. O que é bem sensato.

– Os bebês nem sempre vêm quando é sensato.

– Sim, como descobriu a noiva de amanhã. Mas só quero dizer que faz sentido planejar os passos, na ordem lógica. Ser paciente.

– Ir com calma.

A Sra. Grady fez um carinho rápido nas costas de Laurel.

– Pelo menos um pouco. Não preciso de todo o alvoroço, todos os detalhes, todos os enfeites. Basicamente, de tudo o que fazemos aqui. Emma precisa, Parker precisará, e Deus sabe que Mac se deixou levar por isso.

– Sim, e acho que foi uma surpresa para ela.

– Mas eu não preciso. Não tenho necessidade de uma aliança, um papel ou um vestido de noiva espetacular. Para mim, não é a cerimônia, ou todas essas coisas, que importa. É a promessa. É saber que uma pessoa quer que eu faça parte da vida dela. Alguém que me ame, que me ache única. Isso é tudo.

– Com quem acha que Del gostaria de estar hoje à noite além de você?

Laurel deu de ombros.

– Não sei. Sei que ele ficará feliz em estar comigo. Isso pode não ser tudo, mas é o suficiente. – O timer que programara disparou. – Droga, tenho que voltar para a minha cozinha. Não acabei tudo.

– Vou ser sua sous chef e não farei nada além disso. Só vou terminar de lavar a louça, secar e guardar para você. Isso não seria trapaça.

– Tem razão. Obrigada.

Enquanto Laurel se afastava rapidamente, a Sra. Grady se perguntou por que ela não pensava na possibilidade de Del querer a mesma coisa que ela.

– Ah, o amor – murmurou enquanto lavava a louça. – Ninguém que está dentro da situação sabe como lidar com ela.

Como era de esperar, a única vez que Laurel precisou que um ensaio fosse tranquilo e rápido, ele se transformou em um circo, com a noiva às lágrimas – por causa dos hormônios, provavelmente –, a mãe do noivo zonda de calor e o padrinho do noivo tonto em virtude de certo exagero na comemoração pré-ensaio. Além disso, a daminha de honra e o pajem que levaria as alianças – irmã e irmão – escolheram o evento para exhibir suas desavenças.

Com duas crianças correndo e gritando, a noiva tendo um ataque de choro nos braços da mãe e a mãe do noivo se abanando na sombra, Laurel não conseguia sair de fininho, como planejava.

Parker estava cuidando da situação – todas elas estavam, mas Parker parecia presente em todos os lugares ao mesmo tempo. Pedindo água para a mãe do noivo, café gelado para o padrinho, conduzindo as crianças e distraindo o noivo preocupado.

A madrinha principal – e mãe das duas crianças briguentas – fazia o possível para restaurar a ordem. Mas, pensou Laurel servindo o chá gelado, a mulher estava em uma situação de inferioridade numérica.

– Onde está o pai? – murmurou ela para Emma.

– Viagem de negócios. O voo atrasou. Ele está a caminho. Vou levar a menina, ver se consigo fazê-la se interessar pela confecção de um pequeno buquê. Talvez você pudesse levar o menino...

– É Carter que é o professor. Ele é que deveria fazer isso.

– Ele está ocupado com o padrinho “ligeiramente bêbado”. Acho que seria bom a madrinha ter um descanso, e talvez ela possa ajudar a mãe da noiva a acalmar a filha. Mac e Parker podem lidar com o resto.

– Certo. – Deixando Emma acalmar a mãe, Laurel pôs o chá gelado e os copos sobre a mesa e se aproximou do menino. – Venha comigo.

– Por quê?

– Porque sim.

Ele pareceu entender a resposta, embora tenha franzido as sobrancelhas em sinal de rebeldia. O menino a acompanhou enquanto lançava à irmãzinha olhares que prometiam vingança.

– Não quero usar smoking.

– Eu também não.

Ele deu uma risada sarcástica.

– Meninas não usam smoking.

– Podem usar, se quiserem. – Laurel abaixou os olhos para ele. Tinha uns 5 anos, calculou, e era muito fofo. Ou seria se não estivesse exausto, irritado e mal-humorado. – Mas amanhã todos os homens no casamento vão usar smoking. Espere. Talvez você não tenha idade suficiente para usar um.

– Eu tenho! – Claramente, ele se sentiu insultado. – Tenho 5 anos!

– Puxa, que alívio! – exclamou ela enquanto o levava na direção do lago. –

Porque seria horrível termos que encontrar outro pajem para carregar as alianças, e eles não podem se casar sem as alianças.

– Por quê?

– Porque não. Então, se tivéssemos de arranjar outro menino até amanhã, isso seria muito difícil. Seu papel é muito importante.

– Mais do que o da Tissy?

Tissy, concluiu Laurel, era a irmãzinha.

– A função dela também é muito importante. É um papel de menina, mas o seu é de menino. Ela não vai usar smoking.

– Nem se quiser?

– Não, nem se quiser. Olhe ali – disse ela, e apontou para os lírios.

Perto da margem, um deles servia de flutuador para um gordo sapo verde. Quando Del chegou, avistou-a no lago, perto das folhas ondulantes do salgueiro, de mãos dadas com um garotinho de cabelos tão claros e brilhantes quanto os dela.

Aquilo fez seu estômago dar um pequeno salto. Já a vira com crianças, lembrou a si mesmo. Casamentos em geral tinham algumas. Mas... havia algo estranho, talvez um pouco onírico, na imagem que formavam ali perto do lago, longe demais para ele ver claramente seus rostos. Apenas aqueles cabelos banhados pelo sol, e as mãos dadas.

Enquanto Del os observava, eles começaram a voltar, o menino olhando para Laurel e ela lhe sorrindo.

– Oi, Del.

Ele desviou os olhos daquela cena e se virou para Carter.

– Oi. Como estão as coisas?

– Agora estão bem. Há dez minutos, péssimas. Estamos prestes a começar. De novo.

– Um daqueles dias.

– Com certeza. Acho que Laurel... Ah, lá vem ela.

Laurel parou ao lado de uma mulher com uma garotinha no colo, trocou uma palavra rápida com ela e ambas riram. Então se inclinou para o menino e lhe murmurou ao ouvido. Ele sorriu como se ela tivesse lhe prometido um estoque de biscoitos para a vida inteira.

Del andou para encontrá-la no meio do caminho.

– Fez um novo amiguinho?

– Parece que sim. Estamos atrasadas.

– Fiquei sabendo.

– Parker vai pôr tudo de volta nos eixos – disse ela, enquanto Parker mandava todos irem para seus lugares.

Del saiu do caminho com Carter enquanto Parker gritava instruções e as outras três mulheres orientavam e alinhavam as pessoas.

Tudo parecia suave como seda para ele, com todos sorrindo. Viu o menino e Laurel trocarem um rápido sorriso enquanto andava na direção da pérgula.

Momentos depois, ela fez um sinal para Del e entrou na casa.

Capítulo Dezessete

DEL A ENCONTROU BASTANTE AGITADA, movendo-se rápido na cozinha principal.

– Estou um pouco atrasada – começou ela. – Isto não é um cronograma da Parker, mas...

Ele ficou na frente dela para fazê-la parar e puxou-a para um beijo longo e ardente. E quando a sentiu relaxar apenas um pouco, apenas o suficiente, parou.

– Oi.

– Bem... oi. O que eu estava dizendo antes de todos os meus neurônios derreterem?

– Algo sobre cronogramas.

– Ah, sim. Isso. Certo. Tenho um belo sauvignon blanc gelando. Por que não o abre para bebericarmos enquanto eu faço as coisas?

– Adoro quando minha principal tarefa é abrir o vinho. Qual foi o problema com o ensaio?

– O que não foi um problema seria mais adequado. – Ela o olhou por cima do ombro com aqueles olhos azuis penetrantes. – A noiva soube esta semana que está grávida.

– Nossa!

– Eles estão lidando bem com a notícia. Na verdade, transformaram a gravidez inesperada em uma surpresa agradável, em vez de um problema.

– Que bom.

– Sim, mas causou um pouco de estresse, e ela está mais emotiva e muito mais cansada. Teve uma crise de choro, depois as duas crianças tentaram se matar e a mãe do noivo estava fragilizada e ficou zonda de calor. Provavelmente porque estava fragilizada. Acrescente a isso um padrinho que começou a comemoração um pouco antes da hora. Enfim, só mais um dia de trabalho.

Laurel colocou água para ferver para o macarrão, pôs azeite em uma frigideira e depois passou por Del para pegar os ingredientes da salada que deixara preparados com a ajuda da Sra. Grady.

– Ainda bem que eu tinha adiantado um monte de coisas, porque esperava sair de fininho do ensaio e acabei não conseguindo. Obrigada – acrescentou quando Del lhe entregou uma taça.

Depois de dar um gole na bebida, ela começou a descascar e picar alho.

– Eu deveria me sentir culpado por você ainda ter que cozinhar depois de um dia cheio. Quer que eu pique alguma coisa? Tenho alguma experiência nisso.

– Não, está tudo sob controle.

Satisfeito por não precisar fazer nada, ele a observou acrescentar o alho e pimenta em flocos ao azeite.

– Isso é novidade.

– O quê?

– Ver você cozinhar. Quero dizer, esse tipo de comida.

– Ah, eu me meto a fazer isso de vez em quando. Aprendi um pouco com a Sra. G. e trabalhando em restaurantes. É uma mudança de ritmo interessante. Quando dá certo.

– Você sempre parece no comando da cozinha. – Quando ela franziu as sobrancelhas, ele acrescentou: – Era para ser um elogio.

– Acho que é, desde que não me coloque no mesmo saco que Julio.

– Um saco totalmente diferente. Anos-luz de distância.

Ela adicionou um pouco de manteiga ao azeite e pegou os camarões.

– Ótimo. Porque eu não costumo ter, ou querer, companhia na cozinha, mas quase nunca atiro facas.

Acrescentou os camarões ao azeite e depois pôs a massa na água fervente.

– Você consegue lembrar de cabeça tudo o que a receita leva, em que ordem e como?

– Às vezes. Quer uma aula?

– De jeito nenhum. Homem que é homem faz churrasco.

Ela riu e, com uma colher em uma das mãos e um garfo de macarrão na outra, mexeu a frigideira e a panela ao mesmo tempo.

– Passe-me o vinho, por favor.

– Beberona.

Mas ele passou.

Laurel pousou o garfo de macarrão e depois despejou um copo cheio de vinho na panela dos camarões. Del estremeceu visivelmente.

– Esse é um vinho excelente.

– Então também é excelente para cozinhar.

– Sem dúvida. – As mãos dela eram tão rápidas e competentes! Ele já havia notado isso?

– O que vamos comer?

– De entrada, salada do campo. Prato principal, linguine de frutos do mar com acompanhamento de pão de ervas. – Ela parou e tomou um gole de vinho. – Para a sobremesa, crème brûlée.

Del abaixou sua taça para olhar para ela, sua Laurel, com os cabelos presos para cima como sempre usava quando estava na cozinha.

– Está brincando!

– Sei que você adora crème brûlée. – Ela deu de ombros enquanto a cozinha se enchia de aromas. – Se vou cozinhar, não custa nada fazer algo que você gosta.

Ocorreu a Del que ele deveria ter lhe levado ores, ou vinho, ou... alguma coisa.

E percebeu que não havia pensado nisso porque estava muito acostumado em ir até lá e já vê-la ali.

Da próxima vez não se esqueceria.

Quando o vinho levantou fervura, Laurel abaixou o fogo e tampou a frigideira. Então provou a massa, achou que estava pronta e a escorreu.

Tirou um prato de azeitonas da geladeira.

– Para você ir beliscando – disse ela, enquanto voltava a atenção para a salada.

– Lembra o que eu disse sobre você estar no comando da cozinha?

– Ahã.

– Estar no comando a torna maravilhosa.

Laurel ergueu os olhos e piscou com uma surpresa tão evidente que ele lamentou ainda mais não ter pensado em lhe levar flores.

– Você já ia ganhar o crème brûlée de qualquer maneira – conseguiu dizer ela.

– Você é linda. Sempre foi. – Ele já havia lhe dito isso, dessa maneira? – Cozinhar apenas ressalta isso, como projetores de luz fazem com um dançarino ou atleta.

Isso só me ocorreu agora, talvez porque eu esteja acostumado a vê-la em uma etapa ou outra de seu trabalho como confeitadeira. Acho que acabei tomando isso como certo. Preciso ter cuidado para não pensar assim em relação a você.

– Nós não temos que ter cuidado um com o outro.

– Acho que temos. Ainda mais porque estamos muito acostumados um com o outro.

Talvez cuidar fosse mais exato, pensou Del. Não era isso que Laurel estava fazendo agora? Cuidando dele ao lhe preparar algo de que sabia que ele gostava particularmente, e porque sabia que ele havia tido um dia difícil? Aquela coisa nova entre eles não tinha a ver com namoro ou sexo. Ou não deveria ter.

Del não sabia – não tinha como saber – para onde eles estavam indo, mas podia começar a prestar mais atenção a como chegariam lá.

– Quer que eu ponha a mesa? – perguntou.

– Já está posta. – O fato de Laurel ter ficado um pouco aturdida o encantou. – Na sala de jantar. Eu pensei, já que...

– Ótimo. E Parker?

– Vai fazer o que toda boa amiga faz e sumir hoje à noite.

– Excelente.

Laurel foi até o fogão, olhou para a frigideira e acrescentou mais manteiga e algumas vieiras antes de adicionar raspas de limão à mistura.

– Está com um cheiro ótimo – comentou Del.

– Não está mau. – Acrescentou algumas ervas frescas e pimenta, e mexeu. – Alguns minutos para terminar de cozinhar e depois mais alguns para descansar. Sem mistério.

– Não do meu ponto de vista.

– Imagino que eu nunca conseguiria escrever um dossiê, sobretudo porque não sei exatamente o que é. Acho que ambos escolhemos carreiras seguras. – Seus olhos encontraram os de Del enquanto ela mexia a salada. – As pessoas sempre vão precisar comer e sempre vão precisar de advogados.

– Quer queiram, quer não, no caso dos advogados.

Laurel riu.

– Eu não disse isso. – Ela tirou um isqueiro de uma gaveta. – Para as velas – explicou. – Você pode levar a salada e acendê-las.

Laurel havia caprichado, notou Del ao carregar a tigela para a sala de jantar. Provavelmente ela não havia pensado nisso dessa maneira, refletiu enquanto estudava os pratos bonitos, as velas em candelabros finos, os girassóis alegres em um vaso de vidro azul. As mulheres em sua vida tinham uma vocação para tornar as coisas bonitas e confortáveis, cuidar de pequenos detalhes que sempre se fundiam em uma imagem perfeita.

Isso o tornava um homem de sorte.

Muita sorte, corrigiu-se momentos depois, quando eles se sentaram com a salada, o pão quente e o vinho.

– Quando fizermos nossa viagem para a praia... – Del se interrompeu quando ela gemeu. – O que foi?

– Desculpe, é que sempre tenho um pequeno orgasmo quando penso nas férias.

– É mesmo? – Divertido, viu os olhos de Laurel brilharem enquanto ela comia um pouco de salada. – Vou tocar no assunto com mais frequência. Seja como for, quando estivermos lá vou lhe fazer um bife fantástico na grelha. De fato, meu pacto agora é de os homens, apenas os homens, prepararem uma boa refeição. Tudo o que vocês terão que fazer é comer.

– Eu topo. Na verdade, tenho um calendário em meu escritório no qual marco os dias que faltam para as férias. Como eu fazia quando era criança, no fim do ano letivo. Mas sinto assim. Como uma criança perto do verão.

– A maioria das crianças não tem orgasmos quando pensa nas férias de verão. Pelo menos não segundo a minha experiência.

– Você gostava mais da escola do que eu. – Quando Del riu, ela bebeu um gole do vinho.

– Eu gosto muito mais do trabalho do que gostava da escola, e ainda assim estou pronta para me afastar dele por algumas semanas. Quero dormir até o sol nascer, me esticar para ler um livro sem pensar que deveria estar fazendo outra coisa. Sem terninhos, saltos altos, reuniões. E você?

– Concordo com a última parte, exceto pelos saltos altos. Não ter que tomar nenhuma decisão mais importante do que beber uma cerveja ou tirar um cochilo. Vai ser ótimo.

– Cochilos – disse ela, suspirando e fechando os olhos.

– Outro orgasmo?

– Não, só um pequeno formigamento. Mal posso esperar. Todos nós ficamos muito surpresos, e felizes, quando Parker nos contou que vocês dois tinham comprado a casa. É maravilhosa?

– Eu gostei dela. Parker comprou às cegas, já que nunca a viu a não ser em fotografias. Foi um bom investimento, especialmente considerando a economia atual. Fizemos um bom negócio.

– Pare de falar como um advogado. É maravilhosa ou não?

– Dos quartos dá para ouvir o barulho do mar, e a vista para a praia de alguns deles é fantástica. Também tem um lago e uma sensação sensacional de isolamento.

– Tá bom, chega. Não aguento mais. – Ela estremeceu e depois se levantou para tirar os pratos de salada. – Volto já.

– Eu posso...

– Não, eu cuido disso. Estou no comando, lembra?

Del encheu a taça dela de novo e se recostou com a sua própria até que ela apareceu com o prato principal. Tinha finalizado o prato com ramos de alecrim e manjerição.

– Laurel, isso está com uma cara incrível.

– Nunca subestime o poder da apresentação. Ela o serviu e depois a si mesma.

– Uau! – exclamou Del depois da primeira garfada. – Está uma delícia. É impossível eu me sentir culpado agora. Talvez um pouco, já que Parker não está aqui.

– Eu deixei um prato para ela na cozinha. Ela vai descer para buscar.

– Culpa aplacada. – Ele comeu outra garfada. – É claro que, agora que você cozinhou para mim, vou querer que faça isso com mais frequência.

– Podemos chegar a um acordo, se você fizer um churrasco de vez em quando.

– Por mim tudo bem.

– Sabe, eu quase liguei para você ontem à noite. Estava com vontade de comer ao ar livre, mas aí tive a discussão com a Linda e...

– Que discussão?

– Ah, a Parker tinha acabado de sair para uma reunião e eu tinha terminado minhas

tarefas do dia, então estava indo à casa da Emma ver se ela queria nadar e dei de cara com Linda na porta de Mac. Entrando, apesar de eles não estarem em casa. Aquilo me irritou.

Del estreitou os olhos, enfurecido.

– Parker tinha dito a ela que não voltasse aqui.

– Sim, e Linda é tão obediente... Seja como for, depois de uma briga horrorosa, eu a expulsei.

– Como foi a briga?

Ele a viu começar a falar e depois se conter e dar de ombros.

– Uma típica cena da Linda. Eu venci, é isso que importa.

– O que ela disse para você?

– Que eu não tinha autoridade para expulsá-la, esse tipo de coisa. Sempre me surpreende que alguém como Linda possa ter participado da criação de uma pessoa como Mac. Não sei se algum dia ela entenderá que a filha não vai mais largar tudo e seguir suas ordens.

Ela não estava propriamente mudando de assunto, mas evitando-o, pensou Del. Ele pôs a mão sobre a de Laurel como se para mantê-la no lugar.

– Ela a chateou.

– Claro, continua sendo Linda. Só o fato de ela existir já é irritante. Ei, podemos conseguir uma ordem de restrição? Com base no fato de ela ser insuportável?

– Por que você não me ligou?

– Para quê? Eu a expulsei.

– Não antes de ela deixá-la chateada.

– Del, se eu ligasse para você sempre que alguém me chateia, nunca sairia do telefone. Ela foi embora e depois Emma e eu fomos dar uma nadada. Mas ela de fato acabou com a minha vontade de comer ao ar livre. Não vamos deixá-la estragar o jantar de hoje também.

– Isso é impossível. Mas, se ela voltar, quero ser informado.

– Está bem.

– Prometa. Vou cuidar dela se voltar aqui, mas para isso tenho que ser informado da sua

presença.

– Sem problemas. Prometo. Você não pode mesmo conseguir uma ordem de restrição só por ela ser insuportável?

– Há outros modos de lidar com Linda. Mac não queria que eu os usasse antes. As coisas são diferentes agora.

– Posso fazer uma pergunta jurídica? Já que tecnicamente ela estava invadindo a propriedade, se eu a tivesse derrubado no chão ela poderia me processar por agressão?

Del riu, porque obviamente a intenção de Laurel era fazê-lo rir.

– É uma questão nebulosa. Além disso, eu a faria ser inocentada no processo.

– Bom saber, porque da próxima vez posso não ser tão educada. Agora vamos falar de algo agradável. Eu encontrei com Sherry Maguire e o noivo dela para uma degustação e a aprovação do design do bolo. Foi muito divertido.

Eles passaram o resto da refeição conversando sobre assuntos casuais, amigos em comum. E nos recônditos da mente Del continuou a se perguntar o que exatamente Linda havia dito ou feito para perturbar Laurel.

Eles decidiram dar uma caminhada depois do jantar – após rirem com o bilhete que Parker deixara na cozinha.

Meus cumprimentos à chef.

Como pagamento pela refeição, lavarei a louça.

Portanto, não lave.

P.

O verão tornava os dias mais longos, e eles caminhavam pelos jardins a uma luz suave e tranquilizante. O calor recente e úmido do dia se erguia do chão apenas o suficiente para ainda aquecer as ores, tornando seus perfumes mais fortes, mais vitais.

Estrelas brilhavam quando Laurel levou Del para o lago para lhe mostrar o sapo. Quando ele se abaixou para ver melhor, ela balançou a cabeça.

– Você está tão empolgado e fascinado quanto Kent, o menino da festa de casamento.

– Um homem nunca é adulto o suficiente para ignorar um bom sapo. É enorme. Eu poderia pegá-lo e correr atrás de você. Como costumava fazer.

– Poderia tentar, mas sou mais rápida hoje em dia. Além disso, você geralmente corria

atrás da Emma.

– Ela era mais nova, e gritava mais. Bons tempos. – Ele se sentou sobre os calcanhares e examinou o chão, o verde, as sombras frescas. – Eu gostava de vir aqui para o lago no verão, antes de escurecer, só para ficar sentado aqui. Pensar sobre a vida na companhia do meu cachorro, ver as luzes se acenderem na casa. Olhe, lá está o quarto da Parker. Agora, pelo menos. Costumava ser ali.

Ele apontou.

– Eu lembro. Passei muitas horas felizes naquele quarto. – Ela se sentou ao lado de Del. – Agora é a Suíte da Noiva, então acho que ainda é um quarto feliz, cheio de mulheres. O seu é o mesmo. Lembro quando você se mudou para o terceiro andar, para ter mais privacidade.

– Fiquei surpreso quando meus pais concordaram. Eles confiavam em mim. Então, é claro que eu tive que me mudar lá para cima, embora isso fosse meio assustador. Tive que subornar o cachorro para dormir comigo. Sinto saudades dele.

– Puxa. – Laurel pôs a cabeça no ombro dele. – Era um cachorro ótimo.

– Era, sim. Às vezes penso em arranjar outro, mas então lembro que quase não fico em casa e isso não parece justo.

– Dois cachorros.

Del abaixou a cabeça para olhar para ela.

– Dois?

– Eles fariam companhia um ao outro quando você não estivesse em casa.

Poderiam ser amigos, passar o tempo juntos, falar sobre você na sua ausência. O pensamento o agradou.

– É uma ideia.

Ele se virou, pôs um dos braços ao redor de Laurel e roçou seus lábios nos dela.

– Quando eu fiquei um pouco mais velho, às vezes trazia garotas aqui para dar uns amassos.

– Eu sei. A gente espionava você.

– Não espionavam nada.

– É claro que espionávamos. – Laurel deu uma risada porque ele parecia perplexo e ao

mesmo tempo profundamente desconcertado. – Era divertido e educativo, e nos ajudou a saber o que esperar quando chegasse a nossa vez.

– Meu Deus.

– Você passou a mão nos peitos de Serena Willcott aqui.

– Está bem, chega. A temporada de lembranças está encerrada.

– Seus movimentos eram suaves, mesmo naquela época. Aposto que poderia passar as mãos nos meus aqui também. – Laurel pegou a mão dele, deslizou-a para a parte superior de seu tronco e depois a pressionou de leve contra seu seio. – Viu? Você ainda leva jeito para isso.

– Desenvolvi alguns métodos novos desde Serena Willcott.

– É mesmo? Por que não os testa comigo?

Ele se inclinou para ela. Um roçar de lábios, uma carícia, um aperto delicado apenas com as pontas dos dedos.

– Sim, esse é bom.

– Nesse caso, também posso experimentar este. – Ele deslizou o dedo para o botão de cima da blusa de Laurel e o abriu rapidamente. – Nem muito rápido – murmurou junto à boca de Laurel – nem muito devagar. – Abriu o segundo botão, depois o terceiro, parando no meio para passar as pontas dos dedos pela pele recém-exposta.

– Sim, parece que você aperfeiçoou mesmo suas técnicas. – O coração de Laurel já estava aos saltos. Ela emitiu um som de aprovação quando Del percorreu seu pescoço com os lábios e um de surpresa quando a mão dele foi para as suas costas para abrir o sutiã.

– Muito bem – conseguiu dizer. – Deveríamos ir lá para dentro.

– Não. – Ainda a beijando e tocando, ele a deitou na grama. – Aqui.

– Mas...

– Não acho que três garotinhas estejam nos espionando hoje. E eu quero você. Quero você aqui, perto da água, sob a luz das estrelas, na grama, ao ar livre.

Del passou a língua sob o bojo solto do sutiã, no mamilo, provocando um arrepio de desejo em Laurel.

Ele a deixava fraca. Fazia-a querer se entregar a ele e ao que lhe provocava. A grama morna, o ar quente, os movimentos hábeis da mão de Del, assim como seus lábios, a

fizeram desejar nada além do que havia ali, naquele instante. Então se entregou a ele e ao momento, enquanto aos seus olhos deslumbrados as estrelas pareciam explodir de vida no céu.

O cheiro dela, sedutor como a noite de verão, o fascinava. Seu sabor, irresistível, o excitava. Ele fez as mãos perambularem, provocarem e darem prazer enquanto a escuridão se acirrava ao redor deles, cobrindo-os. Por sobre os zumbidos da noite de verão, uma coruja iniciou seu chamado de duas notas.

A lua dançava na superfície do lago, e também no corpo de Laurel, enquanto ele a despia.

Ela começou a se sentar para desabotoar a camisa de Del, mas ele a empurrou para baixo.

– Não, ainda não. – Ele percorreu todo o corpo dela com os olhos, a ânsia contida neles provocando outro arrepio na pele de Laurel. – Você não sabe como é linda.

Não faz ideia.

Del precisava, ansiava pelo toque, pelo sabor, imediatamente. Tudo dela, tudo dele. Ele a tocou de um modo que os gritos e gemidos de Laurel só aumentaram sua excitação. Ela lhe cravou as unhas, arqueou o corpo e ele continuou estimulando-a.

Agora todas as estrelas explodiram, cegando-a. Ela não conseguia respirar, dominada por todas aquelas sensações. Era maravilhoso estar deitada ali, quase sem ação, nua, enlouquecida, enquanto Del fazia o que bem queria. A camisa dele roçou em seu seio e ela gemeu de novo.

Queria o corpo dele contra o seu desesperadamente, e saber que ele estava vestido e ela nua levava a excitação quase a um pânico delirante.

– Agora. Quero você dentro de mim. Ah, meu Deus, Del.

Ela puxou a camisa dele, o cinto, até que os dois juntos conseguiram despi-lo. Ela rolou para cima dele e o recebeu.

O prazer a inundou, e estimulou. Laurel jogou a cabeça para trás enquanto se satisfazia. Del tocou os seios dela e depois foi deslizando as mãos para baixo. Então segurou as mãos dela.

A tempestade de prazer se intensificou loucamente e eles saíram dela juntos.

Laurel pretendia provocá-lo e tentá-lo um pouco, preparar o terreno para o que esperava que se seguiria em seu quarto. Agora, pensou, estava deitada nua, satisfeita e exausta à beira do lago em que o sapo gordo coaxava.

Acabara de fazer sexo selvagem ao ar livre com Del num lugar onde eles costumavam

brincar quando crianças.

Não sabia muito bem se isso era estranho ou maravilhoso.

– Mão nos peitos? – Del acariciou as costas e as nádegas de Laurel. – Isso é para iniciantes. Isto aqui foi trabalho de profissional.

Laurel teve que rir, embora um pouco ofegante.

– Meu Deus, Del, estamos nus e suados. E se Mac e Carter, ou Emma e Jack, tiverem decidido dar uma caminhada nesta direção?

– Eles não decidiram.

– Mas e se...

– Eles não decidiram – repetiu Del, a voz tão preguiçosa quanto a mão que continuava a acariciá-la. – Além disso, teriam ouvido seus gritos de prazer antes de se aproximarem o suficiente para ver alguma coisa, e então tomariam outra direção, educadamente, suspirando de inveja.

– Eu não gritei de prazer.

– Ah, gritou, sim. Bastante. Fez sons pornográficos profissionais. Aliás, poderia ser uma segunda opção de carreira para você.

– Tenho certeza de que eu não...

Ele rolou para cima dela e começou a beijar um de seus seios. Ela não pôde evitar o suspiro e o gemido.

– Ouviu isso? Não fui eu – disse ele.

Como Del havia apenas roçado de leve, Laurel conseguiu recuperar o fôlego.

– Tudo bem. Bom, é ótimo saber que se a Votos falir posso ganhar a vida dando gemidos pornográficos.

– Você seria uma estrela.

– Talvez você devesse me amordaçar. – Quando ele ergueu a cabeça e sorriu, Laurel sentiu um calor invadi-la. – Não de verdade. Eu estava brincando.

– Vamos manter a opção em aberto. – Ele abaixou a cabeça de novo, mas se afastou para tirar o peso de Laurel. – Se eu tivesse pensado em trazer uma barraca, poderíamos passar a noite aqui.

A ideia a fez rir.

– Quando foi a última vez que você acampou?

– Acho que quando eu tinha 12 anos.

– Sim, isso não é a sua praia. Ou a minha. Acho que precisamos nos vestir e ir para a casa.

– Estamos nus e suados. Mas posso dar um jeito em parte disso.

Ele a abraçou e começou a rolar com ela.

Laurel demorou um pouco para entender o que ele tinha em mente, mas enfim seu cérebro se pôs em ação.

– Não, Del! Você não pode...

Eles atingiram o lago frio enroscados. Laurel engoliu um pouco de água e se debateu para chegar à superfície e cuspi-la. Enquanto fazia isso, Del ria como um lunático.

– Droga! Droga! Seu maluco! Tem sapos aqui. E peixes. Peixes! – gritou ela, como se algo tivesse encostado em sua perna.

Tentou ir para a margem, mas ele a segurou.

– Isto está ótimo.

– Peixes. – Ela o empurrou. – Sapos.

– Nós dois. Eu estou nu no lago com Laurel McBane. E ela está toda escorregadia. Ops – disse ele quando deslizou as mãos para entre as pernas dela e a segurou.

– Del. – Agora ofegante, Laurel se agarrou a ele. – Vamos nos afogar.

– Vamos ver.

Não se afogaram, mas ela mal teve forças para se arrastar para a grama, onde ficou deitada sem fôlego.

– Nós nunca, nunca vimos nada assim pelo binóculo. Ele se ergueu, chocado.

– Vocês tinham um binóculo?

– É claro que tínhamos. Não conseguiríamos ver detalhes sem um. Mas o sapo não precisa de um, e ele já viu demais.

– Ele não vai dizer nada a ninguém se quiser permanecer vivo.

Ela conseguiu virar a cabeça e olhar nos olhos de Del.

– Agora estamos nus e molhados.

– Mas felizes.

Laurel sorriu.

– Isso eu não posso negar. Mas como vamos entrar na casa?

– Sou um Brown. Tenho um plano.

Laurel vestiu a camisa dele, Del colocou suas calças e o resto eles levaram nas mãos. Ainda molhados, tentando não rir, esgueiraram-se pela porta lateral para correr em direção ao quarto dela.

– Acho que conseguimos – comentou ela, largando as coisas no minuto em que a porta se fechou. – Agora estou congelando. Preciso de um banho quente.

– Sim, parece que precisa. Está com uma cara de quem acabou de fazer sexo no lago.

Del pôs o braço ao redor dela para aquecê-la enquanto eles iam para o banheiro.

– Del? Lembre-me de fazer um treino extra da próxima vez que lhe preparar um jantar.

Ela dormiu como uma pedra, e acordou grogue e desorientada quando o despertador tocou.

– Não, é um engano. Não pode já ser de manhã.

Ela abriu um olho, viu as horas no visor e, com um tapinha resignado, desligou o alarme.

A seu lado, Del murmurou alguma coisa e tentou puxá-la de volta.

– Tenho que levantar. Você deveria voltar a dormir.

– Boa ideia.

Então ele apagou.

Laurel franziu as sobrancelhas, depois se levantou e começou a se vestir no escuro.

Lá embaixo, na cozinha, fez um café e tomou-o puro enquanto examinava a agenda do dia. Era como se estivesse escrita em grego.

Para clarear a mente, serviu-se de uma segunda xícara, acrescentou uma generosa colher de açúcar e pegou um muffin da lata. Levou o café e o bolinho para o ar livre, para aproveitar o seu momento preferido do dia, logo antes do amanhecer, antes de a luz vencer a escuridão. Antes de qualquer pessoa ou coisa se mover a seu redor, seu lugar favorito no mundo era todo dela.

Estava cansada, e talvez mais algumas horas de sono tivessem sido uma bênção, mas dificilmente superariam a visão, a sensação que a dominava todas as manhãs.

Deu uma mordida no muffin, um gole no café, e sentiu o cérebro começar a clarear enquanto o céu se tornava cor-de-rosa e pálido no leste.

Laurel olhou para o horizonte, em seguida para o verde ondulante, passando pelos jardins, pelos terraços e pela pérgula que Emma e sua equipe logo se ocupariam de decorar.

E viu o leve brilho sobre a água do lago, a vaga sombra das folhas do salgueiro nadando nele.

Pensou na noite anterior e em Del dormindo na cama dela. E sorriu. Aquele seria um belo dia.

Capítulo Dezoito

FÉRIAS. LAUREL PODIA SENTIR o cheiro delas, quase tocá-las. Estaria livre se em algum momento aquele maldito evento terminasse.

Os eventos nas tardes de domingo tendiam a ser menores. Sofisticados ou casuais, trabalhosos ou tranquilos, os casamentos ou as festas de aniversário eram mais como um belo brunch ou chá elegante, frequentemente terminando cedo o suficiente para os convidados irem para casa assistir a algum jogo ou filme.

Mas não aquele. Não o último evento antes das glórias e do êxtase do início das férias. Às quatro da tarde de domingo, o salão de baile estava abarrotado. Garçons com bandejas de champanhe não paravam de circular. A noiva e o noivo, ambos na casa dos 40, casando-se pela segunda vez, dançavam as músicas antigas tocadas pelo DJ como um casal de adolescentes nas férias de primavera.

– Por que eles não querem ir para casa fazer sexo? – murmurou Laurel para Emma.

– Já estão juntos há três anos e moram juntos há mais de um. Provavelmente fazem sexo quando querem.

– Mas hoje é sexo de núpcias, e eles só podem fazer isso hoje. À meia-noite, perderão essa oportunidade. Deveriam saber disso. Talvez devêssemos avisar.

Emma deu um tapinha no ombro de Laurel.

– Tentador, muito tentador. Mas temos que esperar até as cinco.

Ela consultou o relógio.

– Você está com um Band-Aid da Sininho no dedo.

– Não é fofo? Quase compensou sonhar acordada com as férias e me cortar. Seja como for, faltam 45 minutos, segundo meu relógio. Depois serão duas semanas, Laurel. Quatorze dias de praia.

– Meus olhos ficam marejados quando penso nisso. Mas se eu começar a chorar as pessoas vão pensar que estou comovida com o casamento, então tudo bem. – Ela teve que se forçar a não ficar mudando o peso impacientemente de um pé para o outro. – Todas estamos com as malas prontas – disse ela, estreitando os olhos para Emma.

– Eu estou. Eu estou.

– Então tudo bem. Daqui a 45 minutos colocaremos tudo nos carros. Acho que vamos

levar vinte minutos para fazer isso, por causa das coisas de praia e das discussões. Então serão 65 minutos. Mais dez para Parker checar e recheckar suas listas. Setenta e cinco minutos e estaremos na estrada. As férias começam no minuto em que você pega a estrada.

– Sim. – Emma sorriu para o pequeno grupo de convidados a caminho do bar. – Setenta e oito, agora. E, algumas horas depois, estaremos bebendo margaritas na praia. Del vai ter margaritas prontas, não é?

– É melhor que tenha, considerando que já está na praia.

– Bem, alguém tinha que ir na frente, abrir a casa, comprar mantimentos e se certificar de que está tudo em ordem.

– Sim. Agora ele deve estar relaxando com uma cerveja, mas estou tentando não me ressentir disso. Tudo bem, porque daqui a algumas horas faremos isso também. Vamos beber margaritas e nossa maior preocupação será o que comer no jantar.

Deu um beliscão no braço de Parker quando ela se aproximou.

– Ai.

– Só para me certificar de que nenhuma de nós está sonhando. Estamos fazendo uma contagem regressiva para as férias. Duzentos e dezessete minutos até as margaritas na praia.

– Duzentos e setenta e sete. Eles acabaram de pedir uma hora a mais.

Os grandes olhos castanhos de Emma ficaram tristes como os de um cachorrinho.

– Ah, Parker...

– Eu sei, eu sei. Mas é a opção deles, o dinheiro deles, e não podemos dizer não.

– Poderia haver um aviso anônimo de ameaça de bomba. Só uma sugestão – disse Laurel quando Parker lhe lançou um olhar impassível. – Vou começar a transferir os presentes para a limusine. Já passa da hora. Se precisar de mim, me bipe.

A tarefa a manteria ocupada. Depois iria às Suítes da Noiva e do Noivo para se certificar de que tinham sido arrumadas e a seguir para a cozinha, a fim de providenciar as caixas necessárias para as sobras do bolo e dos doces.

– Duzentos e vinte e nove minutos – disse a si mesma.

Às seis em ponto, estava com Parker, Emma, Mac, Jack e Carter se despedindo dos recém-casados e dos últimos convidados.

– Isso, vão com Deus – murmurou baixinho. – Tchau. Continuem a andar.

– Alguém pode ler lábios – comentou Jack.

– Não quero nem saber. – Mas agarrou o braço de Jack e se posicionou ligeiramente atrás dele. – Vão para casa. Vão embora. Pronto, ali estão os últimos. Por que eles estão conversando? Já tiveram horas para conversar. Sim, sim, abraço, abraço, beijo, beijo, vão, pelo amor de Deus.

– Eles estão entrando nos carros – disse Emma atrás dela. – Está acontecendo mesmo. – Ela agarrou os ombros de Laurel. – Quase na estrada, quase lá, quase desapareceram e... Pronto!

– Férias! – gritou Laurel. – Vamos lá, vão pegar suas coisas!

Ela disparou para dentro e escada acima.

Dali a quinze minutos, usando uma calça cigarrete, camiseta regata, chapéu de palha e sandálias, arrastou suas malas para baixo. Então franziu as sobrancelhas ao ver Parker.

– Como conseguiu ser mais rápida que eu? Eu parecia um raio!

– Tenho muitos talentos. Vou pegar o carro.

A Sra. Grady apareceu enquanto eles colocavam a bagagem no veículo.

– Suprimentos para a viagem – disse ela. – Água fresca, frutas, queijo e biscoitos.

– A senhora é o máximo. – Laurel se virou para lhe dar um abraço. – Mude de ideia e venha conosco.

– Nem pensar. Duas semanas de paz aqui vão me fazer bem. – Com o braço ao redor dos ombros de Laurel, ela estudou Parker. – Parece que vocês duas estão prontas. E lindas também.

– Ratas de praia de Southampton – comentou Parker com um giro elegante. – Vamos sentir saudades.

– Não vão, não. – A Sra. Grady sorriu quando Parker lhe deu um beijo no rosto. –

Mas vão ficar felizes em me ver quando voltarem. Lá vem o próximo grupo. – Ela apontou com o queixo enquanto Mac e Carter paravam atrás do carro de Parker. – Não a deixe esquecer de passar bastante filtro solar – avisou ela a Carter. – Nossa ruiva fica parecendo um camarão quando pega sol.

– Estamos levando um estoque.

Ela lhe entregou uma bolsa térmica.

– Comida para a viagem.

– Obrigado.

– Emma está atrasada, é claro. – Parker olhou para seu relógio. – Carter, você está no meio do comboio, então tome cuidado para não ficar para trás.

– Sim, capitã.

– Vocês têm os dados no GPS, por precaução?

– Temos. Estamos prontos. – Mac ajustou a aba de seu boné. – Tudo em ordem.

– São mais ou menos duas horas de viagem – começou Parker.

Laurel a ignorou e olhou na direção da casa de Emma como se quisesse apressá-la com o poder da mente.

– Funcionou! Lá vem ela. Tchau, Sra. G! Se a senhora se sentir solitária, vá nos encontrar lá.

– Acho muito improvável.

– Nada de festas de arromba, hein? – Com uma expressão séria, Parker pôs as mãos nos ombros da Sra. G. – Nada de rapazes vindo dormir aqui. Nada de drogas. Nada de bebida.

– Aí não me sobram muitas opções, não é? – Com uma risada, a Sra. Grady lhe deu um último abraço de despedida e murmurou ao ouvido dela: – Não seja tão boa moça. Divirta-se.

– Diversão é o primeiro item da minha lista.

Laurel entrou no carro enquanto a Sra. Grady passava a última bolsa de comida para Emma e todos continuavam a se abraçar. Ela deu um pulinho de alegria no banco quando Parker se sentou atrás do volante.

– É isso aí!

– É isso aí, minha amiga. – Ela ligou o carro e programou o GPS. – Lá vamos nós! Laurel deixou escapar um “Uhuuul” enquanto elas pegavam o caminho da estrada.

– Já posso sentir a areia nos pés, a brisa salgada nos cabelos... Você deve estar louca para chegar lá. Em sua própria casa, que ainda não conhece.

- Minha e do Del. Vi muitas fotos, as do corretor e as que o Del tirou.
- Não posso acreditar que você, entre todas as pessoas, mobiliou a casa fazendo compras pelo telefone e pela internet.
- Não havia opção, por causa da falta de tempo. De qualquer maneira, deu tudo certo, ainda mais considerando que a casa é principalmente um investimento. Nós compramos alguns dos móveis que já existiam lá, porque os antigos proprietários não queriam levar a maioria deles. Mas ainda há muito a fazer. Vai ser divertido escolher pequenas coisas, decidir mudar a cor de alguma parede etc.
- Qual vai ser a primeira coisa que você vai querer fazer quando acordar amanhã?
- Testar a sala de ginástica e depois andar pela praia com um copo de café enorme. Ou, dependendo, trocar a sala de ginástica por uma corrida na praia.
- E sem o celular.
- Não sei se vou conseguir. Posso ter uma crise de abstinência. E você? O que quer fazer primeiro?
- Esta é a melhor parte: não sei. Não tenho a menor ideia do que quero fazer, ou do que farei. Mac vai tirar fotos. Emma vai se jogar na areia e curtir a vista do mar emitindo sons de felicidade. E você, admita, vai verificar se há mensagens no laptop e no telefone assim que terminar de malhar. Ou correr.

Parker deu de ombros.

- Provavelmente, mas depois pretendo aproveitar muito a vista para o mar e emitir sons de felicidade também.
- E começar uma lista do que quer mudar ou acrescentar na casa.
- Cada um tira férias do jeito que sabe.
- Sim, é verdade. Aliás, obrigada desde já.
- Por quê?
- Pelas duas semanas em uma casa de praia em Southampton. Sim, nós somos sócias e amigas, mas você poderia ter optado por algumas semanas para si mesma.
- O que eu faria sem vocês?

– Essa é uma pergunta que nunca tivemos de responder. – Ela abriu a bolsa e pegou as garrafas d’água. Abriu as duas, pôs a de Parker no suporte para copos e deu uma batidinha nela com a sua. – A nós. Ratas de praia de Southampton.

– A nós.

– Música?

– Com certeza.

Laurel ligou o rádio.

O clima e a paisagem mudaram assim que elas viraram para leste saindo de Nova York e começaram a atravessar a estreita ilha. Laurel abaixou a janela e colocou a cabeça para fora.

– Acho que já posso sentir o cheiro do mar. Um pouco.

– Estamos na metade do caminho. – Parker deu uma mordida em uma fatia de maçã. – Por que você não liga para Del e lhe diz mais ou menos a hora em que vamos chegar?

– Boa ideia, porque até lá já vou estar morta de fome, e louca por uma margarita. Devo lhe pedir para acender a churrasqueira? Também há uma churrasqueira?

– Del também é dono da casa, Laurel.

– É claro que há uma churrasqueira. Hambúrguer, frango ou bifes?

– Quer saber? Primeira noite de férias. Um bife enorme, bem grosso.

– Ok, vou pedir.

Ela pegou o celular e digitou o número de Del.

– Oi. Onde vocês estão? – disse ele.

Laurel olhou para a tela do GPS e informou a localização deles.

– Pegaram algum trânsito?

– Não, saímos mais tarde por causa do trabalho. Fizemos um evento tão bom que eles pediram mais uma hora. Mas estamos indo rápido. Parker colocou Carter no meio do comboio, então ele não tem como ficar para trás. Gostaríamos de encomendar muitas margaritas geladas e bifes enormes e grossos.

– Será um prazer servi-las. Ei, ouça só isto.

Um instante depois ela escutou o som de ondas.

– O mar! Parker, ouça. – Ela encostou o celular no ouvido da amiga. – É o nosso oceano. Você está na praia? – perguntou a Del.

- Apenas dando um passeio.
- Divirta-se, mas não exagere antes de chegarmos.
- Vou me controlar. Ah, você sabe se o Mal já está vindo?
- Não. Ele vai hoje à noite?
- Não sei ao certo. Vou ligar para ele. Vejo você em breve.
- Mal posso esperar. – Ela desligou. – Talvez Mal vá hoje à noite.
- Que ótimo.
- Ele é legal, Parker.
- Eu não disse que não era. Só não estou adaptada ainda à mudança na dinâmica do nosso grupo.
- Além disso, ele tem aquele olhar que diz: “E aí, o que está pegando?”
- Exatamente! – Parker tirou uma das mãos do volante e apontou para Laurel. – Detesto isso. Parece que tem uma conotação meio sexual.
- Sim, mas não é de propósito. Lembra aquele cara com quem você saiu algumas vezes, o Geoffrey? Que tinha sotaque britânico e era barão do vinho ou algo no gênero?
- Ele tinha interesse em alguns vinhedos.
- E era fluente em francês e italiano, entendia de cinema, esquiava em San Moritz... Ele se revelou totalmente vulgar, um idiota machista, sob toda aquela cultura e aquele verniz de educação.
- Nossa, é verdade. – A lembrança fez Parker balançar a cabeça e suspirar. – Em geral eu consigo identificar o tipo, mas esse escapou do radar. Olhe.

Laurel virou a cabeça e vislumbrou o oceano.

- Lá está ele – murmurou. – É real. Nós somos tão sortudas, Parker...

Ela pensou a mesma coisa de novo, ao avistar pela primeira vez a casa.

- É aquela?
- Ahã.
- Aquela é a sua casa de praia? Aquela mansão?

– É grande, mas somos muitos.

– É maravilhosa. Parece que está ali desde sempre, e ainda assim é moderna e bem conservada.

– É maravilhosa, sim – concordou Parker. – Eu esperava que não fosse assim só nas fotos. E é tão reservada... Olhe a faixa de areia, a água, o lago, tudo!

Juntas, as duas examinaram as linhas dos telhados, as muitas janelas, o charme dos terraços, a elegância das cúpulas.

Laurel avistou uma quadra de tênis e uma piscina enquanto Parker seguia pela entrada para automóveis até a frente da casa.

Percebeu que eram momentos como aquele que a lembravam que Del e Laurel não eram apenas ricos. Eram riquíssimos.

– Adorei os ângulos dela – comentou. – Vai dar para ver a água, ou do oceano ou do lago, de todos os quartos.

– Parte da propriedade fica em uma área de reserva. Del e eu queríamos que fosse assim, para protegê-la e mantê-la imaculada. Assim que ele a encontrou, soubemos que era a certa.

– Mal posso esperar para ver o resto.

Enquanto Laurel falava, Del apareceu na varanda da frente e começou a descer. Por um momento, ela se esqueceu de tudo.

Ele parecia muito relaxado, de calça cargo, camiseta e descalço. Os óculos escuros não conseguiam esconder o prazer em seu rosto.

Laurel foi a primeira a descer do carro, e Del lhe estendeu a mão ao se aproximar.

– Aqui está você – disse ele, e a cumprimentou com um beijo suave.

– Bela cabana na praia.

– Também achei.

Parker saltou, deu uma longa olhada na casa, depois se virou para o mar e fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Bom trabalho.

Del ergueu o braço para passá-lo pelos ombros da irmã e por um momento os três ficaram ali, juntos, com a brisa soprando e a casa à sua frente.

– Acho que vai dar para o gasto – decidiu Del.

Os outros chegaram, e com eles barulho, movimento, coros de aprovação e curiosidade enquanto começavam a tirar as coisas dos carros e levar tudo para dentro.

As primeiras impressões logo vieram – sol e espaço, madeira brilhante, cores suaves. Do lado de fora de todas as janelas havia a imensidão da água e da areia, solidão e santuário, a promessa de um lugar para se sentar ou um caminho para passear.

O pé-direito alto e o acesso fácil aos quartos davam um agradável toque de casualidade à elegância simples dos móveis. Um lugar, pensou Laurel, onde você se sentiria confortável com os pés para cima ou bebendo champanhe em roupas de gala.

Os Browns, admitiu, tinham estilo.

A cozinha lhe trouxe imediatamente uma onda de prazer, com seus longos balcões cor de palha. Os armários exibiam um alegre aparelho de jantar de cerâmica de cores variadas e o brilho de taças. Ao abrir a gaveta de panelas, murmurou sua aprovação à seleção de panelas e frigideiras. Ao lado das pias, as altas janelas em arco davam para a praia e o barulho das ondas.

– Fliperama! – gritou Jack.

O que significava que devia haver uma sala de jogos em algum lugar, mas no momento ela estava mais interessada na cozinha, na copa arejada e na proximidade do terraço, para as refeições ao ar livre.

Del lhe entregou uma margarita gelada.

– Como prometido.

– Ah, puxa! – Ela deu o primeiro gole. – Oficialmente de férias.

– Já escolhi um quarto. Quer vê-lo?

– Com certeza. Del, este lugar é... muito mais do que eu imaginava.

– De uma forma boa?

– De uma forma surpreendente.

Laurel deu uma olhada para dentro dos cômodos enquanto eles iam passando. Havia um solário – que ela imaginou ser um espaço para passar as manhãs –, sala de estar, lavabos. Depois os dois subiram a escada de piso de madeira para o segundo andar e entraram em um quarto com uma parede inteira de janelas com vista para o mar. No mesmo instante, Laurel se imaginou na cama de ferro de dossel em meio aos lençóis imaculadamente brancos. Cortinas finas flutuavam ao sabor da brisa nas portas que Del abrira para o

terraço.

– É lindo. Fantástico. E ouça.

Ela fechou os olhos e se deixou invadir pelo som das ondas.

– Veja isto – disse Del.

Ela o seguiu até o banheiro.

– Ok. – Laurel pôs a mão no braço dele e o acariciou várias vezes. – Ok, eu poderia morar aqui e jamais sair deste quarto.

A enorme banheira reinava na frente da outra parede de janelas e sobre ladrilhos cor de areia dourada. Através do vidro claro, ela viu o chuveiro com suas múltiplas saídas de água, duchas e um banco de mármore.

– Ducha a vapor – falou Del, e ela quase chorou de emoção.

As grandes pias de louça eram da cor e da forma de conchas. A parede aos pés da banheira ostentava uma pequena lareira a gás e uma TV de tela plana, fazendo a imaginação de Laurel voar do preguiçoso descanso na cama para o preguiçoso descanso submersa na água borbulhante.

Armários espelhados refletiam os ladrilhos, o brilho das texturas, a extensão dos balcões e as belas aquarelas nas paredes.

– Este banheiro é maior que o meu primeiro apartamento.

Mac entrou correndo, com os olhos arregalados e agitando os braços.

– O banheiro, o banheiro! É... Nossa, olhem para este! Não importa. O banheiro! – repetiu, e saiu tão rápido quanto entrou.

– Acho que você acertou em cheio – disse Laurel a Del.

Dali a uma hora, com a churrasqueira a pleno vapor, todo o grupo estava reunido no terraço. Ou Laurel presumiu que sim, até olhar ao redor.

– Cadê Parker?

– Em um tour solo pela casa. – Emma suspirou e tomou um gole de sua bebida, que parecia neve derretida. – Fazendo anotações.

– Eu não mudaria nada. – Com óculos de sol enormes e um chapéu de aba larga, Mac balançou os pés descalços. – Absolutamente nada. Não arredaria pé daqui durante as próximas duas semanas se não houvesse tantos outros pontos incríveis nos quais ficar

sem fazer nada.

– Temos que ir dar uma olhada na praia.

Jack pegou a mão de Emma e lhe deu um beijo.

– Temos mesmo.

– É uma ótima área para observação de pássaros – comentou Carter. – Vi uma espécie bem rara enquanto caminhava lá mais cedo. E... – Ele parou e corou um pouco. – Opa, o alerta nerd começou a apitar.

– Eu gosto de pássaros – disse Emma, e estendeu o braço para acariciar a mão dele. – Nós o ajudaremos com o jantar quando você quiser, Del.

– Deixem comigo. – Laurel se levantou. – Assim, na próxima vez, outro casal poderá se encarregar de tudo. Vou preparar alguma coisa como acompanhamento para os bifes.

Além disso, ela queria brincar na cozinha.

Parker entrou quando Laurel misturava pedaços de batatas cozidas no vapor com manteiga temperada com alho e endro.

– Precisa de uma mãozinha?

– Está tudo sob controle. Del deve ter parado em algum mercado de produtores locais quando estava vindo para cá. Muito inteligente da parte dele.

– Ele é muito inteligente. – Parker olhou ao redor de novo enquanto falava. – Já estou apaixonada por este lugar.

– Eu também. A vista, a atmosfera, os sons... E a casa... é incrível. O que quer mudar?

– Nada de mais. Ajustar, mais do que mudar. – Ela foi até a janela. Vozes e risos entravam com a brisa. – Adoro esse som. Aposto que aqui é lindo mesmo no inverno.

– Você leu minha mente. Eu estava pensando que quase sempre temos aquele período mais fraco depois dos feriados de fim de ano.

– Sim, eu pensei nisso. Quem sabe? Del parece tão feliz! Parte disso se deve a você.

Laurel parou o que estava fazendo.

– Você acha?

– Acho. Posso vê-lo daqui, trabalhando na churrasqueira, enquanto você está aí arrumando outras coisas. Isso é bom. – Ela olhou para trás. – Isso me deixa satisfeita,

Laurel, do mesmo modo como ouvir as vozes aqui de dentro me faz feliz.

– Eu me sinto da mesma forma.

– Que bom. Isso é ótimo para alguém que ama vocês dois. Então... – Ela saiu de perto da janela. – Vamos comer aqui dentro ou lá fora?

– Em uma noite como esta? Lá fora, com certeza.

– Vou começar a pôr a mesa.

Mais tarde, depois da refeição, eles foram caminhar pela praia. Molharam os pés, observaram as luzes dos navios distantes que cruzavam a noite. Quando o ar esfriou, Laurel chegou a pensar em um longo banho à luz da lareira.

Mas seu pensamento foi interrompido: a sala de jogos os chamava, e o silêncio se transformou em uma cacofonia de silvos e apitos do fliperama.

Jack e Del disputavam o que parecia ser um jogo de vida ou morte quando Laurel se deu por vencida. Deixou-os, voltou para o quarto e tomou um longo banho, sozinha. Quando vestiu uma camisola e foi para o terraço, percebeu que não olhava para seu relógio havia horas.

Aquilo, sim, eram férias.

– Eu estava me perguntando para onde você tinha ido. Ela olhou para trás e viu Del.

– Tenho que treinar muito antes de jogar com você ou o Jack. Tomei um banho incrível, à luz da lareira, olhando para o oceano. Estou me sentindo como a personagem principal de um romance.

– Se eu soubesse, teria ido com você e teríamos escrito uma cena de amor. – Ele pôs os braços ao redor de Laurel para que ela pousasse a cabeça em seu ombro. – O dia foi bom?

– Não poderia ter sido melhor. Este lugar, esta vista, esta atmosfera, bons amigos.

– Assim que o vi, eu soube. É disto que nós precisamos.

Não “eu preciso”, notou Laurel. Não Del. Ele estava pensando em termos de nós.

– Eu nunca perguntei a Parker, mas sempre quis saber por que vocês dois venderam a casa em East Hampton.

– Nunca poderíamos vender a de Greenwich, que é o nosso lar. Mas a outra...

Ambos sabíamos que nunca poderíamos relaxar lá, ou aproveitá-la. É importante para

nós podermos nos lembrar de nossos pais na casa. Isso nos traz algum conforto. Mas a casa que tínhamos na praia? Simplesmente não conseguíamos mais ir lá. Este lugar é novo e teremos novas lembranças aqui.

– E vocês precisaram esperar para fazer isso. Dar-se primeiro um pouco de tempo e espaço.

– Acho que sim. Este é um bom lugar e o momento parece certo.

– Parker já está apaixonada pela casa. Sei que isso é importante para você. Ela me disse, mas mesmo que não tivesse dito, eu saberia. Todos nós saberíamos. Então, obrigada por encontrar o lugar certo no momento certo.

– De nada. – Ele pressionou os lábios contra o pescoço dela. – Você está muito cheirosa – murmurou.

– E estou me sentindo ótima. – Laurel sorriu quando ele lhe acariciou as costas. – Sabe de uma coisa? – Ela ergueu o rosto e roçou os lábios nos de Del. – Acho que deveríamos ir escrever aquela cena de amor.

– Boa ideia. – Com um oreio, ele a carregou nos braços. – Acho que deveríamos começar assim.

– Isso não se tornou um clássico à toa.

Poderia ter havido um lugar mais perfeito, um momento mais perfeito e um estado de espírito mais perfeito, mas Laurel não conseguiu imaginar. Seu persistente relógio biológico a acordou antes do amanhecer, mas ela se entregou ao prazer de saber que não precisava se levantar: podia ficar exatamente onde estava, enroscada com Del, ouvindo a serenata do mar.

Pegou no sono e acordou várias vezes, e mesmo isso foi perfeito, como o nascer do sol no leste. Em pé na varanda, com as cortinas finas esvoaçando às suas costas, Laurel pensou que ele espalhava seus tons de rosa e dourado apenas para ela.

Inspirada, vestiu um short e uma regata e depois desceu correndo a escada externa. Parker estava lá embaixo, vestida da mesma forma que ela, com os cabelos castanho-escuros presos em um longo rabo de cavalo sob um boné branco da moda.

– Você também está acordada.

– Ah, sim.

Laurel ergueu as mãos.

– O que há de errado conosco?

– Nada. Os outros é que estão dormindo nas férias. Nós estamos aproveitando cada segundo delas.

– Tem toda a razão. Aquela praia pede uma corrida.

– É exatamente o que eu penso.

Elas se aqueceram no caminho e depois correram em um ritmo tranquilo na areia. Não precisavam conversar, apenas se exercitar, seguir a linha da costa com as ondas espumando ao seu lado.

Pássaros alçavam voo ou se exibiam na espuma. Provavelmente Carter gostaria de vê-los, pensou Laurel, mas já era o suficiente tê-los ali, planando, piando, bicando enquanto o sol nascente brilhava na água.

Na volta, elas mantiveram o mesmo ritmo da ida, até avistarem a casa. Laurel se aproximou para tocar o braço de Parker enquanto ela desacelerava.

– Olhe só aquilo. É para lá que estamos indo.

– Não me odeie por falar de trabalho, mas estou pensando que este lugar é maravilhoso para casamentos informais.

– Estou com vontade de bater em você.

– Não posso evitar. É um lugar fabuloso.

– Quantos telefonemas você recebeu desde que chegamos aqui?

– Só dois. Tudo bem, três, mas eram só coisas fáceis de resolver. E hoje eu corri na praia ao nascer do sol... Agora estou louca por um café. Aliás... a última a chegar faz o café.

Então ela saiu em disparada. Laurel foi rápida na largada, mas já sabia que a tarefa sobriaria para ela. Parker corria como um guepardo.

Quando Laurel chegou ao terraço, abaixou-se e colocou as mãos no joelho para tomar fôlego.

– Eu já ia fazer o café de qualquer maneira.

– Ahã.

– Odeio o fato de você mal estar ofegante, mas ainda assim vou fazer o café e omeletes de clara.

– Sêrio?

– É, me deu vontade.

Os outros começaram a aparecer quando sentiram cheiro de café, provavelmente também atraídos pela música que Parker ligara em volume baixo.

Del se inclinou sobre o balcão, passando os dedos pelos cabelos desgrehados de quem acabara de acordar.

– Por que você não está mais na cama comigo?

– Porque já corri 5 quilômetros na areia e tomei minha primeira xícara de café. –

Ela lhe entregou uma. – Daqui a pouco vou tomar café da manhã, que posso dividir com você, porque acordei generosa.

Ele deu um gole na bebida.

– Que bom – retrucou, em seguida saiu para o terraço a fim de se jogar em uma espreguiçadeira.

Emma parou de cortar frutas para revirar os olhos de um jeito que dizia: homens...

– Ele se safou hoje porque estou de ótimo humor. – Laurel parou ao ouvir o som de um motor e se aproximou da janela. – Quem deve ser?

Lá fora, Parker preparava uma jarra de suco na mesa quando olhou e viu Malcolm Kavanaugh tirando seu capacete. Ele balançou os cabelos enquanto saltava da motocicleta.

– Que linda a sua cabaninha! – gritou ele para Del, e depois subiu a escada. Deu um rápido sorriso para Parker. – Como vai, Pernas? Parece que cheguei a tempo do café da manhã.

Ele combinava com o grupo, pensou Laurel mais tarde. Parker podia achá-lo um pouco irritante, mas ele se encaixava ali.

No meio da manhã, eles foram marcar território na praia com cadeiras dobráveis, cangas, guarda-sóis e isopores. O ar cheirava a maresia e filtro solar.

Laurel tinha cochilado sobre seu livro quando Del a ergueu de sua cadeira.

– O que foi? Pare com isso.

– Hora de um mergulho.

– Se eu quiser mergulhar, usarei a piscina. Pare com isso!

– Você não pode vir à praia e não entrar no mar.

Ele andou com ela nos ombros e depois a jogou na água.

Laurel ainda conseguiu dizer um pequeno palavrão antes de prender a respiração.

A água gelada se fechou sobre sua cabeça e ela sentiu entrar areia em todos os malditos orifícios enquanto se erguia. Del estava em pé com a água à altura da cintura, sorrindo.

– Droga, Del. Está gelada.

– Refrescante – corrigiu ele, em seguida mergulhou na próxima onda.

Laurel, é claro, nem chegou a vê-la. Depois de levar um caixote, começou a se erguer de novo, ofegante e ainda mais cheia de areia, enquanto Del colocava os braços ao redor de sua cintura.

– Você é tão chato, Del...

– Fiz você entrar, não fiz?

– Gosto de olhar o mar e nadar na piscina.

– Nós não temos o mar em casa – salientou ele. – Lá vem outra.

Pelo menos dessa vez ela estava preparada. Subiu com a onda e teve a satisfação de empurrá-lo para baixo. Ele voltou à superfície rindo. Já que estava molhada, cheia de areia e coberta de sal, Laurel tentou ir além da arrebentação. Quando sua pele e seus músculos se aqueceram, admitiu que Del tinha razão.

Eles não tinham o mar em casa.

Mergulhou de novo, apenas por prazer. Mais uma vez as mãos dele se fecharam ao redor da sua cintura.

– Já estamos bem longe.

– Chato – repetiu ela.

– Talvez.

Ele a abraçou e eles pegaram mais uma onda. Laurel o sentiu dar alguns impulsos fortes para aproximá-los da praia. Ora, que se dane, decidiu, e relaxou o corpo contra o dele, deixando-o fazer todo o trabalho.

Observou seus amigos, na areia e dentro da água, e ouviu os sons de vozes, ondas e música.

– Eu poderia voltar à praia sozinha – disse ela a Del. – Como poderia ter entrado na água sozinha, se quisesse.

– Sim, mas aí eu não poderia fazer isto.

Ele a virou e a beijou enquanto a correnteza os levava.

Mais uma vez Laurel admitiu que ele tinha razão.

Capítulo Dezenove

LAUREL QUERIA ASSAR ALGUMA COISA. Talvez fosse o leve tamborilar da chuva matinal que batia nas janelas e transformava a praia em uma aquarela perolada – ou apenas consequência dos vários dias sem fazer nada mais na cozinha do que café ou pipoca.

Supôs que acontecia o mesmo com Parker quando ela escapava por algumas horas todos os dias para se debruçar sobre seu laptop, ou com Mac em relação à sua câmera. E Emma não procurara um lugar para comprar ores e espalhar arranjos por toda a casa?

Depois de alguns dias só dormindo, relaxando, caminhando na praia ou aproveitando as sessões de jogos noturnos, só queria pôr as mãos na massa.

Já checara a despensa, notando que Del a conhecia bem o bastante para ter comprado o básico. Com alguma surpresa, percebeu que ele prestara atenção suficiente ao que ela mantinha em sua própria despensa para adquirir itens mais específicos usados na confeitaria profissional.

Mas ele não sabia tudo, pensou Laurel, porque ela estava com vontade de assar tortas.

Fez uma lista mental, sabendo que poderia não encontrar algumas coisas no mercado.

Deixou um bilhete para Parker.

Peguei seu carro emprestado para ir ao mercado.

L.

Depois pescou as chaves e a bolsa e partiu rumo ao que considerou uma pequena aventura.

Na sala de ginástica, Parker observou a chuva enquanto terminava sua série de exercícios cardiovasculares. Não ligara a TV no noticiário, como era seu hábito – uma concessão às férias. Fosse o que fosse que estivesse acontecendo no mundo, teria de esperar até ela voltar para casa.

Exceto suas noivas. Mas, pensou, aquilo não fora tão ruim. Alguns telefonemas e um punhado de problemas que conseguira resolver a distância.

De fato, era bom saber que podia se afastar e ainda assim fazer o que precisava ser feito.

Sorriu ao avistar Mac com a cabeleira ruiva coberta por um boné, o casaco azul brilhando enquanto ela se dirigia com sua câmera à praia banhada pela chuva.

Elas podiam fugir de casa, mas não de quem eram.

Ficou observando-a por mais um momento e depois foi trocar a música por uma mais calma para o resto dos exercícios.

Era tão bom não precisar ser escrava do relógio, não ter que ajustar sua rotina a um compromisso ou mergulhar em uma tarefa!

Optou por usar a barra e começou com alguns pliées.

Quando Mal entrou, ela estava com o pé na barra e o nariz no joelho.

– Que flexibilidade – comentou ele, depois ergueu as sobrancelhas quando ela o olhou. – Você se incomoda se eu ficar um pouco aqui?

– Não, é claro que não. – Irritava-a o fato de sempre se sentir desajeitada e sem graça perto dele. Fez um esforço deliberado para ser amigável. – Fique à vontade. Pode trocar de música, se quiser. Não vai atrapalhar em nada.

Ela se recusou a se sentir incomodada.

Mal apenas deu de ombros e se dirigiu aos pesos para fazer exercícios de supino.

– Eu não sabia que alguém mais estava acordado até ouvir a ruiva.

– Mac já está na praia com sua câmera.

Não havia nenhum motivo para não ser civilizada, disse Parker a si mesma.

– Na chuva?

– Parece que não podemos evitar ser quem somos.

Ela se virou para fitá-lo com um sorriso, mas principalmente por suspeitar de que ele olharia para seu traseiro se não fizesse isso.

– Ainda bem. Já vi as fotos dela. Vocês deveriam pendurar algumas aqui. Aquilo a surpreendeu, porque já planejava fazer isso.

– Sim, deveríamos. Então... quantos quilos você levanta no supino?

– Geralmente 70. Você tem braços fortes – disse ele depois de uma longa olhada.

– Consegue levantar quantos?

– Cinquenta, 55, se estiver com disposição.

– Nada mau.

Parker o olhou de esguelha enquanto se alongava. Sem dúvida os braços dele chamavam atenção. Os músculos se contraíam enquanto ele levantava e abaixava os pesos. No bíceps direito havia um másculo nó celta tatuado.

Ela havia jogado o nome dele no Google só por curiosidade.

Respeitava homens que se mantinham em forma. Quando o vira de calção na praia – não que tivesse prestado muita atenção –, soube que ele era um desses.

Parker passou para os abdominais e Mal para flexões de braço. Depois ela treinou um pouco de pilates e ele fez alguns exercícios de peitoral. Mal não era invasivo, de modo que ela quase esqueceu que ele estava lá e finalizou a série com alguns minutos de ioga para se alongar.

Virou-se para pegar uma garrafa d’água e quase esbarrou nele.

– Desculpe.

– Sem problemas. Está bastante sarada, Srta. Brown.

– Tonificada – corrigiu ela. – Sarado está o senhor, Sr. Kavanaugh.

Ele tirou duas garrafas d’água da geladeira e lhe entregou uma. Então imprensou Parker contra o refrigerador, colocou as mãos em seus quadris e apossou-se facilmente de sua boca com um beijo ardente.

Parker disse a si mesma que foram a estupefação e a surpresa – de onde viera aquilo? – que prolongaram o momento. Então ela o empurrou meio passo para trás, tentando recuperar o fôlego.

– Espere um minuto. Só um instante.

– Está bem.

Parker o avaliou de alto a baixo, mas ele não pareceu afetado pelo olhar que intimidava a maioria dos homens. Ainda assim, não se aproximou dela de novo, apenas a encarou com aqueles olhos muito verdes.

Ele a fazia se sentir em um jogo de gato e rato, pensou Parker. E ela não era um rato qualquer.

– Ouça, se você teve a impressão de que eu... porque estão todos em casal e nós...

– Não, foi você que teve. No feriado. Eu lembro muito bem.

– Aquilo não foi... nada.

– Eu gostei. Mas não, não tive impressão nenhuma. Só gostei da sua boca e pensei em ver se minha memória estava boa. E estava.

– Agora que já descobriu que está... – disse ela, empurrando-o para o lado com o cotovelo.

Depois saiu a passos largos.

Emitindo um som que era um misto de divertimento e prazer, Mal foi trocar a música. Rock combinava mais com seus cabelos rebeldes.

Muito entusiasmada com o mercado de produtores locais, Laurel estava tirando suas sacolas do carro. Talvez tivesse exagerado um pouco, mas se as compras a faziam feliz, não via nada de errado nisso. Tinha o suficiente para assar suas tortas, fazer um pouco de pão e um bolo de café – e o que mais lhe desse na cabeça.

– Acho que o tempo está clareando.

Ela se virou e viu Mac subindo a escada da praia com seu casaco corta-vento brilhando com as gotas de chuva.

– Ah, sim, dá para notar.

– Não, sério. Está vendo? Olhe para lá. – Mac apontou para o céu a leste. – Pequenas partes azuis. Sou otimista.

– E está toda molhada.

– Tirei umas fotos ótimas. – Ela se aproximou para ajudar com as sacolas. – Dramáticas, oníricas, melancólicas. Meu Deus, isto é o paraíso. O que você comprou?

– Só umas coisinhas.

Mac espiou dentro das sacolas e deu um sorriso complacente.

– Você vai fazer tortas. Simplesmente não consegue evitar seu lado mestre-cuca.

– Você não pode falar nada, porque não consegue evitar seu lado fotógrafo.

– Emma está falando sobre criar um jardim praiano. Plantar umas sementes de capim-dos-pampas e... Bem, quem sabe. Isso não significa que somos viciadas em trabalho.

– Não. Só que somos produtivas.

– Muito melhor – concordou Mac enquanto elas subiam a escada com as sacolas.

– Estou me divertindo como nunca e agora mal posso esperar para passar as fotos para o computador. Também fiz um vídeo. Queria saber o que fazer para convencer Parker e Del a montar um estúdio de revelação.

– Parker acha que o lugar seria perfeito para casamentos informais.

Mac contraiu os lábios, pensando.

– Talvez isso seja ir longe demais. Só que, droga, realmente seria.

– Não a encoraje – ordenou Laurel, e mudou as sacolas de posição para abrir a porta.

Antes que pudesse fazer isso, Del a abriu.

– Aí está você. – Ele pegou uma sacola de cada uma delas. – Precisávamos de suprimentos?

– Eu precisava.

Ele pôs as compras sobre o balcão e se inclinou para dar um beijo rápido em Laurel.

– Bom dia. Ei, Macadâmia, você está toda molhada.

– O tempo está clareando – insistiu ela. – Vou pegar um pouco de café. Viu Carter?

– Rapidinho. Ele estava com um livro desta grossura – informou Del, esticando o polegar e o indicador.

– Isso o manterá ocupado.

Ela se serviu de café e lhes fez uma saudação ao sair.

– Senti sua falta hoje de manhã na cama – disse Del. – Acordei com o barulho da chuva e das ondas e pensei que este era o lugar perfeito para estar. Mas você não estava lá, então não era.

– Eu saí em uma missão.

– Percebi. – Ele pôs a mão dentro de uma sacola e pegou um limão. – Para fazer limonada?

– Torta de limão com merengue, e acho que torta de cereja também. E ainda quero fazer alguns pães, e quem sabe um bolo de café. Manhãs chuvosas são ótimas para assar coisas.

– Puxa, nossas mentes foram em direções totalmente diferentes nesta manhã chuvosa.

Laurel riu enquanto tirava as compras das sacolas.

– Se você tivesse acordado mais cedo, poderíamos ter tido as duas coisas. Não, deixe que eu faço isso. Sei onde quero colocar tudo.

Ele deu de ombros e deixou a tarefa por conta dela.

– Acho que vou para a sala de ginástica, então, especialmente porque vejo tortas em meu futuro. Depois me diga quanto gastou e eu lhe dou o dinheiro.

Ela parou.

– Por quê?

– Você não deveria ter que arcar com esse tipo de gasto – retrucou ele de forma distraída enquanto tirava uma garrafa de Gatorade da geladeira.

– E você deveria?

Laurel não conseguiu interromper a onda de calor que começou a lhe subir pelo corpo.

– Bem, é...

– A sua casa? – completou ela.

– Sim. Mas eu ia dizer que é mais... justo, já que você vai fazer todo o trabalho.

– Ninguém levantou um dedo ontem à noite quando todos nós fomos jantar fora e você sacou o talão de cheques.

– Aquilo foi apenas... Qual é o problema? Outra pessoa pagará a conta da próxima vez.

– Você acha que eu me importo com seu dinheiro? Acha que estou com você porque pode pagar o jantar e tem uma casa como esta?

Ele abaixou a garrafa.

– Meu Deus, Laurel, de onde você tirou isso?

– Não quero que você me pague nada. Não quero que cuidem de mim e que se dane o que você acha que é justo. Posso pagar minhas próprias contas e posso pagar minhas malditas compras quando decidir fazer algumas tortas.

– Certo. Estou um pouco confuso com o porquê dessa irritação em relação à minha sugestão de ressarcir-la por um punhado de limões, mas, já que isso a incomodou tanto, retiro a oferta.

– Você não entende – murmurou ela enquanto o irônico “Você não é ninguém” de Linda ecoava em sua mente. – Por que entenderia?

– Por que você não me explica?

Ela balançou a cabeça.

– Vou fazer minhas tortas. Isso me faz feliz. – Ela pegou o controle remoto e ligou em uma música ao acaso. – Então, vá malhar.

– A intenção era essa. – Ele pousou a garrafa, segurou o rosto dela com as duas mãos e estudou-o. – Fique feliz – falou.

Beijou-a, pegou a garrafa de novo e saiu.

– Eu estava – murmurou ela. – Vou ficar de novo. – Com determinação, começou a arrumar as compras.

Malcolm apareceu enquanto ela incorporava gordura vegetal à mistura de farinha para a massa.

– Adoro ver uma mulher que sabe o que faz na cozinha.

– Fico feliz com isso.

Ele foi até a cafeteira, avaliou o resto do conteúdo e o jogou fora.

– Vou fazer um café fresco. Você quer?

– Não, já bebi o suficiente.

– Então, o que está fazendo?

– Tortas. – Ela ouviu a irritação em sua voz e se esforçou para escondê-la. – De limão com merengue e de cereja.

– Tenho um fraco por um bom pedaço de torta de cereja. – Depois que ele fez o café, foi até o balcão e examinou os ingredientes. – Você usa limão de verdade na torta?

– Bem, eles não tinham manga. – Ela o olhou enquanto acrescentava água gelada à receita. – O que mais usaria?

– Achei que usasse aquela caixinha com a foto de uma fatia de torta.

Ela relaxou o suficiente para rir.

– Aquilo não entra na minha cozinha, querido. Só suco e raspas de limão de verdade.

– Quem diria... – Ele se serviu de café e espiou para dentro de um armário. – Ih, biscoitos pré-cozidos. Você se incomoda se eu ficar olhando?

Desconcertada, ela parou o que estava fazendo para fitar Mal.

– Quer me ver fazer tortas?

– Gosto de ver como as coisas funcionam, mas posso ir embora se estiver atrapalhando.

– Só não toque em nada.

– Combinado.

Ele se sentou em um banco do outro lado do balcão.

– Você sabe cozinhar?

Ele abriu um pacote de biscoitos enquanto respondia:

– Quando fui para Los Angeles pela primeira vez, ou aprendia a cozinhar ou morria de fome, então eu aprendi. Faço um molho de tomate ótimo. Talvez eu prepare um para hoje à noite, especialmente se a chuva continuar.

– Mac disse que o tempo está clareando.

Mal olhou para fora da janela, para a chuva constante.

– Ahã.

– Foi isso que eu disse.

Laurel pegou o rolo de massa, um de ótima qualidade, de mármore, que sabia que Del comprara pensando nela. Isso a fez se sentir mal por ter sido grosseira com ele.

Deixou escapar um suspiro enquanto polvilhava a tábua com farinha.

– É difícil ser rico.

Ela ergueu a cabeça e o olhou.

– O quê?

– Mais ainda ser pobre – continuou Mal no mesmo tom tranquilo. – Fui as duas coisas, de certo modo, e ser pobre é mais difícil. Mas a riqueza também tem um ônus. Eu estava me saindo bem em Los Angeles. Não faltava trabalho. Criei uma boa reputação e tinha uma reserva financeira respeitável quando tive aquele acidente. Isso diminuiu o trabalho, mas eles acabaram me dando uma indenização enorme para compensar meu prejuízo.

– Você ficou muito machucado?

– Quebrei alguns ossos que ainda não tinha quebrado e outros que já tinha. – Ele deu de ombros enquanto dava uma mordida no biscoito. – O fato é que eu estava nadando em dinheiro, pelo menos segundo os meus padrões. Muitas outras pessoas acharam o mesmo, e que podiam nadar junto comigo. É impressionante a quantidade de ratos que saem dos bueiros atrás de uma bela fatia do queijo e que ficam irritados quando não conseguem, ou quando não consideram suficiente o que você dá. Isso me deu uma perspectiva totalmente nova sobre quem ou o que era importante ou não.

– É, posso imaginar.

– Del sempre nadou em dinheiro, então a questão é um pouco diferente para ele. Laurel parou o que estava fazendo.

– Você estava ouvindo?

– Eu estava passando e escutei a última parte. Não tapei os ouvidos nem comecei a assoviar. Mas talvez você não queira a minha opinião.

– Por que eu iria querer?

O tom frio dela não pareceu intimidá-lo nem um pouco.

– Porque eu entendo. Sei como é importante provar que se pode cuidar de si mesmo, conseguir as coisas sozinho. Minhas origens não são as mesmas que as suas, mas não são muito diferentes. Minha mãe fala, eu escuto – acrescentou ele. – Então, conheço um pouco da história.

Ela deu de ombros.

– Isso não é nenhum segredo.

– Mas é chato ser alvo de fofocas, principalmente quando é uma história antiga e não tem nada a ver com você, mas com os seus pais.

– Acho que eu deveria retribuir dizendo que sei que você perdeu seu pai e que sua mãe voltou para cá para trabalhar para o seu tio. E que isso não deu muito certo para você.

– Ele era um canalha. Sempre foi. – Mal pegou seu café e apontou para ela com a caneca.

– Como você faz isso? A crosta? É um círculo quase perfeito.

– A prática leva à perfeição.

– Sim, quase tudo na vida exige prática. – Ele observou em silêncio enquanto Laurel dobrava a massa e a colocava na primeira fôrma de torta, desdobrada. – Parabéns. Bem, seja como for, minha opinião...

– Se vou ouvir a sua opinião, você pode me ajudar descaroçando as cerejas.

– Como?

Laurel lhe entregou um grampo de cabelo e pegou outro.

– Assim. – Ela demonstrou enfiando o grampo na base da cereja e fazendo o caroço pular no topo.

Os olhos dele, muito verdes, se iluminaram de interesse.

– Isso é muito criativo. Deixe-me tentar.

Mal foi mais habilidoso do que Laurel esperara, então ela empurrou duas tigelas na direção dele.

– Caroços aqui, cerejas aqui.

– Beleza. – Ele começou a trabalhar. – Del não pensa em dinheiro como a maioria de nós. Ele não é tolo, disso tenho certeza. E é generoso e protetor por natureza. Por criação também, se pelo menos metade do que ouvi sobre os pais dele for verdade.

– Eles eram pessoas maravilhosas. Incríveis.

– É o que dizem por aí. – Ele trabalhava rápido e habilmente com o grampo e o caroço, deixando-a impressionada. – Ele é compassivo e justo. Não é bobo, mas acredita em usar o dinheiro não só para o próprio conforto e prazer, como também para ajudar pessoas, mudar vidas. É um cara incrível.

– É, sim.

– Além disso, não é um idiota, o que conta muito a favor dele. Ei, você não vai chorar, vai? – perguntou Mal cautelosamente.

– Não. Não choro fácil.

– Ótimo. Então, o que quero dizer é que ele comprou esta casa, ou ele e Pernas compraram.

– Vai mesmo continuar chamando a Parker de Pernas?

– Com certeza ela merece. Voltando ao assunto, foi um investimento, é claro. E uma válvula de escape para os dois. Mas eles trazem os amigos. Poderiam ter dito: “Muito bem, férias. Vemos vocês daqui a algumas semanas.” Mas não foi isso que fizeram.

– Não, não foi.

Sua boa impressão sobre Mal aumentou muito. Ele entendia, e era grato.

– Então temos esta casa cheia de gente. Eu fiquei um pouco sem graça de vir, mas sou assim. Para Del, é: já que temos este lugar, vamos usá-lo. Sem peso, sem amarras.

– Você está certo. Droga.

Os olhos muito verdes dele fitaram os dela de novo, com uma compreensão que quase a fez “chorar”.

– Mas ele não entende que carregamos nossos próprios pesos, nossas próprias amarras. Ele não sente ou vê isso... Se sentisse...

– Ficaria irritado ou ofendido – completou Laurel.

– Sim. Mas às vezes uma mulher precisa comprar seus próprios limões, portanto ele terá que lidar com a irritação e a ofensa.

Laurel terminou a outra crosta e a colocou na segunda fôrma.

– Eu deveria conseguir explicar isso a ele. Acho que o problema é meu.

– Concordo.

– Logo agora que eu estava começando a gostar de você – disse ela, mas sorrindo.

Quando Emma entrou, Laurel estava ensinando-o a fazer merengue.

– Torneio na sala de jogos daqui a uma hora.

– Pôquer? – perguntou Mal, animando-se.

– Ainda em discussão. Jack e Del estão planejando algum tipo de decatlo, e pôquer é uma das modalidades. Estão discutindo o sistema de pontuação. Oba, torta!

– Tenho que terminar isto e depois vou começar a fazer uns pães enquanto Mal prepara um molho de tomate.

– Você sabe cozinhar?

– Prefiro jogar pôquer.

– Ah, bem, eu poderia...

– Nada disso. – Laurel apontou um dedo para Mal. – Temos um acordo.

– Está bem. Mas o torneio não pode começar enquanto eu não terminar aqui. E não vou

lavar a louça.

– É justo – concordou Laurel. – Precisamos de uma hora e meia – disse ela, dirigindo-se a Emma. – Se o resto dos participantes quiser comer hoje à noite, terá que esperar por nós.

Laurel tinha levado um timer e o programou para o fim da segunda etapa de descanso do pão. As tortas esfriavam em suas grades e o molho de Mal fervia em fogo brando.

Aquilo parecia ótimo para um dia chuvoso.

Quando Laurel entrou na sala de jogos, percebeu que Del e Jack também não tinham ficado parados.

Haviam montado estações e até mesmo as numerado. A mesa de pôquer, o XBox, o tapete para o Dance Revolution e o temido totó. Laurel detestava totó.

Várias pessoas tinham entrado e saído da cozinha na última hora, carregando petiscos e bebidas. No bar havia tigelas com batatas fritas, molho mexicano, queijos, frutas e torradas.

Em algum momento na última hora eles também haviam criado um placar e relacionado os nomes.

– Isso parece bem sério.

– Competição não é para covardes – disse Del. – Parker tentou banir os charutos das rodadas de pôquer. Foi derrotada. Estou ouvindo Mal fazendo o jantar.

– Sim, essa parte está sob controle. Vamos precisar de alguns intervalos para checar as coisas.

– É justo.

Sim, ele era bem justo, pensou Laurel. Generoso por natureza, como dissera Mal. Tivera um trabalho considerável ali – para o próprio benefício, é claro, já que o homem adorava jogar. Mas também se certificara de que todos se divertiriam.

Ela curvou o dedo para chamá-lo a um local mais reservado enquanto Mac discutia com Jack sobre as escolhas de videogames.

– Não vou me desculpar pelo que disse, mas pelo modo como disse – começou.

– Tudo bem – retrucou ele.

– Também não quero que nenhum de nós dois pense, jamais, que é sua carteira que deve ser aberta.

O rosto dele revelou frustração.

– Eu não penso. Você não pensa. Isto não é...

– Então é isso que importa. – Laurel ficou na ponta dos pés para tocar os lábios dele de leve com os seus. – Não se esqueça disso. Terá muito com que se preocupar quando eu vencê-lo no torneio.

– Sem chance. O troféu do Primeiro Torneio de Praia Brown Anual já é meu.

– Temos um troféu?

– É claro. Jack e Parker o fizeram.

Laurel olhou na direção do dedo dele. Sobre o console da lareira havia o que poderia ser um pedaço de madeira flutuante ou restos de um naufrágio, com conchas coladas estrategicamente em forma de um biquíni primitivo. Pedacos de algas secas cobriam a “cabeça”. Eles também haviam desenhado um rosto com um sorriso selvagem e cheio de dentes.

Ela desatou a rir e se aproximou para olhar mais de perto.

Melhor assim, pensou Del. Laurel tinha se esquecido do que quer que a houvesse afligido mais cedo. No entanto, isso não significava que a questão não poderia ressurgir para afligi-la de novo.

Ele tivera tempo para pensar sobre o que acontecera e achava que tinha uma ideia do motivo, ou pelo menos de parte dele, e de onde aquilo poderia ter vindo.

Também achava que sabia como descobrir. Olhou para Emma, no bar.

Só precisava aguardar o momento e usar a abordagem adequada.

– Os jogos vão começar – gritou Jack, e ergueu um chapéu. – Todos peguem um número para a primeira rodada.

Ela realmente detestava totó. Seu fracasso foi tão grande que até mesmo Carter a venceu. Isso, pensou, era humilhante.

Ainda assim, tinha se saído muito bem no fliperama. Com um pouco de sorte e habilidade, conseguiu ficar um pouco à frente de Jack e Del. Para grande desgosto deles.

Isso era gratificante.

Sentiu que se daria bem no pôquer. Mas no momento Mal e Parker estavam arrasando no competitivo Dance Dance Revolution. Ela precisaria se superar para ter uma mínima chance de conquistar o troféu.

Tomou um gole de vinho enquanto Parker e Mal obtinham duplas de ases em sua segunda de três rodadas.

Droga, estava ferrada.

Talvez fosse injusto pensar que ter Mal ali equilibrava as coisas – mas equilibrava. É claro que Parker era capaz de arranjar alguém se quisesse, mas aquilo era um belo impulso.

Além disso, eles ficavam muito bem juntos. Muito bem.

E talvez ela devesse voltar a beber água se quisesse chegar ao menos perto de ser um cupido.

Deu de ombros, tomou outro gole e depois se preparou para sua rodada no Xbox. Entrou na rodada final disputando com Mac o quinto lugar depois de arrasar com

Jack no Dance Dance Revolution.

– Droga de jogo – murmurou ele. – Acabou com minha posição.

– Você está em quarto lugar. – Emma cutucou a barriga dele. – Eu estou em último. Há algo de errado com isso. Meu controle deve estar com defeito. – Ela arrancou o charuto da mão dele. – Para dar sorte – decidiu, e deu uma tragada. – Argh, não vale a pena.

Depois de quarenta minutos no Texas Hold’Em, Laurel fez um flush de copas. Isso a colocaria na frente e possivelmente eliminaria Emma, Mac e até mesmo

Carter.

Enquanto a aposta corria na mesa, ela sentiu uma agitação enquanto seus oponentes passavam a vez, um a um. Até chegar a vez de Carter.

Ele pensou, considerou, avaliou... infinitamente, na opinião de Laurel. Então pagou para ver.

– Flush de copas com ás – disse ela, revelando as cartas.

– Muito bem – elogiou Del.

– Ah. – Carter ajustou seus óculos, parecendo pesaroso. – Full house. Rainhas com sete. Sinto muito.

– Uhul!

Laurel fechou a cara à exclamação de Mac.

– Lamento, mas tenho que torcer por ele. Nós vamos nos casar.

– Talvez você possa ir dar uma olhada no molho – sugeriu Mal.

– Sim, vou lá. – Ela se afastou da mesa. – Foi o estúpido totó.

Na cozinha, Laurel mexeu o molho devagar e depois se dirigiu ao terraço.

A previsão de Mac finalmente se concretizara. O tempo havia clareado. Tinha levado o dia inteiro para isso, mas o céu estava ficando azul de novo. Haveria uma lua mais tarde, e estrelas. Uma noite perfeita para andar pela praia.

Ela voltou para onde estavam os outros e viu Emma no bar se servindo de uma Coca-Cola Light.

– Você está fora?

– Estou.

– Ótimo, assim não vou ficar em último.

– Eu poderia odiá-la por isso, mas sou magnânima. Jack está nas últimas fichas. Nosso amor não nos agraciou com habilidade e sorte hoje. Mas foi bem divertido de qualquer maneira. Bem, lá se vai o meu homem. Acho que eu deveria ir consolá-lo.

Mais meia hora se passou entre as eliminações, e a contagem ainda levou alguns minutos.

No final, Del se afastou do placar para ir pegar o troféu.

– Senhoras e senhores, temos um empate. Parker Brown e Malcolm Kavanaugh terminaram com 134 pontos cada um.

Mal sorriu para Parker.

– Parece que vamos dividir o prêmio, Pernas.

– Poderíamos ter um desempate, mas estou cansada demais. – Ela estendeu a mão para apertar a dele. – Vamos dividir.

Capítulo Vinte

DEL ENCONTROU SUA OPORTUNIDADE de falar com Emma a sós por um bom tempo no dia seguinte, quando sugeriu que os dois fossem de carro à chácara local para ver que tipo de plantas ela gostaria de levar para a casa de praia.

Emma ficou tão empolgada com a ideia que Del se sentiu um pouco culpado. Decidiu que a compensaria deixando-a escolher o que quisesse, mesmo que isso significasse contratar uma equipe de paisagismo local para manutenção.

Emma leu os pensamentos dele no minuto em que entrou no carro.

– O segredo é escolher plantas que não precisem de muita manutenção – começou ela. – Eu adoraria fazer rios inteiros de cores e texturas, mas você não mora aqui. Não faz sentido precisar contratar uma equipe para cuidar das plantas depois, já que você só virá aqui algumas vezes por ano.

– Certo.

O que ela quisesse, repetiu Del para si mesmo. Qualquer coisa.

– Outro segredo é nos atermos a plantas e relva típicas da praia, e buscar uma aparência natural. Vai ser divertido!

– Claro, claro.

– Vai, sim! – Ela riu e lhe deu uma cotovelada. – Vou adorar fazer isso, e será minha pequena retribuição pelas férias. Este lugar é lindo, Del. Estamos todos muito felizes por estar aqui.

– Retribuição? Ora, por favor, Emma.

– É legal fazer algo para demonstrar gratidão. Você não vai conseguir me impedir, portanto nem pense nisso. Nossa, o dia está lindo. Mal posso esperar para começar.

– É bom dar uma escapulida para relaxar de vez em quando. Bom para todo mundo.

– Sem dúvida.

– Para nos livrarmos das preocupações. Todos nós passamos por momentos estressantes, não só no trabalho, mas provenientes de outras fontes também. Laurel, por exemplo, teve sua dose no encontro com Linda.

– Ah, ela lhe falou. Eu não tinha certeza se mencionaria o assunto.

Emma se recostou enquanto uma expressão de raiva surgia em seu rosto.

– Foi muita sorte Laurel ter encontrado Linda antes de ela entrar na casa de Mac e Carter, mas não gostei de saber que ela precisou enfrentar aquela mulher sozinha – disse Del.

– Ela conseguiu lidar com a situação, mas não teve ajuda quando Linda a atacou.

Ela ficou muito chateada. Aquela mulher sabe como enfiar o dedo na ferida.

– Nada do que Linda diz tem importância.

– Não, mas palavras magoam, e ela sabe muito bem quais usar. Ela é... uma predadora, e procura os pontos fracos da pessoa. Conseguiu atingir Laurel em cheio. Primeiro com o pai dela, depois com você. Sem dar trégua.

– Mães e pais são os pontos fracos de muita gente. Laurel deveria se orgulhar de quem se tornou apesar deles.

– Concordo, mas é mais fácil para você e para mim porque nós não tivemos que lidar com o “apesar” dos nossos pais. Sempre contamos com o amor e o apoio deles. No caso de Laurel, saber que o pai, além de ser um fraco, tinha um gosto péssimo o suficiente para se envolver com Linda, é difícil de engolir. E, enquanto ainda tentava digerir isso, Linda começou a jogar na cara dela que as pessoas estavam falando e rindo dela pelas costas, que ela estava delirando se achava que você algum dia levaria a sério alguém como ela, que todos sabem que ela só está atrás do dinheiro e do status dos Browns, por causa de suas origens.

Emma parou por um momento, fervendo de raiva, e Del permaneceu em silêncio enquanto pensava no que tinha ouvido.

– O que ela disse foi horrível – continuou Emma –, porque tornou Laurel uma interesseira patética e você, um canalha que está transando com a amiga da irmã só porque pode. O pior é que é exatamente assim que Linda pensa, e ela fala tudo isso com conhecimento de causa. Ela conseguiu fazer Laurel chorar, o que é quase impossível. Se Linda não tivesse ido embora quando cheguei lá eu teria... E... Ah, droga, droga! Laurel não lhe contou nada disso.

– Ela me falou sobre o encontro com Linda, e sobre tê-la expulsado. Mas omitiu vários pontos importantes.

– Droga, Del, droga! Você me fez contar o resto.

– Sim, mas não tenho o direito de saber?

– Talvez, mas eu não tinha o direito de contar. Você me fez trair uma amiga.

– Você não traiu ninguém. – Ele entrou no estacionamento da chácara, parou e se virou

para Emma. – Ouça, como posso consertar a situação se não souber?

– Se Laurel quisesse que você consertasse...

– Parece que Laurel se irrita com a ideia de eu consertar qualquer coisa. Mas vamos deixar isso de lado por um minuto. Linda é um problema para todos nós. Mas nesse incidente específico, foi atrás de Laurel. Ela a magoou. Você não disse que teria dado um jeito nela se soubesse na hora?

– Sim, mas...

– Acha que estou com Laurel só porque posso? Que estou dormindo com Laurel porque ela está disponível?

– Não, é claro que não.

– Mas há uma parte dela que acha isso, não é?

– Não cabe a mim responder e não é justo da sua parte me perguntar.

– Está bem, vou reformular a pergunta.

Emma tirou os óculos de sol para poder olhar para ele.

– Não me venha com essa conversa de advogado, Delaney. Estou com muita raiva de você neste momento.

– Eu precisava saber, e ela não me conta. Em parte por orgulho, eu acho, mas também por acreditar um pouco nisso. E talvez a culpa seja minha. Ontem me passou pela cabeça que a discussão das duas tivesse sido nesse sentido, mas precisava de uma confirmação.

– Bom para você.

Emma começou a abrir sua porta. Del pôs a mão no braço dela.

– Emma, ao não saber, ao não lidar com isso, eu a estou magoando. Não quero magoá-la.

– Você deveria ter lhe perguntado diretamente.

– Ela não me contaria. Você sabe que não, não sem eu ter um modo de colocá-la contra a parede. Agora tenho. Droga, eu a ofendi ontem, quando me ofereci para lhe pagar por umas compras que ela fez, porque não sabia de nada. Isso não tem a ver com Linda, embora eu já pretendesse lidar com ela, como vou fazer. Tem a ver comigo e com Laurel.

– Nisso você tem razão. – Ela deixou escapar um suspiro. – Mas você me colocou em uma situação horrível, Del.

– Desculpe, mas ainda preciso lhe pedir que não fale com Laurel sobre isso. Não até eu conversar com ela. Se Laurel não acreditar totalmente que o que temos é real, nosso relacionamento nunca vai funcionar. Nunca vai dar certo. E, se sou responsável por isso, mesmo que em parte, tenho que mudar a situação. Então eu lhe peço que me dê uma chance de consertar.

– Meu Deus, você é bom. Como posso lhe negar isso?

– Eu estou sendo sincero. Laurel e eu precisamos nos desarmar um pouco para descobrir o que há por trás dessa armadura. Quero que você me dê uma chance de fazer isso.

– Eu adoro vocês dois e quero que sejam felizes. Então, acredite em mim, Del, é melhor que consiga. Se estragar tudo, ou a deixar estragar, colocarei a culpa em você.

– É justo. Você vai ficar com raiva de mim?

– Eu o aviso depois que você falar com ela.

Ele se inclinou e beijou a bochecha dela. Dessa vez Emma deixou escapar um suspiro.

– Vamos comprar algumas plantas.

Del tentou ser paciente enquanto Emma demorava uma eternidade para escolher os espécimes. Além disso, sempre que pensava em apressá-la, ela lhe lançava um olhar duro como aço.

No final, eles colocaram no carro o que cabia e providenciaram para que o restante – que não era pouco – fosse entregue.

– Leve-a para dar uma volta na praia – sugeriu Emma. – Para longe de nós. Não tente falar sobre isso dentro ou perto da casa, onde há muitas possibilidades de interrupção. Se você for interrompido, ela terá uma chance de parar para pensar ou se esquivar.

– Bem pensado. Obrigado.

– Não me agradeça. Posso não estar fazendo isso por você. Posso estar fazendo apenas por ela.

– Não importa.

– Acredite em mim: se ela voltar chateada, vou chutar o seu traseiro. Ou fazer o Jack chutar.

– Não sei se ele conseguiria chutar o meu traseiro. Mas você, tenho certeza que sim.

– Tenha isso em mente e não estrague tudo. – Ela parou por um momento. – Você a ama?

– É claro.

Emma se virou para ele.

– Que resposta ridícula. Uma coisa ridícula de se dizer. Eu realmente deveria chutar seu traseiro.

– Por que...

– Não. – Ela balançou a cabeça e olhou direto para a frente. – Chega de lhe dizer o que fazer. Você tem que lidar com isso sozinho, ou não será verdadeiro. Ficarei fora do caminho. Vou cuidar das plantas. É a melhor coisa que posso fazer para vocês dois. – Ela mordeu o lábio inferior. – Não diga “É claro”, seu idiota.

– Está bem.

Quando ele parou na casa, Emma cumpriu o prometido. Descarregou as ferramentas que eles haviam comprado e começou a cavar na mesma hora.

Mas os planos de atrair Laurel para um passeio na praia teriam que ser adiados.

– Ela saiu com a Parker. Foram fazer umas compras – disse-lhe Jack. – Parker queria umas coisas para a casa, e tinha uma lista. Também as ouvi falarem sobre brincos. Mac está na piscina, Carter lá embaixo na praia lendo e Mal em algum outro lugar. Eu já ia descer.

– Elas disseram a que horas voltariam?

– Cara, elas foram fazer compras. Pode ser daqui a uma hora ou três ou quatro dias.

– Certo.

– Algum problema?

– Não, não. Só queria saber. Jack pôs seus óculos escuros.

– Quer ir à praia?

– Sim. Vou descer daqui a pouco.

– Acho melhor ir ver se Emma precisa de alguma ajuda antes de descer. Muito obrigado por isso.

– Espere até o resto das coisas chegar. A maioria não coube no carro.

– Que ótimo.

Depois de uma hora elas ainda não tinham voltado, e Del precisou combater os primeiros vestígios de irritação. Andou pelo terraço e pensou em todas as possibilidades possíveis, como fazia antes de ir ao tribunal.

Ouviu as vozes de Emma, Jack, Carter, Mac e Mal indo e vindo. Avistou-os na praia, dentro do mar, no caminho. Quando escutou o grupo chegando – provavelmente em busca do almoço –, saiu para nadar e pensar mais.

Depois, com a tarde se arrastando, pensou em ligar para o celular de Laurel. Estava quase se rendendo e fazendo isso quando enfim viu o carro de Parker virar na entrada para automóveis.

Desceu enquanto ambas descarregavam uma montanha de sacolas de compras e riam como crianças.

Não tinha nenhuma desculpa para isso, mas estava profundamente irritado.

– Ah, Emma, isso é fabuloso! – gritou Parker.

– Sim, e ainda nem terminei!

– Faça uma pausa e venha ver o que compramos. Foi muito divertido. Olá. – Laurel parou e deu um sorriso para Del. – Apareceu bem na hora de ajudar a carregar tudo isto. E, por favor, vá ligar o liquidificador, porque as compras nos deixaram com vontade de tomar margaritas na praia.

– Eu estava começando a ficar preocupado.

Ele ouviu o tom em sua própria voz e quase estremeceu.

– Ah, pare de reclamar, pai. Tome, segure isto. – Ela lhe empurrou algumas sacolas. – Em, nós descobrimos uma loja de presentes maravilhosa. Temos que voltar!

– Quer dizer que sobrou alguma coisa lá? – perguntou Mal enquanto se aproximava para ajudar também.

– Acho que fomos a todas as lojas em um raio de 80 quilômetros, mas ainda deixamos algumas sobras. Não fique tão irritado. – Laurel riu para Del. – Eu comprei uma coisinha para você.

Sem outra escolha, ele carregou as sacolas escada acima. E teve que recuar quando as mulheres passaram por eles para mostrar as compras.

– Por que não damos uma caminhada na praia? – perguntou ele a Laurel.

– Está brincando? Já andei um milhão de quilômetros. Preciso de uma margarita. Quem está encarregado do liquidificador? – gritou.

– Deixe comigo – ofereceu-se Mal, e foi para a cozinha.

Del olhou para Emma, esperando alguma ajuda. Ela apenas deu de ombros e voltou a admirar a cena.

Vingativa, pensou ele.

– Aqui. – Laurel lhe entregou uma caixa. – Uma lembrancinha. Já que não podia vencê-las, Del ficou quieto.

– Um móbile – falou ela quando ele terminou de desembulhar o presente. – De vidro reciclado. – Ela estendeu o braço e passou o dedo em um dos cacos coloridos lisos. – Achei que poderia ficar bom na sua casa, para lembrar os bons tempos.

– É incrível. – Ele deu um tapinha em um caco, fazendo vários tilintarem. – Incrível mesmo. Obrigado.

– Comprei um menor para a minha sala de estar. Não consegui resistir.

Eles começaram a beber margaritas e a falar sobre o jantar. Del não conseguiu fazê-la se mover.

Seja paciente, lembrou a si mesmo.

Foi capaz de seguir o próprio conselho até quase o pôr do sol.

– Caminhada. Praia. Nós dois.

Ele pegou a mão de Laurel e a puxou na direção da porta.

– Mas nós vamos...

– Mais tarde.

– Como você é chato – disse Laurel, mas entrelaçou os dedos nos dele. – Nossa, o dia está mesmo lindo. Olhe só para o céu. Acho que devo uma visita à praia, já que passei todas aquelas horas fazendo compras. – Ela bateu com um dedo em seu brinco novo. – Mas agora tenho muitas coisas boas para lembrar das férias. Quando estivermos trancados dentro de casa no próximo inverno, poderei olhar ao redor e dizer: o sol vai voltar.

– Eu quero que você seja feliz.

– Neste momento, seu desejo é uma ordem. Eu estou muito feliz.

– Eu precisava falar com você, lhe perguntar uma coisa.

– Claro. – Ela se virou para olhar para a casa que ficara para trás. – Emma estava certa sobre as plantas.

– Laurel, preciso que você preste atenção.

Ela parou.

– Está bem. Qual é o problema?

– Não sei ao certo. Quero que você me diga.

– Ué, não há problema nenhum.

– Laurel. – Del pegou as duas mãos dela. – Você não me contou que Linda falou com você sobre mim. Sobre nós dois. – Ele sentiu as mãos dela se enrijecerem.

– Eu lhe disse que cuidei do assunto. Emma não tinha o direito de...

– Não foi culpa dela. Eu a induzi a falar. Ela achou que você tivesse me contado a história toda, o que você deveria ter feito. Mais importante do que isso, Laurel, deveria ter me contado que achava que alguma parte do que ela falou poderia ser verdade. Se eu disse ou fiz algo para fazê-la pensar assim...

– Não fez. Vamos deixar isso para lá.

– Não. – Ele apertou as mãos de Laurel quando ela tentou soltá-las. – Ela a magoou e, indiretamente, eu também a magoei.

– Esqueça isso, Del. Já passou. Não quero falar sobre Linda.

– Não é sobre ela que estamos falando. Estamos falando sobre nós. Droga, Laurel, não pode ser sincera comigo? Não podemos ser sinceros um com o outro?

– Eu estou sendo sincera. Disse que não havia nada de errado.

– Não há. Não há nada de errado quando você fica tão irritada por eu me oferecer para pagar por umas malditas compras. Ou por um bolo que lhe pedi para fazer. O problema não são essas coisas, mas o que há por trás delas.

– Eu já tinha falado, com todas as letras, que não precisava do seu dinheiro. Não quero você me contratando...

– Laurel. – O tom dele, totalmente razoável, a fez parar. – Eu nunca pretendi fazer isso. Nunca. E você deveria saber. Você disse que a relação tinha que ser de igual para igual, mas não pode ser se não me contar o que quer, o que precisa, o que está sentindo.

– Como você pode não saber? – perguntou ela.

– Porque você não me diz.

– Eu não digo? E esse tempo todo? Como você pode olhar para mim, me tocar, estar comigo e não saber? – Laurel se virou para o outro lado e depois para ele de novo. – Certo, certo. Eu sou responsável pelos meus próprios sentimentos e claramente é estupidez da minha parte esperar que você consiga perceber. Você precisa que eu lhe diga, então aí vai. De igual para igual? Nunca haverá igualdade enquanto você apenas gostar de mim e eu for perdidamente apaixonada por você. Sempre fui e você nunca viu isso.

– Espere...

– Não. Quer que eu seja sincera? Eu serei. Você é o único. Sempre foi. Nada, nada que eu já tenha feito alterou esse fato. Mudar-me para Nova York, tentar encontrar meu caminho, me tornar algo de que pudesse me orgulhar. Meus sentimentos ainda estavam lá. “Só existe Del, e não importa o que eu faça, o que realize, ainda me falta isso.” Nunca adiantou tentar sentir algo real e importante por outros homens. Eles apenas preencheram uma lacuna temporária, e todas aquelas relações foram fadadas ao fracasso. Porque nenhum deles era você.

Ela afastou os cabelos do rosto quando o vento os soprou para seus olhos.

– Eu não consegui afastar ou racionalizar esse sentimento, não importava quanto fosse doloroso, humilhante ou apenas irritante. Lidei com isso, e então o mudei. Eu o mudei, Del.

– Tem razão. – Ele estendeu o braço para afastar do rosto de Laurel as lágrimas que ela quase nunca derramava. – Ouça...

– Ainda não terminei. Eu mudei as coisas, mas você ainda está tentando, sempre tentará, cuidar delas. De mim. Não quero ser sua responsabilidade. Sua obrigação. Seu animal de estimação. Não vou aceitar isso.

– Pelo amor de Deus, eu não penso assim. Não me sinto assim. Eu te amo.

– Sim, você me ama. Ama todas nós e teve que assumir as rédeas quando os seus pais morreram. Sei disso, Del, eu entendo, e sinto muito por você e pelo que precisou enfrentar. Estando com você, entendo mais e sinto mais.

– Isso não tem nada a ver.

– De certo modo, sempre teve. Mas é diferente agora, conosco. Ou deveria ser. Eu me sinto bem com as coisas como elas são, ou pelo menos me sentia. Não acabei de lhe dizer que estou feliz? O que quero? O que preciso? Se eu precisar falar sempre, se tiver de lhe dar uma maldita lista, então não será o que quero, o que preciso. Não estou lhe pedindo declarações ou promessas. Posso viver o presente e ser feliz com o momento.

Tenho o direito de ficar magoada e chateada quando alguém como Linda me fere. E tenho o direito de guardar isso até a ferida cicatrizar. Não preciso que você me pressione a falar sobre meus sentimentos quando eu nunca o pressiono.

– Pois é – murmurou ele. – Você não pressiona. Por quê?

– Talvez porque eu não queira ouvir as respostas. Não, eu não quero ouvi-las – falou ela antes que Del pudesse retrucar. – Não quero ouvir o que você tem a dizer agora que me abri e me sinto uma tola. Você não pode esperar isso de mim. Preciso me recuperar. Me recompor. Quero ficar sozinha.

Ele a observou correr para a praia. Podia ir atrás dela, pensou. Podia alcançá-la e obrigá-la a ouvi-lo. Mas, se fizesse isso, ela não o escutaria.

Então, deixou-a ir.

Laurel precisava de mais do que palavras, percebeu. E ele queria lhe dar mais. Quem se abrira fora ela, pensou, mas ao fazer isso Laurel lhe mostrara muito claramente o que estava dentro dele.

Ela correu para se recuperar, se recompor, se acalmar. A verdade é que entendera que aquele momento na praia teria ocorrido em algum momento, em qualquer lugar. Não poderia tê-lo evitado para sempre. Nenhum deles poderia. Melhor que tivesse ocorrido logo do que mais tarde.

Se isso pusesse fim ao seu relacionamento com Del, ela se curaria. Sabia cuidar das próprias feridas, aceitar as próprias cicatrizes.

Ele seria gentil, e ela odiaria isso. Então eles seguiriam em frente. De algum modo.

Subiu para o quarto pela escada externa, esperando evitar todo mundo até a manhã.

Mas suas três amigas já a esperavam. Emma se levantou.

– Me desculpe por ter falado sobre Linda.

– Não foi culpa sua, e não tem importância.

– Foi, e tem, sim. Me desculpe.

– Foi minha mãe quem detonou a bomba – disse Mac. – Sinto muito.

– Ele é meu irmão. – Parker estendeu a mão. – Sinto muito.

– Bem, somos mesmo um grupo que sente muito. – Laurel se sentou na cama. – Na verdade, não é culpa de ninguém. As coisas são assim, só isso. Mas acho que vou dispensar a diversão e os jogos hoje à noite. Vocês podem arranjar uma desculpa, não é?

Dor de cabeça, cansaço das compras, margaritas demais.

– É claro, mas...

Mac parou de falar e olhou para Parker e Emma.

– O que foi? O que houve agora?

– Del foi embora – falou Parker, e se sentou ao lado dela.

– Foi embora? Como assim, foi embora?

– Ele disse que voltaria de manhã. Que precisava fazer uma coisa. Deu a entender que era trabalho, mas...

– Ninguém acreditou. – Laurel pôs a cabeça entre as mãos. – Ótimo. Simplesmente ótimo. Eu lhe disse para ir embora. Desde quando ele me escuta? Agora está tudo terminado. Eu é que deveria ter ido embora. Pelo amor de Deus, a casa é dele.

– Ele vai voltar. – Emma se aproximou para afagar as costas de Laurel. – Talvez só quisesse lhe dar um pouco de espaço. Vocês vão fazer as pazes, querida.

– Não vamos fazer as pazes. As coisas que eu disse...

– Todos dizem coisas ruins no calor do momento – observou Mac.

– Eu falei que o amava, que sempre o amei. E que nunca houve mais ninguém. Basicamente, abri meu coração.

– O que ele respondeu? – perguntou Parker.

– Nada, porque foi nesse momento que eu disse que não queria ouvi-lo, que queria ficar sozinha. E saí andando. Na verdade, saí correndo.

– Ele não foi atrás de você? – bufou Emma. – Idiota.

– Não, ele não é idiota. Apenas me conhece o suficiente para saber que eu estava sendo sincera. Só que eu não esperava que ele fosse mesmo embora. Às vezes você conhece uma pessoa durante a vida toda e ainda assim ela a surpreende. Vamos tentar não deixar isso estragar tudo. Eu ficaria péssima se isso acontecesse. Só quero ir para a cama.

– Nós vamos ficar com você – murmurou Emma.

– Não. Vou para a cama e vocês me farão o favor de sair e fingir que está tudo bem. Situação normal. Eu agradeceria de verdade.

– Certo – disse Parker antes de Emma poder protestar. – Se precisar de companhia ou

qualquer coisa, é só bater na minha porta.

– Eu sei. Vou ficar bem e estarei melhor de manhã.

– Se não estiver e quiser ir para casa, iremos.

Parker a puxou para um abraço.

– Ou chutaremos os homens para fora e ficaremos – completou Mac.

– As melhores amigas do mundo. Vou ficar bem.

Quando as três saíram, Laurel continuou onde estava, e sabendo que uma delas voltaria para vê-la dali a uma hora, se obrigou a se levantar e se preparar para ir para a cama.

Tivera suas férias de verão, lembrou a si mesma. Ninguém jamais poderia lhe tirar isso. Tivera o amor de sua vida por uma estação. Nem todos podiam dizer o mesmo.

Laurel sobreviveria. Ainda que ela e Del não pudessem mais ser namorados, sempre poderiam ser uma família, então encontrariam um modo de curar a ferida.

Ficou deitada no escuro sofrendo. Tentou se consolar dizendo a si mesma que aquilo melhoraria com o tempo. Então virou o rosto para o travesseiro e chorou um pouco, porque na verdade não acreditava nisso.

A brisa marinha tocou seu rosto como um beijo doce e suave. Ela suspirou, buscando o sono e o entorpecimento que ele trazia.

– Acorde.

Ela abriu os olhos e viu Del.

– O quê?

– Acorde, ande. Levante-se e venha comigo.

– O quê? – repetiu ela, tentando pensar. A luz era fraca e prateada antes do amanhecer. – O que você está fazendo? Aonde foi? Por que voltou?

– Levante-se.

Ela tentou agarrar o lençol quando Del o afastou, mas não conseguiu.

– Você deixou seus amigos aqui. Foi embora quando...

– Ora, apenas fique calada. Eu a ouvi, e agora é a sua vez. Vamos.

– Para onde?

– Para a praia resolver isso.

– Não vou para a praia com você. Já tivemos nossa conversa, e agora terminou.

– Como você é teimosa, Laurel. Pode andar ou posso arrastá-la, mas vamos à maldita praia. Se me perguntar por quê, juro que vou levá-la à força.

– Preciso me vestir.

Del estudou a camiseta regata e a calcinha boxer dela.

– Você está coberta. Não me provoque, Laurel. Não dormi nada e fiz uma longa viagem de carro. Não estou com disposição.

– Não está com disposição. Isso não é incrível? – Ela colocou as pernas para fora da cama e apoiou os pés no chão. – Tudo bem, faremos isso na praia, já que é tão importante para você.

Laurel lhe deu um tapa na mão quando ele tentou pegar a dela.

– Minha noite também não foi nada boa, e eu ainda não tomei café. Não me provoque.

Ela andou a passos largos para o terraço e desceu a escada.

– Você poderia se acalmar – disse Del. – Não há nenhum motivo para ficar irritada.

– Discordo.

– Sim, é uma mania sua. Felizmente, sou mais tranquilo.

– Uma ova. Quem acabou de ameaçar me arrastar para fora da cama no meio da noite?

– Já é quase de manhã. Um horário ótimo. Um novo dia raiando e tudo o mais. – Ele chutou seus sapatos para fora dos pés na base da escada. – Nós não fomos muito mais longe do que isso na noite passada. Geograficamente, quero dizer. Acho que podemos nos sair melhor em outras áreas. Eis um início.

Del a virou e a puxou para um possessivo e ardente beijo. Laurel tentou empurrá-lo, em vão. Ele a soltou quando ela ficou rígida.

– Não – disse Laurel, baixinho.

– Você precisa olhar para mim e me ouvir. E, Laurel, precisa me escutar. – Ele a pegou pelos ombros, mas com delicadeza. – Talvez você tenha razão e eu não seja capaz de ver algumas coisas, mas, droga, você não escuta. Então, eu estou aqui olhando, e vendo.

Agora é a sua vez de ouvir, e escutar.

– Certo. Está bem. Não precisa ficar zangado. É só...

– Você não pode ouvir se não cala a boca.

– Me mande calar a boca de novo – disse ela, desafiando-o com os olhos.

Ele pôs a mão sobre a boca de Laurel.

– Vou consertar isso. Consertar coisas é o que faço, é assim que eu sou. Se você me ama, terá que aceitar isso.

Então ele abaixou a mão.

– Posso brigar com você – continuou. – Não tenho nenhum problema com isso.

– Que bom pra você.

– Mas detesto magoá-la sendo ou descuidado ou cuidadoso demais. Acho que isso é uma característica dos Browns, tentar manter o equilíbrio.

– Eu sou responsável...

– Pelos seus próprios sentimentos, sim, sim, sim. Não sei se você foi sempre a única. Eu estava acostumado a olhá-la e pensar em você de outra maneira. Então simplesmente não sei.

– Eu sei, Del. Eu entendo. Eu...

– Fique quieta e escute. Você mudou o que havia entre nós. Deu o passo, e eu não o vi chegando. Não posso lamentar algo pelo qual sou extremamente grato. Não sei se você foi sempre a única – repetiu ele. – Mas sei que é a única agora, e será no mês que vem, no ano que vem. E será a única pelo resto da minha vida.

– O quê?

– Você me ouviu. Precisa que eu explique de novo? É você.

Laurel olhou para ele, para o rosto que conhecia tão bem. E viu. Naquele momento, seu coração simplesmente alçou voo.

– Eu a ameí durante toda a vida, e isso foi fácil. Não sei, não com certeza, há quanto tempo estou apaixonado por você, mas sei que isso não é tão fácil. Mas é certo e é real, e não quero que seja fácil. Quero você.

– Eu acho... – Laurel riu um pouco. – Não consigo pensar.

– Ótimo. Não pense. Apenas escute. Escute e pare, pelo menos uma vez, de tentar projetar o que eu penso e sinto. Achei que a coisa lógica era ir devagar, dar tempo para nós dois nos adaptarmos ao que estava acontecendo entre a gente. Ao que estava acontecendo comigo.

Ele pegou a mão de Laurel e a apertou contra o peito.

– Achei que você também precisasse esperar. Então, estava certa sobre isso. Eu não vi. Deveria ter visto. Mas você também não viu. Não viu quanto a amo, quanto a quero, quanto preciso de você. Se eu quisesse um animal de estimação, posso comprar um cachorro, e já tenho uma irmã. Não é assim que penso em você, e com certeza não é assim que quero que pense em mim. Isso nos coloca em uma posição de igualdade, Laurel. É assim que estamos.

– Você realmente está sendo sincero.

– Há quanto tempo você me conhece?

A visão de Laurel ficou turva, mas ela piscou para clareá-la.

– Há muito, muito tempo.

– Então sabe que eu estou sendo sincero.

– Eu te amo tanto! Disse a mim mesma que superaria isso, e era uma grande mentira. Eu nunca conseguiria superar.

– Ainda não terminei. – Ele procurou em seu bolso e viu os olhos de Laurel se arregalarem quando pegou uma caixa e a abriu. – Era da minha mãe.

– Eu sei. Eu... Ah, meu Deus. Del.

– Eu o tirei do cofre há algumas semanas.

– Há algumas semanas – conseguiu dizer Laurel.

– Depois da noite no lago. Tudo já havia mudado de direção, mas depois daquela noite... Na verdade, depois daquele dia em que você foi ao meu escritório, eu soube onde estávamos, ou para onde eu queria que fôssemos. Eu o mandei ajustar para você. Talvez tenha sido um pouco arrogante da minha parte, mas terá que conviver com isso.

– Del. – Ela não conseguia respirar. – Você não pode... É o anel da sua mãe. Parker.

– Eu falei com ela antes de acordar você. Ela adorou a ideia. Pediu que eu lhe dissesse para não ser estúpida. Nossos pais a adoravam.

– Ah, droga. – As lágrimas simplesmente inundaram seu rosto. – Não quero chorar, mas

não consigo evitar.

– Você é a única pessoa a quem já pensei em pedir para usar isso. A única que quero que use. Dirigi até Greenwich e voltei para trazer isto para você. Para dá-lo a você, porque você é a única. Case-se comigo, Laurel.

– Não serei estúpida. Primeiro me beije de novo, agora que não desejo mais não amá-lo.

Ela sentiu a brisa marinha na pele e nos cabelos quando os lábios deles se encontraram, e também os batimentos fortes e constantes do coração de Del contra o seu. Então, ouviu os assovios e aplausos.

Ao virar a cabeça para encostar seu rosto no dele, viu o grupo reunido no terraço da casa.

– Parker acordou todo mundo.

– Bem, nosso namoro sempre foi um caso de família. – Ele se afastou. – Pronta?

– Sim. Totalmente pronta.

O anel que Del colocou no dedo dela cintilou aos primeiros raios de sol enquanto o céu do leste se abria como uma rosa. Um momento, pensou Laurel, para saborear. Então, selou aquele instante com outro beijo.

– Esta é a hora certa – disse a Del. – O lugar certo. Diga-me mais uma vez que sou a única.

– Você é a única. – Ele pôs as mãos em concha no rosto dela. – A única.

A única, pensou ela, naquele novo dia. E a única em todos os dias que se seguiriam.

De mãos dadas, eles começaram a subir a escada para partilhar os próximos momentos com a família.

Sobre a Autora



NORA ROBERTS começou a escrever em 1979. Depois de várias rejeições, seu primeiro livro, *Almas em chamas*, foi publicado em 1981. Desde então, ela não parou mais.

Sucesso em todo o mundo, Nora já escreveu mais de 200 livros, publicados em mais de 35 países e traduzidos para 25 idiomas. Seus títulos são presença constante na lista de mais vendidos do *The New York Times*.

Nora tem mais de 400 milhões de livros impressos e foi a primeira mulher a figurar no *Romance Writers of America Hall of Fame*. Também recebeu diversos prêmios, entre eles o *Golden Medallion*, da *Romance Writers of America*, o *RITA* e o *Quill*. A revista *The New Yorker* já a chamou de “a ro-mancista favorita dos Estados Unidos”.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
e curta nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

s u m á r i o

[prólogo](#)

[capítulo um](#)

[capítulo dois](#)

[capítulo três](#)

[capítulo quatro](#)

[capítulo cinco](#)

[capítulo seis](#)

[capítulo sete](#)

[capítulo oito](#)

[capítulo nove](#)

[capítulo dez](#)

[capítulo onze](#)

[capítulo doze](#)

[capítulo treze](#)

[capítulo catorze](#)

[capítulo quinze](#)

[capítulo dezesseis](#)

[capítulo dezessete](#)

[capítulo dezoito](#)

[capítulo dezenove](#)

[capítulo vinte](#)

[sobre a autora](#)

